



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Arqueologia
Núcleo de Estudos Arqueológicos

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS FUNA DO UMBUZEIRO E BAIXA DO
UMBUZEIRO: CARACTERIZAÇÃO DE UM PADRÃO DE
ASSENTAMENTO NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DO SERIDÓ –
CARNAÚBA DOS DANTAS - RN, BRASIL.

Fabio Mafra Borges

Orientação: Prof^a Dra. Gabriela Martin

Tese de doutoramento
apresentada por Fabio Mafra
Borges, sob orientação da Prof^a
Dra. Gabriela Martin, como pré-
requisito para obtenção do grau
de Doutor em Arqueologia pela
Universidade Federal de
Pernambuco.

Recife

2010

FABIO MAFRA BORGES

**OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS FURNA DO UMBUZEIRO E BAIXA
DO UMBUZEIRO: CARACTERIZAÇÃO DE UM PADRÃO DE
ASSENTAMENTO NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DO SERIDÓ –
CARNAÚBA DOS DANTAS - RN, BRASIL.**

Tese de doutoramento
apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Arqueologia
pela Universidade Federal de
Pernambuco.

ORIENTADORA:

Prof^ª. Dra. Gabriela Martin Ávila

RECIFE

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

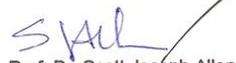
ATA DA DEFESA DA TESE DO ALUNO FABIO MAFRA BORGES

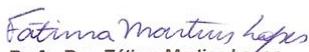
Às 9 horas do dia 22 (vinte e dois) de dezembro de 2010 (dois mil e dez), no Curso de Doutorado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Tese para obtenção do grau de Doutor, apresentada pelo aluno **Fabio Mafra Borges**, sob a orientação da **Profa. Dra. Maria Gabriela Martin Ávila**, intitulada **“Os Sítios Arqueológicos da Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro: caracterização de um padrão de assentamento na área arqueológica do Seridó – Carnaúba dos Dantas-RN, Brasil”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“Aprovado”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: **Anne-Marie Pessis, Paulo Martin Souto Maior, Scott Joseph Allen, Fátima Martins Lopes e Núbia Chaves Guerra**. Assinam também a presente ata, o Coordenador, **Prof. Ricardo Pinto de Medeiros** e a secretária **Luciane Costa Borba** para os devidos efeitos legais.

Recife, 22 de dezembro de 2010

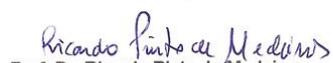

Profa. Dra. Anne-Marie Pessis


Prof. Dr. Paulo Martin Souto Maior


Prof. Dr. Scott Joseph Allen


Profa. Dra. Fátima Martins Lopes


Profa. Dra. Núbia Chaves Guerra


Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros


Luciane Costa Borba

Este trabalho é dedicado a

Prof^a. Gabriela Martin

E a

Prof^a. Alice Aguiar

(1938* - 2006⁺).

AGRADECIMENTOS

Antes de mais ninguém, este trabalho e esta trajetória de vida seriam impossíveis, sem a ajuda e a presença de uma pessoa essencial na minha vida: minha mãe, Paulete. Todo o seu esforço, frente aos obstáculos econômicos e sociais, para que eu pudesse seguir meus ideais de vida, se concretizam aqui, na presente tese. A minha família, também agradeço, pelo eterno apoio.

Outra pessoa, que pode ser considerada minha “mãe” acadêmica, sem a qual meus caminhos profissionais teriam sido bem mais difíceis, é a minha orientadora: a Prof^a. Gabriela Martin. Por acreditar em mim, mesmo nas situações menos favoráveis, este trabalho foi concluído e, espera, seja apenas o primeiro dos frutos que esta confiança depositada venha a amadurecer.

A estas duas pessoas, em especial, gostaria de agradecer profundamente, pelo contínuo apoio que me foi dado. Sem ele, não sei se seria possível trilhar todo este percurso.

Outra pessoa que também merece meus sinceros agradecimentos é a Prof^a. Alice Aguiar (*in memoriam*), por ter sido a primeira a reconhecer naquele menino franzino e petulante, que percorria os corredores do décimo andar do CFCH/UFPE, alguma potencialidade para a carreira arqueológica. Sem seu primeiro apoio, creio que não seria notado, ou notado de uma forma não adequada.

A Prof^a. Anne-Marie Pessis gostaria de agradecer pelo apoio e lições imprescindíveis que me deu sem as quais eu seria um profissional com menos rigor e bases teóricas. Por nossas acaloradas e prazerosas discussões, muitíssimo obrigado!

Várias outras pessoas podem ser aqui destacadas, porque este trajeto não foi curto e envolveu uma gama de profissionais que contribuíram de uma forma ou de outra para a minha formação. Para não cometer o pecado de esquecer alguém, agradeço a todos em conjunto, tantos arqueólogos como historiadores, que permitiram a construção da minha personalidade profissional.

Mas não poderia deixar de mencionar ao arqueólogo e amigo Plínio Victor, que me levou a apreciar uma terra cuja história está registrada nas pedras desde os tempos pré-históricos até os dias atuais: a região do Seridó.

A todos os meus amigos, gostaria de agradecer pelos bons e maus momentos que passamos. Eles foram a matéria-prima de nossa formação, nosso amálgama! A todos vocês, um grande abraço: Aldomário, Ana Nascimento, Angélica Borges (pelos desenhos em nanquim!), Beto, Carol, Daniel, Daniela, Daniele, Danúbia, Dean, Demétrio, Edson, Evangelista, Fabiano, Flávio, Guilherme, Helder, Lia, Lívia, Luci, Lula Biu, Marquinhos, Messias, Rafael, Marcellus, Nezinho, Pedro Arthur, Raoni, Valdecy, Washington, entre muitos outros, que estavam comigo em vários e bons os momentos.

Em especial, gostaria de agradecer a outros:

Manoel, pelo constante apoio e “salvação” nas horas mais críticas. Valeu *brother!* “*It’s [only] the begining of a great adventure!*”, como diria o poeta.

Vivian, pela nossa eterna parceria, em estado de hibernação, pela força indispensável no campo e no laboratório.

Mônica, por ter se tornado quase como uma extensão minha, nessa fase em que me vi dividido entre Caicó e o Recife. Por saber lidar com “Kate Kaboom” e pelos bons momentos, sem dormir direito e escavando oito horas por dia. Foi massa, não foi?!

Caio, valeu pelos mapas maravilhosos e pela representação gráfica da Rota de Baro, a pérola desse trabalho.

Arnaldo, por sempre tomar conta da gente, como uma grande família, por nos trazer e levar na mais perfeita segurança e por conhecer gente até nas brenhas mais remotas dessa terra de Deus. Obrigado, Arnaldo! Que continuemos a trabalhar juntos por muitos anos ainda.

Luciane, a pessoa mais eficiente que eu já conheci na minha vida, gostaria de agradecer pelos cuidados burocráticos e cumprimento dos prazos que sempre facilitaram nossa vida de estudantes. Lu, vamos comer bolo de milho da minha avó, depois da defesa? Pra comemorar ou afogar as mágoas...

Aos demais, que aqui não foram citados por falta de consideração ou de reconhecimento, ofereço também minha gratidão. Se fosse arrolar todos os que foram de alguma forma, importantes para este trabalho, teria que escrever uma nova tese. Por isso, sintam-se todos aqui representados. Afinal, arqueologia é uma ciência que não se faz sozinho, mas sim com uma equipe de profissionais competentes, que prezem por uma boa relação social. Essa é uma lição que eu aprendi com vocês.

A todos, os meus sinceros agradecimentos e abraços,

Caicó, dezembro de 2010.

“E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o ‘óbvio’!”
Um Índio – Caetano Veloso

RESUMO

Borges, Fabio Mafra. *Os Sítios Arqueológicos Furna Do Umbuzeiro E Baixa Do Umbuzeiro: Caracterização De Um Padrão De Assentamento Na Área Arqueológica Do Seridó – Carnaúba Dos Dantas - RN, Brasil*. Tese de Doutorado. Recife: PParq/UFPE, 2010.

Na área arqueológica do Seridó, de acordo com a tipologia e funcionalidade dos sítios identificados – sítios com grafismos rupestres e sítios-cemitério – o padrão de assentamento definido foi de tipo ritualístico (Martin, 2008). Localizados no município de Carnaúba dos Dantas - RN, os sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, não puderam ser inseridos no padrão de assentamento estabelecido. O sítio Furna do Umbuzeiro caracteriza-se como um abrigo sob-rocha no qual foi registrado um pacote estratigráfico, com níveis de ocupação preservados. Neste abrigo não foram registrados grafismos rupestres. Os vestígios evidenciados consistiram em estruturas de combustão, nas quais foi identificada uma baixa densidade de vestígios líticos e cerâmicos. Além de outros vestígios como: restos vegetais trançados, restos vegetais naturais, coprólitos humanos e animais, entre outros. Os vestígios mais relevantes registrados no sítio consistem em fragmentos ósseos humanos, associados a restos faunísticos, ambos com sinais de queima. Já o sítio Baixa do Umbuzeiro consiste em uma ocupação a céu aberto, em terraço fluvial, distante $\pm 200\text{m}$ do abrigo. Foram identificados vestígios líticos e cerâmicos associados a estruturas de combustão circulares, compostas por quartzos endógenos com sinais de queima (pirofraturados), dispostos no terreno de maneira organizada e intencional. Estes registros configuraram novos dados para a área arqueológica do Seridó: o registro de um sítio-habitacional e o registro de uma prática funerária nova, na região: o endocanibalismo. Estes dois dados permitiram dar um passo além, quando se observou os dados etnohistóricos existentes para a região. Essa documentação descreve uma população caçador-coletora, nômade, que possuía uma cultura material muito similar àquela que vem sendo registrada arqueologicamente na região: os Tarairiú. Além disso, como uma de suas características mais marcantes, estes grupos eram adeptos de práticas funerárias endocanibais. Outro fator relevante consiste na sobreposição entre o espaço delimitado na documentação etnohistórica, como território Tarairiú e o espaço delimitado como a área arqueológica do Seridó. Nesse sentido, no presente trabalho, busca-se a verificação de duas hipóteses complementares: (1) a identificação de um sítio-habitacional, na área arqueológica do Seridó; (2) a relação da cultura material registrada na região, com a cultura material dos grupos etnohistóricos que a habitaram até o século XVII. Isto, desde o início, reconhecendo os limites de um trabalho com o caráter de estudo de caso.

Palavras-chave:

Área arqueológica do Seridó – Padrão de assentamento – Práticas funerárias – Endocanibalismo – Tarairiú

ABSTRACT

Borges, Fabio Mafra. *The Archaeological sites Furna do Umbuzeiro and Baixa do Umbuzeiro: Characterization of a Pattern Of Settlement In The Archaeological Area Of Seridó – Carnaúba Dos Dantas – RN, Brasil*. Tese de Doutorado. Recife: Pparq/UFPE, 2010.

In the archaeological area of Seridó, the typology and function of identified sites – rock art and cemetery sites – led to the identification and definition of a ritual settlement pattern (Martin, 2008). Located in the city Carnaúba dos Dantas, the archaeological sites Furna do Umbuzeiro and Baixa do Umbuzeiro could not be fit into this settlement pattern. The site Furna do Umbuzeiro is a rock shelter exhibiting a stratigraphic sequence with preserved occupation levels, though no rock art. The features evidenced consisted of combustion structures, in which was identified a low density of lithic and ceramic artifacts, in addition to other evidence, such as braided plants, natural plant, human and animal coprolites, among others. The most relevant data recorded at the site consist of human bone fragments associated with faunal remains, both with signs of burning. In contrast, the site Baixa do Umbuzeiro consists of an occupation in the fluvial terrace approximately 200 meters from the Furna do Umbuzeiro. Lithic and ceramic traces were identified in association to circular combustion structures, composed of endogenous quartz with signs of burning. These sites constitute new patterns to the Seridó archaeological area; specifically, a domestic site the heretofore unknown mortuary practice of endocannibalism. Together with ethnohistoric sources, these observed archaeological data permit us to delve deeper into socio-cultural processes. The historical documentation describes a nomadic hunter and gatherer population whose material culture was very similar to the Tarairiú Cultura, well recorded in the region. Moreover, according to historical sources one of their most striking features was the practice of endocannibalism among these groups. Other relevant data is the overlap between the space defined in the ethnohistorical record as Tarairiú territory and the space delimited as the Seridó Archaeological Area. In this doctoral dissertation, two additional hypotheses: (1) the identification of a housing site in the archaeological area of Seridó, (2) the relationship of material culture in the region with material culture of ethnohistoric groups that inhabited the region until the seventeenth century.

Key-words:

Archaeological area of Seridó – Settlement pattern – Mortuary practice – Endocannibalism – Tarairiú cultura

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01:** Mapas de localização dos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro. A) Localização dos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, nos vales dos rios Carnaúba, Acauã e Seridó, com a representação dos sítios arqueológicos catalogados entre 2007 e 2009; B) Localização dos sítios no vale do Rio Carnaúba; C) Localização dos sítios no vale do Riacho das Areias. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. xx)
- Figura 02:** Mapa de representação da área arqueológica do Seridó, delimitada em vermelho, nos Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, Brasil. A) Divisão geopolítica, fonte: Mutzenberg, 2007; B) Mapa de representação da área arqueológica do Seridó, sem divisão geopolítica. Fonte: *Digital Chart of the World/NDAA* – Elaboração: Onésimo Jerônimo. (pp. 36)
- Figura 03:** Sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Foto: Demétrio Mutzenberg. (pp. 41)
- Figura 04:** Planta-baixa de representação dos sepultamentos do sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Martin, 2008. (pp. 42)
- Figura 05:** Gráfico de representação da distribuição por idade de 17 indivíduos analisados por Alvim *et alli*, 1995/1996. Fonte: Mutzenberg, 2007. (pp. 44)
- Figura 06:** Blocodiagrama de representação da dispersão dos vestígios arqueológicos no sítio arqueológico Lajedo, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Adaptado de Moraes, 2008. (pp. 51)
- Figura 07:** Mapa da distribuição das tribos indígenas que habitavam o Rio Grande do Norte, no século XVII, baseada nos estudos de Thomaz Pompeu Sobrinho. Fonte: Medeiros Filho, 1984 – adaptado por Macedo, 2009. (61)
- Figura 08:** Mapas de representação dos territórios de algumas tribos Tarairiú, citadas na documentação histórica, no atual estado do Rio Grande do Norte. As setas em vermelhos representam as áreas de deslocamento, de cada grupo A) Território da tribo Janduí; B) Território da tribo Paiacu; C) Território da tribo Canindé; D) Território da tribo Sucuru. Fonte: Adaptado de Santos Júnior, 2008. (pp.63)
- Figura 09:** Homem Tapuia, pintado por Albert Eckhout, século XVII. Fonte: www.google.com. (pp. 67)
- Figura 10:** Grafismo antropomórfico representando uso de armas: propulsor de dardos. Sítio arqueológico Xique-xique II, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Martin, 2008. (pp. 68)
- Figura 11:** Mulher Tapuia, pintada por Albert Eckhout, século XVII. Fonte: www.google.com. (pp. 69)
- Figura 12:** Representação de uma aldeia tapuia, de autoria de Zacarias Wagner, século XVII. Fonte: Santos Júnior, 2008. (pp. 70)
- Figura 13:** Conjunto de grafismos rupestres representando a coleta de mel, sítio arqueológico Xique-xique IV, Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 72)
- Figura 14:** Corrida de toras – gravura de Jorge Marcgrave, século XVII. Fonte: Santos Júnior, 2008. (pp. 72)
- Figura 15:** Material arqueológico da área arqueológica do Seridó. A) Pingentes de ossos de cervídeos, sítio arqueológico Pedra do Alexandre (Fonte: Martins, 2008); B) Pingente lítico (quartzo verde), pertencente a colecionador particular (Foto: Fábio Mafra); C) Conjunto de pingentes líticos, proximidades do Açude Municipal de Carnaúba dos Dantas (Foto: Fábio Mafra); D) Machados polidos identificados na área arqueológica do Seridó (Fonte: Martin, 2008); E), F) e G) Pontas líticas lascadas em sílex e quartzo, área arqueológica do Seridó (Fonte: Martin, 2008). (pp.93)
- Figura 16:** Mapa de representação dos domínios morfoclimáticos brasileiros (1965). Fonte: Ab'Sáber, 2003). (pp. 109)
- Figura 17a:** Mapa de representação da geomorfologia do Rio Grande do Norte. Fonte: IDEMA, 2006. (pp. 112)
- Figura 17b:** Mapa geocronológico dos terrenos do Rio Grande do Norte. Fonte: Serviço Geológico Brasileiro (CPRM) – Elaboração: Caio C. de A. Barbosa. (pp. 113)
- Figura 18:** Mapa de associação de solos do Rio Grande do Norte. Fonte: IDEMA. (pp.114)
- Figura 19:** Mapa geomorfológico do Rio Grande Norte. Fonte: IDEMA, 2002. (pp.115)
- Figura 20a:** Mapa das grandes regiões naturais do Rio Grande do Norte. Fonte: IDEMA, 2006. (pp.116)
- Figura 20b:** Modelo digital do terreno (MDT) do Rio Grande do Norte. Fonte: IDEMA. (pp.117)
- Figura 21:** Vista geral do vale do Riacho das Areias, com a localização dos sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro na paisagem. Carnaúba dos Dantas – RN. Foto: Fábio Mafra. (pp.118)
- Figura 22:** Mapa de unidades climatológicas do Rio Grande do Norte. Fonte: IDEMA, 1999. (pp.119)

Figura 23a: Mapa de representação dos sistemas hidrográficos do Rio Grande do Norte. Fonte: Secretaria de Recursos Hídricos. (pp. 121)

Figura 23b: Mapa de representação da bacia hidrográfica do Piranhas-Açu, Rio Grande do Norte. Fonte: Secretaria de Recursos Hídricos. (pp.121)

Figura 24: Mapa de localização dos sítios arqueológicos cadastrados entre 2007 e 2009, com maior concentração na margem esquerda do vale do Rio Carnaúba, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: *World Geodesic System*, 1984 – Elaboração: Caio C. de A. Barbosa. (pp. 122)

Figura 25: Modelo digital do terreno (MDT) do vale do Rio Carnaúba, com destaque para área central de seu curso e localização dos sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Adaptado de Mutzenberg, 2007. (pp.124)

Figura 26: Sepultamento 1 (secundário e coletivo) e sepultamento 2 (Primário). Sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Mutzenberg, 2007. (pp. 131)

Figura 27: Mapa da rota de Rodolfo Baro reconstituída por Teensman (2000). Elaboração: Fabio Mafra e Caio C. de A. Barbosa. (pp. 135)

Figura 28: Modelo de reconstituição do ciclo de deslocamento anual dos Tarairiú, reconstituído a partir de dados históricos. Elaborado pelo autor. (pp. 139)

Figura 29: Mapa de reconstituição do domínio de uso territorial (acima). Detalhe (abaixo): acampamento de inverno, entre os municípios de Acari, Carnaúba dos Dantas e Jardim do Seridó – RN. Elaboração: Fabio Mafra e Caio C. de A. Barbosa. (pp. 140).

Figura 30: Mapa de localização dos sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: *World Geodetic System*, 1984. Elaboração: Caio C. de A. Barbosa. (pp.145)

Figura 31: A) Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro: vista-geral do abrigo sob-rocha (seta em vermelho aponta para o abrigo); B) Vista-geral da área abrigada do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro (seta em vermelho aponta para área de biopedoturbação); C) Detalhe da biopedoturbação (toca de tatu - *Euphractus sexcinctus s.p.*). Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 146)

Figura 32: Planta-baixa representando as trincheiras escavadas, em amarelo na primeira campanha e em roxo, na segunda campanha, do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Elaboração: Vivian K. de Sena e Onésimo Jerônimo. (pp. 147)

Figura 33: Vista geral do interior do abrigo do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. (pp.148)

Figura 34: Vista geral das trincheiras H e I antes das escavações no sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 149)

Figura 35: Quadrícula H1, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 1; B) Decapagem 2; C) Decapagem 10; D) Planta-baixa da decapagem 2; E) Planta-baixa da decapagem 5; F) Planta-baixa da decapagem 6; G) Planta-baixa da decapagem 7. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra; desenhos: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp.155)

Figura 36: Quadrícula H3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 1; B) Decapagem 2; C) Planta-baixa da decapagem 3; D) Planta-baixa da decapagem 2; E) Planta-baixa da decapagem 3, consolidação do perfil sul. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra; desenhos: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 156)

Figura 37: Quadrículas H5 e I5, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Detalhe: material cerâmico superficial, quadrícula I5; B) Quadrícula I5, decapagem 2; C) Quadrícula H5, decapagem 2; D) Vista geral das quadrículas H5 e I5, decapagem 2; E) Quadrícula I5, decapagem 8; F) Planta-baixa das quadrículas H5 e I5, superfície; G) Planta-baixa da quadrícula H5, decapagem 2; H) Planta-baixa da quadrícula I5, decapagem 4. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra; desenhos: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 157)

Figura 38: Quadrícula I4, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 1, consolidação do perfil norte; B) Planta-baixa da decapagem 1, consolidação do perfil norte. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra; desenho: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 158)

Figura 39a: Quadrícula I3, decapagens, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 1, fogueiras 1, 2 e 3; B) Decapagem 2; C) Decapagem 3, fragmento de cestaria; D) Detalhe: decapagem 3, fragmento de cestaria; E) Decapagem 4; F) Decapagem 5. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 159)

Figura 39b: Quadrícula I3, decapagens, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 6, fragmento cerâmico; B) Detalhe: decapagem 6, fragmento cerâmico; C) Decapagem 7; D) Decapagem 8, fogueira e coprólito humano; E) Detalhe: decapagem 8, fragmento lítico e concentração de cinzas; F) Detalhe: decapagem 8, coprólito humano. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 160)

Figura 39c: Quadrícula I3, decapagens, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 9, coprólito humano e fragmentos ósseos; B) Detalhe: decapagem 9, fragmentos ósseos; C) Decapagem 10; D) Detalhe: decapagem 10, fragmento ósseo; E) Decapagem 11, óxido de ferro com marcas de uso; F) Detalhe: decapagem 11, óxido de ferro com marcas de uso. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 161)

Figura 39d: Quadrícula I3, decapagens, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 12, base das estruturas de combustão; B) Detalhe: decapagem 12, fragmento ósseo; C) Decapagem 12, fragmento lítico; D) Decapagem 15; E) Decapagem 16, início do nível de ocupação mais profundo; F) Decapagem 18. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 162)

Figura 40a: Plantas-baixas das decapagens realizadas na quadrícula I3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 1; B) Decapagem 2; C) Decapagem 4; D) Decapagem 5; E) Decapagem 6; F) Decapagem 7; G) Decapagem 9; H) Decapagem 10. Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 163)

Figura 40b: Plantas-baixas das decapagens realizadas na quadrícula I3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 11; B) Decapagem 12; C) Decapagem 16; D) Decapagem 18. Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 164)

Figura 41a: Perfis estratigráficos da quadrícula I3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Perfil Norte, decapagem 7; B) Perfil Norte, decapagem 18; C) Perfil Leste, decapagem 7; Perfil Leste, decapagem 18; D) Perfil Sul, decapagem 18; Perfil Oeste, decapagem 18. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 165)

Figura 41b: Representações gráficas dos perfis estratigráficos da quadrícula I3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro: A) Perfil Norte; B) Perfil sul; C) Perfil leste; D) Perfil oeste. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. (pp. 166)

Figura 42a: Perfis estratigráficos da área escavada na segunda campanha do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro (Decapagem 5). A) Perfil Norte, quadrícula I4; B) Perfil Norte, quadrícula J4; C) Perfil Leste, quadrícula I2; D) Perfil Leste, quadrícula I4; E) Perfil Sul, quadrícula I2; F) Perfil Sul, quadrícula J2. Fonte: NEA/UFPE. Fotos Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 169)

Figura 42b: Perfis estratigráficos da área escavada na segunda campanha do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro (Decapagem 5). A) Perfil Oeste, quadrícula J3; B) Perfil Oeste, quadrícula J4; C) Perfil Oeste, quadrículas L2/L3, quadrantes 4 e 1; D) Perfil Norte, quadrículas L2/L3, quadrantes 4 e 1; E) Perfil Sul, quadrículas L2/L3, quadrantes 4 e 1. Fonte: NEA/UFPE. Fotos Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 170)

Figura 42c: Representação gráfica dos perfis estratigráficos revelados na segunda campanha, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Perfil Norte, quadrículas I4 e J4, decapagem 5; B) Perfil Sul, quadrículas I2 e J2, decapagem 5; C) Perfil Oeste, quadrículas J3 e J4, decapagem 5. Fonte: NEA/UFPE. Desenhos: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 171)

Figura 42d: Representação gráfica dos perfis estratigráficos revelados na segunda campanha, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Perfil Norte, quadrícula L3, decapagem 2; B) Perfil Sul, quadrícula L2, decapagem 2; C) Perfil Norte, quadrícula L3, decapagem 2; D) Perfil Leste, quadrícula I4, decapagem 5; E) Perfil Leste, quadrícula I4, decapagem 5; F) Perfil Oeste, quadrícula I2, decapagem 5; G) Perfil Oeste, quadrícula J2, decapagem 5. Fonte: NEA/UFPE. Desenhos: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 172)

Figura 43a: Vista geral das quadrículas I2, I4, J2, J3 e J4, após a abertura da decapagem 2 na segunda campanha, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra. (pp. 173)

Figura 43b: Plantas-baixas da decapagem 2, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Quadrículas J3 e J4, fogueiras; B) Quadrículas I2 e J2. Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Rafael Medeiros. (pp. 174)

Figura 44: Quadrículas I2 e J2, vista geral da decapagem 4, lente de restos vegetais. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra. Sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 175)

Figura 45: Plantas-baixas das decapagens realizadas na segunda campanha, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Quadrículas I4 e J4, decapagem 1; B) Quadrículas J3 e J4, decapagem 2; C) Quadrículas J3 e J4, decapagens 2 e 3; D) Quadrículas J3 e J4, decapagem 3; E) Quadrículas I4 e J4, decapagem 4; F) Quadrículas I4 e J4, decapagem 5; G) Quadrículas J2 e J3, decapagem 5; H) Sondagem: Quadrículas L2 e L3, quadrantes 4 e 1, decapagem 2 (20 cm). Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Rafael Medeiros. (pp. 177)

Figura 46: Detalhe de trançado de fibras vegetais (corda), quadrícula J3, decapagem 4, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra. (pp. 178)

Figura 47: Detalhe de trançado de fibras vegetais (corda), quadrícula J3, decapagem 5, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra. (pp. 178)

Figura 48: Detalhe da estrutura de fibras vegetais associada ao cordel, quadrícula L2 e L3, quadrantes 4 e 1, decapagem 2 (20 cm), sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra. (pp. 179)

Figura 49: Quadrículas J2 e J3, decapagem 4, restos vegetais e blocos caídos, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra. (pp. 179)

Figura 50: Vista geral da área escavada na segunda campanha, quadrículas I2, I4, J2, J3, J4 e a sondagem nas quadrículas L2 e L3, decapagem 5. Sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra. (pp. 180)

Figura 51: A) Vista geral do bloco caído, com massa preenchida de sementes; B) Detalhe da massa. Quadrícula J3, decapagem 3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra. (pp. 180)

Figura 52: Fragmento cerâmico associado a fragmentos de fibra vegetal torcida, quadrícula J2, decapagem 5, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra. (pp. 183)

Figura 53: A) Vista-geral do Vale do Riacho da Areia, onde se vê delimitada em amarelo a área estimada do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro; B) Concentração de quartzos “piro-fraturados”, denominada Fogueira 2; C) Material Arqueológico: fragmento

cerâmico associado a Fogueira 1; D) Material arqueológico: ponta lítica associada a áreas de ocorrência das estruturas de combustão. Sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. (pp. 185)

Figura 54: Representação em planta-baixa da distribuição das estruturas de combustão e vestígios arqueológicos. Sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Elaboração: Vivian K. de Sena. (pp. 186)

Figura 55: Artefatos líticos polidos (contas de colar) localizados próximo ao sítio do Galo. O material encontra-se sob posse do morador local. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. (pp. 188)

Figura 56: Vista-geral da Sondagem Arqueológica realizada no sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro: fogueira 1. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. (pp. 190)

Figura 57: Representação esquemática da setorização do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro: Sondagem Arqueológica 1. Carnaúba dos Dantas - RN. Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Fabio Mafra e Vivian Sena. (pp. 191)

Figura 58: Vista-geral da Camada 2, Segmento 2 da quadrícula 4, Sondagem 1 (Quadrante 1): sedimento alterado por calor, acompanhando a delimitação da concentração de quartzos “piro-fraturados”. Sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. (pp. 192)

Figura 59: Detalhe da sondagem, Sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. (pp. 192)

Figura 60: Vista geral do Setor C – Área das estruturas de fogueiras. A seta amarela aponta a localização da Fogueira 1, na margem esquerda do Riacho das Areias – sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. (pp. 194)

Figura 61: Fogueira 1, decapagem 1 – Vista geral – sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. (pp. 195)

Figura 62: Fogueira 1, decapagem 2 (A), decapagem 3 (B), decapagem 4 (C) – Vista geral – sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. (pp. 196)

Figura 63: Coleta de sedimento para análises físico-químicas. Fogueira 1, decapagem 1 – Vista geral – sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. (pp. 198)

Figura 64: Amostra de material cerâmico de etiqueta 160. Fragmento cerâmico coletado na decapagem 6 (inicial), da quadrícula I3, associada à mancha de cinzas relacionada a Fogueira 9. A) Superfície externa; B) superfície interna. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Mônica Nogueira. (pp. 204)

Figura 65: Concentração de quartzo (Concentração 1) formada pelo escoamento de águas pluviais, localizada na vicinal de acesso aos sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 207)

Figura 66: Localização das amostras de sedimento, coletadas em laboratório, da fogueira 1 do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Foto: Fabio Mafra Borges. Fonte: DEN/UFPE. (pp. 208)

Figura 67: Gráfico de representação das curvas de decaimento da LOE-IV, nas amostras de sedimento coletadas na fogueira 1, do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: DEN/UFPE. (pp. 209)

Figura 68: Gráfico de representação da variação das taxas de decaimento da LOE-IV nas amostras de sedimento da fogueira 1 (ANOVA), sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 210)

Figura 69: Gráfico de representação da relação de frequência (em %) da distribuição dos tipos de pasta no material cerâmico do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 217)

Figura 70: Gráfico de representação da relação de frequência (em %) da distribuição dos tipos de pasta no material cerâmico do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 218)

Figura 71: Gráfico de representação da relação em % dos Tratamentos de Superfície Externa (TE) observadas no Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 220)

Figura 72: Gráfico de representação da relação em % dos Tratamentos de Superfície Interna (TI) observadas no Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 221)

Figura 73: Gráfico de representação da relação em % dos Tratamentos de Superfície Externa (TE) observadas no Sítio Arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 221)

Figura 74: Relação em % dos Tratamentos de Superfície Interna (TI) observadas no Sítio Arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 222)

Figura 75: Relação do Tipo de Queima identificados no Sítio Arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 225)

Gráfico 76: Relação do Tipo de Queima identificados no Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 226)

- Figura 77:** Representação da forma reconstituída do Sítio Furna do Umbuzeiro (FU. 15): elipsóide horizontal. (pp. 227)
- Figura 78:** Representação da forma reconstituída do Sítio Furna do Umbuzeiro (FU. 11.2): elipsóide horizontal. (pp. 228)
- Figura 79:** Representação da forma reconstituída do Sítio Furna do Umbuzeiro (FU. 22 e 28): elipsóide horizontal. (pp. 229)
- Figura 80:** Representação da forma reconstituída do Sítio Furna do Umbuzeiro (FU. 96): elipsóide horizontal. (pp. 230)
- Figura 81:** Representação da forma reconstituída do Sítio Furna do Umbuzeiro (FU. 11.1): elipsóide horizontal. (pp. 231)
- Figura 82:** Representação da forma reconstituída do Sítio Baixa do Umbuzeiro (BU. 155.12): elipsóide horizontal. (pp. 232)
- Figura 83:** Gráfico de representação da relação quantitativa dos vestígios líticos e cerâmicos no sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro – RN. (pp. 235)
- Figura 84:** Representação gráfica de artefatos líticos identificados no sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Marcellus Almeida. (pp. 236)
- Figura 85:** Gráfico de representação da Relação quantitativa dos vestígios líticos e cerâmicos no sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – RN. (pp. 237)
- Figura 86:** Gráfico de representação da Relação quantitativa entre o Material Cerâmico dos Sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro – RN. (pp. 238)
- Figura 87:** Relação quantitativa entre o Material Lítico dos Sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro – RN. (pp. 238)
- Figura 88:** Exemplos de fragmentos ósseos humanos. A) Etiqueta 277; B) Etiqueta 524. Sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fotos: Mônica Nogueira. (pp. 241)
- Figura 89:** Representação gráfica do possível fragmento de cestaria coletado na quadrícula I3, decapagem 3 (et. 87), sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Marcellus Almeida. (pp. 246)
- Figura 90:** Exemplos de fragmentos de restos vegetais trançados. A) Etiqueta 560; B) Etiqueta 560, detalhe; C) Etiqueta 611; D) Etiqueta 611, detalhe; E) Etiqueta 87; F) Etiqueta 570; G) Etiqueta 610. Sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fotos: Mônica Nogueira. (pp. 247)
- Figura 91:** Carta de representação das formas do vasilhame da Tradição Pedra do Caboclo: distribuição dos estilos (Brochado, 1984). (pp. 257)
- Figura 92:** Comparação dos conjuntos de vasilhas da subtradição Aratu e da Tradição Pedra do Caboclo (Brochado, 1984). (pp. 258)

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Tabela com a crono-estratigrafia definida para o sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Laboratorio de Geocronologia do Instituto de Química Física “Rocasolano”. (pp. 24)

Tabela 02: Campanhas arqueológicas no sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Mutzenberg, 2007. (pp. 42)

Tabela 03: Datações radiocarbônicas do sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Mutzenberg, 2007. (pp. 43)

Tabela 04: Tabela da classificação dos Tipos dos Tratamentos de Superfície. (pp. 219)

Tabela 05: Relação entre Técnica de Tratamento de Superfície e Tipo de Pasta, Sítio Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 222)

Tabela 06: Relação entre Técnica de Tratamento de Superfície e Tipo de Pasta, Sítio Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 223)

Tabela 07: Relação entre Técnica de Tratamento de Superfície e Tipo de Pasta, Sítio Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 223)

Tabela 08: Relação entre Técnica de Tratamento de Superfície e Tipo de Pasta, Sítio Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 221)

Tabela 09: Relação entre Técnica de Tratamento de Superfície e Tipo de Pasta, Sítio Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN. (pp. 224)

Tabela 10: Tabela de representação dos tamanhos estimados para as vasilhas reconstituídas nos sítios Baixa do Umbuzeiro e Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 233)

Tabela 11: Distribuição dos vestígios ósseos humanos, entre as quadrículas e as decapagens realizadas no sítio Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. (pp. 242)

Tabela 12: Estrutura básica do trançado de classificação do artefato. (pp. 243)

SUMÁRIO

1. Introdução	pp. 21
2. Capítulo 1: Antecedentes Arqueológicos e Etnohistóricos	pp. 35
2.1. Antecedentes Históricos: Contextos Arqueológicos	pp. 35
2.2. O Contexto Etnohistórico da Área Arqueológica do Seridó	pp. 60
3. Capítulo 2: Princípios Teóricos e Definições Conceituais	pp. 76
3.1. Princípios Teóricos	pp. 76
3.2. Problemas, Objetivos, Hipóteses e Metodologia	pp. 91
4. Capítulo 3: Contexto Ambiental	pp. 109
4.1. O Meio Físico	pp. 109
4.2. O Espaço Cultural	pp. 129
5. Capítulo 4: Intervenções Arqueológicas	pp. 144
5.1. O Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro	pp. 144
5.2. O Sítio Arqueológico Baixa do Umbuzeiro	pp. 184
6. Capítulo 5: Análises Laboratoriais	pp. 199
6.1. As Definições Cronológicas e Análises Estratigráficas	pp. 199
6.2. Definição do Perfil Tecnológico do Material Cerâmico	pp. 211
6.3. A Relação Espacial	pp. 234
6.4. O Material Ósseo Humano	pp. 239
6.5. O Material Vegetal Antrópico	pp. 242
7. Capítulo 6: Discussão dos Resultados	pp. 249
7.1. Definição Cronológica e Estratigráfica	pp. 249
7.2. O Material Cerâmico: Perfil Tecnológico	pp. 254
7.3. O material Lítico	pp. 260
7.4. O Material Ósseo Humano	pp. 261
7.5. Os Restos Vegetais	pp. 263
8. Capítulo 7: Considerações Finais	pp. 265
9. Bibliografia	pp. 272
10. Anexos	pp. 282
10.1. Anexo I	pp. 283
10.2. Anexo II	pp. 291
10.3. Anexo III	pp. 317

APRESENTAÇÃO

Este trabalho analisou dois sítios, localizados no Município de Carnaúba dos Dantas – RN, na área arqueológica do Seridó: o sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro e o sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro (Martin *et alli*, 2008). Ambos encontram-se na localidade do Lajedo, na margem esquerda do Riacho da Areia, em um vale em forma de “U” (**Figura 01**). O sítio Furna do Umbuzeiro caracteriza-se como um abrigo sob rocha, localizado no sopé da Serra Nova. Apresentou um pacote sedimentar passível de escavação, no qual foram identificadas estruturas de combustão, associadas a uma baixa densidade de vestígios arqueológicos, como: fragmentos de material cerâmico e lítico, restos vegetais, fragmentos ósseos animais e humanos, associados às estruturas de combustão escavadas. Entretanto, nas suas paredes não foi registrado nenhum vestígio de atividade gráfica (Borges, 2008). Já o sítio Baixa do Umbuzeiro, localizado a ± 200 m do abrigo da Furna do Umbuzeiro, próximo da margem do Riacho das Areias, caracteriza-se como um sítio a céu aberto, no qual foram identificadas concentrações circulares de quartzo, com nítidos sinais de alteração por calor (pirofraturas), dispostas de maneira organizada no terreno e associadas a fragmentos de material lítico e cerâmico superficiais. A disposição espacial dessas estruturas e suas características formais sugeriram que as mesmas tinham origem antrópica, apesar de todo o terreno apresentar afloramentos dos mesmos quartzos leitosos que compõem as estruturas (Martin *et alli*, 2008). Por estes motivos, os sítios foram selecionados para análise no presente trabalho, visando identificar um padrão de assentamento ainda não registrado na área arqueológica do Seridó: sítios do tipo habitacional. Além disso, os tipos de vestígios identificados indicam uma cronologia relacionada ao surgimento e dispersão da tecnologia cerâmica, o que sugere a relação desses sítios aos grupos indígenas que habitaram a região do Seridó potiguar, até o século XVII: os Tarairiú. Neste sentido, procura-se identificar tanto uma área habitacional na região, como também se vislumbra a possibilidade de uma identificação cultural para os novos sítios registrados (Borges, 2008).

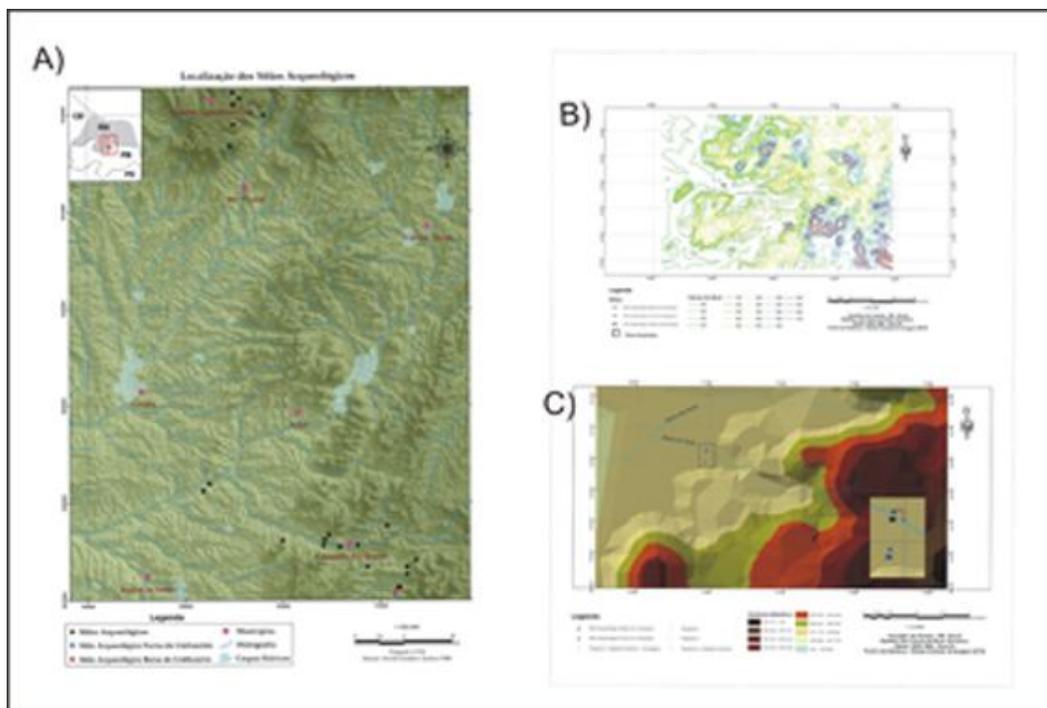


Figura 01: Mapas de localização dos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro. A) Localização dos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, nos vales dos rios Carnaúba, Acauã e Seridó, com a representação dos sítios arqueológicos catalogados entre 2007 e 2009; B) Localização dos sítios no vale do Rio Carnaúba; C) Localização dos sítios no vale do Riacho das Areias. Carnaúba dos Dantas – RN.

1. INTRODUÇÃO

Esta tese é o resultado de mais de dez (10) anos de observação, estudos e participação em projetos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco (NEA/UFPE) e pela Fundação Seridó, na área arqueológica do Seridó, nos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba. Tais atividades foram o marco inicial de uma vida profissional dedicada à continuidade de uma linha de pesquisa desenvolvida na região por Gabriela Martin. Isto permitiu o acesso a uma gama de informações, oriundas dos mais diversos ramos das ciências humanas; especialmente a arqueologia e a etnohistória.

A confrontação desses dados levou à formulação das questões que norteiam o presente trabalho. Estas questões são decorrentes de algumas lacunas observadas no registro arqueológico e algumas recorrências percebidas no registro documental histórico sobre a região do Seridó potiguar. Tais relações entre documentação histórica e registro arqueológico serão mais bem discutidas nos capítulos seguintes.

A primeira destas lacunas é a ausência do registro de sítios arqueológicos que pudessem ser classificados como sítios do tipo habitacional. Ou seja, sítios com elementos materiais que permitiriam a identificação de um assentamento relacionado a atividades cotidianas e de subsistência, como: (1) a preparação de alimentos vegetais, silvestres ou domesticados, e animais; (2) a produção e o uso de artefatos confeccionados nas mais diversas matérias-primas; (3) a construção de estruturas habitacionais, fixas ou temporárias.

Diferentemente, os sítios registrados na área arqueológica do Seridó, em sua maioria, não apresentam condições espaciais que permitam a ocupação permanente de grupos humanos (Martin, 2008). Localizados em abrigos sob-rocha, estes sítios arqueológicos apresentam como principal vestígio, a presença de painéis de registros rupestres, pintados ou gravados, nas suas paredes. Aqueles registrados que apresentam condições espaciais de habitação, foram caracterizados como áreas utilizadas para o sepultamento e a realização de rituais relacionados às práticas funerárias. Os mais representativos desses sítios foram: o sítio arqueológico Mirador, em Parelhas – RN e o sítio arqueológico Pedra do Alexandre, em Carnaúba dos Dantas – RN (Martin, 2008), os

quais registraram as mais antigas ocupações humanas da região: \pm 9000 A.P. Todavia, outros sítios parcialmente escavados como o Sítio Pedra do Chinelo, Olho d'Água das Gatas, (Parelhas), Casa de Pedra e Casa Santa (Carnaúba dos Dantas), todos eles com a presença de registros rupestres, apresentaram ocupações precárias, dado o pequeno espaço ocupacional que esses abrigos oferecem.

Dessa forma, os sítios registrados na área arqueológica do Seridó foram, com exceção da Pedra do Alexandre, classificados como ocupações temporárias de pequeno porte e relacionadas a atividades de cunho simbólico e ritualístico – atividades gráficas rupestres e práticas funerárias – pertencentes a grupos dedicados a uma economia de caça e coleta (Martin, 2008) ou que, em todo caso, estavam assentados em aldeias, fora dos abrigos que utilizaram para pintar ou gravar. O único sítio a céu aberto registrado e analisado (Moraes, 2008), o qual poderia ser relacionado com uma área habitacional, o sítio arqueológico Lajedo, foi classificado como uma oficina lítica e relacionado mais com a obtenção e processamento desta matéria-prima, do que com o padrão de subsistência e deslocamento desses grupos pré-históricos.

Tal fato não decorre da inexistência de sítios habitacionais na região. Um fator determinante para esta lacuna, que pode ser destacado, é a maior evidência dos sítios com atividades gráficas e, por isto mesmo, sua maior facilidade de reconhecimento e identificação na paisagem. Neste sentido, este foi o parâmetro que norteou os levantamentos arqueológicos realizados até então. Mediante a diversidade técnica e temática presente no *corpus* gráfico, em associação com a diversidade das práticas funerárias registradas, formulou-se a hipótese de diversas levas de povoamento, que chegaram a área em questão, ao longo de todo o Holoceno (Martin, 2008).

A segunda lacuna no registro arqueológico do Seridó potiguar, a qual também pode ser destacada, é a ausência do registro de sítios arqueológicos que pudessem ser relacionados às populações indígenas que ocuparam a região. Tais populações sobreviveram até a segunda metade do século XVII, quando as frentes pecuaristas coloniais se estabeleceram nos sertões semi-áridos do Nordeste brasileiro.

O presente trabalho tem como objetivos a identificação de um padrão de assentamento habitacional e a relação da cultura material registrada na região a um grupo

ethnohistórico, ou proto-histórico, que habitou o Seridó potiguar desde épocas remotas – mais de 7000 A.P., segundo dados lingüísticos (Urban, 1998) – até a segunda metade do século XVII: os Tarairiú (Medeiros Filho, 1984; Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Medeiros, 2002; Pompa, 2003; Santos Júnior, 2008). Para isso serão analisados dois sítios arqueológicos peculiares, registrados nos últimos levantamentos arqueológicos realizados na região. Esta abordagem foi possível mediante a já mencionada relação espacial verificada entre os dados ethnohistóricos obtidos e o registro arqueológico da área do Seridó.

O primeiro deles é o sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Consiste em um abrigo sob-rocha, localizado no sopé de um testemunho sedimentar xistoso (Formação Seridó), denominado Serra Nova, às margens do Riacho da Areia, no município de Carnaúba dos Dantas - RN. Caracteriza-se pela ausência de registros rupestres e pela presença de um pacote sedimentar profundo. Com dimensões de 14,40m de comprimento e 6,10m de profundidade, o abrigo apresenta uma área habitacional com aproximadamente 80m² e abertura voltada para o Nordeste. No pacote sedimentar, foi registrada a presença de biopedoturbações (orifícios produzidos por *Euphractus sexcinctus s.p.*- tocas de tatu), as quais possibilitaram a visualização de níveis arqueológicos soterrados.

Nesse contexto, foram percebidos, além de lentes de estruturas de combustão associadas a carvões, fragmentos de material lítico e cerâmico, dispersos no sedimento revolvido pela ação animal. Na parte superior do abrigo (teto), existem mais dois abrigos com dimensões menores, nos quais também foram identificados alguns fragmentos cerâmicos, com características tecno-morfológicas similares aos fragmentos resgatados nas áreas escavadas. Os vestígios arqueológicos identificados foram: fragmentos de material cerâmico; fragmentos de material lítico; estruturas de combustão superpostas, associadas a fragmentos ósseos animais e humanos; a ausência de enterramentos; restos vegetais antrópicos (trançados). Isto parece não só relacionar o sítio às populações ethnohistóricas que habitaram a região, como também sugere o registro de uma prática funerária, registrada pela documentação histórica para esses grupos indígenas: o endocanibalismo.

A cronologia obtida no sítio, que teve um alcance temporal de ± 2480 anos, também sugere esta interpretação, como pode ser visto na tabela abaixo:

Tabela 01: Tabela com a crono-estratigrafia definida para o sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Laboratorio de Geocronologia do Instituto de Química Física “Rocasolano”.

REFERENCIA	DECAPAGEM E QUADRÍCULA	CÓDIGO LABORATORIO	EDAD C-14 CONVENCIONAL (años BP)	EDAD CALIBRADA (años cal BP)
ET 244 – PT 449	DECAPAGEM 9 (45 cm) Quadrícula I3	CSIC-2097	3630 ± 32	3980 – 3810 (82,4%) 3800 – 3720 (13,0%)
ET 259 – PT 446	DECAPEGEM 9 (45 cm) Quadrícula I3	CSIC-2143	3170 ± 40	3450 – 3210 (95,4%)
ET 177 – PT 387	DECAPAGEM 6 (30 cm) Quadrícula I3	CSIC-2148	2804 ± 40	2950 – 2760 (95,4%)
ET 146 – PT 378	DECAPAGEM 5 (25 cm) Quadrícula I3	CSIC-2098	2666 ± 30	2800 – 2700 (90,1%) 2640 – 2610 (4,1%) 2580 – 2540 (1,3%)
ET 64 – PT 230	DECAPAGEM 1 (5 cm) Quadrícula I3	CSIC-2210	1775 ± 31	1710 – 1540 (95,4%)
ET 63 – PT 229	DECAPAGEM 1 (5 cm) Quadrícula I3	CSIC-2093	1316 ± 28	1290 – 1080 (95,4%)
ET 216 – PT 231	DECAPAGEM 1 (5 cm) Quadrícula I4	CSIC-2094	1315 ± 28	1290 – 1080 (95,4%)

Já o sítio Baixa do Umbuzeiro, localizado durante as intervenções arqueológicas realizadas no sítio Furna do Umbuzeiro, encontra-se no vale do Riacho da Cobra, em um

terraço fluvial na sua margem esquerda, distante ± 200 m do Sítio Furna do Umbuzeiro. Caracteriza-se como um sítio a céu aberto, composto por estruturas de combustão circulares de quartzo pirofraturados, associados a fragmentos de material cerâmico e material lítico, lascado e polido. Esses vestígios foram encontrados no nível superficial e alguns fragmentos cerâmicos foram coletados em associação direta com as estruturas de quartzo. A ocorrência de material arqueológico, juntamente com a regularidade da distribuição das estruturas, geralmente alocadas nas áreas livres de drenagem fluvial, aponta para a utilização da área por populações humanas.

Durante varredura de superfície realizada, em ambas as margens do Riacho da Cobra (**Figura 01**), percebeu-se a presença de outras estruturas de quartzo, similares às acima descritas, em diferentes graus de conservação. A área delimitada como o sítio arqueológico, apresentou uma concentração de seis (06) estruturas de quartzo em melhor estado de conservação. A disposição espacial das mesmas sugere uma organização intencional e torna possível sua classificação como acampamento habitacional. Foi registrada a presença de vestígios arqueológicos em todo o perímetro percorrido.

A cronologia estabelecida para o sítio foi obtida através da realização de dois métodos de datação: a Termoluminescência (TL) e a Luminescência Opticamente Estimulada (LOE). Estes métodos foram aplicados em amostras de sedimentos coletados na estrutura de combustão escavada, a fogueira 1, a qual não apresentou fragmentos de carvão sob a camada de quartzos pirofraturados. Por esse motivo, não foi possível a realização de datações radiocarbônicas na estrutura. Entretanto, a aplicação dos dois métodos acima citados permitiu a determinação de duas datas convergentes, as quais, por sua vez demonstraram a legitimidade dos resultados adquiridos. Nesse sentido, a cronologia estabelecida para o assentamento a céu aberto foi de 3761 ± 811 A. P., o que relacionou a estrutura escavada às últimas datas obtidas no sítio Furna do Umbuzeiro, até o presente momento.

Reforçando o que foi acima exposto, busca-se aqui estabelecer uma relação entre a cultura material registrada na área arqueológica do Seridó e uma cultura proto-histórica registrada na documentação referente ao sertão potiguar. Através de uma abordagem interdisciplinar do tema proposto, busca-se aqui identificar neste registro arqueológico, as populações indígenas, que habitaram as ribeiras do Açu e do Seridó, até a segunda metade do século XVII.

Esta proposição mostra-se viável porque, segundo Brochado (1984), a distribuição histórica das populações ameríndias coincide precisamente com a distribuição de vestígios arqueológicos relacionados a distintas tradições. Dessa maneira, o cruzamento das informações advindas dos ramos das ciências humanas – etnohistória, etnografia, etnologia, lingüística e arqueologia – com os dados cronológicos advindos das ciências exatas, permitiu montar um quadro de evolução histórica das populações do semi-árido potiguar, o qual se buscou testar através de análises arqueológicas. Afinal, parafraseando o autor supracitado, se a pré-história das Américas não for a pré-história dos grupos indígenas, será a pré-história do quê? (Brochado, 1984).

Assim, no primeiro capítulo foram apresentados os antecedentes arqueológicos e etnohistóricos, que foram utilizados como referencial teórico para a formulação da presente tese. Foi dividido em duas partes, sendo a primeira dedicada ao contexto arqueológico da área arqueológica do Seridó e de outras regiões do estado do Rio Grande do Norte; e a segunda, dedicada ao contexto etnohistórico e a descrição das populações indígenas que habitaram a região. Nesta, buscou-se identificar elementos materiais – cultura material, territorialidade, aspectos físicos e culturais relevantes – que permitissem a correlação destes dados com os dados arqueológicos do Seridó potiguar.

No segundo capítulo foram tratados os princípios teóricos e as definições conceituais, que permitiram a formulação da abordagem metodológica aqui proposta. Também foi dividido em dois segmentos, onde o primeiro trata das definições conceituais necessárias para a viabilização deste trabalho, com o refinamento de conceitos como: território de domínio, padrão de assentamento, grupos ceramistas, cultura material, práticas funerárias, endocanibalismo e analogia etnográfica. No segundo segmento foram apresentados os problemas científicos identificados, os objetivos do presente trabalho, as hipóteses que se pretende verificar e a abordagem metodológica selecionada para sua verificação.

Como este trabalho pretendeu uma abordagem espacial dos sítios em questão, no terceiro capítulo procurou-se determinar o recorte espacial em que se está trabalhando. Dessa maneira, foram descritos os aspectos físicos e ecológicos da área arqueológica do Seridó, focando nas reconstituições paleoclimáticas recentemente realizadas, que permitiram a definição de um padrão de mudança climática, ao longo de todo o Holoceno (Mutzenberg, 2007). Na sua segunda seção, foram tratados os aspectos culturais do

espaço selecionado, a área arqueológica do Seridó. Nesse sentido, através da documentação histórica e da análise toponímica de alguns desses documentos (Teensman, 2000), buscou-se a identificação do território manejado pelas culturas indígenas que habitavam a região, até o século XVII. Logo, foi possível definir um espaço que, de acordo com os dados verificados, foi possível relacionar a um grupo étnico historicamente conhecido, os Tarairiú, e a área arqueológica do Seridó.

No capítulo 4 foram descritos os sítios aqui analisados e as intervenções arqueológicas realizadas, assim como foram descritos os vestígios e estruturas arqueológicas registradas. Novamente, o mesmo foi dividido em duas partes. A primeira tratando do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, com a descrição de seus aspectos físicos e tipológicos, a descrição das campanhas arqueológicas realizadas e a apresentação dos vestígios e estruturas identificados. Na segunda parte, tratou-se do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, seguindo os mesmos procedimentos de apresentação dispensados para o sítio anterior.

No quinto capítulo buscou-se apresentar os vestígios arqueológicos utilizados para a verificação das hipóteses aqui propostas, com a descrição das análises laboratoriais realizadas. Dessa forma, o capítulo foi dividido em cinco (05) segmentos. No primeiro segmento, foram apresentadas as amostras utilizadas nas definições cronológicas necessárias para a concretização dos objetivos do presente trabalho. Foram também descritas, as análises estratigráficas realizadas em ambos os sítios, que foram possíveis através da definição crono-estratigráfica obtida. No segundo segmento foi apresentada a análise tecnológica realizada no material cerâmico coletado em ambos os sítios, visando com isto a definição de um perfil tecnológico cerâmico para as duas ocupações analisadas. No terceiro segmento foram apresentados os resultados das análises quantitativas realizadas, que permitiram a identificação de uma distribuição espacial diferenciada dos vestígios líticos e cerâmicos, nas duas ocupações. No quarto segmento, apresentou-se a descrição anatômica dos fragmentos ósseos humanos, registrados no sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. E, por fim, no quinto segmento, foram apresentadas as classificações propostas para os vestígios de trançado (restos vegetais antrópicos) identificados no sítio em abrigo.

O capítulo sexto foi dedicado a discussão dos resultados obtidos, com a realização das análises acima descritas, visando demonstrar os aspectos que permitiram a

confrontação das hipóteses propostas, com os dados arqueológicos conseguidos. Nesse sentido, buscou-se apresentar que, apesar do caráter de estudo de caso, os resultados permitiram definir não conclusões definitivas, mas uma linha de pesquisa que se pretende desenvolver, com a continuidade do estudo aqui iniciado.

Finalmente, no sétimo capítulo, procurou-se responder as questões aqui levantadas, mediante os resultados discutidos no segmento anterior. Dessa forma, foi demonstrada a plausibilidade das hipóteses interpretativas aqui propostas, ressaltando-se os limites identificados no registro arqueológico. Assim, antes de serem apresentadas respostas definitivas, este trabalho inicial permitiu a formulação de novas questões, decorrentes da verificação daquelas aqui apresentadas.

Em outras palavras, o caráter de estudo de caso e a abrangência das hipóteses aqui sugeridas transformam os resultados da presente tese em hipóteses de projeção futura, as quais necessitam da continuidade de uma linha de pesquisa com a perspectiva analítica proposta, para que seu alcance heurístico atinja a profundidade necessária para as verificações exigidas pela interpretação proposta: a relação identitária entre a cultura material arqueológica da área do Seridó potiguar e as populações etnohistóricas aí registradas – os Tarairiú.

Como têm sido demonstrados por estudos etnohistóricos recentes, os sertões nordestinos estavam povoados por uma diversidade de grupos indígenas, relacionados a várias etnias e organizações sócio-culturais diferentes. Denominadas de *Tapuya*, *Tapuias*, *Tapuios*, o contato com estas populações autóctones interioranas se deu em contexto histórico específico, a expansão pecuarista para os sertões nordestinos, a qual considerou estas populações como obstáculos aos interesses coloniais. Dessa forma, poucos e imprecisos foram os relatos deixados, que se referem a estas populações (Medeiros Filho, 1984; Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Medeiros, 2002; Pompa, 2003; Santos Júnior, 2008). O próprio termo *Tapuya*, palavra de origem tupi que significa “inimigo” ou “moradores do oeste” (Lindoso, 2007), já impõe um obstáculo na identificação cultural desses grupos, tendo em vista que engloba uma diversidade étnica bem maior do que aquela reconhecida pela documentação.

Em outras palavras, a realidade étnica do território brasileiro, no período colonial, era percebida através de uma lente dicotômica, que opunha os falantes do Tupi-guarani e os não-falantes dessa língua. Levando-se em consideração a diversidade lingüística

atualmente reconhecida para a América do Sul (Urban, 1998; Rodrigues, 2002), o termo *tapuya* generaliza uma variedade etno-lingüística que impede, em alguns casos, a identificação precisa dos grupos culturais referidos na documentação histórica.

No Nordeste brasileiro, do ponto de vista lingüístico, são reconhecidos dois grandes grupos: o Kariri, relacionado ao tronco lingüístico Macro-Jê; e o Tarairiú, classificado como língua isolada¹. Além de outras línguas isoladas de menor alcance territorial. Por este motivo, G. Urban (1992) considera que o Nordeste brasileiro pode ser compreendido como um antigo foco de dispersão lingüística, onde o modelo de processo histórico e social definido na fórmula “uma língua = uma comunidade” é facilmente reconhecido nos grupos indígenas descritos histórica e etnograficamente.

Em trabalho pioneiro e ainda hoje válido², Thomas Pompeu Sobrinho divide os grupos indígenas do Nordeste brasileiro em três (03) áreas que ele denomina de “proto-coloniais”:

1. **Litorânea:** onde se localizavam os Tupinambá costeiros, interiorizando-se até a Serra de Ibiapaba (CE) e pelos sertões do vale do R. São Francisco (Caeté, Potiguara, Tupinambá, Tabajara, entre outros);
2. **Sub-litorânea:** onde se localizavam os Tarairiú, grupo formado por diversas nações e/ou tribos aliadas ou inimigas (Janduí, Canindé, Paiacu, Ariú, Xukuru, Jenipapo, Javó, Ariú, Icó, entre outros), distribuídas no atual território do estado do Rio Grande do Norte e em porções da Paraíba e do Ceará;
3. **Interior:** ocupado pelos Kariri, localizados ao sul do vale do São Francisco (BA), nos sertões pernambucanos e paraibanos, e provavelmente, em áreas isoladas do Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão (Kipeá, Dzubukuá, Bultrim, Kariri-assu, Kariú, entre outros). (Pompeu Sobrinho, 1934; Lindoso, 2007).

Nesse sentido, o termo *tapuya*, engloba diferenças culturais marcantes, que se refletem tanto na língua como na cultura material desses povos. Como exemplos mais evidentes, podem ser citados os Tarairiú e os Kariri. Segundo os relatos de cronistas que

¹ Línguas que não possuem relação conhecida com outras línguas ou famílias lingüísticas, as quais são extremamente relevantes na compreensão das fases mais antigas da história cultural do território brasileiro, anteriores a 4000-5000 a. C. (Urban, *op. cit.*, Rodrigues, *op. cit.*)

² Pompeu Sobrinho, Thomas. *Os Tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Herckman*. **Revista do Instituto do Ceará**, t. XLVIII. Fortaleza: 1934.

entraram de alguma forma em contato com esta população, os Tarairiú caracterizavam-se principalmente pela prática do endocanibalismo³ – Jacob Rabi (1637), Joannes de Laet (1637), Jorge Marc Grave (1638), Elias Herckman (1644), Rodolfo Baro (1647), Gaspar Barleus (1647), Guilherme Piso (1658). A recorrência dessa prática funerária – nas fontes primárias acima citadas – levou alguns autores a considerar este costume, como um marcador cultural determinante, na identificação deste grupo indígena. No entanto, considerando-se a ausência de uma comprovação do registro arqueológico desta prática funerária, a mesma foi aqui considerada uma hipótese que ainda precisa de comprovação.

Além desta característica, são descritos com grupos nômades, sem residência fixa. Na maioria destas descrições etnohistóricas, este padrão de assentamento era interpretado como um movimento errático, que opunha tais populações do interior às populações litorâneas, mais “civilizáveis” porque sedentárias e agricultoras. Por outro lado, um olhar mais refinado desta mesma documentação permite identificar populações regidas por uma economia de caça e coleta, que possuíam um território bem delimitado, o qual era manejado de acordo com a disponibilidade dos recursos e o ciclo anual.

No que diz respeito à cultura material desses povos, foram descritos: uso de propulsores de dardos; o uso de pontas líticas lascadas; o uso de artefatos fabricados em fibras vegetais; o uso reduzido de uma tecnologia cerâmica simples; uso de adornos em material lítico polido. Por outro lado, apesar da unanimidade documental em caracterizar o grupo como caçador-coletor, alguns relatos permitem vislumbrar a prática de uma agricultura incipiente, que consistia mais em um complemento a dieta básica, que era constituída basicamente de produtos silvestres (Medeiros Filho, 1984).

Já os Kariri, foram reconhecidos pelo assentamento em aldeias fixas e pela prática de uma agricultura bem desenvolvida (Pompa, 2003; Lindoso, 2007). Nesse sentido, eram caracterizados por um padrão de assentamento sedentário, o que por si só, já demarcava diferenças culturais bem nítidas entre os dois grupos. Outro fator que também permite esta distinção é a prática do sepultamento em urnas funerárias. No que diz respeito à cultura material dos Kariri, foram descritos o uso de arcos e flechas e a confecção de uma cerâmica com decoração plástica. Os outros elementos da cultura material desses dois povos, em alguns aspectos, apresentam mais similaridades, que divergências. Ao ponto

³ Ritual funerário no qual as carnes do defunto são consumidas assadas e os ossos e cabelos, calcinados e pulverizados, são misturados a uma beberagem e ingeridos.

de, Estevão Pinto, em seu estudo sobre os Pankararu de 1938⁴, apontar para um fator cultural comum a todos esses povos interioranos. Além do hábito de dormir no chão, do uso reduzido da cerâmica, do tabaco e de isqueiros de pedra, “*o autor adverte sobre a importância do uso da palha na confecção de utensílios (...) [e] refere-se a uma verdadeira ‘civilização da palha’ (...)*” (Lindoso, 2007).

No caso dos Tarairiú, a ênfase dada a utensílios de fibra vegetal, segundo as fontes etnohistóricas que os descreveram, era ainda maior, restringindo os outros artefatos da sua cultura material a alguns instrumentos líticos, lascados e polidos, raras vasilhas cerâmicas e artefatos fabricados em madeira.

Como será apresentado nos capítulos seguintes, através da confrontação destes dados etnohistóricos com os dados arqueológicos obtidos na área arqueológica do Seridó, foi possível traçar um paralelo entre as áreas descritas na documentação histórica, com os territórios habitados por tribos tapuias, denominadas de Tarairiú, e o perímetro geomorfológico que delimitada a área arqueológica. Além dessa convergência espacial, outros aspectos culturais e de subsistência também foram identificados no registro arqueológico da região do Seridó potiguar, como é o caso de algumas continuidades na cultura material da região, as quais perduraram até o século XVII (ver Capítulo 1, segmento 1.2).

Considerando-se a ênfase dada a matérias-primas perecíveis, do ponto de vista arqueológico, a possibilidade de conservação de uma cultura material deste tipo é bastante reduzida, restando apenas os vestígios não perecíveis, que de forma alguma refletem todo o universo material utilizado por esses povos. Classificados como **vestígios fugazes**, o registro arqueológico desses grupos humanos, quase sempre se reduz a lentes de cinzas e carvão de antigas fogueiras e a vestígios de fibras e restos vegetais, que na maioria das vezes são perdidos durante a própria escavação dos níveis arqueológicos; além, é claro, de alguns fragmentos de material lítico e cerâmico.

Esta situação traz à tona o caráter ambíguo das fontes provenientes das ciências humanas. Sejam elas históricas ou antropológicas – tendenciosas e parciais – ou arqueológicas – fragmentárias e lacunares (Schnapp, 1988). Nesse sentido, um estudo arqueológico que pretende relacionar uma cultura material arqueológica a uma cultura

⁴ Pinto, Estevão. *Alguns Aspectos da Cultura Artística dos Pankararu de Tacaratu*. In: RSPHAN, n. 2. (Apud, Lindoso, 2007)

material antropológica, depara-se com os limites heurísticos inerentes ao próprio objeto arqueológico.

Nesse sentido, a abordagem aqui adotada baseou-se na análise da cultura material de dois sítios arqueológicos, relacionados espacialmente. A análise arqueológica destes dois sítios, por sua vez, buscou verificar hipóteses construídas a partir de fontes etnohistóricas, lingüísticas e antropológicas, primárias e secundárias. Em outras palavras, utilizou-se de dados oriundos de ramos das ciências humanas, que permitiram formular hipóteses verificáveis através da metodologia arqueológica. Contudo, isto só foi possível devido às características tipológicas verificadas nos dois sítios arqueológicos em questão: o sítio Furna do Umbuzeiro e o sítio Baixa do Umbuzeiro.

Tal abordagem, contudo, deve privilegiar parâmetros materiais e específicos, para que seja viável e seu resultado plausível. Primeiramente deve ser ressaltado o parâmetro cronológico; é praticamente impossível estudar arqueologicamente grupos proto-históricos, sem uma definição temporal para os sítios que estão sendo analisados nesta perspectiva. Por outro lado, uma definição temporal não é o bastante. Mostra-se necessária uma abordagem interdisciplinar dos dados obtidos. Além da utilização de dados provenientes das ciências humanas, revela-se de extrema importância o uso de análises espaciais, ambientais, paleoambientais e ecológicas, as quais permitem a inserção da cultura arqueológica em análise, num determinado contexto ambiental, que permitirá a formulação de inferências econômicas e sociais.

Isto demonstra claramente o caráter interdisciplinar que os estudos pré-históricos exigem para que as relações entre vestígios arqueológicos e culturas antropológicas possam ser realizadas. No entanto, nem todos os arqueólogos são adeptos desta postura e, em alguns casos, chegam mesmo a negar a possibilidade de tal relação. Principalmente, no que diz respeito ao estudo das tradições ceramistas, registradas no Nordeste brasileiro. Porém, “(...) *others investigators assumed that this kind of relationship can be established between linguistic families and ceramic traditions, even in times far removed from the ethnographic present* ⁵.” (Brochado, pp. 70, 1984). Como mencionado acima, a correlação espacial identificada por Brochado, em sua tese de doutorado (1984), entre as tradições ceramistas definidas e os grupos indígenas, históricos ou contemporâneos,

⁵ “(...) outros investigadores afirmam que este tipo de relação pode ser estabelecida entre famílias lingüísticas e tradições cerâmicas, mesmo em tempos distantes do presente etnográfico.”

permitiu estabelecer este postulado para a análise das tradições ceramistas do leste sul-americano.

Finalizando este segmento, outro fato merece ser destacado. Nos últimos levantamentos realizados na área arqueológica do Seridó, realizados nos municípios de Tenente Laurentino e São Vicente, localizados na Serra de Santana – RN, foram identificados sítios lito-cerâmicos a céu aberto, que foram classificados como pertencentes à Tradição Polícroma Amazônica, subtradição Tupinambá. Em apenas dois meses de campanha arqueológica registrou-se quase uma dezena de assentamentos de grandes proporções, o que vem caracterizando a área por uma grande potencialidade arqueológica. Concentrados no topo da imensa chapada que forma a Serra de Santana, estes sítios Tupinambá parecem respeitar uma possível fronteira cultural, refletida no caso na distribuição dos sítios arqueológicos identificados. De certa forma, aquilo que até o momento os dados permitem perceber, é que existe uma fronteira ecológica, entre os dois horizontes culturais identificados: na Depressão Sertaneja, sítios que podem ser relacionados aos Tarairiú; nos planaltos que a circundam na região, sítios relacionados à cerâmica Tupinambá. Até o presente momento, essa distribuição espaço-cultural parece ser uma constante, que só poderá ser verificada futuramente, com a ampliação das pesquisas na região.

Este tipo de fronteira arqueológica e cultural já havia sido verificado na distribuição espacial das tradições, subtradições e estilos rupestres da área arqueológica do Seridó (Martin, 2003). Nesse sentido, foi verificada uma concentração da tradição Nordeste, subtradição Seridó, nos municípios de Carnaúba dos Dantas, Parelhas e regiões circunvizinhas. Em outros municípios da região, os sítios registrados estão relacionados a horizontes gráficos mais recentes, como a tradição Agreste e a tradição Itacoatiara (Martin, 2008).

Neste caso, resta perguntar:

“Por que mais do que se conhecer qualquer aspecto das culturas indígenas do Brasil, (...) nos interessam tanto essas origens, essas datas antigas [para o povoamento da América]?” (Martin, pp.23, 2002).

Buscando romper com este viés analítico, que tem caracterizado muitos trabalhos arqueológicos contemporâneos, esta tese pretende estabelecer perguntas, a partir dos

primeiros níveis de ocupação dos sítios em análise. Somente verificando a relação que possa existir entre registro etnohistórico e registro arqueológico da região, é que poderemos aprofundar o conhecimento e a interpretação dos níveis com cronologias mais antigas. Apenas dessa maneira, será possível definir enclaves pré-históricos para a área arqueológica do Seridó.

2. CAPÍTULO 1: ANTECEDENTES ARQUEOLÓGICOS E ETNOHISTÓRICOS

2.1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS: CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

A área arqueológica do Seridó abarca mais de cinquenta (50) municípios, nos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte e encontra-se localizada nos extremos ocidentais do Planalto da Borborema (**Figura 02**). Nesta região foi identificada uma gama de sítios arqueológicos, que remontam desde períodos iniciais do Holoceno – ± 10000 AP – até períodos proto-históricos e históricos, os quais fornecem uma linha histórica contínua de povoamento humano com poucos precedentes na arqueologia brasileira (Martin, 2008). A crono-estratigrafia estabelecida para a região foi obtida através da escavação de dois sítios-cemitério, que serão mais bem descritos nos parágrafos seguintes: o sítio arqueológico Mirador, em Parelhas, e o sítio arqueológico Pedra do Alexandre, em Carnaúba dos Dantas, ambos no estado do RN.

No entanto, sítios identificados pela sua tipologia ou relação espacial, que podem ser associados aos períodos proto-históricos e históricos de povoamento da região – como é o caso dos sítios Fazenda Carnaúba de Baixo e Riacho das Relíquias, ambos localizados no município de Carnaúba dos Dantas, RN (Martin *et alli*, 2008) – têm demonstrado a possibilidade de estudos que visem a identificação de um processo de longa duração de povoamento de uma região delimitada: a área arqueológica do Seridó.

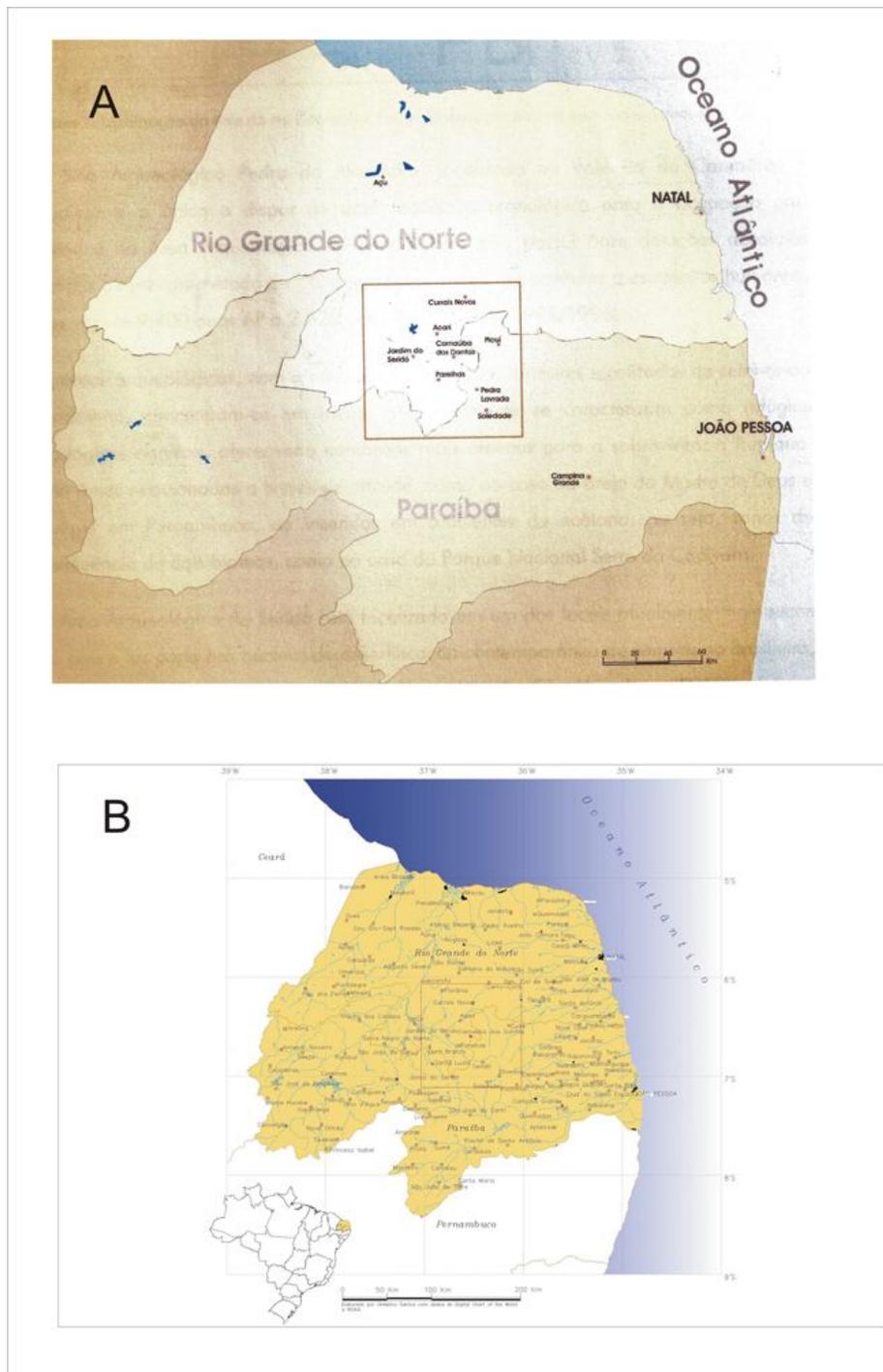


Figura 02: Mapa de representação da área arqueológica do Seridó, delimitada em vermelho, nos Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, Brasil. A) Divisão geopolítica, fonte: Mutzenberg, 2007; B) Mapa de representação da área arqueológica do Seridó, sem divisão geopolítica. Fonte: *Digital Chart of the World/NDAA* – Elaboração: Onésimo Jerônimo.

Como **área arqueológica** compreende-se

“[uma] categoria de entrada para o início e a continuidade sistemática de uma pesquisa, [a qual] deve ter limites flexíveis dentro de uma unidade ecológica que participe das mesmas características geo-ambientais. Com o andamento das pesquisas e o estudo sistemático dos sítios arqueológicos, podem se obter crono-estratigrafias fáticas de determinarem ocupações humanas espaço-temporais, demonstrativas da permanência humana (...) [dos] processos de adaptação (...) e [do] aproveitamento de recursos. Chegados a essa etapa do conhecimento, podemos fixar a existência de um enclave pré-histórico, como categoria de saída. Assim, as áreas arqueológicas teriam limites geográficos, entretanto que, os enclaves pré-históricos têm categoria cultural e cronológica.” (Martin, pp. 13, 2003; Martin, pp.89, 2008).

Nesse sentido, após quase trinta (30) anos de pesquisa, os dados arqueológicos obtidos através desta sistematização das pesquisas permitem direcionar as conclusões para um maior refinamento do conceito de área arqueológica, visando à determinação de enclaves pré-históricos.

Os principais sítios que foram registrados na região são assentamentos em abrigos sob-rocha, localizados nas serras que delimitam os vales fluviais da bacia hidrográfica do Piranhas-Açu, nos quais foi registrada uma diversidade de registros rupestres, pertencentes às principais **tradições gráficas**¹ definidas para a região Nordeste do Brasil: Tradição Nordeste, Tradição Agreste e Tradição Itacoatiara (Martin, 2008). Na maioria das vezes, localizados em áreas pouco propícias para a ocupação humana, estes sítios rupestres apresentam pouca ou nenhuma possibilidade de escavação. Este fato dificulta uma relação com níveis arqueológicos, que permitiria uma definição cultural para os grupos autores dos registros gráficos (Martin, 2008).

¹ Tradições gráficas: “*Horizontes culturais determinados por diversas variáveis do registro arqueológico*” (Martin, pp. 340, 1996); “*Compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, (...) pertençam aos mesmos grupos étnicos (...)*” (Martin, pp. 234, 2008); mas que “*representam identidades culturais de caráter geral*” (Pessis, 1992).

No que diz respeito às pesquisas arqueológicas realizadas na região, as mesmas podem ser divididas em quatro (04) períodos de investigação:

1. **Pesquisas amadoras:** realizadas por José de Azevedo Dantas, autodidata e natural de Carnaúba dos Dantas, que na década de 1920 percorreu alguns municípios da região, registrando a mão livre os painéis rupestres por ele encontrados. Contidos em um manuscrito (Dantas, 1994) publicado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pelo Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGPB), estes registros serviram como guia para as pesquisas sistemáticas que tiveram início na década de 1980, sob a coordenação da Prof^a. Gabriela Martin. Segundo Martin, Dantas foi o precursor do conceito de tradições gráficas, cinquenta (50) anos antes de seu estabelecimento, ao identificar “*duas civilizações, dous povos diferentes*” (Dantas, 1994; Martin, 2008; Macedo, 2009).
2. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA):** amplo projeto arqueológico que marcou o início da arqueologia científica no Brasil. Foi coordenado pelos arqueólogos americanos Clifford Evans e Betty J. Meggers e tinha como principal objetivo formular um quadro geral da pré-história da América do Sul. Os arqueólogos responsáveis pelo estado do Rio Grande do Norte foram Nássaro A. S. Nasser e Elisabeth Mafra Cabral, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Percorreram tanto o litoral como o interior do estado, registrando sítios cerâmicos (Tradição Tupi-guarani – fase Curimataú e Tradição Papeba) e sítios rupestres (Násser, 1974; Martin, 2008; Macedo, pp. 30, 2009).
3. **Salvamentos arqueológicos:** período de atuação conjunta entre a UFRN e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com início no final da década de 1960 até o início da década de 1980. A região do Seridó potiguar foi pesquisada por Oswaldo Câmara de Souza e Carlos Lyra, que percorreram os municípios de Caicó, Cruzeta, Jardim do Seridó, Santa Cruz, Currais Novos, Acari e Carnaúba dos Dantas, onde registraram sítios com grafismos rupestres: pinturas e gravuras. No período de 1976 a 1985, o Instituto de Antropologia da UFRN realizou salvamentos arqueológicos em áreas de implantação de empreendimentos do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS). Os pesquisadores envolvidos foram: Nássaro

Nasser, Armand F. G. Laroche, Tom Miller e Vicente G. Tassone. Através de parcerias com as prefeituras locais, objetivavam delimitar um mapa do povoamento pré-histórico do estado, no qual foram registrados tanto sítios com registros gráficos, como sítios a céu aberto, classificados como oficinas líticas relacionadas a grupos caçador-coletores. Baseado nos resultados destes trabalhos, Laroche definiu a Tradição Potiguar de indústria lítica.

4. **Pesquisas sistemáticas:** na década de 1980, a partir da descoberta do manuscrito de José de Azevedo Dantas, o Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA) da UFPE, coordenado pela Prof^a. Gabriela Martin, deu início a implantação de um programa de pesquisas arqueológicas com objetivos definidos, os quais buscavam compreender as rotas de dispersão das tradições gráficas registradas e as rotas de povoamento da região Nordeste. Concentrando as pesquisas no estudo dos registros gráficos, estabeleceu-se uma relação de identidade entre os sítios rupestres potiguares e os sítios identificados no estado do Piauí, pela Prof^a. Niède Guidon, os quais foram inseridos no horizonte cultural da Tradição Nordeste (Martin, 2008). Foi então definido o Estilo Seridó² da Tradição Nordeste (Martin, pp.55, 1982), o qual foi posteriormente reclassificado como Subtradição Seridó³. Foram registradas outras tradições gráficas como: a Tradição Agreste, de pinturas rupestres e a Tradição Itacoatiara, de gravuras rupestres. Mediante a diversidade gráfica identificada foi formulada a hipótese de que a área arqueológica do Seridó havia sido povoada por diversos grupos pré-históricos, que se relacionavam a períodos distintos de povoamento. As pesquisas foram então orientadas na verificação desta diversidade cultural primeiramente percebida e para a identificação de uma rota de povoamento oriunda da Serra da Capivara – PI, em direção ao Seridó potiguar (Martin, 2008).

Contudo, as primeiras observações de Martin já apontavam para o fato que

“(...) os sítios que abrigam as belas pinturas do Seridó não eram lugares de habitação e supomos que o ‘habitat’ dos artistas (...)

² Estilo: Evolução e desenvolvimento de uma subtradição, inferido a partir da sobreposição de grafismos (Martin, 1996). “*É a classe mais particular (...) de uma subtradição segundo as variações da técnica e da apresentação gráfica, com inovações temáticas (...)*” (Pessis, 1992)

³ Subtradição: “*(...) grupo desvinculado da tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico diferente, que implica na presença de elementos novos.*” (Martin, pp. 235, 2008)

deveria localizar-se em aldeias perto dos rios que formam a bacia do Seridó e seus afluentes (...) – grifo nosso (Martin, pp. 81, 1985).

Localizados geralmente em altas vertentes – 350m a 500m – os sítios rupestres estavam sempre próximos a cursos d’água sem, entretanto, fornecer condições para ocupação humana prolongada. Desta maneira, “[os] sítios não parecem ter sido lugares de habitação, o que nos levaria a pensar em sítios cerimoniais.” (Martin, pp.53, 1993).

O sítio Mirador consiste em um abrigo sob-rocha granítica, localizado a meia encosta da Serra das Queimadas, às margens da represa do Rio Seridó. Os painéis rupestres identificados, em número de cinco (05), são constituídos de grafismos reconhecíveis de pequenas dimensões (em média de 5 cm a 15 cm), com grande riqueza temática e cenográfica, que permitiram sua classificação na subtradição Seridó da Tradição Nordeste de pinturas rupestres. Apresentou uma área passível de escavação de tamanho reduzido, por outro lado, o sedimento acumulado em seu interior encobria alguns grafismos do painel principal⁴. O nível arqueológico identificado apresentou 60 cm de espessura e estava soterrado por uma lente de blocos do próprio abrigo, arrumados de maneira intencional. Em 30 cm de profundidade, foram identificados enterramentos infantis perturbados por covas de animais. Associados a esses sepultamentos foram identificados restos faunísticos e adornos confeccionados em osso e material malacológico. Os fragmentos de carvão que forneceram a data acima mencionada foram coletados em uma profundidade de 60 cm. Os enterramentos infantis não foram relacionados aos grupos autores das pinturas. Foram realizadas outras sondagens, em áreas que também apresentaram acúmulo sedimentar, contudo, estas se mostraram estéreis (Martin, pp.81, 1985). Infelizmente, após a realização dessa primeira campanha arqueológica, a área de escavação do sítio foi destruída pelo proprietário do terreno em busca de ouro, o que impossibilitou a continuidade das pesquisas no mesmo (Martin, 2008).

Neste ínterim, foi localizado o sítio arqueológico Pedra do Alexandre, em Carnaúba dos Dantas – RN. Caracterizado como um abrigo sob-rocha metamórfica

⁴ Nicho abaulado no abrigo, que apresenta uma maior densidade de grafismos e alto índice de sobreposição dos mesmos.

(micaxisto), encontra-se assentado no sopé de uma serra na margem direita do Riacho do Ermo e apresenta uma mancha gráfica, dividida em quatro painéis rupestres (Torres, 1995/1996; Martin, 2008), nos quais puderam ser identificados grafismos pintados da Tradição Nordeste, da Tradição Agreste e grafismos gravados (Martin, 2008) (**Figura 03**). No período de 1990 a 1996, foram realizadas treze (13) campanhas arqueológicas (**Tabela 1**) nas quais foram identificados vinte e três (23) sepultamentos, contanto ao todo vinte e oito (28) indivíduos, distribuídos em enterramentos primários e secundários, simples ou coletivos (**Figura 04**). Geralmente associados a fogueiras, sete (07) destes enterramentos forneceram uma seqüência cronológica de 9400 a 2620 anos A. P. (**Tabela 2**) obtida a partir de fragmentos de carvões datados pelo ^{14}C (datações radiocarbônicas). (Mutzenberg, 2007; Martin, 2008). As últimas ocupações do abrigo, posteriores há 2600 anos A. P., consistiram em fogueiras reutilizadas onde foram identificados alguns fragmentos de material cerâmico, fragmentos de material lítico lascado em quartzo e sílex, raspadores e um (01) machado polido (Martin, 1995/96; Fontes, pp.13, 2003). Estes vestígios foram evidenciados em uma coluna crono-estratigráfica de aproximadamente 2m de profundidade, que foi formada pelas sucessivas ocupações que ocorreram no abrigo (Mutzenberg, 2007).

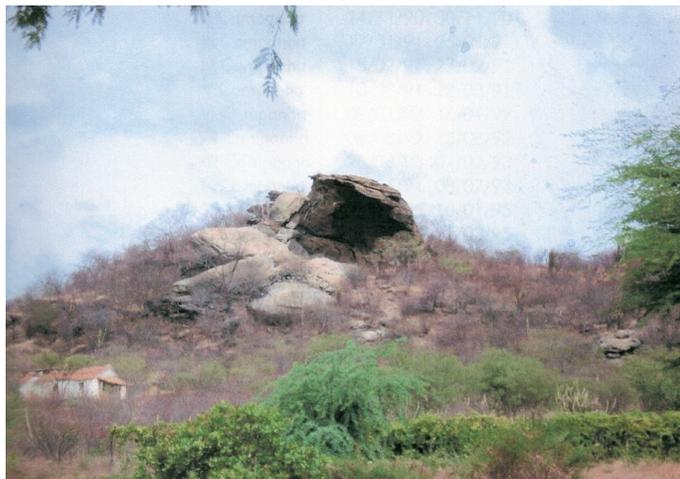


Figura 03: Sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Foto: Demétrio Mutzenberg.

Tabela 02: Campanhas arqueológicas no sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Mutzenberg, 2007.

Campanha	Início	Término
I Campanha	01/11/90	10/11/90
II Campanha	24/11/90	30/11/90
III Campanha	17/01/91	25/01/91
IV Campanha	15/02/91	27/02/91
V Campanha	13/08/91	22/08/91
VI Campanha	09/01/92	16/01/92
VII Campanha	06/08/92	15/08/92
VIII Campanha	28/06/93	07/07/93
IX Campanha	28/06/94	08/07/94
X Campanha	02/01/95	10/01/95
XI Campanha	17/03/95	31/03/95
XII Campanha	23/10/95	30/10/95
XIII Campanha	15/08/96	30/08/96

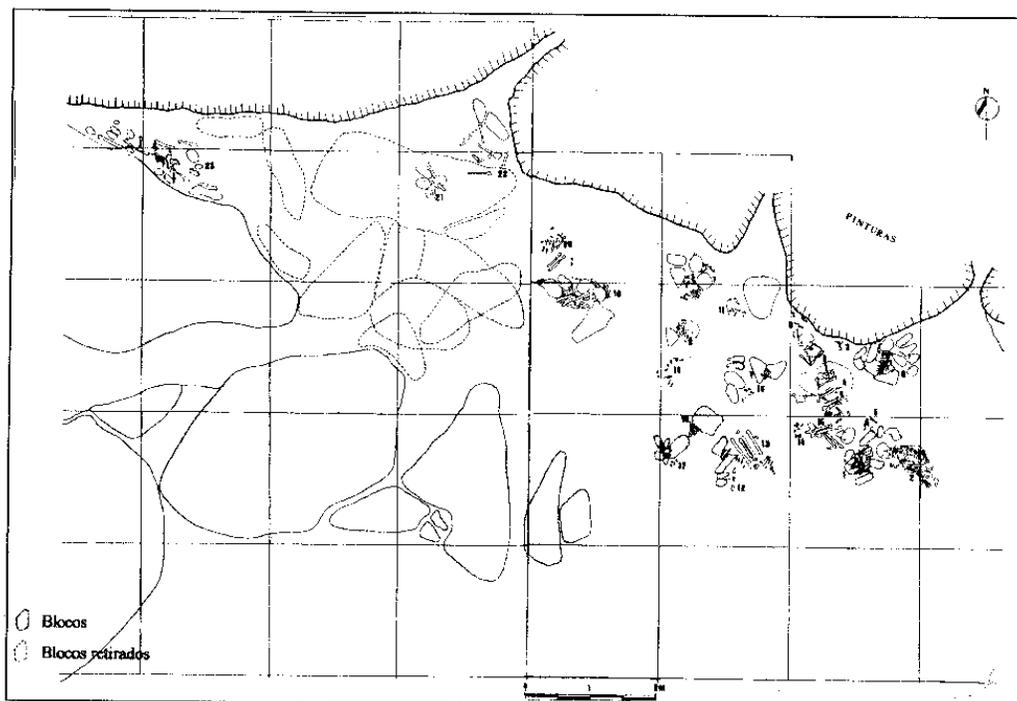


Figura 04: Planta-baixa de representação dos sepultamentos do sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Martin, 2008.

Tabela 03: Datações radiocarbônicas do sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Mutzenberg, 2007.

Nº	DATAÇÃO AP	SETOR	QUADRANTE	CAMADA	NÍVEL	PROF. (cm)	MATERIAL
CSIC-1061	2620 +/- 60	II - IV	A - B	1	2	52,00	Sepultura 7
CSIC-1053	2750 +/- 40	IV	B	2	1	61,00	Sepultura 9
CSIC-945	2860 +/- 25	XI	B	1		18,00	Nível da Sepultura 9
CSIC-966	2890 +/- 25	IV	B	2	1	61,00	Sepultura 9
CSIC-1054	4160 +/- 70	XI	C			63,00	Sepultura 2
CSIC-943	4710 +/- 25	XI	C	2		66,00	Sepultura 1
CSIC-1060	5790 +/- 60	V	A	2	3	81,50	Sepultura 6
CSIC-1052	6010 +/- 60	XI	B			55,00	Nível inferior à Sepultura 1
CSIC-965	8280 +/- 30	V	A	3	1	84,50	Sepultura 4
CSIC-967	9400 +/- 35	V	A	1	3	47,50	Sepultura 3
CSIC-1051	9400 +/- 90	XI	B	1	3	42,00	Nível da Sepultura 3

Juntamente com o sítio Mirador, o Pedra do Alexandre apresenta uma das datas mais antigas para a presença humana no Nordeste brasileiro (Martin, 2008). Entretanto, não é este o seu aspecto mais relevante para o presente trabalho. Apesar da diversidade tipológica de enterramentos e da diversidade gráfica identificada no sítio, existe uma regularidade que pode ser percebida nos sepultamentos primários e/ou secundários. Todos os enterramentos evidenciados foram realizados em covas circulares, onde foram depositadas lajes planas e ovóides de quartzito ou micaxisto, as quais ora delimitavam as covas, ora eram depositadas sobre os próprios cadáveres (Silva, 2003; Mutzenberg, 2007; Martin, 2008). Sobre essas lajes foram acesas fogueiras, estruturadas com fragmentos de rochas (quartzo e/ou micaxisto), nas quais foi registrada a presença de vestígios faunísticos e restos de lascamentos, provavelmente vestígios do banquete fúnebre (Martin, 2008). Outra recorrência que pode ser apontada foi a utilização de pigmento vermelho, nos enterramentos secundários e infantis; o baixo índice de mobiliário fúnebre, nos enterramentos masculinos e primários; e a ausência dos mesmos nos enterramentos primários femininos (Martin, 1994; Martin, 1995/96; Martin, 2008) (**Figura 05**).

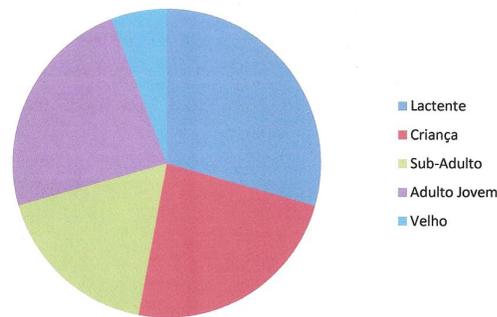


Figura 05: Gráfico de representação da distribuição por idade de 17 indivíduos analisados por Alvim *et alli*, 1995/1996. Fonte: Mutzenberg, 2007.

Através de estudos funerários realizados em sítios do tipo sambaqui foi verificado que a diversidade tipológica nos sepultamentos devia-se mais ao *status* do morto do que a uma variação cronológica ou cultural (Martin, pp. 38, 1994). Outros estudos arqueológicos e estudos etnográficos também têm demonstrado que a variedade das práticas funerárias pode ser explicada antes pelo tipo de morte, pelo *status* social e/ou gênero/idade do indivíduo sepultado (Martin, pp. 45, 1994; Ribeiro, 2007; Silva (b), 2008). Nesse sentido, as regularidades observadas nos sepultamentos do sítio Pedra do Alexandre podem indicar um conservadorismo funerário, com a manutenção de práticas de duração milenar (Martin, pp. 42, 1994). Nesse sentido, os modos de inumação dos cadáveres – sejam em enterramentos primários como em enterramentos secundários – os quais foram realizados em covas circulares, demarcadas com lajes planas e ovóides, com a preparação de fogueiras sobre as mesmas e o sepultamento, apontam para práticas funerárias relacionadas a um universo simbólico comum.

Outro fato que vale a pena ser ressaltado é a inexistência, até o momento, de enterramentos posteriores a data de 2600 A. P. A ausência de sepultamentos neste período final, pode indicar ou uma modificação nas tradições funerárias dos grupos humanos que ocuparam o sítio, ou mesmo a chegada de um novo grupo cultural na região. Entretanto, responder esta questão foge da alçada do presente trabalho, tendo em vista a necessidade de novos dados arqueológicos para a formulação de uma resposta plausível para o fato. Para os objetivos do presente trabalho, interessa salientar que esses níveis de ocupação posteriores a \pm 2600 A.P. podem estar relacionados uma prática funerária muito comum a

várias populações ameríndias: o endocanibalismo (Martin, pp. 42, 1994; Silva (b), 2008). Como veremos mais adiante, estas últimas ocupações no abrigo, apresentam características morfológicas que se relacionam diretamente com os níveis arqueológicos evidenciados no sítio Furna do Umbuzeiro.

Os dados antropométricos obtidos nos esqueletos identificados no sítio Pedra do Alexandre, também se mostram relevantes para o que se pretende demonstrar aqui. Apesar da amostra reduzida e do avançado estado de degradação da mesma, foi possível realizar uma análise morfoscópica⁵ que permitiu a identificação de indivíduos doliocrâneos, com marcante dimorfismo sexual. Os indivíduos masculinos apresentaram esqueletos mais robustos e mais altos que os indivíduos femininos, que por sua vez eram mais baixos e gráceis. Mediante as distâncias biológicas observadas, foi possível sugerir a hipótese de que o universo da amostra analisado, no sítio Pedra do Alexandre, pertence a um mesmo sistema populacional, que persiste em várias regiões do Brasil, desde o início do Holoceno (Alvim *et alli*, 1995/96).

Em trabalho anterior, Alvim *et alli* (1990) compararam sessenta e cinco (65) variantes epigenéticas nos esqueletos de populações indígenas pré-históricas e contemporâneas. Através deste estudo chegaram a conclusões similares àquelas observadas no sítio Pedra do Alexandre. Identificaram que a média entre a distância destas variantes esqueléticas era inferior a qualquer distância esperada no interior de um mesmo sistema populacional. Ou seja, a estabilidade temporal identificada nessas populações permite afirmar, apesar das controvérsias que se tem levantando ultimamente (Neves, 2002; Prous, 2006), que as populações ameríndias, há pelo menos 10000 anos, possuem características fenotípicas comuns, que apontam para uma origem asiática e mongólica para as mesmas (Alvim *et alli*, 1995/96).

Quanto ao desgaste dentário, o universo analisado apresentou “(...) *desgaste moderado nos dentes superiores formando um sulco central como se os dentes estivessem divididos ao meio, similar aos casos registrados para o ‘Homem de Lagoa Santa’ (MG)*”

⁵ Universo de análise: vinte e sete (27) indivíduos, dos quais vinte e quatro (24) se prestaram para estudos osteobiográficos; dezessete (17), 62,96%, permitiram a identificação da faixa etária e do sexo – cinco (05) lactantes (29,42%); quatro (04) crianças (23,52%); três esqueletos sub-adultos masculinos (17,65%); quatro (04) adultos jovens, sendo três (03) masculinos e um (01) feminino – (32,52%); um idoso feminino (5,88%) – cinco (05) indivíduos permitiram reconstituir a morfologia craniana – três (03) crianças, cinco (05) masculinos e dois (02) femininos; e cinco (05), a reconstituição da morfologia intra-craniana. Os tipos de crânios identificados foram: crânios alongados (77,77% = sete (07) indivíduos), muito alongados (11,11% = um (01) indivíduo), arredondados (11,11% = um (01) indivíduo) (Alvim *et alli*, 1995/96).

(Alvim *et alli*, pp. 31, 1995/96). Este fato relaciona a população pré-histórica da área arqueológica do Seridó, com um dos grupos de vestígios humanos mais antigos encontrados na América do Sul, datados de ± 12000 A. P. (Alvim *et alli*, pp. 31, 1995/96). Além disso, pode indicar uma característica cultural em comum, entre estas populações: a preparação, com a ajuda dos dentes, de fibras vegetais e trançados na confecção de artefatos. Mais uma vez, destacamos esta como uma característica determinante para as hipóteses que serão apresentadas em seguida, neste trabalho.

Outros sítios arqueológicos que sofreram intervenções arqueológicas, na região do Seridó, foram: o Furna dos Caboclos (1996), o Furna do Cupim (1997), o Pedra do Vemvem (2001), o Olho D'água das Gatas (2000/01), o Pedra do Chinelo (2001), o Casa de Pedra (2001), o Serrote das Areias (2001) (Martin, 2008; Macedo, 2009), o Casa Santa (2006) (Martin, *et alli*, 2006) e o Sítio Lajedo (Moraes, 2008). Entretanto, para o presente trabalho, cabe aqui destacar apenas três (03) desses sítios.

- (1) Devido ao fato de estar localizado às margens do Riacho das Areias, na localidade do Lajedo, Carnaúba dos Dantas, RN – como o sítio aqui em análise – o sítio arqueológico Furna dos Caboclos merece ser mencionado. Neste sítio foram realizadas duas sondagens arqueológicas. Em ambas não foi registrada a presença de vestígios arqueológicos que pudessem ser relacionados à mancha gráfica do sítio, que apresenta grafismos pertencentes à Tradição Nordeste e à Tradição Agreste, com nítida sobreposição dos últimos sobre os primeiros (Martin, pp. 25, 2003; Martin, 2008). No entanto, a aproximadamente 15 cm de profundidade, foi registrada a presença de uma estrutura de combustão interpretada como “fogueira de caçador” (Oliveira, com. pess.⁶). Por este motivo, a fogueira não foi datada e as escavações suspensas. Infelizmente, a falta deste dado cronológico impediu a relação do sítio Furna dos Caboclos com o sítio Furna do Umbuzeiro.
- (2) O sítio arqueológico Casa de Pedra caracteriza-se como um abrigo sob-rocha xistosa, localizado no município de Carnaúba dos Dantas – RN. Diferente dos sítios anteriores, que apresentavam painéis pintados da Tradição Nordeste, subtradição Seridó e da Tradição Agreste, o Casa de Pedra apresentou um

⁶ A arqueóloga Cláudia A. de Oliveira foi a coordenadora de campo das intervenções arqueológicas realizadas no Sítio Furna dos Caboclos, das quais o presente autor participou como estagiário. (Martin *et alli*; 199)

painel de 9 m de comprimento de gravuras rupestres pintadas ou realizadas sobre manchas vermelhas. Foram identificados fragmentos cerâmicos, lascas de sílex, seixos com marcas de uso e um fragmento de óxido de ferro polido. Na área central da trincheira em cruz aberta no abrigo, foi identificada uma fogueira que estava assentada em uma base de blocos de micaxisto, em 50 cm de profundidade. No entanto, a fogueira foi revelada aos 5 cm de profundidade, já nas primeiras decapagens. O único artefato lítico coletado consistiu em um raspador plano-convexo de sílex. Os setenta e quatro (74) fragmentos cerâmicos coletados apresentaram como técnica de tratamento de superfícies o alisado. A sucessão de lentes de cinzas e carvão evidenciadas nesta estrutura de combustão aponta para uma reutilização do mesmo espaço para a preparação das fogueiras. Associadas a estas lentes de cinza e carvão, foram evidenciados fragmentos ósseos, animais e humanos. Entretanto, a baixa densidade dos vestígios ósseos humanos não permitiu a identificação de enterramentos primários e/ou secundários. Foi registrado apenas um nível de ocupação, assentado sobre a base rochosa do abrigo, o que foi interpretado como uma reutilização do espaço pelo mesmo componente cultural (Martin, 2008). Apesar de não haver sido definida uma cronologia para o sítio, o elementos evidenciados permitem estabelecer uma relação tipológica com o sítio Furna do Umbuzeiro, como será visto mais adiante.

- (3) Outro abrigo sob-rocha escavado na área arqueológica do Seridó, foi o sítio arqueológico Casa Santa, localizado no Riacho do Bojo, em Carnaúba dos Dantas – RN. Foram delimitadas três (03) áreas de escavação no sítio:
 1. Área I: localizada abaixo do painel rupestre, foram identificados fragmentos de carvão dispersos e fragmentos de rocha com manchas avermelhadas. No início das decapagens do segundo nível, foi evidenciada uma estrutura de fogueira, da qual se obteve a data de 479 ± 27 A. P. (530 – 455 cal A. P. – CSIC-2062). No final do segundo nível foi evidenciada a base da fogueira, além de alguns fragmentos de óxido de ferro.
 2. Área II: localizada na porção sul do abrigo e caracterizada por um maior acúmulo sedimentar, decorrente do carreamento de origem pluvial dos sedimentos. Foram identificados apenas alguns fragmentos de material lítico lascado (quartzo, sílex e quartzito) e fragmentos de óxido de ferro.

3. Área III: apresentava um sedimento com melhores condições de preservação. Foram identificados fragmentos de carvão dispersos nos níveis 4 e 6, no entanto, não foi identificada nenhuma estrutura de fogueira. Durante a escavação ficou evidente que a área foi intensamente perturbada por eventos de quedas de blocos.

Foram coletadas ao todo trinta e uma (31) peças líticas, localizadas principalmente na Área II. Como matéria-prima predominante, foi identificado o sílex, de origem exógena. Quanto à classificação tipológica foram registradas lascas de debitage e apenas três (03) artefatos (Martin *et alli*, 2006).

Os resultados das escavações realizadas na área arqueológica do Seridó foram considerados muito diversificados e sem homogeneidade. Os sítios apresentaram ocupações fortuitas, revelando poucos dados arqueológicos que pudessem ser relacionados com as classificações dos registros gráficos propostas. Por outro lado, a tipologia lítica e cerâmica evidenciadas durante as escavações apresentaram perfis tecnológicos similares e co-relacionados, que foram interpretados como posteriores as ocupações que produziram os registros gráficos (Martin, 2003). Porém, o mesmo não pode ser afirmado sobre o sítio Casa de Pedra, no qual foi identificado apenas um componente cultural. Neste caso, é possível que o nível de ocupação evidenciado possa ser relacionado aos registros gráficos presente nas paredes do abrigo.

Mediante o exposto, pode-se afirmar que até o momento não foram registrados na área arqueológica do Seridó sítios que pudessem ser classificados como de tipo habitacional. Para o estabelecimento de sítios deste tipo, seria necessária a identificação de estruturas de habitação, como manchas húmicas no solo ou marcas de postes de sustentação de cabanas. No entanto, tais tipos de estruturas são mais facilmente identificadas em contextos culturais onde as áreas de habitação são fixas e, geralmente, estão associadas a grupos com economia baseada na produção de vegetais.

A questão que se destaca é: como, então, identificar áreas habitacionais em contextos culturais onde a economia está baseada na caça e na coleta e, por isso, um deslocamento sazonal é imposto para a subsistência do grupo? Mais ainda, como diferenciar tais sítios habitacionais de sítios de extração de matérias-primas e confecção de artefatos, definidos como sítios-oficina?

Nesse sentido, tais sítios serão classificados como áreas habitacionais mediante a presença de alguns marcadores arqueológicos e – pelo menos no perímetro delimitado como a área arqueológica do Seridó – pela ausência de vestígios que possam ser relacionados a práticas simbólicas, como os registros rupestres e a inumação de cadáveres. Tais marcadores arqueológicos, necessários para a identificação e um **padrão de assentamento**⁷ habitacional, seriam: (1) a presença de estruturas de combustão; (2) a associação de vários tipos de vestígios arqueológicos, em um perímetro ou áreas funcionais bem delimitadas – material lítico, material cerâmico, restos vegetais e faunísticos, etc. – (3) a disposição espacial e a localização desses assentamentos – em terraços fluviais ou abrigos sob-rocha.

Como afirmado acima, a quase totalidade dos sítios escavados apresentaram ocupações temporárias e fortuitas, provavelmente guiadas pelas mudanças climáticas ao longo de um ano. Em outras palavras, pode-se ser afirmado que o padrão de assentamento até o momento identificado na região pode ser classificado como ritualístico, considerando-se os sítios rupestres e os sítios cemitérios até então identificados.

Continuando este segmento dedicado ao contexto arqueológico da área do Seridó, resta ainda mencionar os trabalhos realizados no segundo período de pesquisas arqueológicas, definido acima para o Rio Grande do Norte. Como será analisado um sítio a céu aberto no presente trabalho, o sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, mostra-se relevante discriminar os dados obtidos com este tipo de sítios, em outras áreas do estado.

Uma das características evidentes nesses trabalhos é a relação indiscriminada destes sítios a grupos de caçador-coletores especializados na caça de animais de grande porte, datados do início do Holoceno, mesmo no caso em que não se possui uma cronologia definida para os sítios estudados. Na maioria das interpretações propostas, os sítios foram classificados como oficinas líticas, não sendo então relacionados a um padrão de assentamento habitacional. Nestes casos, é marcante o distanciamento cultural que os autores procuram demonstrar, entre esses grupos de primeiros povoadores e as populações etnohistóricas que habitavam o estado até o período colonial.

Entretanto, antes de percorrermos as pesquisas realizadas neste período, é importante mencionar um dos únicos sítios a céu aberto que foi pesquisado na área

⁷ Ver segmento referente aos pressupostos teóricos que serão utilizados para confrontar as hipóteses sugeridas.

arqueológica do Seridó. O sítio arqueológico Lajedo, encontra-se situado na localidade homônima, no município de Carnaúba dos Dantas – RN. O tipo de assentamento identificado foi classificado como uma oficina lítica. O material encontrava-se na superfície do terreno, disperso no que foi definido como três (03) áreas de concentração. No que diz respeito às matérias-primas utilizadas, foi registrada uma predominância de sílexitos (75%), mas também foram registrados artefatos produzidos em quartzo e quartzito. Não foi definida uma cronologia para o assentamento. Na análise realizada, buscou-se a identificação de áreas com atividades específicas no interior da área delimitada como sítio arqueológico, a partir das características técnicas e formais dos vestígios líticos e de sua distribuição espacial. Contudo,

“As predominâncias tecnológicas de cada área não são suficientes para inferir a respeito de uma determinada especificidade de atividade. Pois, a diferença identificada entre essas áreas reside, principalmente, em relação à quantidade de artefatos (...)” (Moraes, pp. 79, 2008).

Observando-se a planta-baixa confeccionada para o sítio (**Figura 06**), é possível observar que a maior parte dos vestígios estava disposta em áreas de declividade e erosão pluvial. Este fato aponta para uma dispersão dos vestígios, a partir de um ponto de origem localizado nas cotas mais altas do terreno. Desta maneira, a área delimitada como sítio arqueológico, pelo que está representado na planta-baixa, pode ser interpretada como área de carreamento de material arqueológico, o que invalida a definição de áreas de concentração com funções específicas e confirma os resultados obtidos (Moraes, 2008).

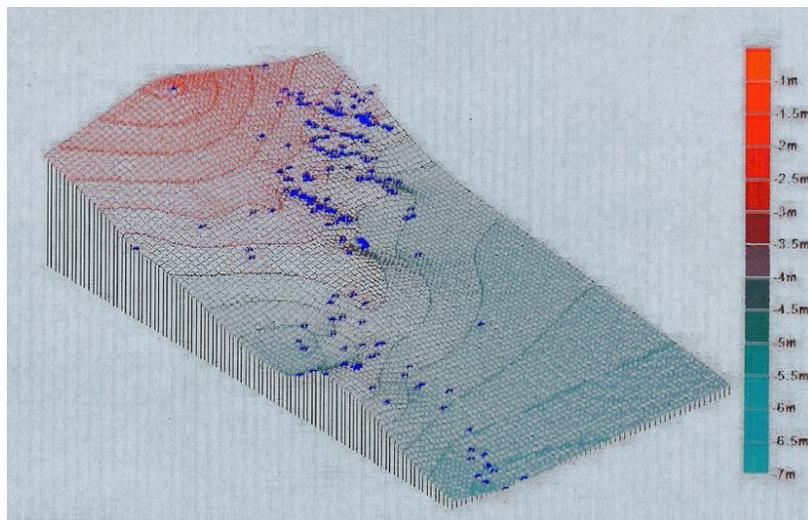


Figura 06: Blocodiagrama de representação da dispersão dos vestígios arqueológicos no sítio arqueológico Lajedo, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Adaptado de Moraes, 2008.

Localizado a ± 1 km dos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, o sítio Lajedo insere-se no mesmo contexto de ocupação e, é provável, que esteja relacionado ao mesmo grupo cultural que ocupou o vale do Riacho das Areias. Durante a segunda campanha realizada nos sítios analisados neste trabalho, foi feita uma visita ao sítio Lajedo, buscando-se identificar elementos materiais que pudessem relacionar as três (03) ocupações. Logo de imediato, ficou evidente que a distribuição espacial dos vestígios arqueológicos identificada era proveniente da ação das águas pluviais, dessa maneira, produto de carreamento de material. Também foi possível identificar que o local onde realmente poderia ser definido o sítio arqueológico, encontrava-se na parte mais elevada do terreno. Isto foi confirmado com a identificação de uma estrutura de combustão, que apresentou as mesmas características morfológicas daquelas identificadas no sítio Baixa do Umbuzeiro. Porém, esta estrutura não foi descrita no trabalho realizado (Moraes, 2008).

Outro fato relevante, que não foi descrito no trabalho citado, foi a presença de fragmentos cerâmicos, em quase todo o perímetro do sítio, que apresentaram características tecnológicas e formais relacionadas tanto a períodos pré-históricos, como a períodos históricos. Mais uma vez, este tipo de vestígio não foi descrito nas análises realizadas no sítio Lajedo. Os fragmentos cerâmicos identificados nessa visita

apresentaram características tipológicas similares aos vestígios cerâmicos coletados em ambos os sítios analisados no presente trabalho.

Uma explicação possível para estas lacunas pode ser identificada na perspectiva de interpretação comumente aceita para este tipo de sítios. Classificados como oficinas líticas de grupos caçador-coletores especializados, na maioria das vezes é possível perceber uma distorção dos dados obtidos e, como no caso descrito, uma seleção dos vestígios coletados e utilizados para caracterização do assentamento. Dessa maneira, a relação aqui proposta, de confrontação de uma cultura arqueológica com uma cultura antropológica, mostra-se inviável.

Nesse sentido, buscando-se uma uniformização dos dados arqueológicos provenientes de um espaço geomorfológico bem delimitado, o vale do Riacho das Areias, o sítio arqueológico Lajedo será integrado aos assentamentos registrados nos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro. Logo, será interpretado ou como o resultado de sucessivas reocupações da área delimitada, pelo mesmo componente cultural, ou como uma área com função específica dentro de um padrão de assentamento único. Mais adiante, esta relação espacial proposta será mais bem discriminada, quando forem apresentadas as hipóteses que se procura verificar neste trabalho.

No que diz respeito aos sítios a céu aberto identificados no estado do Rio Grande do Norte, infelizmente, os vestígios arqueológicos mais significativos, geralmente se encontram em coleções museológicas e particulares, ou foram encontrados e coletados pela população local. Retirados do contexto arqueológico de origem, sem uma metodologia que permita interpretações além do nível tecnológico ou tipológico, estes vestígios admitem apenas a delimitação das áreas de ocorrência dos mesmos, já que na maioria dos casos a única informação espacial relacionada, diz respeito aos municípios em que foram encontrados (Martin, 2008; Bertrand, 2008). Contudo, a diversidade tipológica registrada nestes vestígios descontextualizados merece uma menção, para responder as questões aqui colocadas.

Estas coleções consistem em: pontas de projéteis finamente lascadas, em sílex, quartzo e outras matérias-primas; lâminas da machado polidas nas mais diversas dimensões; “pratos” polidos em rochas de origem magmática (granito, diabásio, etc.); almofarizes e mãos de pilão; contas de colares e adornos labiais polidos em quartzo verde e amazonita. Os municípios do RN em que foram encontrados são: Caiçara do Rio dos

Ventos, Lajes, Taipu, São Paulo do Potengi, São Tomé, Lajes Pintadas, Santa Cruz, Mossoró e Apodi (Martin, pp. 75, 1980; Bertrand, pp. 11, 2008; Silva-Mendes, 2008). A estes municípios podem ser acrescentados ainda, outros que foram visitados pela equipe do NEA/UFPE e onde foi registrada a presença desses mesmos tipos de vestígios descontextualizados: Carnaúba dos Dantas, Parelhas, Ouro Branco, Caicó, Currais Novos, Acari, entre outros.

As interpretações propostas (Spencer, 1996; Bertrand, 2008; Souza Neto *et alli*, 2005), principalmente para o material lítico lascado e as pontas de projéteis, relacionam estes vestígios a grupos caçadores especializados em fauna pleistocênica, mesmo sem considerar a associação destes vestígios a artefatos polidos e, em alguns casos, a fragmentos cerâmicos pré-históricos. Esta postura reflete um viés analítico⁸ das indústrias líticas identificadas no Rio Grande do Norte, ainda mais porque, até o momento, não foi confirmada nenhuma relação objetiva entre material arqueológico e restos de fauna extinta, que pudesse indicar uma cultura de caçadores especializados neste tipo de presa, no Nordeste brasileiro (Parenti *et alli*, 2003). Como veremos mais adiante, estes vestígios arqueológicos podem ter persistido na cultura material das populações etnohistóricas que habitaram a região.

Como já dito anteriormente, as pesquisas arqueológicas realizadas em sítios a céu aberto, no Rio Grande do Norte, caracterizam-se como salvamentos arqueológicos (Robrahn-González *et alli*, pp. 129, 2004; Souza Neto *et alli*, 2005; Bertrand, 2008). Apesar dos limites impostos por este tipo de intervenção arqueológica, os dados obtidos em algumas destas pesquisas são bastante elucidativos quanto ao processo de povoamento da área em questão. Nesse sentido, vale a pena citar o Salvamento Arqueológico da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, realizado no município de Assú no início da década de 1980, pelos arqueólogos Tom Miller e Vicente G. Tassone, do Departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo.

O sítio arqueológico Angico, localizado em um terraço fluvial, apresentou vários níveis cerâmicos, até uma profundidade de 40 cm. Abaixo destes níveis cerâmicos, foram identificados vários componentes pré-cerâmicos, depositados em lentes argilosas provenientes da ação fluvial. Segundo depoimento dos arqueólogos envolvidos, foram

⁸ Estes trabalhos tomam como base as classificações propostas para as indústrias líticas identificadas na América do Norte, em especial as culturas Clóvis, Folsom e Sandia (Prous, 2006; Martin, 2008).

identificados dois níveis líticos, datados de 9000 A. P. e 8000 A. P. Os vestígios associados ao nível lítico mais recente foram lascas retocadas unifacialmente, depositadas sobre uma lente cascalho estéril. Os artefatos registrados consistiram em raspadores plano-convexos, que foram relacionados às indústrias de “lesmas”, datadas do Holoceno inicial, nos estados de MG e GO.

No nível lítico inferior foram identificadas fogueiras circulares, de onde foram coletados os carvões datados e marcas de poste que indicavam a construção de cabanas rudimentares (Prous, pp. 192, 1992). Segundo Prous (1992), o sítio caracteriza-se como extensas oficinas líticas, de uma indústria lítica tosca, dispostas sobre pavimentos dedríticos, formados por seixos de jaspe e calcedônia, que serviram de matéria-prima para os artefatos identificados. Neste sentido, Tom Miller afirma que os artefatos foram confeccionados em seixos alongados de quartzito, lascas de quartzo e jaspe, utilizando-se a técnica do lascamento bipolar. No entanto, mesmo mediante a baixa densidade de instrumentos retocados coletados, foram identificadas ocupações sucessivas compostas por camadas pouco espessas, que remontam a um período tecnológico definido como arcaico (Martin, 2008).

Contudo, o maior número de trabalhos em sítios a céu aberto no estado potiguar foi realizado por Armand Laroche, no final da década de 1970 e início da década de 1980. A partir destes trabalhos foi definida a tradição Potiguar de indústria lítica (Laroche, 1983; Robrahn-González *et alli*, pp. 129, 2004; Souza Neto *et alli*, 2005; Silva-Méendes, 2008; Bertrand, 2008). Os municípios pesquisados foram: Nísia Floresta, Currais Novos, São Rafael, Santa Cruz, São Paulo do Potengi, Acari, Carnaúba dos Dantas, Caiçara do Rio dos Ventos, Ceará - mirim, Barcelona, Caraúbas, São Tomé, Lagoa de Velhos e Sítio Novo.

Como é possível perceber, a maior parte dos vestígios líticos utilizados para a determinação dessa tradição lítica, fazia parte de coleções de museus, particulares e de vestígios descontextualizados. Contudo, algumas intervenções arqueológicas do tipo salvamento foram realizadas, das quais foi possível estabelecer uma coluna cronoestratigráfica que foi tomada como base para a classificação proposta. Como exemplo, podemos citar os sítios líticos Mutamba II, em São Rafael e Bonito, em Jucurutu. Nestes sítios a céu aberto foram identificadas lascas de calcedônia, seixos lascados e estruturas de fogueiras.

Devido ao fato de que os sítios estudados por Laroche foram alvo de novas pesquisas, nos últimos anos, utilizamos estas fontes secundárias para acessar seus resultados, ainda porque seus relatórios é uma bibliografia de difícil acesso. Dessa maneira, através do “Programa de Prospecção e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Linha de Distribuição 138 KV Assú/Guamaré – Circuito 1 e 2 (COSERN)” foram identificados vinte e três (23) sítios arqueológicos, tanto pré-históricos como históricos. Estes sítios estão localizados na bacia hidrográfica do Assú-Piranhas. O trajeto percorrido foi do município de Assú, no semi-árido potiguar, até o município de Macau, no litoral. De relevância para o presente trabalho merece citação o sítio arqueológico Areião, no qual foram identificadas duas estruturas de combustão (fogueiras) de onde se obtiveram as datas de 980 A. P. e 3380 A. P. (Robrahn-González *et alli*, pp. 129, 2004).

Como síntese interpretativa para os resultados obtidos, quatro (04) horizontes de ocupação foram definidos, relacionados às indústrias líticas identificadas na margem direita do médio e baixo curso do Piranhas-Açu. No primeiro horizonte inserem-se o sítio arqueológico Cuó e o primeiro nível arqueológico do Sítio Areião. Neste horizonte foram identificados artefatos longitudinais plano-convexos, confeccionados em lascas descortaçadas. No segundo horizonte foram registrados “artefatos leves” com retoques invasores, lascas retocadas, lascas de acabamento e reavivamento do gume e “microlascas”. Os sítios deste horizonte encontram-se assentados em paleocascalheiras, localizadas em terraços fluviais, são eles: o segundo nível de ocupação do sítio Mulungu, o sítio Açude Novo de Barrocas II e o primeiro nível de ocupação do sítio Itú I. No terceiro horizonte, os sítios também se encontravam assentados sobre paleocascalheiras. O material lítico referente apresentou técnicas de lascamento grosseiras, em artefatos plano-convexos (raspadores), confeccionados sobre lascas corticais. Quanto à forma e à função os artefatos foram classificados em: raspadores proximais em lascas espessas e robustas, raspadores laterais e frontais em lascas espessas, seixos lascados com “bicos”. Os sítios que definiram este horizonte foram: o segundo nível de ocupação do sítio Mulungu, o sítio Açude Novo de Barrocas I, o segundo nível arqueológico do sítio Açude Novo de Barrocas II, os sítios Amargoso I, II e IV, os sítios Pedrinhas I, II e III, o sítio Pataxó I e o segundo nível de ocupação do sítio Santa Rita (Robrahn-González *et alli*, pp.188-189, 2005).

O quarto horizonte de ocupação estaria relacionado às cronologias do Holoceno inicial, obtidas em sítios isolados, em torno de 10000 A. P.

Segundo os autores da pesquisa, o terceiro horizonte se caracteriza como uma regionalização do conjunto anterior e confirmam a hipótese de Laroche, a qual diz que as indústrias mais antigas são descorticadas, enquanto as mais recentes apresentam resíduos de córtex nos artefatos. Estas hipóteses de Laroche foram estabelecidas após a escavação do sítio arqueológico Bom Sucesso/Riacho da Volta, o qual consiste em uma ocupação em um terraço fluvial, associada a uma ocupação em abrigo sob-rocha (Laroche, pp. 19, 1983 *apud* Bertrand, 2008; Souza Neto *et alli*, 2005). Excluindo-se o fato de que, no abrigo do sítio Bom Sucesso/Riacho da Volta foi identificada a presença de registros rupestre, a situação deste assentamento é bastante similar àquela identificada nos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, objetos de estudo do presente trabalho.

No sítio Bom Sucesso/ Riacho da Volta, as intervenções arqueológicas aconteceram em duas etapas distintas:

1. A. Laroche: realizou dez (10) cortes estratigráficos, sendo sete (07) deles abertos no terraço fluvial e três (03) no interior do abrigo, denominado pelo autor de “caverna”. Nestas sondagens foram identificados fragmentos de material lítico e carvão. Há aproximadamente 1,20m de profundidade foram coletados fragmentos de carvão que foram datados em 9000 A. P. (Laroche, pp. 19, 1983 *apud* Bertrand, 2008; Souza Neto *et alli*, 2005);
2. Vicente G. Tassone: abriu uma trincheira de 20m no terraço fluvial, identificando fragmentos de material lítico e cerâmico. As datas obtidas cobrem um intervalo que se estende de 505 ± 110 A. P. até 2000 ± 82 A.P. (Bertrand, 2008).

Em outro projeto de salvamento arqueológico, o “Programa de Prospecção e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Linha de Distribuição 69 KV Governador Dix-Sept Rosado/Riacho da Forquilha”, realizado na bacia hidrográfica do Rio Apodi, em Mossoró, foram identificados sete (07) sítios arqueológicos, tanto pré-históricos como históricos (Robrahn-Gozález *et alli*, 2004b), Classificados como oficinas líticas a céu aberto foram os sítios: Narciso II, Governador I e II e Alazão. No que diz respeito às características tecno-morfológicas, o sítio apresentou uma relação de pertinência para com os sítios acima descritos. Foram, então, definidos dois (02) horizontes culturais:

1. Mais antigo: caracterizado pela presença de raspadores circulares, laterais e “com bico”, confeccionados em sílex com uma técnica de lascamento mais

refinada. Este horizonte cultural foi relacionado a caçador-coletores especializados. Ou seja, a grupos caçadores de fauna extinta (Robrahn-Gozález *et alli*, 2004b);

2. Mais recente: caracterizado por uma técnica de lascamento mais “expediente” e com funções diversificadas. Os artefatos eram confeccionados em lascas de “grandes dimensões”, sem o preparo de talão e, geralmente, com a manutenção do córtex (Robrahn-Gozález *et alli*, pp. 149-164, 2004b). Este horizonte cultural estaria, provavelmente, relacionado a um grupo cultivador (Robrahn-Gozález *et alli*, pp. 149, 2004b).

Segundo os autores do trabalho citado, “[os] artefatos [apresentam-se] distintos de outros encontrados em sítios do médio Assú e devem estar associados a um horizonte cultural ainda não mencionado na literatura.” (Robrahn-Gozález *et alli*, pp. 151, 2004b).

Entretanto, quando se observa as características das indústrias líticas acima descritas, não é possível perceber os atributos distintivos mencionados pelos autores. De acordo com as observações de Laroche (1983), estas indústrias líticas estavam relacionadas ao final do período *Alti-Thermal* e consistiriam em uma evolução local das indústrias líticas oriundas do Brasil central. Nesse sentido, a tradição Potiguar de indústria lítica estaria relacionada à Tradição Itaparica.

Contudo, já no final de sua vida, o mesmo revê suas hipóteses mediante os novos dados obtidos, principalmente no que diz respeito às cronologias definidas. Segundo estas novas hipóteses, ambas as indústrias líticas teriam sido tecnologias contemporâneas, as quais num processo histórico e gradual, a tecnologia mais grosseira teria substituído a tecnologia mais refinada. Este fato poderia indicar uma adaptação econômica às flutuações climáticas ocorridas no final do *Alti-Thermal* e início do “pequeno fluvial”, quando o índice pluviométrico aumentou consideravelmente, aumentando também a cobertura vegetal. Em outras palavras, estas indústrias refletiriam uma adaptação local de uma tecnologia lítica que povoou a região desde o início do Holoceno (± 10000 A. P.), na qual o investimento em outras matérias-primas, como a madeira, pode ter sido um fator determinante nas mudanças e escolhas tecnológicas (Laroche, 1983, *apud* Silva-Méendes, 2008).

Finalizando os conjuntos de sítios a céu aberto que serão relevantes na interpretação dos sítios aqui em análise – o Furna do Umbuzeiro e o Baixa do Umbuzeiro

– pode se citado ainda o “Projeto Homem das Dunas”, coordenado pelo então coordenador do Laboratório de Arqueologia (Larq) da UFRN, Paulo Tadeu (Spencer, 1996). No entanto sua citação é para evidenciar a persistência de uma abordagem que não permite interpretações mais profundas para os vestígios líticos identificados, porque se concentram apenas em características tecno-morfológicas dos artefatos relacionados a cada horizonte de ocupação ou cultural definido.

Os sítios identificados durante o projeto se encontravam em áreas dunares do litoral potiguar, na própria capital Natal. Foram classificados como sítios oficinas e apresentaram vestígios líticos similares aos descritos acima: lascas retocadas; raspadores plano-convexos confeccionados sobre lascas, com retoque fino e preparo dorsal escalonado; raspadores frontais e laterais; núcleos esgotados; “seixos fatiados”; batedores; instrumentos polidos (almofarizes, mãos de pilão e lâminas de machado) (Spencer, 1996). Segundo os autores do projeto, a identidade funcional dos vestígios líticos não se coaduna com a realidade ambiental atual, o que sugeriria uma ocupação litorânea pleistocênica, em um ambiente mais úmido e com a presença de inúmeras lagoas, exploradas por essas populações.

Dessa maneira, preferem descartar o uso dos conceitos de tradição e fase, estabelecidos no PRONAPA (1967-1971), não relacionando os sítios registrados a nenhum conjunto lítico definido para o NE brasileiro: nem a tradição Itaparica, nem tampouco a tradição Potiguar (Laroche, 1983 *apud* Souza Neto, 2008). A proximidade com a costa refutaria a classificação proposta por Laroche, que segundo os autores relacionava as indústrias definidas com a caça de animais extintos de grande porte. Mais uma vez, pode-se afirmar que a presença de pontas de projéteis proporcionou um viés analítico que procura relacionar os sítios nordestinos com os sítios norte-americanos, relacionados à cultura Clóvis. Identificando-se com isto, os povoadores mais antigos do continente sul americano.

Isto, sem considerar que estudos mais recentes têm demonstrado que as culturas de caçador-coletores da América do Norte – como a Clóvis e Folson – não sobreviviam exclusivamente da caça de animais extintos, como o conceito de caçador especializado deixa perceber. Mas, pelo contrário, exploravam uma diversidade de ecossistemas e recursos, nos quais a caça destas presas era apenas um dos elementos de sua dieta (Prous, 2006).

Por outro lado, examinando os dados acima expostos, não se pode concordar com uma interpretação simplista deste tipo. O próprio Laroche observou que os dados coletados, após as análises laboratoriais realizadas e as cronologias obtidas, deveriam ser interpretados como um processo de povoamento contínuo, onde não ocorreram rupturas ou modificações populacionais abruptas, como essas interpretações deixam entrever. Os sítios registrados têm apresentado um padrão de assentamento bastante diversificado, sendo localizados em:

1. Terraços fluviais: onde foram registrados sítios de pequeno, médio e grande porte;
2. Abrigos sob-rocha e cavernas, onde geralmente as ocupações estão relacionadas a registros gráficos de diferentes tradições;
3. No topo de serras e tabuleiros remodelados;
4. Em planícies da Depressão Sertaneja.

Segundo Tom Miller: “[trata-se de um processo] de diferenciação de sítios arqueológicos especializados dentro de um conjunto maior de sistemas de procura adaptados a ambientes com uma pluralidade de opções.” (Miller, 2009).

Desse modo, pode-se ser estabelecido um parâmetro interpretativo que guiará o presente trabalho. Os sítios então registrados no estado do Rio Grande do Norte serão interpretados como um processo de adaptação flexível às mudanças ambientais ocorridas ao longo desses 10000 anos de povoamento pré-histórico.

As ocupações registradas geralmente são fortuitas e demonstram uma íntima relação com os recursos ambientais disponíveis no contexto geomorfológico em análise. Em outras palavras, a estabilidade cultural e temporal sugerida pelas últimas hipóteses aventadas por Laroche, pode indicar não uma sucessão de levadas de povoamento, como sugerido por Martin (2008), para o povoamento da área arqueológica do Seridó. Mas sim, um processo contínuo de mudança e adaptação cultural de uma leva de povoamento, ao sabor das transformações ambientais ocorridas, que pode ter-se iniciado com os primeiros povoadores do RN, há aproximadamente 10000 anos atrás.

2.2. O CONTEXTO ETNOHISTÓRICO DA ÁREA ARQUEOLÓGICA DO SERIDÓ

No século XVI, o território brasileiro encontrava-se povoado por uma densa população indígena, composta por diversas nações, línguas, tribos e etnias (Cunha, 1992). No entanto, os primeiros contatos realizados no litoral se deram com populações falantes do Tupi-guarani (Salvador, 1965; Staden, 1974; Coelho, 1967; Lery, 1961). Por esse motivo, a denominação tanto dos topônimos como dos outros povos encontrados no interior foi influenciada por vocábulos e expressões de origem tupi, já que muitos dos guias e intérpretes utilizados pelos colonos pertenciam a esta nação indígena (Sampaio, 1987).

Dessa maneira, a enorme diversidade lingüística e cultural que vivia no interior do território colonial, foi denominada por um termo pejorativo, derivado desta língua: *Tapuya*, que significa INIMIGO ou MORADORES DO OESTE (Martius, 1867 *apud* Lindoso, 2006; Pompeu Sobrinho, 1934). O termo foi registrado pela primeira vez na obra de Gabriel Soares de Souza (1587). Passadas as primeiras impressões advindas da descoberta do novo continente e dos novos homens nele encontrados, esta dicotomia *tupi-tapuia* foi então a base das classificações étnicas, das relações e contatos estabelecidos com os então chamados “povos de língua travada” e a população luso-brasileira, durante período colonial. Ou seja, os grupos indígenas não-falantes da Língua Geral – o Tupi ou *Nheengatú*.

Compreendidos como obstáculos para a expansão colonial, os relatos produzidos sobre esses povos, em comparação com aqueles produzidos sobre os tupinambá, são poucos e imprecisos. Nesse sentido, nada se saberia sobre as populações indígenas que viviam no interior do Nordeste brasileiro, até século XVII, caso não existissem uns raros relatos conhecidos, que permitem a identificação de povos como os Macro-jê, os Kariri, os grupos falantes de línguas isoladas, entre outros⁹.

⁹ Os principais cronistas que deixaram registros sobre os “Tapuia” foram: Jacob Rabi (1637), Joannes de Laet (1637), Gaspar Barleus (1647), Jorge Marcgrave (1610-1644), Rodolfo Baro (1647), Pierre Moreau (1651), Guilherme Piso (1658), Joan Nieuhof (1682), Hessel Gerritz (1628), Elias Herckman (1639), Zacharias Wagner (1634-1640), Frei Martinho de Nantes (1706), Pedro Carrilho de Andrade (final do século XVII), Ambrósio Fernandes Brandão (1618) e Gabriel Soares de Souza (1587) (Medeiros Filho, 1984). As informações culturais descritas neste segmento tiveram como base as descrições realizadas por estes cronistas. Por este motivo, no decorrer do texto só foram citados caso que se mostraram necessários,

Logo, de uma maneira bastante geral, sabe-se hoje que o interior do Nordeste encontrava-se povoado por dois grandes grupos lingüísticos: os Kariri, nos “sertões de dentro” (BA, PE, PB) e os Tarairiú, nos “sertões de fora” (PB, RN, CE, PI), como Capistrano de Abreu (1998) costumava dividir o semi-árido nordestino (Lindoso, 2007). Além dessas duas famílias lingüísticas, sabe-se também que a região se encontrava povoada por uma grande quantidade de línguas menores, das quais restaram poucos ou nenhum registro (Urban, 1998; Medeiros, 2002).

O estado do Rio Grande do Norte era então ocupado, no litoral, por povos falantes do tupinambá, os Potiguara (Abreu, 1998; Câmara Cascudo, 1955/1971; Medeiros Filho, 1984). Em seu interior, nas regiões semi-áridas do estado, por povos falantes do Tarairiú, além de algumas tribos Kariri (Medeiros Filho, 1984; Urban, 1998) (**Figura 07**).

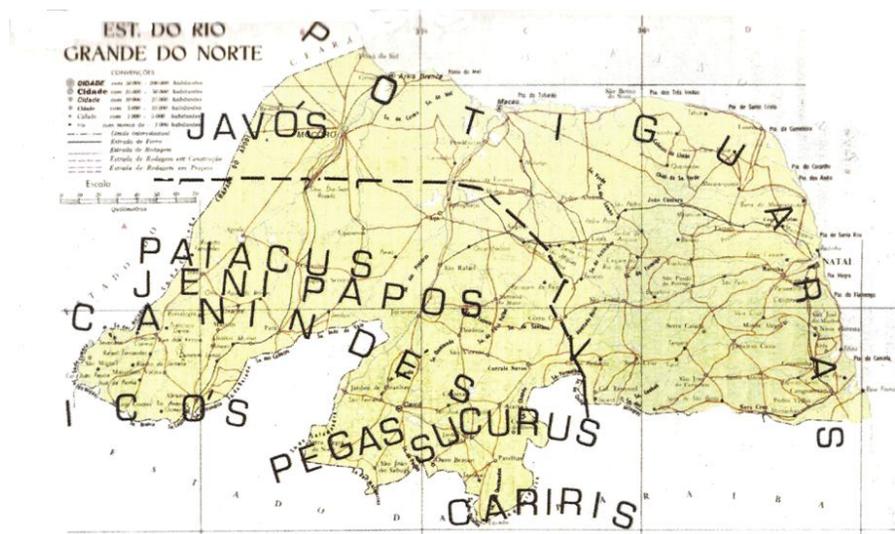


Figura 07: Mapa da distribuição das tribos indígenas que habitavam o Rio Grande do Norte, no século XVII, baseada nos estudos de Thomaz Pompeu Sobrinho. Fonte: Medeiros Filho, 1984 – adaptado por Macedo, 2009.

no processo de referendamentação das informações aqui arroladas. Neste caso, por uma questão de direitos autorais, foram citadas apenas as fontes secundárias utilizadas na síntese etnohistórica apresentada. (Medeiros Filho, 1984).

A classificação lingüística dessas populações sertanejas foi durante muito tempo motivo de intensos debates. Segundo o historiador Capistrano de Abreu e o historiador da cultura Câmara Cascudo, esses povos estavam relacionados ao Kariri (Medeiros Filho, 1984; Lindoso, 2007). Entretanto, algumas características culturais distintas¹⁰, percebidas no registro documental, não sustentaram esta hipótese. Outros pesquisadores, como Olavo Medeiros Filhos (1984), dessa vez baseados em algumas semelhanças identificadas¹¹, preferiram relacionar essas populações a outro ramo do tronco lingüístico Macro-jê. Atualmente, considerando algumas palavras preservadas da língua desses povos, o lingüista Greg Urban (1998) classificou o Tarairiú como uma língua isolada, ou seja, não relacionada com nenhuma das famílias lingüísticas conhecidas, a qual pode ter uma cronologia anterior há 7000 anos (Urban, pp. 99, 1998).

Este fato é interessante quando observamos os dados arqueológicos descritos no segmento acima, os quais permitem afirmar que a região do semi-árido potiguar foi povoada por grupos caçador-coletores, há aproximadamente 10000 anos atrás. Esta cronologia adéqua-se perfeitamente às datas obtidas através da glotocronologia, para esta língua específica: o Tarairiú (Urban, 1998)¹².

A primeira menção conhecida sobre os Tarairiú pode ser considerada a “Relação do Maranhão”, do Pe. Luis Figueira, escrita em 1608. Descrevendo o malogro da missão que realizaria juntamente com o Pe. Francisco Pinto, o autor menciona os Tacarijús, ressaltando sua ferocidade e os acusando do assassinato de seu companheiro de campanha religiosa. Contudo, a primeira menção do termo mais próximo da grafia atual está presente no relato de Elias Herckman, de 1639, quando menciona os *Tairiryu*, cujo principal seria *Janduwy* (Pompeu Sobrinho, 1934).

Por sua vez, o próprio termo TARAIRIÚ é oriundo de uma expressão tupi, que significa “comedores de traíra” (Medeiros Filho, 1984). Este peixe, que vive enterrado

¹⁰ Os Kariri praticavam uma agricultura intensiva, possuíam um padrão de assentamento sedentário, praticavam o sepultamento em urnas, entre outros (Lindoso, 2007). Já os Tarairiú, caracterizavam-se como povos nômades, caçador-coletores, com agricultura incipiente e praticavam o endocanibalismo como ritual funerário (Medeiros Filhos, 1984).

¹¹ Como principal característica em comum com os povos Macro-Jê, podemos citar a corrida de toras (Medeiros Filho, 1984).

¹² As críticas atualmente dirigidas para este tipo de datação lingüística têm apontado para um alargamento das cronologias estabelecidas pelo método. Ou seja, as datas primeiramente estabelecidas têm recuado bastante no tempo e, as origens sugeridas para as proto-línguas têm se mostrado mais antigas que o estimado (Nichols, 1990).

na lama nos períodos de seca, nas lagoas intermitentes do semi-árido nordestino, era uma importante fonte de alimento para essas populações, nos períodos chuvosos. Entretanto, não era assim que eles se chamavam. Autodenominados *OTSCHIKAYAYNOÉ*, esse povo era formado por diversas nações e tribos, inimigas e aliadas, conhecidas como: os Janduí, os Canindé, os Jenipapo, os Pega, os Sucurus, os Javó, os Panati, os Ariú, os Paiacú, entre outros, que não foram registrados pela documentação histórica (Medeiros Filho, 1984; Pires, 2001; Monteiro, 1994; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Pompa, 2002; Medeiros, 2002; Santos Júnior, 2008) (**Figura 08**).

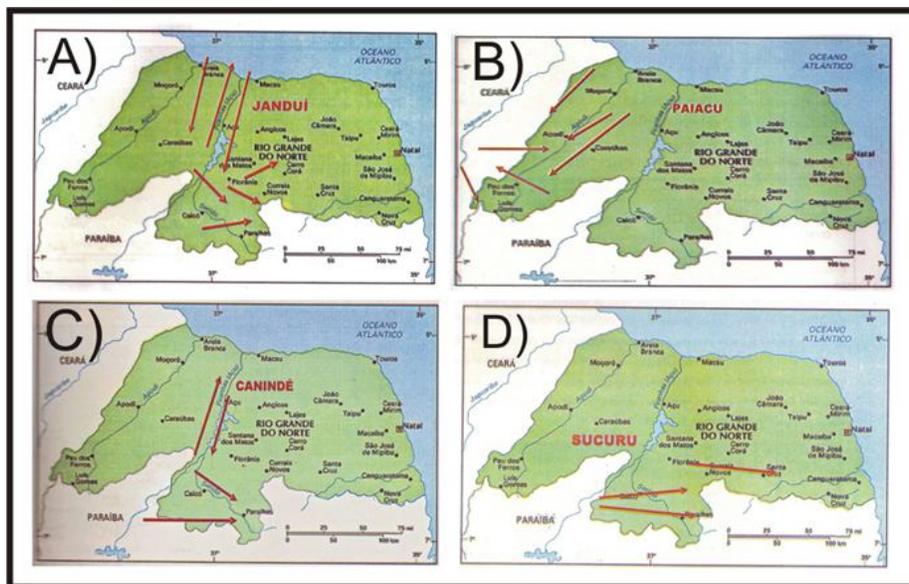


Figura 08: Mapas de representação dos territórios de algumas tribos Tarairiú, citadas na documentação histórica, no atual estado do Rio Grande do Norte. As setas em vermelhos representam as áreas de deslocamento, de cada grupo. A) Território da tribo Janduí; B) Território da tribo Paiacú; C) Território da tribo Canindé; D) Território da tribo Sucuru. Fonte: Adaptado de Santos Júnior, 2008.

As principais informações que chegaram até os dias atuais foram os relatos feitos por cronistas “holandeses”¹³ que, como viajantes ou emissários, percorreram

¹³ Neste ponto, mostra-se necessário explicar as aspás colocadas em “holandeses”. O mais correto seria falar de Países Baixos, já que a invasão conhecida na historiografia brasileira como “invasão holandesa” foi realizada por uma empresa financeira (banco), denominada Cia. das Índias Ocidentais. Nesta empresa circulavam capitais de diversos países, como a Prússia, a própria Holanda, a Áustria, entre outros; os quais foram os principais financiadores do empreendimento colonial português (Mello, 1975, 1986, 2002). Com a morte de seu rei, D. Sebastião, em uma cruzada mal fadada, juntamente com a maioria dos “homens de bem” do reino, o trono de Portugal ficou desocupado. O único herdeiro mais

interior do Nordeste no início do século XVII (Pompeu Sobrinho, 1934; Medeiros Filho, 1984).

Os primeiros contatos realizados com as populações então chamadas de Tapuias foram pacíficos. Contudo, isto não decorria de uma maior tolerância “holandesa” para com estes povos. O objetivo dessas investidas era o estabelecimento de uma aliança com os grupos nativos, nos moldes daquela que foi estabelecida entre os Tupinambá e os portugueses. Por serem inimigas dos luso-brasileiros, estas populações figuravam como possíveis aliados, para garantir a defesa dos territórios conquistados (Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Pompa, 2002; Santos Júnior, 2008). Refletindo a mentalidade etnocêntrica européia típica do século XVI, o “período holandês” também foi marcado por conversões ao protestantismo, violência e trabalhos forçados, principalmente para aqueles grupos aliados aos portugueses (Mello, 1975, 1986).

Os principais cronistas desse período foram: Jacob Rabi (1637), Joannes de Laet (1637), Jorge Marc Grave (1638), Elias Herckman (1644), Rodolfo Baro (1647), Gaspar Barleus (1647), Guilherme Piso (1658), entre outros. No entanto, dois se destacam pela maior influência de suas obras e pelo contato mais íntimo que tiveram com os Tarairiú:

1. Jacob Rabi: primeiro emissário de Maurício de Nassau que estabeleceu contato direto com os tapuias Tarairiú. O seu manuscrito, que teve o original perdido, foi um texto básico para os relatos posteriores e encontra-se na íntegra, na obra de Barleus (1974). Era alemão e casou-se com uma índia tupinambá (potiguara). Desenvolveu uma íntima relação com Janduí, descrito como “Rei dos Tapuias”, a ponto de ganhar sua confiança e se tornar líder militar das tropas do mesmo, fornecendo armas de fogo e cavalos, em desobediência às ordens da Cia. das Índias Ocidentais. Foi o comandante das mesmas no Massacre do Engenho Cunhaú, no qual foram mortos quase todos os habitantes do engenho, localizado no litoral, durante a realização de uma missa. Terminou sendo assassinado, por seus próprios conterrâneos, para evitar novos

próximo era o rei da Espanha, D. Felipe II, que assumiu o trono e unificou as coroas ibéricas. Como a Espanha era inimiga tradicional dos Países Baixos, a Cia. das Índias Ocidentais se viu privada do acesso ao lucro de seus investimentos. Dessa forma, foi planejada uma invasão da colônia portuguesa americana, para garantir o retorno financeiro do investimento com a produção açucareira. Logo, pode-se dizer que o território brasileiro nunca foi invadido pela Holanda, mas sim por um cartel econômico formado por diversos países protestantes (Mello, 1975, 1986). Entretanto, por comodidade, o termo “holandeses” significará no presente texto “Cia. das Índias Ocidentais”.

problemas para a Cia. das Índias Ocidentais (Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Teensman, 2000; Pompa, 2002; Santos Júnior, 2008).

2. Rodolfo Baro: segundo emissário de Nassau. Enfrentou diversos problemas para reatar a aliança com Janduí. Entretanto, sua obra pode ser considerada a melhor descrição dos costumes e da complexidade social dos Tarairiú. Isto pode ter se dado, pelo fato de ter sido criado em uma aldeia tupinambá, desde os sete anos de idade. Como foi grumete de um navio “holandês”, naufragado anos antes da invasão, foi encaminhado para viver em uma aldeia tupi, na qual permaneceu até a conquista “holandesa”, quando então se apresentou para Nassau (Teensman, 2000). Devido a esta peculiaridade, seu relato é marcado por percepções mais aguçadas, no que diz respeito aos hábitos e costumes descritos. Apesar, é claro, da lente tupi que distorceu a sua visão desses “comedores de traíra” (Medeiros Filho, 1984; Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Pompa, 2002; Santos Júnior, 2008). De seu manuscrito, só ficou preservada uma cópia em francês. Em decorrência, muitos dos topônimos relacionados foram estropiados pelo copista. No entanto, reconstituições gráficas e lingüísticas atuais, conseguiram restaurar algumas das palavras corrompidas. Com isto, a rota que Baro tomou, para encontrar-se com as tropas de Janduí, pôde ser reconstituída (Teensman, 2000).

Em consequência dessas reconstituições, de maneira indireta, o próprio espaço territorial dos Tarairiú também pôde ser restaurado, tomando como base o mesmo registro histórico. Partindo do manuscrito original, em francês, o lingüista holandês Teensman (2000) conseguiu recompor os topônimos adulterados, através da morfologia dos caracteres da versão francesa, comparando estas com as possíveis palavras em holandês, mal registradas pelo copista e tradutor. A partir destas possíveis palavras, o referido autor traçou um paralelo com os topônimos das regiões que Baro poderia ter percorrido, no Rio Grande do Norte. Nesse sentido, foi possível reformular palavras como “Vvarhuua” e “Vvahu”, das quais, sabe-se hoje que significavam Serra de Macaguá (atual Serra de Santana) e Rio Acauã, respectivamente.

Logo, foi possível delimitar de forma geral o território no qual os Tarairiú se deslocavam, ao longo do ciclo anual:

1. O Rio Açu, local identificado como a área principal do território, onde as diversas tribos se concentravam nos períodos de estiagem;

2. Nos períodos chuvosos, a ribeira do Açú se transformava numa região alagadiça e não apropriada para o estabelecimento humano, com isto os grupos dispersavam-se em acampamentos de inverno, como aqueles registrados no manuscrito, as ribeiras do Acauã e do Seridó;
3. Pode-se também perceber, através da documentação, que os grupos migravam para o litoral, no período da safra anual do caju: entre novembro e janeiro. Este fato colocava em conflito direto os Tarairiú e os Potiguares, então senhores da faixa litorânea (Baro, 1979; Teensman, 2000)¹⁴.

Tomando como base o registro documental, é possível também resgatar alguns aspectos físicos dos Tarairiú. Dotados de grande estatura e acentuado dimorfismo sexual, seus esqueletos eram robustos, com longos membros superiores e inferiores. Eram extremamente ferozes e belicosos, causando temor nos territórios tribais ou coloniais onde passavam. (Medeiros Filho, 1984; Santos Júnior, 2008). Apresentavam crânios alongados e dolicocefalos, relacionando-se diretamente com as populações mais antigas do continente Americano, como o Homem de Lagoa Santa, de Minas Gerais e os Fueguinos, do Chile e Argentina (Pompeu Sobrinho, 1942). Confrontando estas informações com os dados osteométricos apresentados por Alvim *et alli* (1995/1996), percebe-se uma relação bastante estreita entre a população identificada no cemitério pré-histórico Pedra do Alexandre e a descrição anatômica dessas populações etnohistóricas.

No que diz respeito aos aspectos culturais, costumavam depilar todos os pêlos do corpo, inclusive as sobrancelhas, o qual era pintado de vermelho (urucum), preto (jenipapo) e branco (pigmento mineral). Os homens utilizavam um estojo peniano, confeccionado em fibras vegetais, que embutia o pênis no saco escrotal. Adornavam-se com cocares de penas e enduápes (adornos circulares de penas de ema – *Rhea americana*, atados a região dos glúteos), como também utilizavam adornos labiais, faciais e auriculares confeccionados em material ósseo, lítico e em madeira. Fabricavam contas de colar líticas polidas, geralmente de quartzo verde ou amazonita (Medeiros Filho, 1984).

Como armas, caracterizavam-se pelo uso de propulsores de dardos, diferentemente dos Kariri e dos Tupinambá, que utilizavam o arco e a flecha. Além do

¹⁴ O contexto espacial dos Tarairiú será mais bem descrito e discutido no capítulo referente ao contexto ambiental da área arqueológica do Seridó.

uso de pequenos machados polidos de mão e uma clava de madeira (Medeiros Filho, 1984; Santos Júnior, 2008) (**Figura 09**). Outra característica tecnológica descrita na documentação colonial (Barleus, 1974; Baro, 1979), que relaciona a cultura material do Tarairiú com os sítios líticos descritos anteriormente, é a confecção e o uso de pontas líticas de projéteis, “finamente lascadas”, que aponta para uma persistência temporal de uma indústria lítica que remonta ao Holoceno médio e inicial: a tradição Potiguar, definida por Laroche (1983).

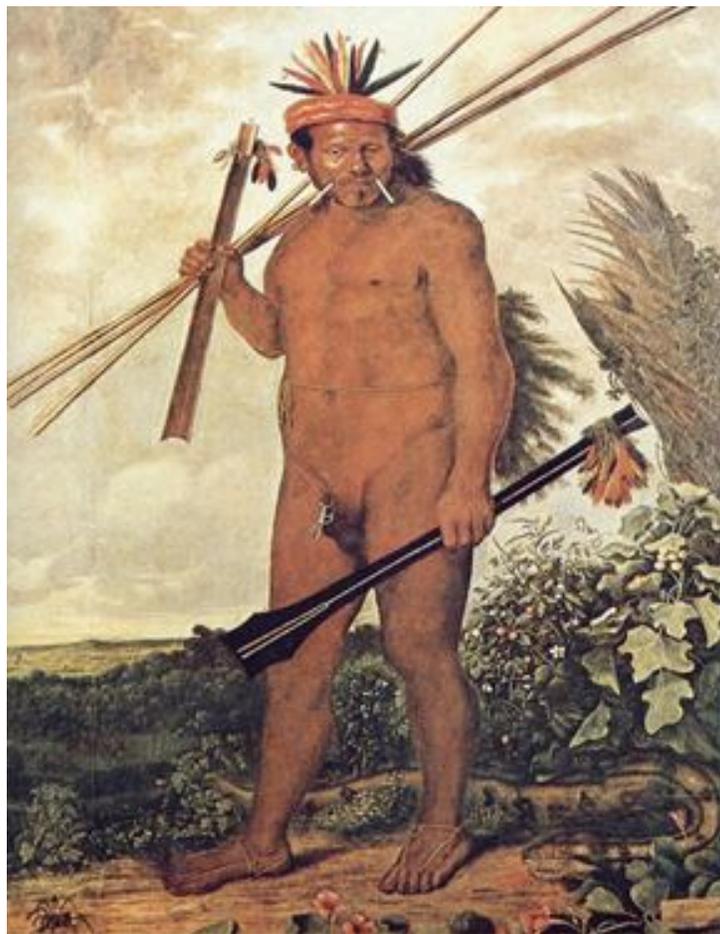


Figura 09: Homem Tapuia, pintado por Albert Eckhout, século XVII. Fonte: www.google.com.

Quanto à ausência de arcos e flechas na cultura material dos Tarairiú, que mais uma vez aponta para a manutenção de tecnologias antigas em períodos históricos, existe um dado arqueológico que merece ser mencionado, apenas a guisa de curiosidade. É o

fato de que em todos os abrigos sob-rocha onde foram registrados painéis rupestres relacionados à subtradição Seridó da tradição Nordeste, até o presente momento, não foi identificada nenhuma representação de arco e flecha. Apesar da riqueza observada no que diz respeito à cultura material dos povos autores dos registros gráficos (Martin, 2008). Por outro lado, elementos gráficos que podem ser interpretados como propulsores de dardos foram identificados, são mais um indício que sugerem esta continuidade tecnológica e cultural que aqui se pretende ressaltar (**Figura 10**).



Figura 10: Grafismo antropomórfico representando uso de armas: propulsor de dardos. Sítio arqueológico Xique-xique II, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Martin, 2008.

Quanto às indumentárias e aos hábitos femininos, pode ser apontado o uso de um “saiote” de folhas verdes e cabelos mais curtos que os homens, com franjas cortadas até sobre as orelhas (**Figura 11**). Ambos os sexos usavam sandálias confeccionadas em fibra vegetal e animal. Como utensílios cotidianos, utilizavam machados, mós, pilões e pratos de pedra polida, para o processamento de raízes e grãos. Foram descritas como

produtoras de uma cerâmica simples, produzida apenas para a fermentação do mel na produção de cerveja fermentada ou quando se mostrava necessária. Contudo, a maioria dos utensílios utilizados no dia-a-dia era confeccionada com fibras vegetais, como cestarias e trançados (Medeiros Filho, 1984; Santos Júnior, 2008).



Figura 11: Mulher Tapuia, pintada por Albert Eckhout, século XVII. Fonte: www.google.com.

Todavia, a característica mais marcante, que talvez delimite as fronteiras étnicas necessárias para isolar os Tarairiú como uma identidade cultural distinta dos Kariri e dos Tupinambá, é o fato de praticarem o endocanibalismo. Como endocanibalismo compreende-se o hábito de ingestão dos próprios mortos, como ritual funerário. Neste ritual, as carnes do defunto eram assadas e consumidas, por aqueles que tinham alguma

relação afetiva com o morto e, às vezes por toda a tribo. Os cabelos e os ossos eram calcinados em uma fogueira para então, pulverizados, serem misturados a uma bebida, provavelmente “cerveja fermentada” a base de mel (Medeiros Filho, 1984; Santos Júnior, 2008; Fernandes, 2004).

Quanto ao padrão de assentamento dos Tarairiú, os dados etnohistóricos permitem afirmar que se caracterizavam como grupos nômades, que viviam da caça de animais de pequeno porte, da pesca e da coleta de frutos silvestres e, principalmente, do mel. Entretanto, praticavam uma agricultura sazonal e incipiente. Assentavam seus acampamentos a céu aberto, geralmente na proximidade de cursos ou fontes d’água. Praticavam o deslocamento sazonal, de acordo com a época do ano e a disponibilidade dos recursos. Não construíam ocas, apenas ramagens para proteção do sol ou do vento (**Figura 12**). Para cozer seus alimentos, utilizavam fornos subterrâneos, os quais também eram utilizados para mantê-los aquecidos durante a noite (Medeiros Filho, 1984; Santos Júnior, 2008).

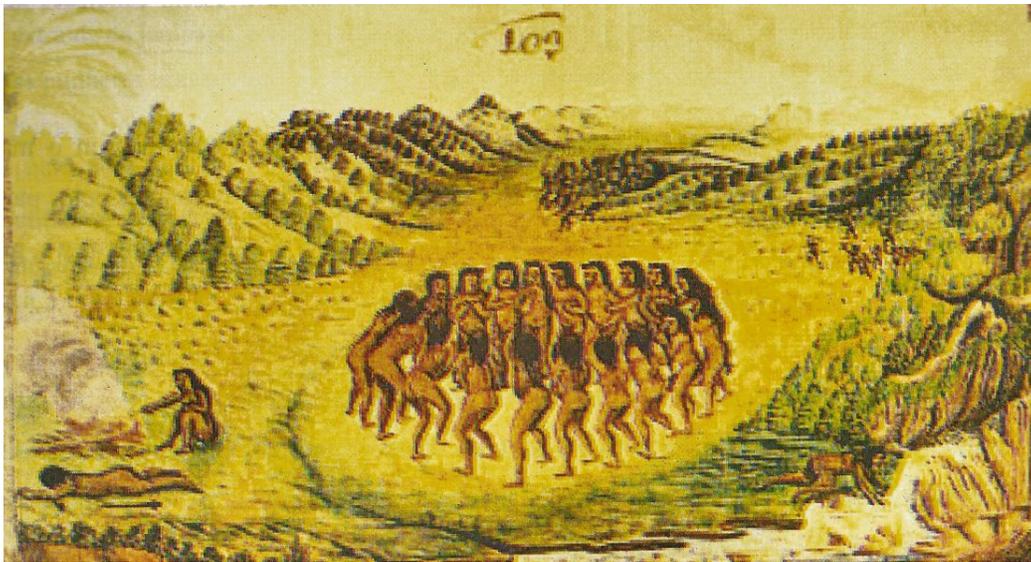


Figura 12: Representação de uma aldeia tapuia, de autoria de Zacarias Wagner, século XVII. Fonte: Santos Júnior, 2008.

Mais uma vez, várias características culturais dos Tarairiú os relacionam aos grupos pré-históricos que habitaram, não só a área arqueológica do Seridó, como também boa parte do interior do estado do Rio Grande do Norte: o nomadismo, a ausência de assentamentos do tipo aldeia, a caça e a coleta, a agricultura incipiente, o uso de artefatos confeccionados em fibras vegetais e o uso de uma cerâmica simples.

Estes hábitos coincidem com muitas interpretações arqueológicas propostas para a região, descritas no segmento anterior. Porém, até o presente momento, não foi identificado nenhum relato histórico que permitisse uma relação de identidade entre estas populações etnohistóricas e os grupos autores dos registros gráficos encontrados em quase todo o estado potiguar. Apesar de muitas áreas descritas como assentamentos tarairiú estarem associadas a sítios com registros gráficos, a variedade tipológica dos mesmos, não permite qualquer afirmação categórica sobre este tema.

Quanto à vida religiosa dos Tarairiú, praticavam rituais de possessão de espíritos, embebidos com tabaco e “cerveja fermentada” de mel (Medeiros Filho, 1984; Santos Júnior, 2008). De tal forma, que alguns autores costumam chamar esses grupos de “Povos do Mel” (Fernandes, 2004) (**Figura 13**). Outra característica marcante da cultura Tarairiú era o ritual da “corrida de toras” ou “correr a árvore”, realizado quando do deslocamento do acampamento para outra área. Os homens mais fortes da aldeia revezavam-se, em correria, carregando pesados troncos de carnaubeira, até a nova área indicada pelo chefe da tribo (Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Pompa, 2002; Santos Júnior, 2008). Este fato foi um dos argumentos utilizados para a classificação do Tarairiú como língua Macro-jê (Medeiros Filho, 1984). No entanto, não se pode negar a possibilidade de que os grupos Jê tenham assimilado esse hábito dos Tarairiú, ou de seus antepassados mais diretos (**Figura 14**).



Figura 13: Conjunto de grafismos rupestres representando a coleta de mel, sítio arqueológico Xique-xique IV, Carnaúba dos Dantas – RN.

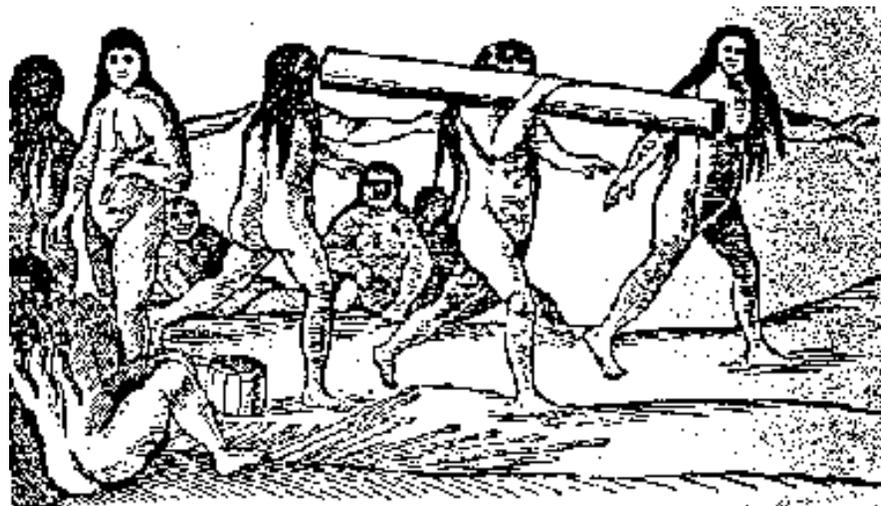


Figura 14: Corrida de toras – gravura de Jorge Marcgrave, século XVII. Fonte: Santos Júnior, 2008.

Após a Restauração Luso-brasileira, em 1646, que culminou na expulsão da Cia. das Índias Ocidentais, a sociedade colonial como um todo, entrou em colapso. Com a destruição dos engenhos, em decorrência dos conflitos armados, muitos escravos africanos fugiram para quilombos e muitos índios aldeados voltaram para seus territórios de origem. Era necessário então encontrar uma solução para crise financeira e social que se estabeleceu na colônia e esta foi a doação de sesmarias nos territórios interioranos, para a implantação de uma economia pecuarista.

A doação de sesmarias no sertão não era um evento novo. No início do século XVII, várias sesmarias foram requeridas, para implantação de fazendas de gado, mediante a proibição de seu estabelecimento nas proximidades dos engenhos. Nesse período, os contatos luso-brasileiros com os grupos indígenas interioranos eram, de certa forma, pacíficos como atesta o documento onde figura o nome de Janduí, requerendo uma sesmaria para criação de gado (!), no vale delimitado “pela Serra do Piauí e pelo lugar chamado Marimbondo” (Santos Júnior, 2008), localizado na atual cidade de Carnaúba dos Dantas – RN.

Este procedimento resolveria três problemas que assolavam a colônia, na segunda metade do século XVII:

1. Garantiria a posse dos territórios até então ocupados pelos “holandeses”;
2. Atrairia os grupos indígenas para a sociedade colonial, através de sua inclusão na economia pecuarista e em missões religiosas;
3. Desenvolveria uma economia de subsistência a qual seria o lastro de sustentação para a recuperação da economia açucareira.

Porém, sua aplicação não foi tão fácil quanto o esperado. Diversos povos indígenas reagiram, levantando-se em armas, ao processo de expansão colonial em direção aos sertões, que caracterizou o século XVII. Historiograficamente conhecido como “Guerra dos Bárbaros”, este evento tão pouco difundido na memória brasileira, foi um dos mais duradouros e sangrentos movimentos de resistência indígena, durante o período colonial. Seu marco inicial pode ser estabelecido na década de 1620, nos sertões da Bahia, com o levante dos Kariri frente aos apresamentos realizados pela Casa da Torre, dos Garcia D’Ávila. E, seu marco final pode ser considerado a década de 1720,

com o levante e a derrota dos “Pimenteiras”, nos sertões do Piauí (Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Pompa, 2002; Santos Júnior, 2008).

Mediante estes fatos, podemos afirmar que o ocorrido foi um evento secular que envolveu uma diversidade de povos nativos, que se aliaram mediante as circunstâncias deparadas. Dessa forma, não cabe a designação proposta pela historiografia tradicional de “Confederação dos Cariris” (Abreu, 1998; Câmara Cascudo, 1947/1949/1955/1956/1971), já que não podemos identificar no registro documental qualquer indício de uma aliança do tipo confederação e, porque, não foram apenas os Kariri envolvidos nos conflitos armados. Diversas populações se rebelaram no período e, principalmente entre elas, os Tarairiú¹⁵. Possivelmente, devido ao fato de terem mantido aliança com os invasores “holandeses” foi declarada uma “guerra justa” contra eles¹⁶, que culminou com sua derrota e pacificação (Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999).

Levando em consideração a intensa resistência Tarairiú a esses primeiros conflitos armados, como última medida para detê-los, foram convocados os bandeirantes paulistas, comandados por Domingos Jorge Velho (Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Santos Júnior, 2008). Este, com sua tropa de mamelucos e índios Tupinambá, dirigiam-se para o Quilombo dos Palmares, com o intuito de contribuir com sua aniquilação. No entanto, no meio da viagem, foi interrompido por uma carta do Governo Geral, ordenando que se dirigisse para a ribeira do Açu, onde as fazendas e povoações precisavam de ajuda imediata. Após várias negociações realizadas em Pernambuco, Domingo J. Velho se dirigiu a Capitania do Rio Grande, para combater as tropas de Janduí.

A principal batalha ocorreu no sopé da Serra da Rajada, localizada no atual município de Carnaúba dos Dantas – RN (Medeiros Filho, 1984; Santos Júnior, 2008). Utilizando as mesmas técnicas de guerras dos Tarairiú, os paulistas conseguiram abater o maior número de contingentes das tropas de Janduí. Com isto, quase quatrocentos

¹⁵ Como início dos conflitos armados, pode ser citado um fato ocorrido, quando João Fernandes Vieira, herói pernambucano da Restauração, era Capitão-mor da Capitania do Rio Grande. Numa das muitas festas em que se misturavam colonos e grupos indígenas, após uma briga, o filho de Janduí foi assassinado. Este evento causou grande comoção nas tribos relacionadas diretamente com os Janduí, sendo a causa dos primeiros conflitos armados e do cerco de Natal (Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Santos Júnior, 2008).

¹⁶ Devido à proibição real do apresamento e escravidão indígena, apenas aos grupos que fossem declarados inimigos da Coroa portuguesa poderia ser deflagrada uma guerra e submetê-los a escravidão. A este empreendimento colonial era dado o nome de “guerra justa” (Pires, 2002; Lopes, 1999).

homens foram degolados, suas cabeças salgadas e enviadas para Recife. Acompanhando esse cortejo, estavam as mulheres, as crianças e os idosos, detidos para serem vendidos com escravos. No entanto, alguns grupos ou indivíduos conseguiram fugir e se esconder até o segundo momento da “Guerra dos Bárbaros”, quando um processo de aculturação e assimilação dos sobreviventes, iniciou a formação “cabocla” da sociedade sertaneja (Pires, 2002; Lopes, 1999; Santos Júnior, 2008).

3. CAPÍTULO 2. PRINCÍPIOS TEÓRICOS E DEFINIÇÕES CONCEITUAIS

3.1. PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Neste segmento, mostra-se necessário definir alguns conceitos-chave que permitiram a verificação objetiva da presente tese. Neste sentido, como consiste na categoria de entrada, vale a pena voltar à definição do conceito de área arqueológica. Este descreve um espaço com características geoambientais uniformes, no entanto com limites flexíveis, onde foram registrados sítios arqueológicos com tipologias diversificadas e possivelmente relacionados a culturas distintas. Com o desenvolvimento das pesquisas e a definição de fronteiras culturais e cronológicas, o conceito aplicado denomina-se enclave pré-histórico, que diferente da área arqueológica apresenta limites culturais definidos, que podem abranger ambientes geomorfologicamente variados (Martin, 2008).

Ambos os conceitos são herdeiros de uma tradição arqueológica de análise espacial e sistêmica, que possui como conceito-chave, o termo **padrão de assentamento**. Como padrão de assentamento compreende-se as escolhas culturais que determinam a distribuição e a relação espacial dos vestígios, das estruturas e dos sítios arqueológicos, o que permite inferências de nível funcional para os assentamentos em análise¹.

O termo padrão de assentamento (*settlement pattern*) foi utilizado pela primeira vez pelo arqueólogo Mortimer Wheeler, no início do século XX. No entanto, este aplicava o conceito em abordagens intra-sítio, na análise espacial das estruturas arqueológicas identificadas, buscando com isso definir funções para os assentamentos analisados (Trigger, 2004). A sua utilização em abordagens mais amplas, que integravam conjuntos de sítios e buscavam a identificação de padrões culturais de assentamento, deve-se a Leslie White e, posteriormente, Julian Steward, no estudo das

¹ Padrão de assentamento consiste na maneira como o Homem “acomoda-se” (*disposed*) na paisagem em que vive. Está relacionado com o tipo de moradia e sua organização, natureza e disposição de outras construções. Reflete o meio-ambiente e o nível tecnológico de seus construtores e várias instituições e interações sociais e controles que mantêm a cultura (Willey, 1953 *apud* Scatamacchia, 1981).

civilizações meso-americanas (Trigger, 2004; DeCamp, 2010). Contudo, é apenas com L. Binford que o conceito se cristaliza, utilizando para isso não apenas dados arqueológicos, mas também dados etnológicos, etnohistóricos e etnoarqueológicos (Binford, 1967).

Os estudos de Binford, a partir da segunda metade do século XX, foram então, as bases para os estudos espaciais posteriores e para as formulações de correntes de investigação arqueológicas ainda em uso na análise arqueológica. Entre várias, pode ser destacada a Ecologia Cultural, que tem sua origem em pesquisas antropológicas, mas que atualmente tem servido de base teórico-metodológica em várias pesquisas arqueológicas (Trigger, 2004; Butzer, 1989).

No Brasil, o conceito de padrão de assentamento foi muito utilizado, desde o PRONAPA, no estudo dos grupos ceramistas, buscando-se a definição de áreas culturais para as culturas arqueológicas definidas (PRONAPA, 1967-1971). No entanto, o uso do termo se destaca mais nos estudos da cerâmica tupinambá e/ou guarani, quando então foi utilizado com nomenclaturas diferentes: padrão de estabelecimento (Scatamacchia, 1990), padrão ocupacional (Borges, 2005), entre outros. Apesar da diversidade das nomenclaturas, sua definição e sua utilização tinha os mesmos objetivos do conceito original (*settlement pattern*).

Atualmente, buscando refinar as classificações propostas pelo PRONAPA para a cerâmica guarani, Francisco Noelli (1993) desenvolveu o conceito de **território de domínio**. Este conceito, utilizado pela primeira vez por Scatamacchia (1990) com o nome de **território de domínio tribal**, no estudo da cerâmica tupinambá, procura definir o padrão de deslocamento espacial, de um determinado grupo, ao longo do ciclo anual.

No entanto, a utilização desse conceito em contextos com poucas ou sem nenhuma referência histórica apresenta algumas fragilidades que devem ser consideradas. Principalmente, quando o objeto de estudo se restringe a cultura material vestigial, a qual, na maioria das vezes, apresenta lacunas impossíveis de serem preenchidas com a metodologia das ciências humanas. Além disso, a própria construção do pensamento humanístico apresenta ambigüidades inerentes ao seu objeto e suas

técnicas de coleta de dados, que exigem um maior refinamento da noção de padrão de assentamento; seja no campo antropológico, histórico ou arqueológico.

Quando se fala de escolhas espaciais determinadas por fatores culturais – padrão de assentamento – deve-se ter em mente que a utilização do espaço, por qualquer agrupamento humano, consiste no uso de um território, ou de um mosaico de territórios, em função da subsistência e sobrevivência grupal e individual. Nesse sentido, tal agenciamento espacial é restringido por limitações contextuais, que se relacionam diretamente com variáveis não-culturais. Estas variáveis são: (1) o relevo; (2) a hidrografia e a disponibilidade de fontes d'água potável; (3) a vegetação; (4) a fauna; (5) a disponibilidade de matérias-primas apropriadas; entre outras.

Além disso, o agenciamento de um espaço, independentemente de seus limites geográficos, depende diretamente do controle e da defesa do mesmo, pelo grupo cultural que o utiliza, frente às pressões populacionais externas. Dessa maneira, quando observado em sua realidade material, o padrão de assentamento de um determinado grupo, apresenta-se constituído através de uma relação de tensão e de tomadas de decisões, tanto levando em consideração as variáveis não-culturais, como as variáveis culturais. Logo, o que existe de fato é uma sobreposição de territórios, com o estabelecimento de fronteiras mal definidas, que são defendidas e/ou utilizadas em diferentes períodos do ano, por grupos culturais que concorrem pelos mesmos recursos disponíveis. Em outras palavras, o conceito de território de domínio tribal, o qual evoca uma idéia de limites bem definidos, não se mostra aplicável arqueologicamente. A presença de fronteiras culturais bem definidas, quase nunca é verificável e as áreas de intersecção e de uso comum de alguns dos recursos disponíveis, é uma recorrência nas análises espaciais de assentamentos pré-históricos.

Assim, no presente trabalho, propõe-se a remodelação do conceito em **domínio de uso territorial**, o qual por sua vez reflete de maneira mais objetiva a realidade espacial dos agrupamentos humanos pré-históricos.

Por outro lado, estes estudos espaciais têm demonstrado a fragilidade do uso arqueológico de conceitos como **sedentarismo** e **nomadismo**, na classificação dos grupos pré-históricos, em todo o mundo. Como nomadismo, compreende-se o padrão de assentamento relacionado “*a uma subsistência de caça e coleta e (...) a um movimento*

sazonal de residência” (Sanders e Marino, 1971, pp. 20). Tais agrupamentos humanos “*se definem territorialmente como habitantes ou ‘donos’ de uma vasta região de coleta*” (Service, 1971, pp. 19), na qual os mesmos possuem “*a necessidade de tirar a máxima vantagem dos ciclos anuais de procriação animal e amadurecimento dos produtos vegetais [o que os compele] ao movimento sazonal*” (Clark, 1985, pp. 90). Como sedentarismo, entende-se o padrão de assentamento relacionado “*a maior parte dos produtores de alimento (...) tribalmente organizada [e] às sociedades hierarquizadas e/ou urbanas*” (Sanders e Marino, 1971, pp. 20). Nesse sentido, são sociedades que asseguram “*a manutenção de suprimentos alimentares [o que permite] maior densidade e agregação populacional*”, encorajando a mesma ao estabelecimento de assentamentos fixos (Clark, 1985, pp. 90).

Atualmente, a utilização de um conceito cíclico de deslocamento anual, ao longo de um território definido culturalmente, tem demonstrado que, tanto os grupos tribais como os grupos caçador-coletores, caracterizam-se pelo uso de um vasto território, manejado no decorrer das estações climáticas, de acordo com a disponibilidade de recursos (Noelli, 1993).

Dessa maneira, a visão de grupos agricultores sedentários, em oposição a grupos de caçador-coletores nômades (Service, 1971), tem sido colocada em cheque, já que a mobilidade territorial é um fator determinante para a sobrevivência de ambos os tipos de cultura, pelo menos no contexto da pré-história americana. Logo, pode ser definido um pressuposto que guiará as análises, no presente trabalho: no caso do Nordeste brasileiro, para não falar de contextos além do recorte espacial previsto, as culturas devem preferencialmente ser classificadas como **seminômades** ou **semi-sedentárias**². Em outras palavras, o deslocamento espacial, em um território amplo e com fronteiras mal-definidas, seria uma característica básica da adaptação cultural dos grupos pré-históricos nordestinos. Este pressuposto tem sido verificado em vários contextos culturais diferentes, tanto pré-históricos, como etnohistóricos e etnográficos (Noelli, 1993, 1998a, 1998b; Assis, 1996).

² Estes conceitos são a síntese dos conceitos de sedentarismo e nomadismo, encerrando a duplicidade do deslocamento espacial dos grupos humanos. Nesse sentido, parte-se do pressuposto que a dicotomia sedentário-nômade não condiz com a realidade dos agrupamentos humanos pré-históricos, sejam eles agricultores ou caçador-coletores.

Quanto aos grupos humanos que habitavam o semi-árido nordestino como foi visto anteriormente, as classificações culturais propostas, definem um padrão econômico baseado na caça e na coleta. Esta é uma hipótese que vem sendo verificada nas culturas arqueológicas definidas, tanto a partir dos estudos dos grafismos rupestres, como no estudo das indústrias líticas, estabelecidas para a região. Esta situação também pode ser percebida em contextos etnohistóricos, como foi visto anteriormente. Os Tarairiú, grupo cultural classificado como língua isolada (Urban, 1998), foi descrito em vários relatos como grupos sem acampamento fixo e com economia baseada na caça e na coleta. Contudo, a observação dessa mesma documentação permite vislumbrar um padrão de deslocamento estável, ao longo de um território manejado culturalmente, que relaciona o padrão de assentamento desta cultura com o conceito de território de domínio tribal, mais utilizado para a classificação de grupos ceramistas e horticultores, o qual foi aqui denominado de domínio de uso territorial.

Nesse sentido, apesar da baixa densidade de vestígios cerâmicos identificados nos sítios pré-históricos do semi-árido potiguar, um paralelo teórico-metodológico pode ser estabelecido. Mesmo diante da superioridade numérica dos vestígios líticos, em relação aos vestígios cerâmicos, os sítios Baixa do Umbuzeiro e Furna do Umbuzeiro foram abordados como ocupações relacionadas a **grupos ceramistas**. A utilização deste conceito, que toma como base o perfil cerâmico como definidor cultural, não significa que os grupos humanos aqui estudados foram considerados sociedades tribais e agricultoras. Nesse sentido, o conceito foi utilizado para descrever sociedades caçador-coletoras que, através da difusão de um traço cultural – no caso a transmissão da tecnologia cerâmica entre grupos culturais e etnicamente distintos – passaram a incorporar este elemento em sua cultura material, sem que com isto seu modo de subsistência fosse radicalmente alterado (Brochado, 1984).

Em outras palavras, a contemporaneidade desses grupos caçador-coletores do interior do NE brasileiro, em relação aos grupos agricultores litorâneos e amazônicos, e a adoção da tecnologia ceramista são os parâmetros que permitiram a adaptação do conceito de grupo ceramista a esta realidade arqueológica distinta.

Além do afirmado acima, deveu-se ao fato de que o material cerâmico registrado, em ambos os sítios em análise, apresentaram características tecnológicas e formais que permitiram a sua relação com a tradição ceramista Pedra do Caboclo (Laroche, 1970;

Brochado, 1984). Segundo Brochado, a difusão da Tradição Pedra do Caboclo aconteceu entre culturas com tecnologias líticas muito antigas e modo de subsistência baseado na caça e na coleta. Logo, estas ocupações foram estudadas numa abordagem que buscou traçar relações espaciais e temporais entre os sítios estudados; além de definir uma hierarquia tipológica dos vestígios que funcionou como caracterizador cultural.

Neste ponto, como o presente trabalho buscou relacionar dados arqueológicos com dados etnográficos e históricos, cabe uma definição de dois conceitos-chave: **cultura material** (Prous, 1992) e **cultura etnográfica** (Laraia, 2006). Como cultura material, define-se o conjunto de restos materiais relacionados cronológica e culturalmente a um componente arqueológico definido, seja ele pré-histórico, proto-histórico, ou histórico. Neste sentido, cultura material pode ser compreendida como um conceito similar ao de horizonte cultural e/ou tradição. Como cultura etnográfica, por outro lado, compreendem-se agrupamentos humanos definidos a partir de estudos etnográficos, etnológicos e/ou lingüísticos. Em outras palavras, culturas vivas ou que foram registradas historicamente: **culturas etnohistóricas**. Dessa maneira, são considerados não apenas os aspectos materiais da cultura, na sua classificação, mas também aspectos imateriais, como a língua, a ideologia, a religiosidade e outros aspectos que não se preservam no registro arqueológico.

Apesar de se propor aqui paralelos etnoarqueológicos como recurso heurístico, vale ressaltar que estes paralelos foram estabelecidos a partir da **cultura material**. Ou seja, a partir do universo material preservado, tecnológico e espacial, manejado por uma determinada cultura³. No presente caso, a partir da confrontação de dados arqueológicos, resultantes de pesquisas realizadas na área arqueológica do Seridó e de outras regiões do Rio Grande do Norte e de dados etnohistóricos que descrevem os costumes e hábitos das populações indígenas do semi-árido potiguar, obteve-se uma lista de traços culturais que possibilitaram esta confrontação. Dessa maneira, a abordagem arqueológica desses dados etnohistóricos possibilitou uma verificação mais objetiva dos dados oriundos de outros ramos das ciências humanas, como a história, a antropologia e a lingüística.

³ Como se está trabalhando com dados arqueológicos cabe aqui destacar que a cultura material nesses casos é geralmente fragmentária e representa apenas uma porcentagem do universo material manejado por determinada cultura. Em outras palavras, consiste naquilo que conseguiu resistir aos efeitos intempéricos e aos processos naturais de degradação da matéria.

Nesse sentido, foi estabelecido o perfil tecnológico dos dois assentamentos em análise, levando-se em consideração a relação valorativa, espacial, cronológica e funcional dos conjuntos de vestígios arqueológicos identificados. Além desse procedimento, foram consideradas as relações espaciais, verticais e horizontais, dos vestígios e estruturas arqueológicas identificadas, que permitiram caracterizar a relação espaço-temporal que será demonstrada nos segmentos seguintes.

A proposta de classificação para os vestígios arqueológicos identificados em ambos os sítios em estudo, buscou estabelecer uma síntese entre as diversas classificações já propostas. No que toca os vestígios cerâmicos, foi primeiramente considerado o conceito de **cerâmicas regionais**, proposto pelo PRONAPA (1967-1971) e ainda em uso por alguns pesquisadores (Robrahn-González, 1998). Segundo esta definição, tais indústrias ceramistas se caracterizam pelo desenvolvimento local e, em alguns casos autóctones e pela produção de um vasilhame utilitário simples: com baixa densidade de decoração, quase sempre plástica; tratamentos de superfícies como o alisado, o polido, o brunido e o banho em vermelho; e alguns apliques vazados ou perfurações para suspensão das vasilhas. Reformulando estas classificações pronapianas, Brochado (1984) buscou relacionar as tradições cerâmicas estabelecidas com as culturas indígenas da América do Sul. Como exemplos da eficácia de sua abordagem podem ser vistos alguns trabalhos onde demonstra uma clara relação entre as áreas de ocorrência da cerâmica classificada como Tupinambá ou Guarani e o espaço reconhecido através de dados documentais para esses grupos ceramistas pré-históricos (Brochado, 1991).

Além disso, propõe uma reclassificação das tradições ceramistas definidas durante o PRONAPA, baseando suas novas classificações nessa abordagem que relaciona culturas materiais e culturas etnográficas. Assim, utiliza-se dos esquemas propostos pelo PRONANA, reorganizando espacial e cronologicamente as tradições anteriormente propostas (Brochado, 1984).

Para o presente trabalho, utilizaremos o conceito de **Tradição Pedra do Caboclo**, primeiramente estabelecida por Laroche (1970) para sítios pernambucanos. Definindo uma cronoestratigrafia para as fases e subdivisões estabelecidas como cerâmicas regionais, Brochado (1984) demonstra uma relação de filiação entre esses conjuntos cerâmicos e a **cerâmica Mina**, identificada em sambaquis fluviais amazônicos. Com datação de $\pm 3500-3700$ A. P. esse seria o início cerâmico mais

antigo da América do Sul, no momento em que publicava a sua tese de doutoramento. As novas datas obtidas, ± 7000 A. P. no sítio arqueológico Abrigo do Sol, por Ana Roosevelt, Amazônia (1998) e ± 8000 A.P., no Piauí, por Niède Guidon, no sítio do Meio (Martin, 2008), apenas recuam as datas desse tipo cerâmico e, possivelmente, deslocam para o interior o centro de origem dessa tecnologia. Segundo Brochado (1984), o processo de dispersão da tecnologia cerâmica, em datas tão recuadas se deu pela intrusão de traços culturais, em sítios de tradições líticas já estabelecidas em várias regiões do Brasil. Ou seja, a difusão de uma inovação tecnológica através de povos étnicos diferentes, com muito pouco ou nenhum contato mais intenso entre as populações envolvidas nesse processo; o qual foi bastante diferente da difusão das cerâmicas Tupinambá e Guaraní, caracterizadas por nítidos deslocamentos populacionais. O quadro cronológico estabelecido para a tradição Pedra do Caboclo aponta para um processo dispersivo com direção norte-sul, ou seja, com uma provável origem amazônica (Brochado, 1984).

A terceira classificação cerâmica proposta foi o conceito de **tradição Papeba**, estabelecido por Martin (2008), para sítios dunares onde foi registrada a presença de uma cerâmica simples, quase sempre localizada em sítios bi-componenciais heterogêneos, onde esta indústria se encontrava sob níveis de ocupação Tupinambá. Outros sítios com vestígios cerâmicos similares, neste caso com nítidos indícios de contato com os colonos europeus, foram analisados por T. Miller (2009), como por exemplo, o sítio arqueológico Papeba, trabalhado primeiramente por Násser (1974), o qual definiu a fase arqueológica de mesmo nome. Entretanto, a classificação do primeiro, para estes vestígios, relaciona o material cerâmico identificado à tradição Aratu, seguindo uma tendência cômoda, que se reflete em vários trabalhos que se debruçam sobre o tema, os quais parecem repetir a dicotomia tupi-tapuia colonial.

No presente trabalho, esta classificação será descartada, porque o material cerâmico em análise, não apresenta relações tecno-morfológicas que permitam sua relação com a cerâmica Aratu. Nesse sentido, como já mencionado, foram relacionadas as três (03) classificações acima descritas. Logo, os vestígios cerâmicos identificados nos sítios Baixa do Umbuzeiro e Furna do Umbuzeiro foram preliminarmente classificados como pertencente a tradição ceramista Pedra do Caboclo (Brochado, 1984), refletida em sua variação regional classificada como subtradição Papeba (Martin, 2008).

No entanto, não foi desconsiderada a possibilidade de um desenvolvimento autóctone para esta tecnologia cerâmica, o que negaria o pressuposto de difusão de traços culturais proposto por Brochado. Neste caso, a cerâmica aqui identificada seria classificada como uma tradição ceramista regional, o que entra em acordo com os dados etnolingüísticos definidos para as populações do semi-árido potiguar: os Tarairiú, classificados como falantes de uma língua isolada de longa duração temporal (Urban, 1998).

Quanto aos vestígios líticos dos sítios em análise, considerando-se a pouca informação que foi possível obter-se com os mesmos, utilizaremos a classificação proposta por Laroche, para as indústrias líticas do Rio Grande do Norte: a tradição Potiguar. No entanto, foram utilizadas suas últimas observações sobre essa indústria, que a relaciona com as tecnologias líticas contemporâneas e de longa duração temporal, as quais se caracterizam pela ausência dos artefatos finamente lascados da tradição Potiguar (“lesmas” e pontas de projéteis). Segundo Laroche, existe a possibilidade de que ambos os conjuntos líticos identificados fossem contemporâneos e pudessem indicar ou uma adaptação cultural às mudanças climáticas do *Alti-Thermal*, ou sítios com funcionalidades específicas, dentro de um padrão de assentamento mais complexo, do que a simples classificação de grupos caçador-coletores nômades (Silva-Méndes, 2008).

No que diz respeito ao domínio de uso territorial dos Tarairiú, como veremos mais adiante, os dados obtidos na documentação histórica dos séculos XVII e XVIII permitem identificar uma relação espacial entre as áreas onde foram registrados e as áreas onde sítios com as tradições Pedra do Caboclo e Potiguar foram identificadas. Este fato aponta para a possibilidade de relacionar estas culturas arqueológicas a uma cultura etnohistórica conhecida, mediante as similaridades na cultural material evidenciadas em ambos os conjuntos: os dados históricos e os dados arqueológicos.

Durante as escavações realizadas no sítio Furna Umbuzeiro, mediante os vestígios evidenciados, formulou-se a hipótese de que às atividades registradas estavam relacionadas à produção de alimentos: estruturas de fogueiras sobrepostas, associadas a restos faunísticos e vegetais. Entretanto, com o aprofundamento e ampliação das sondagens realizadas, foram encontrados na base dessas estruturas de combustão, associados a restos faunísticos com sinais de queima, fragmentos ósseos humanos (> 10 cm), que também se apresentaram calcinados ou carbonizados. A relação espacial desses

vestígios sugeriu outra funcionalidade para o assentamento do abrigo sob-rocha (Borges, 2008).

Considerando-se o que foi mencionado antes, o endocanibalismo era a prática funerária que caracterizava os Tarairiú e tem sido utilizado como um elemento determinante, nas reconstituições etnohistóricas propostas recentemente, na identificação étnica de tribos e nações relacionadas a esse grupo cultural (Lowie, 1963; Medeiros Filho, 1984; Medeiros, *com pess.*; Fernandes, *com. pess.*). As similaridades observadas entre os níveis de ocupação evidenciados no sítio Furna do Umbuzeiro – datados entre 1315 ± 28 A.P. e 3630 ± 32 A.P. – e os níveis mais superficiais do sítio Pedra do Alexandre – posteriores a ± 2600 A.P. – nos quais foi registrado o abandono das práticas funerárias, em favor de ocupações sucessivas, que formaram espessas lentes de fogueira, associadas a fragmentos de material lítico, cerâmico e restos faunísticos, sugerem uma possível relação com este componente cultural identificado na crono-estratigrafia da área arqueológica do Seridó.

Como **endocanibalismo**, compreendem-se aquelas práticas funerárias, nas quais a ingestão dos restos mortais do cadáver, processado nas mais diversas maneiras (Silva (b), 2008), é o ponto culminante do ritual. No entanto, este conceito é englobado por outro mais amplo, que foi e ainda continua sendo tema de debates históricos, antropológicos e arqueológicos: o **canibalismo** (Turner *et alli*, 1999; Malar *et alli*, 2000; Diamond, 2000; Billman *et alli*, 2000; Reinhard, 2006; Viveiros de Castro, 1986; Fernandes; 1970; Fernandes, 2004).

Este traço cultural de vários grupos humanos foi identificado nos mais variados tipos de registro: arqueológico, histórico e antropológico. Todavia, ainda é considerado um tabu, por alguns pesquisadores. Existe mesmo uma corrente historiográfica que nega a sua existência nas populações ameríndias, alegando uma distorção cultural nos registros históricos coloniais, que visava a demonização dessas populações (Raminelli, 1994). Contudo, estudos mais recentes têm comprovado a presença dessa prática tanto em populações pré-históricas (Turner *et alli*, 1999), como em populações proto-históricas (Fernandes, 1970; Fernandes, 2004) e populações ameríndias contemporâneas (Viveiros de Castro, 1986; Silva (b), 2008).

O canibalismo divide-se em dois tipos de práticas, bastante distintas: o **exocanibalismo** e o **endocanibalismo**. Como exocanibalismo compreende-se a prática antropofágica mais difundida no planeta: a ingestão das carnes de grupos adversários, aprisionados geralmente em contextos de guerra. Como exemplos deste tipo de traço cultural, podem ser citados: os Tupinambá (Staden, 1974; Lery, 1961; Fernandes, 1970; Fernandes, 2004) e os Anasazi (Turner *et alli*, 1999; Malar *et alli*, 2000). Como endocanibalismo compreende-se o hábito de ingestão dos restos mortais de indivíduos do mesmo grupo, ou seja, diferente do exocanibalismo que se insere geralmente em contextos bélicos, o endocanibalismo caracteriza-se com um ritual funerário. Apesar de pouco estudada, esta é uma prática comum a algumas nações indígenas da América do Sul (Silva (b), 2008). Podem ser destacadas duas, pela sua notoriedade: os Tarairiú, população etnohistórica e os *Yanomami*, população indígena amazônica (Silva (b), 2008; Martin, 1994).

As principais provas arqueológicas dessas práticas podem ser verificadas em dois contextos americanos. No caso do exocanibalismo, Turner *et alli* (1999) conseguiram obter dados inequívocos de canibalismo em um sítio Anasazi, na fase final desta cultura: 1200 d. C. Esta interpretação foi confirmada pela presença de restos ósseos humanos, com sinais de queima e descarte e, pelo dado que confirmou a hipótese: a presença de um coprólito humano, no qual foi identificado mioglobina humana (Turner *et alli*, 1999). No caso do endocanibalismo, foram identificados em múmias Chinchorro, populações litorâneas do Chile e da Bolívia, adaptadas a pesca e a coleta, vestígios de descarte e processamento dos cadáveres, que sugerem a ingestão dos tecidos moles do morto e a preparação do esqueleto para a mumificação (White, 2005). No entanto, esta interpretação não é aceita por todos os pesquisadores que estudam esta cultura arqueológica (Santoro *et alli*, 2001). Entretanto, caso seja confirmado o endocanibalismo na cultura Chinchorro, com datas que remontam a 11000 A. P., este será o registro mais antigo da prática no continente americano.

Dando continuidade a este segmento, mostra-se necessário delimitar um conceito que serviu como marcador cultural, na confrontação dos dados arqueológicos e os dados etnohistóricos: o conceito de **práticas funerárias**. Como práticas funerárias compreendem-se as regularidades e permanências identificadas ao longo dos anos, em uma determinada população funerária (Ribeiro, 2007). Apesar da diversidade tipológica

identificada no sítio Pedra do Alexandre, algumas constâncias puderam ser observadas, ao longo de mais de 6000 anos de práticas funerárias (Martin, 2008; Torres, 1995/1996; Silva, 2003; Mutzenberg, 2007;).

Mencionadas em segmento anterior, essas regularidades são: covas arredondadas, revestidas ou lacradas com lajes planas, nas quais foram acesas fogueiras. Outras recorrências podem ser apontadas: ausência de mobiliário fúnebre, nos enterramentos femininos; presença dos mesmos em enterramentos primários masculinos; utilização de pigmento vermelho em enterramentos infantis e/ou secundários (Martin, 2008). Considerando-se que a diversidade funerária identificada na necrópole da Pedra do Alexandre pode estar relacionada a padrões culturais que determinaram a forma de sepultamento de cada indivíduo, como *status* social, gênero, idade, entre outros (Ribeiro, 2007; Silva (b), 2008), não se pode afirmar que existe uma diversidade cultural no sítio. Por outro lado, a hipótese contrária – de um horizonte cultural comum para as práticas funerárias do sítio Pedra do Alexandre – só poderá ser respondida, com o decorrer de mais alguns anos de pesquisa sistemática.

Finalizando este segmento, resta ainda definir um conceito implícito em toda a argumentação acima apresentada. Este é o conceito de **analogia etnográfica**. Como analogia etnográfica, compreende-se o recurso metodológico que utiliza fontes historiográficas e/ou etnográficas como recurso heurístico para a interpretação dos vestígios e culturas arqueológicas identificadas (Trigger, 2004). Muito utilizada ao longo dos séculos XIX e XX, a analogia foi a base para a abordagem teórica mais difundida entre os arqueólogos norte-americanos. Originalmente denominada *direct historical approach* (DHA), abordagem histórica direta numa tradução livre, esta postura teórico-metodológica é mais conhecida como abordagem histórico-cultural, em português (Lyman & O'Brien, 2001).

Seu princípio consiste em trabalhar com a lógica elementar de que só se é possível interpretar o “desconhecido” arqueológico, quando se parte do conhecido. Ou seja, quando se parte do estudo de sítios historicamente reconhecidos, conectando-se dados etnográficos e históricos aos estudos arqueológicos (Steward, 1942). Esta abordagem se mostra frutífera em contextos onde é verificada uma continuidade cultural, de períodos pré-históricos a períodos históricos. Como é o caso de “ *the Southwest and Middle America where many of the more conspicuous sites were only*

recently abandoned and were a connection between historic and prehistoric culture was obvious (...)”(Steward, 1942).

O contexto histórico colonial americano fornece – apesar dos limites inerentes às fontes históricas – registros documentais que permitem o resgate de informações úteis, para a interpretação de sítios com cronologia histórica. Esta situação americana adéqua-se e adequou a DHA aos estudos das populações pré-históricas americanas (Steward, 1942; Lyman & O’Brien, 2001).

Tal abordagem foi bastante utilizada para estabelecer seqüências culturais, em estudos dedicados a mudança cultural e suas leis, o que só foi possível quando a arqueologia passou a considerar problemas antropológicos, na formulação de questões que deveriam ser respondidas em contextos arqueológicos (Lyman & O’Brien, 2001). Nesse sentido, a DHA consiste basicamente no cruzamento de dados históricos e etnológicos como recurso heurístico fundamental na interpretação arqueológica. Em outras palavras, consiste em uma relação dialógica onde (1) a arqueologia pretende completar o quadro histórico e (2) a etnologia pretende explicar os vestígios arqueológicos em seus contextos culturais (Steward, 1942).

Por outro lado, esta abordagem apresenta graves problemas teóricos, principalmente no que diz respeito ao estudo da mudança cultural; exatamente aquele em que mais foi utilizada. As principais críticas focam no pressuposto da DHA de que o passado americano – pré-histórico – é similar ao seu presente etnográfico (Lyman & O’Brien, 2001).

Entretanto, observando-se o trecho citado pelos autores supracitados (Lyman & O’Brien, 2001, pp. 308), é possível perceber que não era esta a idéia original de alguns autores: “(...) *one would logically proceed to investigate a number of [sites of known ethnic affiliation], and work back from these*” (...) “*is only through the know that we can comprehend the **unknown** (...)*” (Dixon, 1913, pp. 565, *apud* Lyman & O’Brien, 2001). (Grifo nosso). Pode-se perceber neste caso que o uso da DHA é mencionado apenas como um recurso heurístico, para colher informações que possam ser explicadas pelo registro histórico e etnográfico, as quais poderão assim ser utilizadas como ferramentas teórico-metodológicas úteis para a interpretação do **desconhecido**. Ou seja, do passado remoto americano. Por sua vez, para que esta ferramenta seja efetivamente aplicável,

mostra-se necessário estabelecer a conexão entre o registro arqueológico e o registro etnohistórico.

Apesar de falhar no estudo das mudanças culturais, a DHA, mostra-se bastante útil como identificador étnico, no registro arqueológico, partindo-se do princípio de que existe uma continuidade cultural reconhecida na área em questão (Lyman & O'Brien, 2001, pp. 310). Este tipo de abordagem é possível nas Américas porque: *“this type of change was an orderly, continuous progression as opposed to punctuated, disruptive progression of cultural epochs such as was evident in the European Paleolithic-Neolithic sequence”* (Lyman & O'Brien, 2001, pp. 311).

Os principais procedimentos para a identificação étnica são: (1) traçar uma lista de traços culturais do grupo étnico em consideração; (2) converter o registro arqueológico numa lista de traços culturais; (3) comparar as duas listas. Ou seja, o uso de analogias históricas e etnográficas propostas pela DHA, mostra-se mais válido quando aplicado em contextos históricos e culturais específicos, do que em analogias comparativas gerais (Lyman & O'Brien, 2001).

Apesar das críticas quanto ao uso em contextos históricos específicos, baseados em conceitos evolucionistas – homologia e homoplasia (Lyman & O'Brien, 2001) – a analogia etnográfica proposta pela GHA pode se tornar uma ferramenta útil para a formulação de hipóteses testáveis pelo método arqueológico. O uso de dados lingüísticos, costumes, organização social e espacial e cultura material podem contribuir no refinamento das interpretações arqueológicas e na identificação étnica.

Desde o início da arqueologia, tanto como prática amadora quanto como pesquisa sistemática, a analogia etnográfica foi um recurso largamente utilizado por muitos pesquisadores. Entretanto, geralmente partindo de princípios difusionistas, essa confrontação de dados etnográficos e arqueológicos era realizada entre contextos culturais muito distantes e buscavam relacionar culturas que não possuíam nenhuma relação histórica ou mesmo geográfica (Childe, 1981). Por esse motivo, tal prática foi condenada pela maioria dos arqueólogos e relegada apenas a contextos onde essas relações eram evidentes demais para serem negadas (Trigger, 2004).

No Brasil, a utilização de fontes etnográficas na pesquisa arqueológica ficou restrita aos períodos em que as pesquisas eram realizadas por arqueólogos amadores e, por esse motivo, alguns mitos arqueológicos foram formulados no intuito de explicar os vestígios arqueológicos registrados. Como exemplos dessa postura podem ser citados as interpretações propostas para os registros rupestres, que os relacionavam a civilizações navegantes do Velho Mundo, como os fenícios e os vikings (Martin, 2008).

Com o início da arqueologia científica no Brasil, que pode ser determinado com a implantação do PRONAPA (1960), este recurso heurístico – a analogia etnográfica – foi abandonado. Tal fato pode ser ilustrado pelo conceito de tradição ceramista Tupiguarani, sem hífen, que buscava não relacionar a cultura arqueológica definida com os grupos etnohistóricos registrados no litoral brasileiro, no século XVI (PRONAPA, 1967-1971). Tal recusa foi tão determinante que, ainda hoje, muitos pesquisadores se negam a admitir a possibilidade de uma relação de tal tipo. Dessa maneira, foi estabelecida uma fronteira quase intransponível, que distanciava os grupos culturais identificados a partir de vestígios arqueológicos e as culturas antropológicas, históricas ou contemporâneas.

Buscando romper com essa resistência teórico-metodológica, destaca-se a tese de doutoramento de Brochado (1984). Neste trabalho o autor antes de negar essa possibilidade interpretativa, contrariamente, procura relacionar os dados oriundos das fontes arqueológicas com os dados etnográficos e históricos; partindo do princípio de que a pré-história americana deve ser relacionada ao passado dos grupos indígenas que habitaram e habitam o continente.

Em seu exemplar artigo, “*Quando os índios não eram índios*”, Martin (2002) também defende a necessidade de estudos arqueológicos que contemplem os grupos etnohistóricos, procurando compreender o seu desenvolvimento histórico e cultural, interrompido com a colonização européia no século XVI. Assim, propõe uma arqueologia contrária a muitas posturas em voga atualmente, as quais procuram sempre identificar os vestígios, os sítios, as rotas de povoamento e as datações mais antigas sem, contudo, compreender ou mesmo identificar arqueologicamente os grupos culturais, que foram os herdeiros diretos deste passado pré-histórico longínquo.

Dessa forma, sugere – recorrendo-se aqui a alguma liberdade poética – a uma arqueologia brasileira “às avessas”, que procuraria antes definir os componentes estratigráficos mais recentes relacionados aos grupos indígenas proto-históricos, dos quais possuímos algum registro documental, para então se formularem os pressupostos teóricos necessários para a compreensão e interpretação dos níveis arqueológicos mais antigos.

Logo, partindo do pressuposto de que é possível, mediante os dados espaciais e culturais expostos nas páginas anteriores, relacionar as culturas arqueológicas da área do Seridó com os grupos etnohistóricos registrados na região, o presente trabalho procurou interpretar os assentamentos em análise traçando uma analogia etnográfica entre estes vestígios arqueológicos e os registros documentais existentes sobre a área e os territórios correlatos. Entretanto, antes de usá-lo como confirmação das interpretações propostas, esse recurso heurístico foi utilizado como uma fonte de dados que permitiram a formulação de hipóteses, verificáveis através da utilização da metodologia arqueológica. Dessa maneira, buscou-se compreender o processo de povoamento da área arqueológica do Seridó, a partir de suas cronologias mais recentes, visando com isto à delimitação de um componente estratigráfico, o qual permitirá definir parâmetros verificáveis para o refinamento do conceito de área arqueológica e a identificação de um enclave pré-histórico ou possivelmente proto-histórico.

3.2. PROBLEMAS, OBJETIVOS, HIPÓTESES E METODOLOGIA

Dando continuidade a este capítulo, mostra-se necessário para delimitação mais clara das hipóteses aqui propostas, evidenciar um fato relevante que vem sendo destacado pelas pesquisas arqueológicas mais recentes, realizadas na região do Seridó potiguar: uma possível relação dos vestígios arqueológicos identificados com esta população indígena que sobreviveu até o período histórico: os Tarairiú. Este indício vem sendo observado em vários tipos de materiais arqueológicos registrados na área arqueológica do Seridó, na maioria das vezes coletados por amadores e pela população local. Como foi possível observar, existe uma nítida recorrência entre as culturas

arqueológicas descritas no segmento anterior e alguns elementos culturais descritos para os Tarairiú:

1. Adornos labiais, faciais e auriculares líticos e ósseos polidos;
2. Artefatos polidos (machados, mós, pilões, pratos e enxós);
3. Contas de colares em quartzo verde e amazonita;
4. Pontas líticas finamente lascadas em sílex, quartzo e outras matérias-primas (**Figura 15**).

Tais artefatos, apesar de não serem coletados mediante a aplicação de técnicas arqueológicas apropriadas, apresentam características formais e tecnológicas – a ausência de marcas de uso, como exemplo – que permitem sua identificação com um universo de valores simbólicos, bem delimitados espacialmente, mas ainda sem cronologias definidas. Este fato aponta para atributos identitários que facilitam a comparação com os dados etnográficos, aqui proposta. Em outras palavras, permite a relação da cultura material da área arqueológica do Seridó, com a cultura material descrita para os grupos indígenas que habitavam a região até a segunda metade do século XVII: os Tarairiú.

Contudo, quando se parte para o campo e se escava sítios arqueológicos, nem sempre esses vestígios são registrados em contextos de deposição primários, os quais permitiriam uma relação de identidade mais direta, entre os dois conjuntos de fontes aqui utilizados: os dados etnohistóricos e os dados arqueológicos.

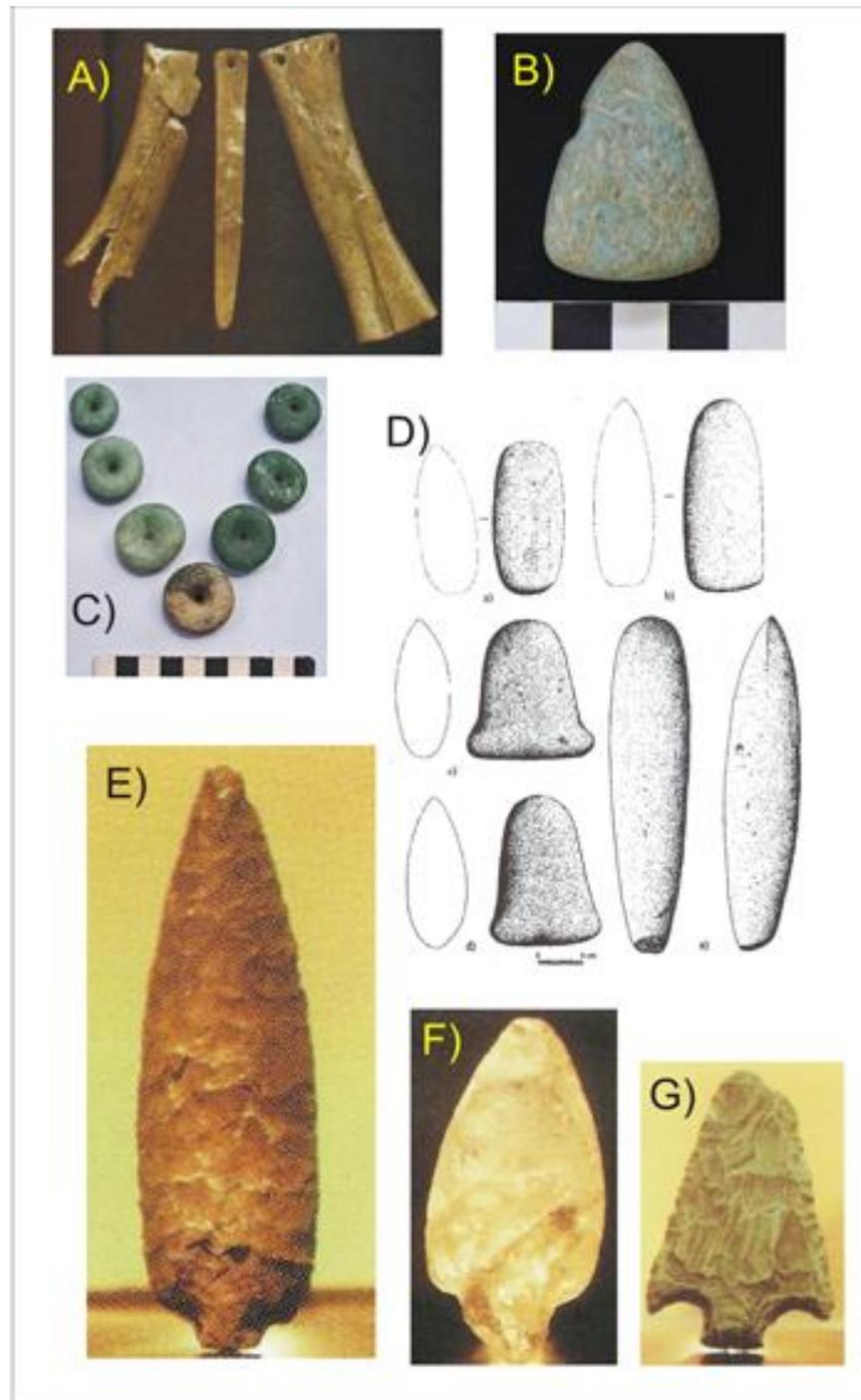


Figura 15: Material arqueológico da área arqueológica do Seridó. A) Pingentes de ossos de cervídeos, sítio arqueológico Pedra do Alexandre (Fonte: Martins, 2008); B) Pingente lítico (quartzo verde), pertencente a colecionador particular (Foto: Fábio Mafra); C) Conjunto de pingentes líticos, proximidades do Açude Municipal de Carnaúba dos Dantas (Foto: Fábio Mafra); D) Machados polidos identificados na área arqueológica do Seridó (Fonte: Martin, 2008); E), F) e G) Pontas líticas lascadas em sílex e quartzo, área arqueológica do Seridó (Fonte: Martin, 2008).

Para isto, mostra-se necessária a definição de marcadores arqueológicos que tornem possível a identificação de assentamentos ou conjuntos de assentamentos que possam ser classificados como sítios Tarairiú. Entre as diversas variáveis que podem ser citadas, algumas podem ser salientadas, pela sua consistência na delimitação de um perfil tecnológico para a cultura material em análise. No caso de ocupações em abrigos sob-rocha, podem ser citadas seis (06) variáveis:

1. A presença de estruturas de combustão, formadas por lentes de cinzas e carvão superpostas, que indicam a reutilização do mesmo espaço do abrigo, por um vasto período de ocupação. No caso do sítio Furna do Umbuzeiro, esse intervalo de tempo durou ± 2500 anos de reocupações contínuas do abrigo;
2. A presença de material cerâmico simples, em baixa densidade, com características tecno-morfológicas que permitem sua relação com a Tradição Pedra do Caboclo (Brochado, 1984), sub-tradição Papeba (Martin, 2008);
3. A presença de material lítico, lascado e/ou polido, também em baixa densidade. Com pouco ou nenhum registro de artefatos bem configurados;
4. A presença de vestígios de restos vegetais trançados, na forma de cestarias e cordéis;
5. A ausência de enterramentos, primários e/ou secundários;
6. A presença de fragmentos ósseos humanos dispersos e na base das estruturas de combustão, associados aos restos faunísticos, ambos com nítidos sinais de queima.

No caso dos sítios a céu aberto, as variáveis para a sua caracterização como áreas habitacionais Tarairiú, na área arqueológica do Seridó, são:

1. A presença de estruturas de combustão, caracterizadas como fornos subterrâneos, recobertos por uma camada antrópica de fragmentos de quartzo, alterados pelo calor intenso (piro-fraturados);
2. A distribuição regular destas estruturas, em terraços fluviais onde atualmente não cresce vegetação rasteira (clareiras ou “limpos”), apesar da mesma estar presente no entorno da área delimitada como sítio, sugerindo a ação antrópica na gênese e disposição espacial das estruturas;

3. A presença de uma grande quantidade de vestígios líticos, lascados e/ou polidos, caracterizados como lascas de debitagem e artefatos configurados, relacionados ao segundo horizonte cultural definido por Laroche (Bertrand, 2007), como uma indústria lítica grosseira;
4. A presença de material cerâmico simples, associado diretamente às estruturas de combustão. Em menor número que nas ocupações em abrigo sob-rocha, esse vestígio também se relaciona com a Tradição Pedra do Caboclo, subtradição Papeba.

Levando-se em consideração as similaridades na cultura material, acima destacadas e o fato de que o Tarairiú foi classificado como uma língua isolada, com cronologias que podem ser anteriores há 7000 anos (Urban, 1998), é possível propor uma hipótese que ainda serão necessários de muitos dados e anos de pesquisa para ser confirmada. Contudo, considerando-se que o início do povoamento humano na região do Seridó foi datado em ± 10000 A.P. e os outros fatos acima destacados, torna-se cada vez mais possível que as populações conhecidas com Tarairiú, mas autodenominadas *Otschikayaynoé*, possam ser identificadas como descendentes diretas dessas primeiras levadas de povoamento que deixaram seus vestígios na área arqueológica do Seridó.

Para se entender a identificação cultural aqui proposta, mostra-se necessário explicitar o conceito de língua isolada. Este conceito abrange a idéia de grupos culturais falantes de uma língua não aparentada com os principais troncos e famílias lingüísticas definidas para uma determinada região, com longa duração no tempo e no espaço (Rodrigues, 2002; Urban, 1998). Estas línguas isoladas geralmente se encontram em áreas caracterizadas por um efeito de concentração de línguas, as quais se configuram como antigas áreas de formação e dispersão lingüística e cultural. Segundo Urban (1998), a região Nordeste do Brasil, dado o grande número de línguas isoladas, pode ser considerada um dos focos mais antigos de dispersão lingüística, o qual pode estar relacionado aos primeiros povoadores não só da região em estudo, mas de todo continente sul-americano. Nesse sentido, os Tarairiú do Seridó potiguar podem ser considerados como a sobrevivência até períodos históricos de uma população com relações fenotípicas e, possivelmente genéticas, com a população pré-histórica de Lagoa Santa, em Minas Gerais (Alvim *et alli*, 1995/1996)

Por outro lado, como já afirmado, existem algumas lacunas no registro arqueológico da região que precisam ser preenchidas e este, é um dos principais objetivos do presente trabalho. Os problemas que então podem ser apontados são:

1. Considerando-se os dados arqueológicos apresentados anteriormente, até o presente momento não foi registrado nenhum sítio que pudesse ser relacionado a um assentamento do tipo habitação. Os sítios registrados consistem em sítios com grafismos rupestres e sítios-cemitério. Dessa maneira, o padrão de assentamento até então identificado na área arqueológica do Seridó pode ser classificado como de tipo ritualístico (Martin, 2008);
2. Seguindo este mesmo raciocínio, os sítios a céu aberto registrados e que poderiam fornecer informações quanto ao padrão de assento habitacional dos grupos pré-históricos da região, foram interpretados como oficinas líticas, nas quais não foram registrados os elementos que permitiriam a reconstituição de um espaço de habitação. Como exemplo desse viés tecnológico, pode ser citado, a pouca atenção dada aos vestígios cerâmicos, às evidências de estruturas de acampamentos e as estruturas de combustão, utilizadas apenas como elementos para definir cronologias objetivas e/ou relativas;
3. A ausência do registro de sítios relacionados às populações etnohistóricas que habitaram a área arqueológica do Seridó, em períodos históricos. Considerando-se as coincidências espaciais verificadas entre o registro documentais e as áreas arqueológicas já identificadas, esta lacuna só pode ser explicada por uma resistência dos arqueólogos em utilizar fontes etnográficas para formular hipóteses verificáveis com os dados arqueológicos já estabelecidos.

Neste “pano de fundo” arqueológico, histórico e etnográfico, a identificação e o registro dos sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro apresentaram alguns pontos que suscitaram as questões que serão respondidas nesta tese. As características discordantes do contexto arqueológico da área do Seridó identificados nos sítios em análise foram:

1. O sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro caracteriza-se como um acampamento a céu aberto, assentado em um terraço fluvial do Riacho das

Areias, na localidade de Lajedo, em Carnaúba dos Dantas – RN. No mesmo foi identificado um conjunto de estruturas de combustão, formadas por concentrações de quartzo circulares, com nítidos sinais de alteração pelo calor (pirofraturas). Em associação a essas estruturas arqueológicas foram identificados fragmentos de material lítico e material cerâmico, em alguns casos, depositado diretamente sobre as estruturas de combustão (Martin, *et alli*, 2008).

2. Já o sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro consiste em um abrigo sob-rocha metamórfica (micaxisto), localizado no sopé de uma serra na margem esquerda do mesmo riacho, distando aproximadamente 200m do sítio Baixa do Umbuzeiro. O mesmo apresentou um pacote sedimentar que foi escavado até 90 cm de profundidade e, no qual, foram identificadas estruturas de combustão (fogões⁴), onde foi registrada a presença de fragmentos cerâmicos, fragmentos líticos, restos faunísticos, coprólitos animais e humanos e raros fragmentos ósseos humanos. Até o momento não foi registrado no sítio a presença de enterramentos primários ou secundários, apesar dos vestígios ósseos humanos coletados. Este conjunto de vestígios foi interpretado como um componente cultural único, devido às características verificadas no perfil estratigráfico revelado. Outro fator que merece ser mencionado quanto a este sítio é a ausência de atividades gráficas em suas paredes (Martin, *et alli*, 2008; Borges, 2008).

Dessa forma, os vestígios arqueológicos até o momento revelados não permitem a inserção destes sítios no conjunto de sítios definidos para a área arqueológica do Seridó. Ou seja, o sítio a céu aberto não pode ser classificado como uma oficina lítica, enquanto o abrigo sob-rocha, considerando-se a ausência de atividades gráficas e sepultamentos, não pode ser inserido no padrão de assentamento ritualístico, definido para a região (Martin, 2008). Dessa maneira as questões por eles colocadas são:

1. Existe uma relação espaço-temporal entre ambos os sítios, o que significaria que eles pertenceriam a uma mesma tradição cultural, ou os mesmos fazem

⁴ Como fogões compreendem-se áreas de reutilização intensa para a preparação de fogueiras, formando estruturas arqueológicas na forma de covas, preenchida por lentes sucessivas de cinza e carvão, na maioria das vezes de espessura bastante reduzida.

- parte de sucessivas reocupações da área, ao longo de um período cronológico dado?
2. Os sítios registrados podem ser considerados a área habitacional dos grupos autores dos grafismos rupestres e sepultamentos pré-históricos identificados na área arqueológica do Seridó?
 3. O perfil tecnológico identificado em ambos os sítios, pode ser relacionados às culturas etnohistóricas que habitaram a região, desde tempos ainda não definidos arqueologicamente até o período colonial?

Considerando-se o registro de uma pequena quantidade material cerâmico simples em ambos os sítios e a baixa profundidade dos níveis de ocupação registrados no abrigo sob-rocha (90 cm) pode ser afirmado que o componente cultural identificado insere-se em uma cronologia mais recente, provavelmente relacionada ao desenvolvimento de uma tecnologia cerâmica regional, com datas que recuaram de \pm 1500 A. P. (Martin, 2008) para 2700 A. P., no sítio Furna do Umbuzeiro. Dessa forma, serão sugeridas as seguintes hipóteses de trabalho:

1. Existe uma relação espaço-temporal entre os sítios registrados, considerando-se os vestígios arqueológicos identificados em ambos e as cronologias obtidas;
2. O sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro registra um novo dado para a área arqueológica do Seridó: a identificação de uma área habitacional (acampamentos temporários de caçador-coletores);
3. Existe uma relação tecno-morfológica entre os vestígios cerâmicos analisados, que permitiu a identificação de uma cultural arqueológica, representada por um componente estratigráfico bem definido, no sítio Furna do Umbuzeiro;
4. Nesse sentido, é possível que os sítios identificados estejam relacionados aos grupos autores dos registros gráficos identificados na região;
5. Por outro lado, não pode ser negado o fato de que os mesmos sítios apresentam características que permitem sua relação com as populações etnohistóricas que habitam o semi-árido potiguar;
6. A baixa densidade e pequenas dimensões dos fragmentos ósseos humanos coletados em contextos que, a primeira vista pareciam relacionados à

produção alimentar, sugerem uma prática funerária descrita tanto em contextos etnohistóricos como etnográficos: o endocanibalismo. Dessa maneira, a ocupação registrada no abrigo, apesar da ausência de registros gráficos e estruturas de sepultamento bem definidas, ainda pode ser inserido no padrão de assentamento ritualístico da área arqueológica do Seridó;

7. Ou seja, que ambos os sítios registrados podem estar relacionados aos Tarairiú, grupo historicamente registrado na região, o qual, por ser classificado como língua isolada, pode ter uma duração temporal que coincide com as cronoestratigrafias definidas para a região.

Contudo, estas interpretações só puderam ser confirmadas após a definição cronológica das estruturas reveladas, como visto na Tabela 01. Isto demonstra que, qualquer abordagem que pretenda relacionar dados arqueológicos e dados históricos ou antropológicos, só será possível se houver uma crono-estratigrafia que permita uma correlação precisa dos fatos. Somente desta maneira, será possível concretizar os objetivos abaixo designados.

3.2.1. OBJETIVOS

O objetivo geral que se pretende verificar com esta tese de doutoramento é a identificação de uma cultura arqueológica que possa ser relacionada com os dados etnohistóricos que existem sobre a área arqueológica do Seridó.

Entretanto, outros dados precisaram ser verificados para a confrontação das hipóteses propostas. Neste sentido, os objetivos específicos são:

1. Testar a interpretação do sítio Baixa do Umbuzeiro como um sítio habitacional, do tipo acampamento temporário, verificando se as estruturas identificadas são antrópicas ou se tratam de geofatos;
2. Identificar uma relação espaço-temporal entre os sítios em análise, que permita a definição de um padrão de assentamento habitacional na área arqueológica do Seridó;

3. Identificar a função das estruturas de fogueiras escavadas no sítio Furna do Umbuzeiro, considerando o fato que as mesmas podem ter sido utilizadas para a cremação de ossos em rituais endocanibais;
4. Identificar uma cultura arqueológica e confrontar a hipótese sugerida de que a mesma pode estar relacionada a uma cultura etnográfica: os Tarairiú.

3.2.2. METODOLOGIA

Para facilitar a abordagem metodológica do tema trabalhado nesta tese, foi elaborado um fluxograma, no qual foram representados: o conhecimento ordinário (teorias, modelos teóricos e antecedentes), as constantes teóricas, os dados de análise, as técnicas de verificação selecionadas, os conceitos e as variáveis; hierarquicamente organizados (**Anexo 1**). Este procedimento visou minimizar os vícios de interpretação dos dados arqueológicos, através da explicitação das possibilidades interpretativas inerentes a cada etapa da pesquisa em andamento.

Dado o fato de que nem todas as análises vislumbradas no algoritmo elaborado foram realizadas no tempo previsto para a conclusão do trabalho, as atenções foram voltadas para aquelas variáveis que permitissem responder, ao menos parcialmente, algumas das questões aqui colocadas.

Nesse sentido, partiu-se do modelo teórico de análise espacial de **território de domínio** (Noelli, 1998b), aqui reelaborado no conceito de **domínio de uso territorial**. Este conceito representa uma área, um território que é manejado por determinada cultura. Geralmente implica em vários ecossistemas, que são agenciados de acordo com o fornecimento dos recursos de subsistência, ao longo do ciclo anual. Nesse sentido, caracteriza-se como uma categoria de saída, na qual se estabelece um sistema de assentamentos, que são determinados por fatores ambientais e culturais. Partindo desta perspectiva teórica serão analisados os sítios em questão.

Para a definição dos limites de um domínio de uso territorial, mostra-se necessário a definição do **padrão de assentamento** (Willey *et alli*, 1983) da cultura em análise. Na verdade este conceito está subordinado ao conceito de domínio de uso territorial. Logo, no interior de cada unidade geográfica ocupada por uma determinada cultura, existem áreas menores, que são aproveitadas de acordo com a economia de

subsistência. Arqueologicamente, cada área ocupada deixaria um tipo de registro, determinado pela função do assentamento. Dessa maneira, a relação entre o espaço geográfico, a tipologia das estruturas, os tipos de vestígios arqueológicos e a funcionalidade inferida, determinariam o padrão de assentamento do grupo em análise.

Compondo a dimensão espacial do padrão de assentamento, existe certo número de áreas, agenciadas por uma cultura, em função dos recursos disponíveis. Essas áreas são ocupadas ao longo do ciclo anual e, o período de ocupação acompanha o amadurecimento de espécies vegetais e a procriação da fauna representada. Utilizada como uma variável analítica, a seleção e hierarquização de determinados ecossistemas, por uma cultura específica, é o fator que permite a definição de um padrão de assentamento e, com isso, a possibilidade de identificações culturais, de cunho espacial.

No presente trabalho, parte-se do princípio de que o domínio de uso territorial se caracteriza por um conjunto de ecossistemas culturalmente manejados, em que suas variáveis representam espaços geográficos utilizados pelo grupo. Segundo a documentação histórica, referente às populações indígenas do Seridó potiguar – os Tarairiú – uma dessas **áreas de ocupação sazonal** pode ser localizada na região de Açú, no RN. No entanto, ainda não pode ser utilizada como uma variável arqueológica, porque a área ainda não foi pesquisada com esse propósito.

Outra área de ocupação sazonal que também pode ser mencionada é o litoral do Rio Grande do Norte. Nessa região foi registrada a presença de sítios lito-cerâmicos, nas áreas dunares, que apresentam uma cerâmica simples, relacionada a Tradição Pedra do Caboclo, sub-tradição Papeba (Martin, 2008). No entanto ainda não foi feita uma correlação entre o material cerâmico registrado nessa área e o que se encontra em análise na presente tese. Por isso, esta foi considerada uma variável indeterminada.

Ainda dentro do parâmetro das variáveis indeterminadas, cabe mencionar a possibilidade da existência de outras áreas, ocupadas pelos Tarairiú e ainda não identificadas. Existe o registro de sítios com estruturas de combustão com tipologias similares àquelas registradas no Sítio da Baixa do Umbuzeiro, em outras regiões do Rio Grande do Norte (Santos Júnior, *com, pess.*) e no litoral de outros estados do Nordeste brasileiro, como o Ceará e o Piauí (Viana *et alli*, 2008). A correlação desses dados ainda

não foi possível de ser realizada, no entanto, este procedimento está previsto para as etapas posteriores de execução desta pesquisa, apenas iniciada na presente tese.

A única área de ocupação sazonal, que fornece elementos suficientes para responder as questões aqui propostas, é a área arqueológica do Seridó (RN e PB). Neste sentido, esta variável será também utilizada como conhecimento prévio, que permitirá a confrontação dos dados obtidos das fontes etnohistóricas e dos dados arqueológicos levantados nos sítios em análise: o sítio Furna do Umbuzeiro e o sítio Baixa do Umbuzeiro. Com mais de trinta (30) anos de pesquisa sistemática, estas foram centradas na classificação das tradições gráficas registradas. Por outro lado, segundo a documentação histórica, a região também foi ocupada por grupos indígenas, registrados com Tarairiú (Baro, 1979; Barleus, 1980; Pompeu Sobrinho, 1934; Medeiros Filho, 1984).

Até o momento não haviam sido catalogados sítios que pudessem ser relacionados com essa cultura, lacuna esta preenchida pelos sítios acima citados. A maioria dos sítios arqueológicos registrados caracteriza-se pela ocupação de abrigos para a realização de atividades gráficas (pinturas e gravuras) e rituais funerários. Foram registrados diversos sítios arqueológicos que podem ser enquadrados nesse tipo de assentamento. Apesar de serem considerados na análise das hipóteses propostas, não constituem uma variável determinante para o problema que se pretende resolver. Utilizado como conhecimento ordinário, este conceito permite definir que o padrão de assentamento registrado na área arqueológica do Seridó pode ser classificado como um **padrão de assentamento ritualístico**; ressaltando a ausência do registro de sítios habitacionais. Suas principais variáveis são os **registro rupestres**, que se dividem em pinturas – Tradição Nordeste, subtradição Seridó e Tradição Agreste – e gravuras rupestres – Tradição Itacoatiara (Martin, 2008). Juntamente com esta variável do conceito de padrão de assentamento, serão aqui trabalhados, como variáveis desse agenciamento espacial, os novos sítios registrados e que fazem parte da presente análise: (1) **padrão de assentamento em abrigos sob-rocha**, sem a presença de registros gráficos e (2) **padrão de assentamento em sítios a céu aberto** (terraços fluviais).

Outra variável do padrão de assentamento ritualístico, que dessa vez se mostra relevante ao presente trabalho, diz respeito às **práticas funerárias** registradas na área arqueológica do Seridó. Essa variável relaciona-se com uma das hipóteses sugeridas na

tese, pelo tipo de relação espacial dos vestígios ósseos humanos identificados no sítio Furna do Umbuzeiro. No entanto, só se tornará uma variável relevante, se for confirmada uma das hipóteses sugeridas: o endocanibalismo como prática funerária. Por esse motivo, serão consideradas três variáveis subordinadas: (1) e (2) aquelas que caracterizam a tipologia funerária registrada no Seridó e (2) o novo tipo, que se pretende registrar com a análise em questão.

A primeira consiste nos **enterramentos primários**, registrados no sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN (Martin, 2008). Consiste numa variável das práticas funerárias que consiste na inumação dos indivíduos, em articulação anatômica. A segunda variável é composta pelos **enterramentos secundários**, nos quais o esqueleto encontra-se desarticulado, caracterizando um segundo sepultamento do indivíduo. Foram registrados nos sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas e no sítio Mirador do Boqueirão de Parelhas, RN (Martin, 2008).

A terceira variável relacionada às práticas funerárias da região em análise, consiste no conceito de **endocanibalismo**. Tal prática pode ser definida como um tipo de ritual funerário registrado apenas na documentação histórica, no contexto funerário da área arqueológica do Seridó. Os tipos de vestígios arqueológicos identificados na Furna do Umbuzeiro e a sua relação espacial permitiram levantar a hipótese do registro arqueológico dessa prática funerária no sítio. Caso seja confirmada, esse será um conceito determinante para responder as questões levantadas.

Voltando às variáveis espaciais, que são um dos lastros da presente pesquisa, o novo dado obtido com o registro de um sítio em abrigo sob-rocha, sem a presença de atividades gráficas ou funerárias evidentes, foi considerado como uma variável do padrão de assentamento da área arqueológica do Seridó. O sítio Furna do Umbuzeiro consiste em um abrigo sob-rocha com presença de níveis ocupacionais profundos: 90 cm de profundidade, até o momento. Esse tipo de assentamento não havia sido catalogado na região e pode estar relacionado a atividades de caráter cotidiano e, por conseguinte, habitacional.

Suas variáveis subordinadas são os vestígios registrados durante as duas campanhas realizadas: **estruturas de combustão** (fogueiras); **restos vegetais**, naturais e manipulados; **material cerâmico**; **restos ósseos** humanos; **coprólitos** humanos e animais. Para o presente trabalho foram selecionadas as seguintes variáveis: estruturas de combustão (fogueiras); restos vegetais, naturais e manipulados; material lítico; material

cerâmico; restos ósseos humanos. Cada um desses vestígios foi submetido a análises específicas que permitiram a identificação de um perfil tecnológico para o sítio em questão.

As técnicas de verificação selecionadas foram:

1. **Análise estratigráfica:** a presença de tocas de tatu, que perturbaram os níveis arqueológicos, levantou a hipótese de percolação estratigráfica, para os vestígios coletados. Nesse caso, essa técnica arqueológica permite a reconstrução laboratorial da relação espacial, vertical e horizontal dos vestígios. Apresenta-se como condicionante para a formulação de uma resposta objetiva para as questões propostas. A partir da relação estratigráfica identificada, será possível a utilização desses resultados como uma variável lógica que confirmará uma função para as estruturas de combustão registradas no sítio: **função crematória**. A confirmação deste fato permitirá a confirmação de uma prática funerária endocanibal e tornará possível sua relação com um grupo indígena historicamente descrito. Caso não fosse confirmada uma deposição primária para os vestígios ósseos coletados no sítio Furna do Umbuzeiro, o sítio será classificado como um assentamento com função cotidiana. Este fato permitiria a definição de um sítio habitacional e responderia uma das questões aqui propostas. Não sendo confirmado um contexto de deposição primária para **todos** os vestígios, o sítio seria classificado como perturbado e a **relação estratigráfica** dos vestígios identificados não poderia responder as questões levantadas.
2. **Definição crono-estratigráfica:** este procedimento permitiu confirmar os resultados obtidos com a análise estratigráfica, demonstrando de maneira mais objetiva o índice de perturbação do sítio. No caso, o procedimento foi aplicado em ambos os sítios. Nesse sentido permitiu uma relação temporal entre os dois assentamentos. As análises foram realizadas em amostras de carvão do Sítio Furna do Umbuzeiro e em amostras de quartzo e sedimento do Sítio da Baixa do Umbuzeiro. Os métodos utilizados foram: C^{14} , para amostras de carvão vegetal; Termoluminescência (TL) e Luminescência Oticamente Estimulada (LOE), para as amostras de sedimento coletados da Fogueira 1, da Baixa do Umbuzeiro.
3. **Análise tecno-morfológica:** com este procedimento foram reconstituídos os perfis tecnológicos dos principais vestígios arqueológicos selecionados para a

presente análise: o material cerâmico e os restos vegetais manipulados. Aqui também o procedimento foi aplicado nos vestígios coletados em ambos os sítios, o que permitiu a definição de uma **relação tecnológica** entre os mesmos. A proximidade dos sítios em análise e as similaridades tecnológicas e formais dos vestígios identificados sugeriram a possibilidade da ocupação da área por um mesmo grupo cultural. No entanto, para que esse conceito relacional fosse válido, mostrou-se necessário que ambos os sítios fossem ou contemporâneos, ou fizessem parte de um período de ocupação culturalmente estável. Por isso, foi imperativo determinar a cronologia dos mesmos.

Quanto ao padrão de assentamento a céu aberto até o momento, estes sítios, em todo o estado do Rio Grande do Norte, haviam sido registrados ou como oficinas líticas ou como achados isolados. O sítio da Baixa do Umbuzeiro, localizado a 200 m da Furna do Umbuzeiro, apresentou alguns elementos que permitem romper com essas classificações simplistas. Nesse sentido foram identificados, em associação com uma considerável quantidade de **vestígios líticos**:

1. **Material cerâmico**: baixa densidade de fragmentos cerâmicos simples e/ou pintados de vermelho
2. **Estruturas de combustão formadas por concentração de quartzo piro-fraturados**: foram registradas mais de seis dessas estruturas, em diversos estados de conservação. Após a intervenção arqueológica realizada, na estrutura denominada Fogueira 1, foi possível identificar elementos que sugeriram a ação antrópica na sua formação. A associação com o material lítico e cerâmico, além da disposição espacial das estruturas de combustão levantou a hipótese de um novo padrão de assentamento para a área arqueológica do Seridó. A cronologia definida para o sítio permitiu sua relação com os últimos níveis datados do sítio Furna do Umbuzeiro.

As técnicas de verificação selecionadas para resolverem os problemas propostos pelo sítio Baixa do Umbuzeiro foram:

1. **Análise espacial**: verificação da relação espacial dos vestígios e estruturas, no sítio à céu aberto, através de uma análise quantitativa da distribuição espacial dos vestígios arqueológicos, em ambos os sítios.

2. **Relação espacial:** a confirmação da intencionalidade humana, na relação espacial registrada nos vestígios e estruturas do sítio. Este procedimento permitiu classificar o sítio ou como **assentamento do tipo habitacional**, ou como, estruturas naturais (geofatos) formadas por **agentes naturais**, como a erosão e a drenagem das águas pluviais.

Caso não fosse verificada uma relação tecnológica e uma relação temporal entre os sítios, cada um será classificado como pertencente a uma cultura diferente. Restaria saber qual a relação cronológica que existe entre os sítios para compreender sua relação espacial. Tomando como base a **relação espaço-temporal** definida e a relação cronológica obtida para ambos os sítios e, como as datas obtidas apresentaram cifras inferiores há 4000 mil anos, foi possível relacionar os sítios aos grupos indígenas historicamente registrados na Área Arqueológica do Seridó: os **Tarairiú**, que se dividiam em várias tribos (Janduí, Canindé, Icó, Sucuru, entre outros). As principais características culturais desses grupos eram: o nomadismo (Baixa do Umbuzeiro) e a prática de rituais funerários endocanibais (Furna do Umbuzeiro). Isto é claro, segundo a documentação histórica. A confirmação das hipóteses propostas será o primeiro registro arqueológico da referida cultura.

3.2.3. TÉCNICAS DE VERIFICAÇÃO

Para verificar as hipóteses e os objetivos propostos no presente trabalho, foram realizados os seguintes procedimentos:

1. Para a verificação do objetivo 1:
 - a) Foi realizada uma intervenção na estrutura arqueológica selecionada, Fogueira 1, buscando definir seus limites estratigráficos;
 - b) Foram coletadas amostras de sedimento, de diversas partes da estrutura de combustão e do vale do Riacho das Areias, para uma determinação da cronologia da mesma;
 - c) Foi realizada uma análise quantitativa da distribuição espacial dos vestígios superficiais associados às estruturas de combustão do sítio Baixa do Umbuzeiro;

2. Para a verificação do objetivo 2:
 - a) Foi realizada uma análise tecnológica dos vestígios cerâmicos de ambos os sítios;
 - b) Foi definido o perfil tecnológico dos vestígios cerâmicos e trançados;
 - c) Foi realizada uma comparação tecno-morfológica entre os dois conjuntos cerâmicos definidos, buscando-se uma relação cultural entre os mesmos;

3. Para a verificação do objetivo 3:
 - a) Foi realizada uma intervenção arqueológica, no sítio Furna do Umbuzeiro, visando à identificação de níveis arqueológicos preservados;
 - b) Foi realizada a análise da distribuição espacial, vertical e horizontal, dos vestígios arqueológicos identificados na Furna do Umbuzeiro;
 - c) Foi realizada uma análise morfológica nos fragmentos ósseos humanos, visando sua identificação anatômica;
 - d) Foram selecionadas amostras de carvão vegetal, das estruturas de fogueira melhor preservadas, para a definição de uma coluna cronoestratigráfica para o sítio em abrigo sob-rocha;

4. Para a verificação do objetivo 4:
 - a) Foi reconstituído o perfil tecnológico dos vestígios cerâmicos identificados em ambos os sítios, buscando-se elementos que pudessem relacioná-los;
 - b) Foi definida uma cronologia para ambos os sítios, a qual permitiu uma comparação objetiva entre as duas ocupações;
 - c) Tomando como base os dados históricos presentes nas fontes primárias e secundárias acima descritas, foi realizado um levantamento de informações materiais – tecnológicas, antropométricas, culturais e espaciais – que permitissem traçar um paralelo entre a cultura arqueológica definida e os grupos etnohistóricos identificados na região.

Como técnicas de verificação foram selecionados os seguintes procedimentos:

1. Luminescência Opticamente Estimulada (LOE): para a determinação cronológica da estrutura de combustão evidenciadas no sítio Baixa do Umbuzeiro;
2. Datação radiocarbônica (C^{14}): para definir a cronologia do perfil estratigráfico do sítio Furna do Umbuzeiro;
3. Termoluminescência (TL): para confrontar os resultados cronológicos obtidos através da aplicação da LOE, em amostras de sedimentos da estrutura de combustão escavada no sítio Baixa do Umbuzeiro;
4. Perfil tecnológico (PF): para a reconstituição dos padrões técnicos e morfológicos dos vestígios cerâmicos de ambos os sítios;

Definidos os parâmetros teóricos e metodológicos que permitiram a confrontação das hipóteses sugeridas com os dados arqueológicos obtidos, será dada seqüência ao trabalho, com a caracterização ambiental da área arqueológica do Seridó e a reconstituição do domínio de uso territorial Tarairiú, no capítulo seguinte.

4. CAPÍTULO 3. CONTEXTO AMBIENTAL

4.1. O MEIO FÍSICO

A área arqueológica do Seridó encontra-se inserida no domínio das depressões interplanálticas semi-áridas do Nordeste brasileiro (Ab'Sáber, 2003) (**Figura 16**). Como domínio morfoclimático e fitogeográfico compreende-se um

“conjunto espacial de certa ordem de grandeza territorial (...) onde haja um esquema coerente de feições de relevo, de tipos de solo, formas de vegetação e condições climático-hidrológicas (Ab'Sáber, 2003, pp. 11/12).



Figura 16: Mapa de representação dos domínios morfoclimáticos brasileiros (1965). Fonte Ab'Sáber, 2003).

Segundo Ab'Sáber (2003), o interior nordestino se caracteriza por um clima semi-árido subequatorial e tropical (azonal). Como forma de relevo predominante apresenta planícies de erosão de baixa profundidade, que formam solos com mantos de alteração de 0 m a 3 m de profundidade. Os sistemas de drenagem são intermitentes sazonais extensivos, regidos por uma precipitação irregular, com média anual de 350 mm a 600 mm, o que proporciona longos períodos de estiagem (“anos secos”). Dessa forma, o clima caracteriza-se por duas estações anuais, denominadas de “verão” e “inverno”, diferenciadas apenas pelo índice pluviométrico de cada período. A estação chuvosa inicia-se em fevereiro e entende-se até os meses de abril ou junho, dependendo das condições climáticas anuais.

Esta instabilidade climática pressionou as populações pré-históricas, que habitaram a região até meados do século XVIII, a um regime de subsistência marcado pelo intenso deslocamento populacional (semi-nomadismo), regidos pelo índice pluviométrico anual. No entanto, essas populações adaptaram-se de forma adequada ao ambiente, explorando uma diversidade de nichos ecológicos que forneciam os suprimentos necessários para sua sobrevivência, até a implantação da sociedade colonial, no século XVII (Ab'Sáber, 2003, pp. 96).

A vegetação predominante é xerófila, na qual predominam espécies arbustivas caducifólias ou subcaducifólias, de médio e pequeno porte, além de várias espécies de cactáceas. Apresenta também estreitas matas ciliares, denominadas localmente de “matas de c'raíba”, além de largas galerias de palmares de carnaubeiras, localizadas nas várzeas dos baixos cursos d'água, principalmente no Rio Grande do Norte, na microrregião do Seridó, e no Ceará. Além de enclaves de “brejos”, que se caracterizam como microrregiões úmidas e florestadas, localizadas em áreas com relevo montanhoso ou condições geomorfológicas propícias (Ab'Sáber, 2003).

Também denominada de domínio dos sertões secos, onde predomina uma vegetação do tipo caatinga, caracteriza-se como a região mais homogênea do ponto de vista fisiográfico, ecológico e social do território brasileiro (Ab'Sáber, 2003, pp. 83). Devido ao fato de preservar extensos lençóis freáticos no seu subsolo, o semi-árido nordestino diferencia-se de outras regiões em desertificação do planeta, por apresentar rios que correm em direção ao Oceano Atlântico, o que proporciona a “*inexistência de*

salinidade excessiva ou prejudicial (...). Apenas nos baixos rios do Rio Grande do Norte ocorrem planícies de nível de base, com salinização mais forte” (Ab’Sáber, 2003, pp. 87).

No entanto, apesar desse contexto ambiental, nessa região “*vivem 23 milhões de brasileiros. Trata-se, sem dúvida, da região semi-árida mais povoada do mundo. E (...) aquela que possui a estrutura agrária mais rígida da Terra.*” (Ab’Sáber, 2003, pp. 92). Este fato permite uma exploração agrícola intensa, que sustenta uma população em franco desenvolvimento, mas que, contudo, tem acelerado e desenvolvido fenômenos de denudação do solo e desertificação acentuada, em algumas regiões. Sobretudo, mediante a supressão da cobertura vegetacional nativa, que expõe aos agentes intempéricos os solos rasos predominantes. A área arqueológica do Seridó se encontra inserida nesse contexto de desertificação antrópica.

Mesmo sendo considerado um fenômeno recente, esta desertificação antrópica pode ter seu início muito recuado no tempo. Baseando-se na obra de Joaquim Alves – *História das Secas (Século XVII e XVIII)* – Ab’Sáber (2003, pp. 96) demonstra que existem referências de grandes secas ocorridas já no século XVI. Entretanto, a intensificação desse fenômeno de estiagem é mais marcante a partir do século XVII, como permitem ver os anos registrados na documentação histórica: 1583, 1603, 1614, 1645, 1692. Não por acaso, esses anos marcaram o início da penetração colonial no território nordestino, a qual culminou em um dos mais acirrados movimentos de resistência indígena do Nordeste brasileiro, denominado de “Guerra dos Bárbaros” (Medeiros Filho, 1984; Pires, 2001; Monteiro, 1994; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Pompa, 2002; Medeiros, 2002; Santos Júnior, 2008).

Aprisionados territorialmente pelas frentes de expansão colonial, os grupos indígenas do semi-árido tiveram seu domínio de uso territorial reduzido e seu poder de locomoção restringido. Dessa maneira, muitas populações se viram impedidas de se deslocarem para o litoral ou áreas mais propícias, nos períodos de estiagem como era seu costume, devido ao fato desses territórios estarem ocupados por núcleos de povoamento europeus. Tal situação gerou uma ruptura no sistema de assentamento semi-nômade, que havia garantido a sobrevivência dessas populações, por um longo período de tempo.

Quanto ao contexto geológico (**Figura 17a e 17b**), a área arqueológica do Seridó é formada predominantemente por formações Pré-cambrianas, nas quais estão

representadas rochas metamórficas, dobradas e falhadas, como micaxistos, quartzitos e xistos gnaissificados (Vasconcelos Sobrinho, 1970, pp. 226). Apesar de intensas discussões quanto à disposição estratigráfica das formações rochosas da região, atualmente se aceita o seguinte quadro:

1. Formação Seridó: superior, formada por micaxistos e filitos;
2. Formação Equador: intermediária e formada por quartzitos e metaconglomerados;
3. Formação Jucurutu: unidade basal formada por gnaisses, anfibolitos, mármores e rochas cálcio-silicáticas (Silva *et alli*, 2000).

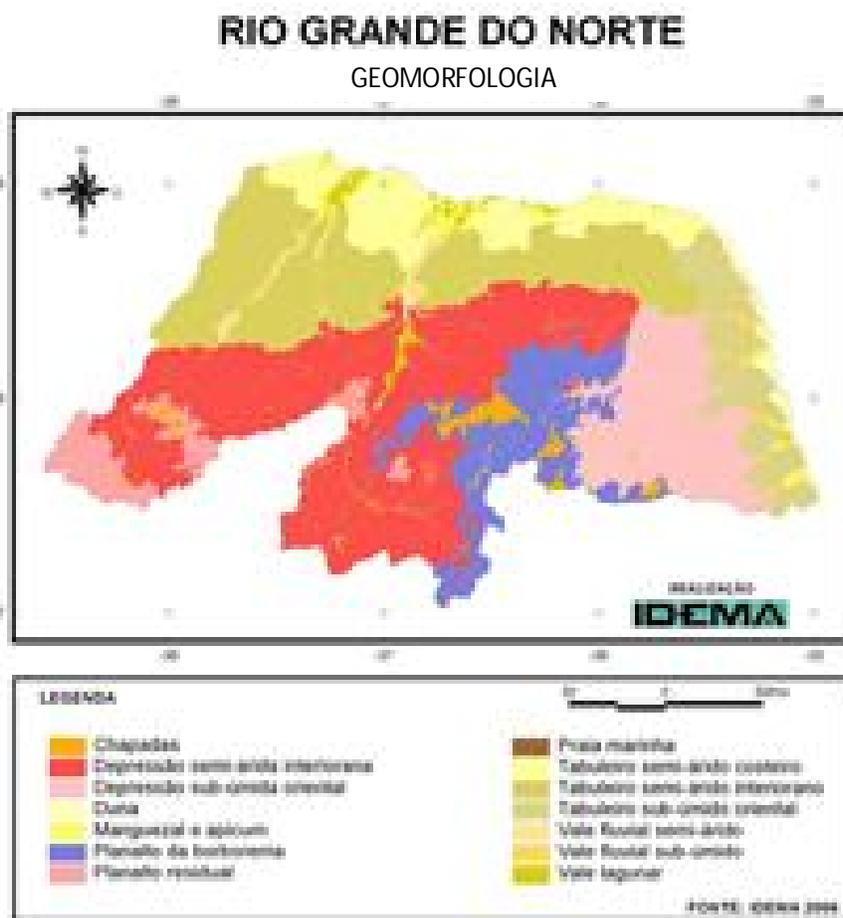


Figura 17a: Mapa de representação da geomorfologia do Rio Grande do Norte. Fonte: IDEMA, 2006.

Geocronologia do Estado do Rio Grande do Norte

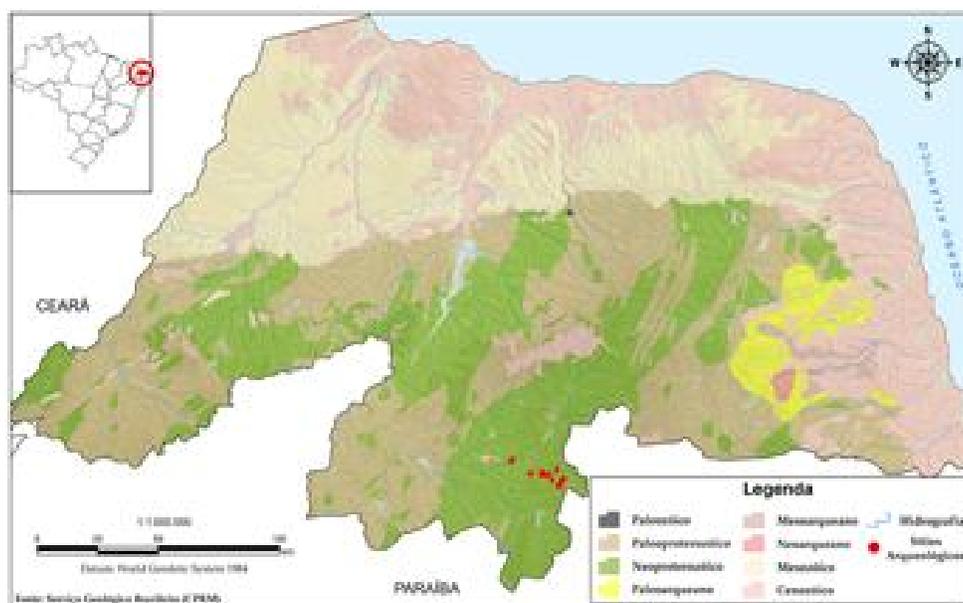


Figura 17b: Mapa geocronológico dos terrenos do Rio Grande do Norte. Fonte: Serviço Geológico Brasileiro (CPRM) – Elaboração: Caio C. de A. Barbosa, 2010.

A área arqueológica do Seridó e, especialmente, o vale do Rio Carnaúba, onde se encontram os sítios aqui analisados, está assentada na Formação Seridó, a qual apresenta na região um embasamento formado por gnaisses e migmatitos, superpostos por rochas supracrustais do Grupo Seridó, de formação Neoproterozóica – com datação de 640 milhões de anos (Mutzenberg, 2007).

A Formação Seridó caracteriza-se como um espesso pacote de metapelitos de fácies predominantemente anfibolíticas, contendo raras intercalações de metacalcários, rochas calcissilicáticas e anfibolitos (CPRM, 2000, 2005a, 2005b). O sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro encontra-se localizado no sopé de uma encosta xistosa dessa formação.

Quanto aos tipos de solo (**Figura 18**), a região caracteriza-se pela presença de solos litólicos¹ e um “considerável volume de sedimentos alúvio-colúvionais² neogênicos

¹ Tipo de solo característico de áreas de topografia acidentada, marcado por áreas de afloramentos rochosos. “São solos pouco evoluídos, rasos, com no máximo 50 cm até o contato com o substrato rochoso, de textura e fertilidade variáveis, estando esta última relacionada, principalmente, ao material de origem e ao clima” (Cunha et alli, 2006, pp. 190).

sob a forma de encostas com cobertura de colúvio, terraços fluviais e leques aluvionais (Mutzenberg, 2007, pp. 39). O sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, assentado no topo plano de um terraço fluvial, insere-se nesse contexto geológico.

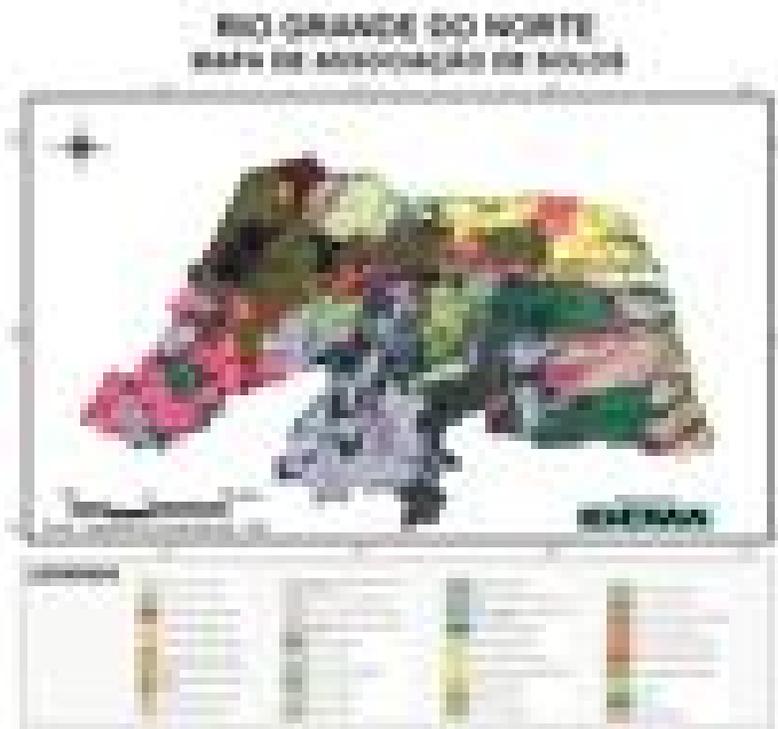


Figura 18: Mapa de associação de solos do Rio Grande do Norte. Fonte: IDEMA.

Geomorfologicamente (**Figura 19**), a área de estudo integra-se nos contrafortes do Planalto da Borborema, ou Província da Borborema³. Como domínio central da província, apresenta-se o sistema de dobramentos Seridó, onde está inserida a área de estudo. Caracteriza-se por maciços e outeiros com altitude que varia de 650 m a 1200 m, que formam vales estreitos e profundos. Os sítios arqueológicos em análise no presente trabalho estão assentados na Formação Seridó, onde predominam micaxistos e quartzitos e uma morfologia pouco acidentada (Cunha *et alli*, 2006, pp. 48; Mutzenberg, 2007).

² Solos típicos de margens de rios, lagos, várzeas, terraços e deltas. “São solos pouco evoluídos, formados a partir de depósitos aluviais, de cor amarelada ou acinzentada, moderadamente a bem drenados, de textura argilosa, silto-argilosa ou média.” (Cunha *et alli*, 2006, pp. 192).

³ Formada por complexos granito-gnássico-migmatíticos, com alternância de blocos de embasamento com faixas móveis (dobramentos, fraturas e falhas) (Cunha *et alli*, 2006, pp. 45/46).

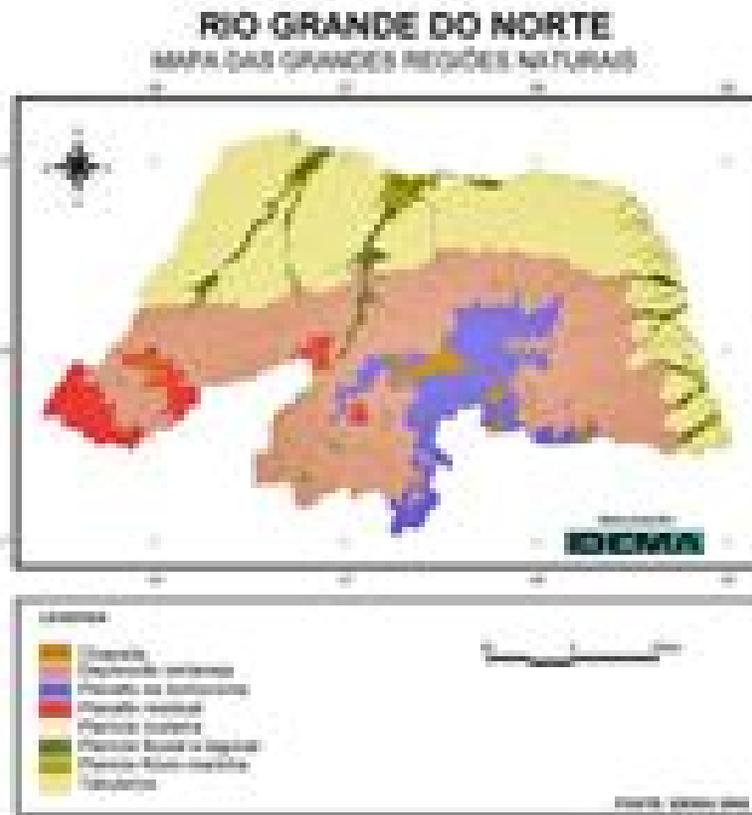


Figura 20a: Mapas das grandes regiões naturais do Rio Grande do Norte. Fonte: IDEMA, 2006.

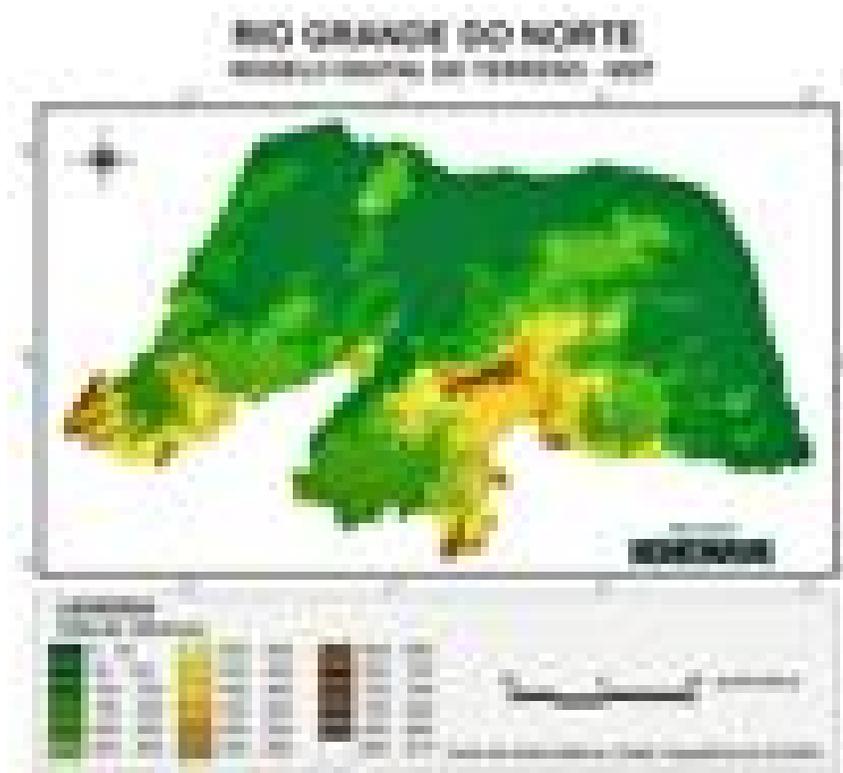


Figura 20b: Modelo digital do terreno (MDT) do Rio Grande do Norte. Fonte: IDEMA.

Os sítios arqueológicos a céu aberto registrados não só na região do Seridó, mas em todo o estado do Rio Grande do Norte, em sua grande maioria, estão localizados no topo desses “tabuleiros”: como é o caso do sítio Baixa do Umbuzeiro. Enquanto o sítio Furna do Umbuzeiro se encontra localizado no sopé de um testemunho micaxístico. Ambos os sítios estão inseridos no vale fluvial do Riacho das Areias, em forma de “U” (**Figura 21**).

A Depressão Sertaneja, por sua vez, caracteriza-se por um relevo suave-ondulado e vales estreitos, onde são observadas vertentes dissecadas e a presença de *inselbergs* (Silva *et alli*, 2000). Por outro lado, o vale do Rio Seridó apresenta uma inversão litológica do relevo característico da província, no qual as rochas graníticas se encontram rebaixadas (250 m) e as metamórficas da Formação Seridó, em média a 700 m de altitude (Mutzenberg, 2007, pp. 44).



Figura 21: Vista geral do vale do Riacho dos Areias, com a localização dos sítios arqueológicos Fuma do Umboreiro e Baixa do Umboreiro na paisagem. Carmo dos Dantas RN, Foto: Fábio Mafra.

Este fato proporciona uma ocorrência importante para a arqueologia da região, principalmente na compreensão da gênese dos depósitos sedimentares onde foram registrados níveis de ocupação pré-histórica:

“A formação de relevos de encosta negativa, (...) nas quais camadas superiores são mais resistentes que as inferiores nas rochas xistosas e quartzíticas (Formação Seridó e Equador, respectivamente). (...) Abaixo da linha de cumeadas de maciços residuais, percebe-se (...) que os depósitos coluviais que ora recobrem os abrigos são a última evidência (...) de produtos de alteração geoquímica (...).” (Mutzenberg, 2007, pp. 45).

Quanto ao clima, segundo a classificação Köppen, a área caracteriza-se como BShw’ (**Figura 22**). Ou seja, apresenta um clima quente e seco, o qual está presente em todo o setor oriental da região semi-árida equatorial do Brasil. A média anual pluviométrica apresenta índices de 447,8 mm de precipitação, com os meses de “inverno” concentrados entre fevereiro e abril. As temperaturas médias variam entre 33°C (máxima) e 18°C (mínima) (IDEMA, 1999).

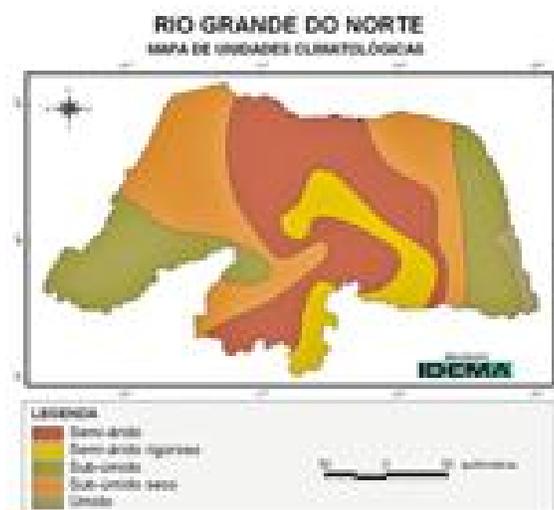


Figura 22: Mapa de unidades climatológicas do Rio Grande do Norte. Fonte: IDEMA, 1999.

A área de estudo, localizada no vale do Rio Seridó, representa uma das regiões de maior risco de desertificação do Rio Grande do Norte, classificada como semi-árido rigoroso (IDEMA, 2000). No entanto, como já mencionado acima, este processo de desertificação é recente e antrópico, podendo estar relacionado aos tipos de uso do solo implantados durante e após o período colonial. No entanto, os poucos estudos paleoclimatológicos realizados no semi-árido nordestino têm apontado para uma estabilidade climática que predominou por quase todo o Holoceno (Ab'Sáber, 2003).

Quanto aos tipos de solo da área de estudo, foram registrados neossolos litólicos eutróficos pouco desenvolvidos, pedregosos, rasos, não hidromórficos e bem drenados. Além de neossolos flúvicos pouco desenvolvidos, provenientes de deposições fluviais de natureza variada, que proporcionam a formação de terraços fluviais no leito do Rio Carnaúba e seus afluentes (Silva *et alli*, 2002).

No que diz respeito à hidrografia (**Figuras 23a e 23b**), a área em análise se insere na Bacia do Atlântico Nordeste, localizada nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Já o Riacho das Areias, na margem do qual estão localizados os sítios em análise, compõe com o Riacho da Cobra no qual deságua, o conjunto de tributários da margem esquerda do Rio Carnaúba (**Figura 24**). Este último, por sua vez, deságua no Rio Seridó, para então formar a principal bacia hidrográfica do estado potiguar: a bacia hidrográfica do Piranhas-Açu. Caracterizam-se como rios intermitentes, que correm apenas nos períodos chuvosos. Por esse motivo, apresentam pouco escoamento superficial, em decorrência do baixo índice pluviométrico mencionado. No entanto, quando fluem, caracterizam-se pelo alto nível de escoamento hídrico e sedimentar (Mutzenberg, 2007).



Figura 23a: Mapa de representação dos sistemas hidrográficos do Rio Grande do Norte. Fonte: Secretaria de Recursos Hídricos.

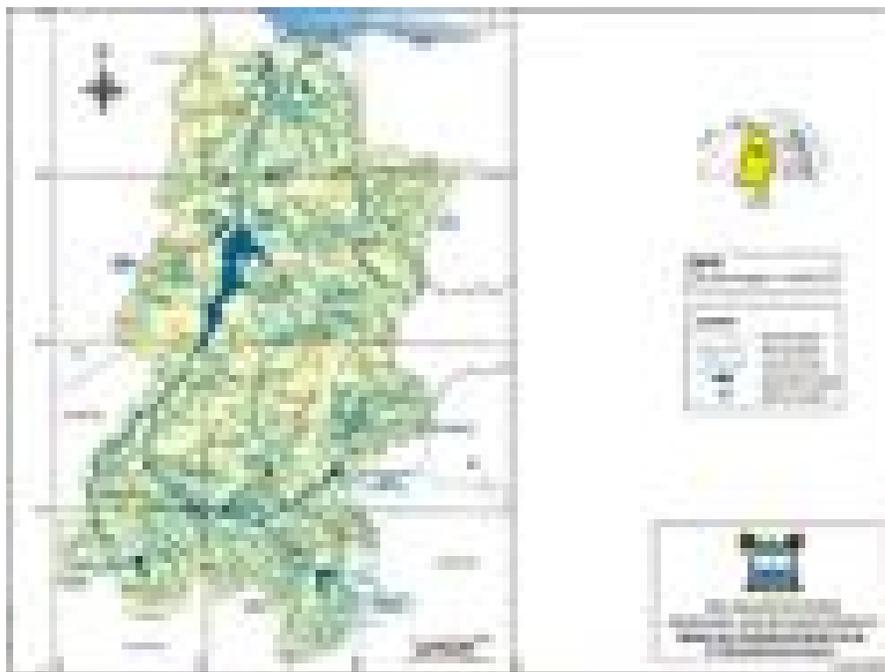


Figura 23b: Mapa de representação da bacia hidrográfica do Piranhas-Açu, Rio Grande do Norte. Fonte: Secretaria de Recursos Hídricos.

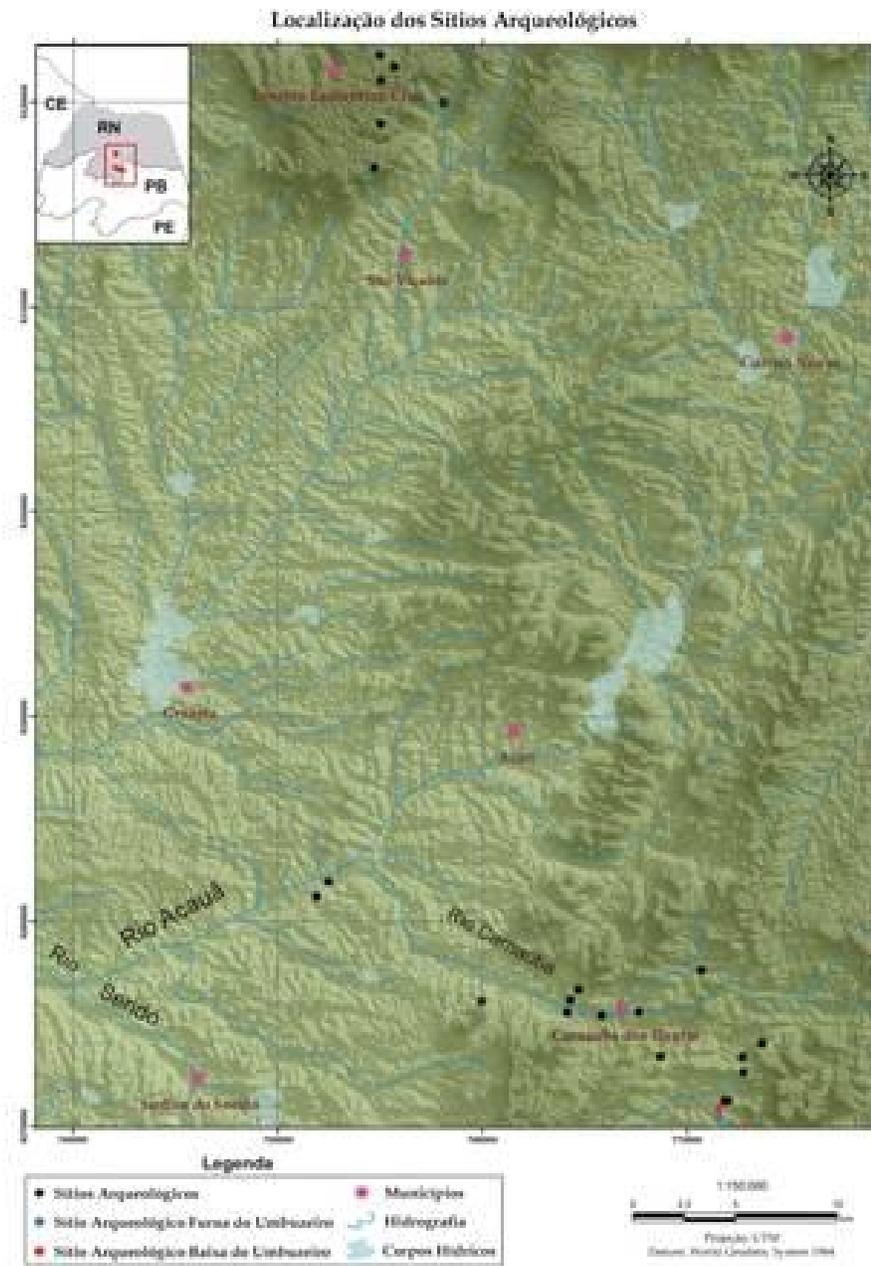


Figura 24: Mapa de localização dos sítios arqueológicos cadastrados entre 2007 e 2009, com maior concentração na margem esquerda do vale do Rio Camarua, Carnaúba dos Dantas - RN, Fonte: World Geodesic System, 1984 - Elaboração: Caio C. De A. Barbosa.

Analisando a distribuição espacial dos sítios arqueológicos com registros gráficos no vale do Carnaúba, Mutzenberg (2007) verificou a ocorrência de uma maior concentração dos mesmos em sua margem direita. A margem esquerda, por sua vez, apresentou um número menor de registros arqueológicos. Entretanto, este fato pode ser caracterizado mais como um viés produzido pela ausência de levantamentos sistemáticos nessa área do vale, do que como um padrão de assentamento objetivamente configurado. As prospecções realizadas entre 2007 e 2009 têm demonstrado que a margem esquerda do Rio Carnaúba também apresenta um número considerável de sítios. Contudo, é impossível negar uma maior concentração dos mesmos na área central do referido vale (**Figura 25**).

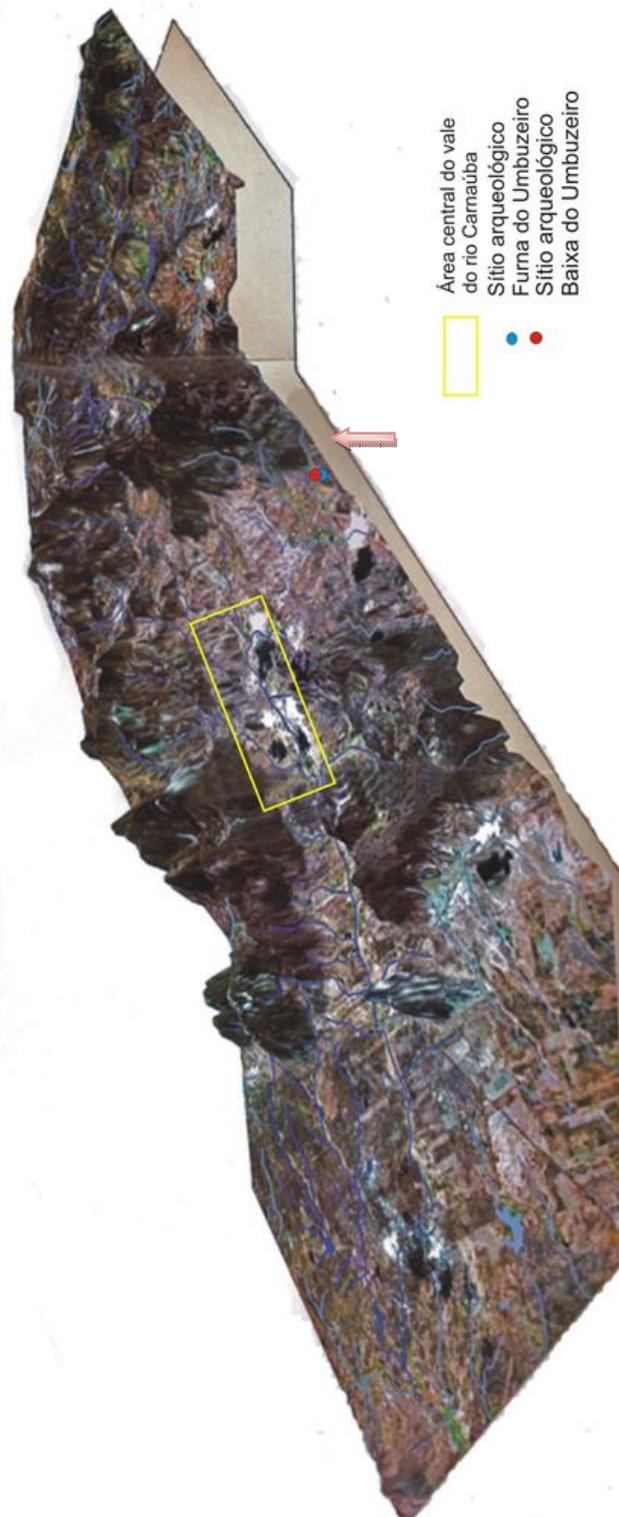


Figura 25: Modelo digital do terreno (MDT) do vale do Rio Carnaúba, com destaque para área central de seu curso e localização dos sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Adaptado de Mutzenberg, 2007.

Esta área caracteriza-se pela maior estocagem sedimentar, o que proporciona a formação de áreas abertas e propícias para o assentamento humano. “*Os depósitos sedimentares são de origem recente e formados em sua maioria pela erosão fluvial*” (Mutzenberg, 2007, pp. 67). Vale ainda ressaltar que o Rio Carnaúba, apesar de estar inserido em uma área de intensa desertificação e atividades tectônicas, é um dos últimos a secar na região, mesmo nos períodos mais secos. Este fato decorre da “*disposição discordante da drenagem em relação às estruturas do relevo, propiciando (...) a formação de barragens naturais ao escoamento fluvial (...)*” (Mutzenberg et alli, 2005).

Um dos principais problemas deparados em estudos ambientais de contextos pré-históricos é a ausência de estudos paleoclimáticos, que permitam a relação dos dados arqueológicos com o ambiente em que estavam inseridos (Ab’Sáber, 2003). No caso da área arqueológica do Seridó esta lacuna foi preenchida recentemente com o trabalho de Mutzenberg (2007), já citado nas linhas acima. Através de dados sedimentológicos e de métodos de datação objetivos (LOE), o autor definiu uma dinâmica ambiental para a área arqueológica do Seridó, em um intervalo de tempo que vem desde o último máximo glacial até o Holoceno Superior.

Com este estudo foi possível determinar a formação de depósitos relacionados a eventos climáticos ocorridos na transição Pleistoceno/Holoceno e no ótimo Climático do Holoceno Médio. Dessa forma, foi possível demonstrar que, há ± 11000 A. P., no início do Holoceno, a região era caracterizada por um clima mais frio e seco que o atual, com eventos sazonais de alto grau pluviométrico. O período de transição Pleistoceno/Holoceno, por sua vez, foi marcado por um clima mais úmido, pela maior precipitação pluviométrica e pelo estabelecimento de uma densa cobertura vegetal. Entretanto, foi um período marcado pela instabilidade climática, que produziram drásticas oscilações entre climas secos e úmidos (Mutzenberg, 2007, pp. 89/90).

Durante o Holoceno Inferior, após um período seco, estabeleceu-se um clima mais úmido, que se configura melhor no Holoceno Médio, com o aumento da temperatura e a manutenção da umidade. Denominado de período hipsotérmico, este foi marcado por um novo adensamento da cobertura vegetal. Finalmente, o Holoceno Superior foi um período caracterizado por momentos de deposição e de estabilização da paisagem, com a formação de solos rasos nos terraços fluviais (Mutzenberg, 2007, pp. 91).

As características do relevo local permitiram a formação de um ambiente mais úmido em relação ao entorno semi-árido – há \pm 4000 A. P. – e que se manteve na região até períodos mais recentes (Mutzenberg, 2007, pp. 91). Provavelmente até períodos históricos (Ab’Sáber, 2003). Este fator transformou a área arqueológica do Seridó em um local bastante atrativo para populações pré-históricas e, por outro lado, explica a extensa coluna crono-estratigráfica definida para a região (Martin, 2008).

No sítio arqueológico Pedra do Alexandre, também foram realizados estudos sedimentológicos para se compreender a gênese de seu pacote sedimentar. Nesse sentido, foi verificado que a formação do depósito sedimentar escavado no sítio teve origem a partir de eventos de grande magnitude, ocorridos no último período glacial (\pm 58000 A. P.) e a eventos pluviométricos intensos, relacionados ao último interestadial. Há \pm 18000 A. P. foi caracterizado um período de novo resfriamento, que produziu a interrupção do processo de deposição no abrigo. Somente durante o último máximo glacial, ocorreram novos depósitos, desta vez, na forma de depósitos laminares de fluxos de lama, o que caracterizam eventos de alto grau pluviométrico, em um clima frio e seco (Mutzenberg, 2007, pp. 111/112).

Mediante os dados obtidos, o autor supracitado pode concluir que a gênese dos depósitos sedimentares do sítio arqueológico Pedra do Alexandre foi “*de origem bastante anterior às datas mais recuadas até agora conhecidas para a ocupação humana (...)*” (Mutzenberg, 2007, pp. 114) na região. Nesse sentido, a deposição natural foi perturbada pelas ocupações humanas, em processos pós-deposicionais de origem antrópica. Logo, os agentes de perturbação dos níveis arqueológicos registrados no sítio não são de origem geológica, mas humana e/ou biológica (Mutzenberg, 2007, pp. 115). Este fato permite compreender os processos pedogenéticos que originaram os solos identificados em outros sítios arqueológicos escavados na região e permite uma verificação mais precisa da seqüência ocupacional dos mesmos, como é o caso do sítio Furna do Umbuzeiro.

Ainda sobre o sítio Pedra do Alexandre pode ser afirmado que o mesmo se apresenta como um elemento paisagístico notável (*landmark*) (Angelucci, 2003), o qual, por esse motivo, pode ter servido de fator atrativo para as populações que enterraram seus mortos e realizaram os registros gráficos nele identificados. Essa característica do abrigo sob rocha proporciona um grande domínio visual de seu entorno, o que também pode ter sido um fator relevante para sua escolha como lugar cerimonial. Por outro lado, essa

mesma característica o distingue do sítio em abrigo, alvo do presente trabalho, o sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Este se encontra localizado no interior de um vale fechado, que proporciona um ambiente relativamente isolado em relação ao entorno e cercado de *landmarks*, nas quais foram registradas atividades gráficas relacionadas aos três (03) principais horizontes culturais definidos: a Tradição Nordeste, a Tradição Agreste e a Tradição Itacoatiara.

Dessa maneira, é possível determinar uma diferença de padrão de assentamento, que pode estar relacionado a escolhas culturais e funções específicas. No caso, os sítios localizados em elementos paisagísticos notáveis estariam inseridos num padrão de assentamento ritualístico. Enquanto os vales fechados e terraços fluviais teriam sido escolhidos para assentamentos do tipo habitacional. A verificação dessa hipótese é um dos objetivos do presente trabalho.

Outro fator que parece apontar para essa mesma direção é o fato de que os sítios arqueológicos até agora registrados encontram-se concentrados na área central do vale do Rio Carnaúba (**Figura 25**). Nessa sua porção, como já mencionado acima, ocorre um maior acúmulo sedimentar, o que propicia áreas atrativas para o assentamento humano (Mutzenberg, 2007, pp. 122). Este fato pode ser corroborado pelo recente registro de sítios e ocorrências arqueológicas⁴ no entorno do açude municipal de Carnaúba dos Dantas, o qual foi construído exatamente sobre essa área de maior acúmulo sedimentar. Contudo, caso tenha ocorrido uma ocupação pré-histórica ou proto-histórica nesse trecho do vale do Rio Carnaúba, tal fato encontra-se perdido para a arqueologia, já que o município de Carnaúba dos Dantas se encontra exatamente nessa mesma porção do terreno. Por outro lado, a presença dessas ocupações históricas e atuais nesse setor pode ser um fator que indique um princípio de escolha, na fixação de assentamentos, similar ao dos grupos pré-históricos. Esta convergência nos padrões de assentamento pré-históricos e históricos já foi verificada em sítios da região litorânea do Nordeste (Borges, 2005), no entanto tal tipo de análise não foi realizado nas áreas sertanejas.

Nesse sentido, os dados paleoclimáticos para a área arqueológica do Seridó obtidos a partir dos sedimentos do Rio Carnaúba, quando relacionados às análises sedimentares realizadas no sítio arqueológico Pedra do Alexandre, podem ser apresentados da seguinte forma:

⁴ Sítio arqueológico do Galo, sítio arqueológico Riacho das Relíquias, entre outros (Martin *et alli*, 2008).

1. Holoceno Inferior: ± 10000 A. P. a ± 8000 A. P. – período marcado por umidificação generalizada, associada a altos índices pluviométricos, após um evento seco. Este período foi caracterizado principalmente pela instabilidade climática;
2. ± 8000 A. P. a ± 6000 A. P.: aumento da aridez, fator que pode explicar a ausência de ocupações humanas nesse período, pelo menos no sítio Pedra do Alexandre;
3. Holoceno Médio: ± 6000 A. P. a 4000 A. P. – período úmido e quente, marcado pelo adensamento da cobertura vegetal e por uma estabilidade climática de longa duração;
4. Holoceno Superior: ± 4000 A. P. a 2000 A. P. – período caracterizado por vários momentos de deposição e estabilização da paisagem, com a formação de solos rasos nos terraços fluviais. As características ambientais eram bastante similares às atuais (Mutzenberg, 2007, pp. 131/132).

Dessa forma, o autor conclui que o sítio Pedra do Alexandre teve um auge de ocupação durante o Holoceno Médio, quando o clima favorável proporcionou uma intensificação dos recursos naturais, transformando o vale do Rio Carnaúba num local privilegiado para a ocupação humana. Comparada com as regiões mais próximas, a disposição discordante da drenagem, em relação ao relevo, permite a formação de áreas de estocagem hídrica e sedimentar. Este fato transforma a região numa zona de refúgio, em meio à aridez circundante, denominadas várzeas. Além disso, o fato da área arqueológica do Seridó se encontrar em uma área transicional, na qual se tocam terrenos do Planalto da Borborema e da Depressão Sertaneja, permite a exploração de dois ambientes totalmente distintos e com recursos naturais diversificados, o que garantiu a sobrevivência de populações pré-históricas na região, durante um período de mais de 6000 anos de ocupação ininterrupta (Mutzenberg, 2007, pp. 133).

4.2. O ESPAÇO CULTURAL

Devido ao fato de que o presente trabalho procura delimitar um padrão de assentamento e, se possível, um domínio de uso territorial para um contexto arqueológico de longa cronologia, mostra-se necessário esboçar a espacialidade dos grupos pré-históricos da área arqueológica do Seridó.

Nesse sentido, tentar-se-á relacionar os dados arqueológicos até o momento disponíveis, com os dados etnohistóricos que se conhece para a região. No entanto, não serão esquecidas as limitações impostas pelo tipo de trabalho aqui realizado: um estudo de caso. Por outro lado, extrapolar um pouco as possibilidades de interpretação arqueológica é sempre uma tentação difícil de resistir. Principalmente quando o contexto histórico e arqueológico permite estabelecer certas hipóteses mais arrojadas e abrangentes.

O quadro cronológico apresentado nos segmentos acima, para a área arqueológica do Seridó, demonstra um povoamento antigo, com datas em torno de ± 9400 A. P., para enterramentos infantis escavados nos sítios Pedra do Alexandre e Mirador de Parelhas, ambos no Rio Grande do Norte (Martin, 2008). As ocupações finais, nos sítios até então escavados, foram datadas em torno de ± 1000 A. P. a 2500 A. P. (Martin, 2008; Mutzenberg, 2007) No entanto, a data de 479 ± 27 A. P. (530-455 cal A. P. – CSIC-2062), recentemente obtida para o sítio arqueológico Casa Santa e os sítios lito-cerâmicos, recém registrados e ainda não datados (Martin *et alli*, 2008), podem indicar uma continuidade da ocupação humana, até períodos históricos.

Esse contexto de ocupação pré-histórica afina-se com dados oriundos de outras áreas das ciências humanas. As principais fontes utilizadas no presente trabalho são: a lingüística e a etnohistória. Segundo os dados lingüísticos levantados para o semi-árido potiguar, a região do Seridó estava povoada por uma população falante de uma língua isolada, que pode ter uma duração temporal de mais de 7000 anos: os Tarairiú (Urban, 1998). Quanto aos dados etnohistóricos e os registros documentais levantados, as características culturais possíveis de ser relacionadas a estes grupos proto-históricos apresentam uma profunda similaridade com a cultura material coletada em contextos arqueológicos na área arqueológica do Seridó.

Estes fatos permitem traçar um paralelo entre dados arqueológicos e dados etnohistóricos que, na medida do possível, possibilitam identificar um componente cultural para a área em estudo e, com isso, caminhar em direção a definição de um enclave pré-histórico (Martin, 2008). O longo período de ocupação, com mais de 6800 anos, em cruzamento com os dados oriundos dos estudos dos registros gráficos levaram Martin a estabelecer uma hipótese de múltiplas levas de povoamento para a região (Martin, 2008; Mutzenberg, 2007). No entanto, análises posteriores dos dados obtidos em outros sítios escavados, têm apontado para uma continuidade cultural, dada a ausência de rupturas tecnológicas marcantes no registro arqueológico evidenciado.

Um fato já ressaltado antes é a percepção de uma regularidade nas práticas funerárias do sítio Pedra do Alexandre (**Figura 26**), mesmo considerando-se a diversidade tipológica registrada (Silva, 2003; Mutzenberg, 2007).

“O ritual de sepultamento é geralmente ligado à abertura de uma cova, arrumação de blocos do próprio abrigo de modo a acomodar o morto, geralmente em decúbito lateral, ou seus restos esqueléticos já desarticulados, seguido de uma proteção através da deposição de blocos sobre o corpo, sendo posteriormente realizada uma fogueira sobre o morto. Justamente nos restos e cinzas das fogueiras é que os materiais arqueológicos estão concentrados (...). Além desses materiais é muito freqüente a associação das fogueiras com restos de animais de pequeno porte.” (Mutzenberg, 2007, pp. 116.)



Figura 26: Sepultamento 1 (secundário e coletivo) e sepultamento 2 (Primário). Sítio arqueológico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: Mutzenberg, 2007.

Excetuando-se a presença de enterramentos configurados, primários e secundários, existem similaridades entre os níveis de ocupação registrados no sítio arqueológico Pedra do Alexandre e no sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Principalmente, em relação aos últimos níveis de ocupação do primeiro, que se caracterizaram por fogueiras superpostas, associadas a restos faunísticos, material lítico e cerâmico (Martin, 2008; Fontes, 2003), bastante similares às estruturas evidenciadas no sítio Furna do Umbuzeiro (Borges, 2008).

Outro dado relevante e, também já mencionado, sobre os enterramentos do Pedra do Alexandre, diz respeito às análises antropométricas realizadas por Alvim e equipe (1995/1996), nos restos esqueléticos coletados. Os resultados obtidos apontam para uma continuidade populacional, desde as datas mais antigas até as mais recentes, com

variações osteológicas esperadas no interior de uma população aparentada (Alvim *et alli*, 1995/1996). Estes fatos sugerem uma continuidade cultural e um desenvolvimento autóctone para as populações pré-históricas que habitaram a área arqueológica do Seridó.

Os dados advindos do material cerâmico (ver capítulo referente à análise do material arqueológico) indicam uma forte relação com a Tradição Pedra do Caboclo (Brochado, 1984), em sua variante regional denominada cerâmica Papeba (Martin, 2008). Segundo Brochado (1984), esta primeira leva de dispersão da tecnologia cerâmica se deu a partir da difusão de traços culturais. Ou seja, através da transmissão da tecnologia entre grupos histórica e culturalmente distintos, a partir dos mais diversos meios de contato. No entanto, ainda não é possível descartar a hipótese já sugerida durante o PRONAPA de que essas indústrias ceramistas possam ter uma origem autóctone e independente, sem a necessidade de um fenômeno de difusão de traços culturais (Robrahn-González, 1998).

Apesar dos limites evidentes e respeitados no processo analítico, o quadro apresentado permite traçar um paralelo entre os dados arqueológicos e etnohistóricos, ao menos no que diz respeito à formulação de hipóteses contrastáveis. Dessa maneira, o objetivo deste segmento é apresentar uma representação construída a partir dos dados etnohistóricos⁵, que foi utilizada como “pano de fundo” para a análise da bibliografia arqueológica da região e os dados obtidos nos sítios em análise. Nesse sentido, para melhor apresentação dos mesmos eles foram divididos em:

1. Caracterização do domínio de uso territorial Tarairiú;
2. Caracterização do ciclo anual de subsistência do grupo;
3. Evidenciar dados que apontem para uma longa adaptação ao ambiente semi-árido potiguar.

Esses dados etnohistóricos, oriundos tanto de fontes primárias como de fontes secundárias, na verdade formam um “quebra-cabeça” de informações de difícil manejo, mas que, no entanto, permite a delimitação de um esboço grosseiro do que seria a

⁵ Os principais cronistas que deixaram registros sobre os Tarairiú foram: Jacob Rabi (1637), Joannes de Laet (1637), Gaspar Barleus (1647), Jorge Marcgrave (1610-1644), Rodolfo Baro (1647), Pierre Moreau (1651), Guilherme Piso (1658), Joan Nieuhof (1682), Hessel Gerritz (1628), Elias Herckman (1639), Zacharias Wagner (1634-1640), Frei Martinho de Nantes (1706), Pedro Carrilho de Andrade (final do século XVII), Ambrósio Fernandes Brandão (1618) e Gabriel Soares de Souza (1587) (Medeiros Filho, 1984). As informações culturais descritas neste segmento tiveram como base as descrições realizadas por estes cronistas. Por este motivo, no decorrer do texto, como no primeiro capítulo, só foram citados em casos que se mostraram necessários, no processo de referendamentação das informações aqui arroladas. Neste caso, por uma questão de direitos autorais, foram citadas apenas as fontes secundárias utilizadas na síntese etnohistórica apresentada. (Medeiros Filho, 1984).

espacialidade do grupo em questão. A maioria dessas informações é decorrente de fontes primárias “holandesas”. No entanto, é nas fontes secundárias que se debruçaram sobre o estudo dessas populações do interior do Nordeste do Brasil, que encontramos as sínteses que guiaram a argumentação aqui apresentada.

O primeiro conjunto de obras que podem ser citadas são os trabalhos de Thomas Pompeu Sobrinho (1934 – 1942). Baseando seu trabalho, principalmente, no relato de Elias Herckman, Pompeu Sobrinho (1934) conseguiu identificar dois grupos culturais distintos, denominados de Tapuias, que habitavam o interior do Nordeste, no século XVII. O primeiro deles seria o Kariri, formado por diversas tribos e localizado nos estados da Bahia, Pernambuco e Paraíba. O segundo grupo seria os Tarairiú, também formado por diversas tribos que, no caso, eram ou aliadas ou inimigas. Estavam localizadas em um vasto território que englobava os atuais estados do Rio Grande do Norte, o Ceará, a porção norte da Paraíba e o interior de Pernambuco. Estes dados coadunam-se com os dados lingüísticos que identificam duas línguas distintas nas mesmas regiões: uma relacionada ao tronco lingüístico Macro-jê, o Kariri e outra, classificada como língua isolada, o Tarairiú (Urban, 1998).

O segundo conjunto de fontes secundárias diz respeito à obra de Olavo Medeiros Filho (1984). Este autor, através de um exaustivo e, às vezes, apaixonado levantamento das fontes primárias, conseguiu resgatar aspectos muito complexos da cultura tarairiú. No entanto, para o presente trabalho, vale ressaltar a descrição da cultura material desse grupo lingüístico que, como já mencionado, apresenta muitas afinidades com os vestígios arqueológicos identificados na área arqueológica do Seridó.

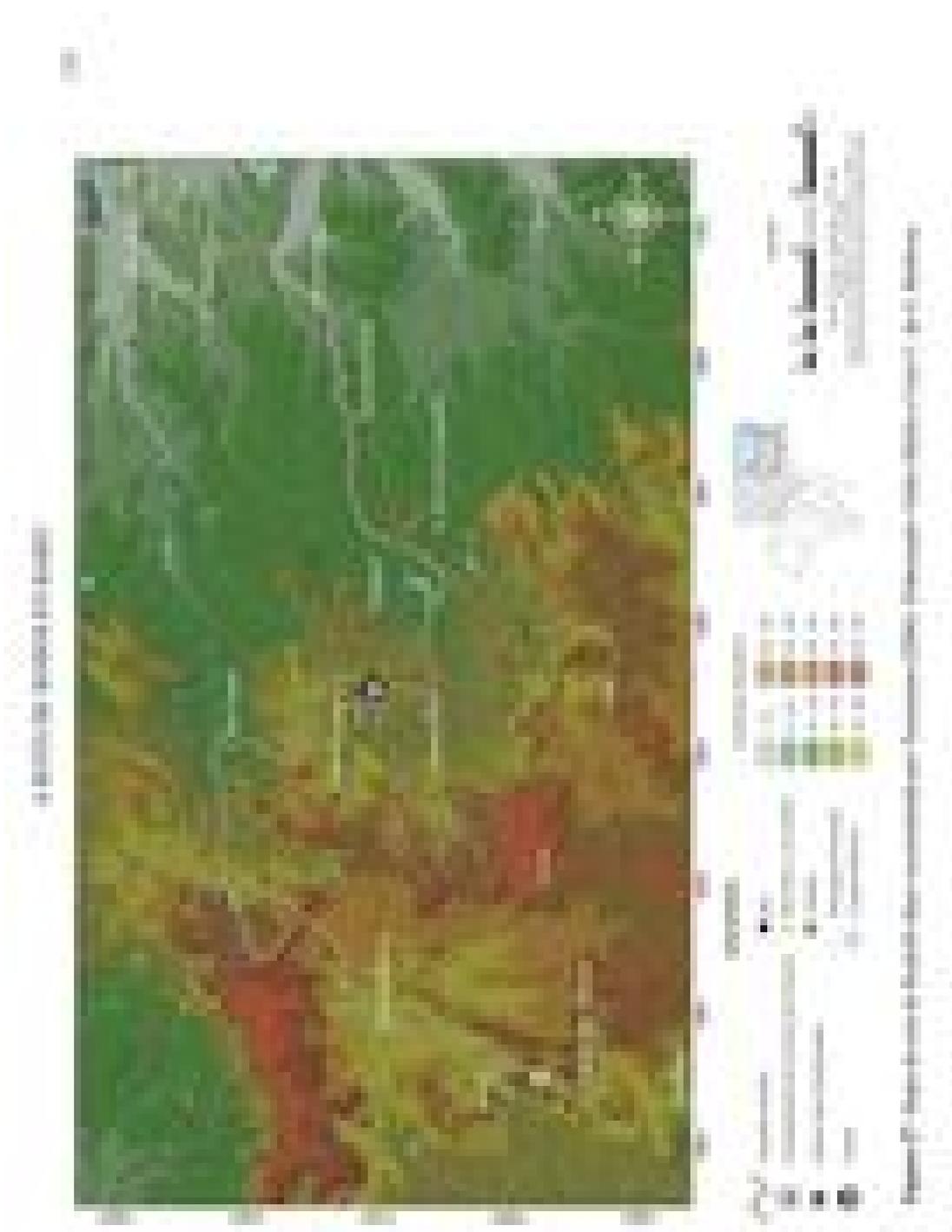
O terceiro conjunto de sínteses históricas consiste numa gama de monografias, dissertações e teses, apresentadas ao longo da década de 1990 e no início dos anos 2000 (Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Pompa, 2002; Santos Júnior, 2008). Estes trabalhos, mais voltados para a compreensão do fenômeno de resistência indígena denominado “Guerra dos Bárbaros”, fornecem algumas informações espaciais relevantes, sobre os grupos indígenas envolvidos nesse levante de duração secular. Além disso, comprovam a delimitação cultural proposta por Pompeu Sobrinho (1934), que dividia os Tapuias nordestinos em Kariri e Tarairiú.

O quarto conjunto de sínteses consiste em trabalhos recentes que estão sendo realizados pelo lingüista holandês B. N. Teensman e pelo cartógrafo militar e historiador

potiguar Levy Pereira. Deste trabalho a única referência publicada é um artigo de Teensman (2000). Nesse artigo o autor reconstituiu os topônimos estropiados pela cópia francesa do manuscrito original de Rodolfo Baro, em holandês arcaico. Através de árduo trabalho de comparações e de possíveis correlações com topônimos atuais, o autor propôs uma reconstituição da rota utilizada por Baro (**Figura 27**). Tal rota reconstituída segue do litoral leste da então Capitania do Rio Grande, para encontrar as tropas do “rei Janduí” nas imediações da Lagoa de Gargalheiras, no atual município de Acari. Como Rodolfo Baro chegou à região mencionada no mês de abril, ou seja, no período chuvoso, deparou-se com os Tarairiú envolvidos em rituais de iniciação de jovens e casamentos, naquele que seria o seu acampamento de inverno (Baro, 1979).

Como já mencionado em segmentos anteriores, o acampamento principal do grupo consistia na região do atual município de Açu, onde os grupos se agrupavam nos períodos de seca, dada a perenidade dos recursos hídricos no vale do Rio Açu (Pires, 2002; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Pompa, 2002; Santos Júnior, 2008). Nos meses de inverno, a região se transformava em uma área com tendência ao alagamento, o que forçava os grupos a dispersarem-se para regiões mais altas, onde os recursos haviam sido renovados pelo período chuvoso. As áreas definidas como ocupadas pelas tribos Janduí, Canindé, Caracará e Sucuru, coincidem exatamente com os limites da área arqueológica do Seridó, como veremos mais adiante.

Esses dados demonstram que os Tarairiú possuíam um padrão de assentamento seminômade, marcado por uma grande mobilidade espacial. Este tipo de adaptação cultural foi necessário para a sobrevivência e o desenvolvimento desse grupo cultural, que habitava uma região semi-árida, marcada por uma irregular distribuição anual de recursos, que dependia da intensidade pluviométrica dos meses de “inverno”.



No entanto, a síntese necessária para uma correlação mais objetiva entre a área cultural dos Tarairiú e a área arqueológica do Seridó foi proveniente, contudo, da reconstituição da rota de Rodolfo Baro, levada a cabo pelo lingüista Teensman (2000). Nesse trabalho, o referido autor, através da análise gráfica do manuscrito francês do relato deixado pelo cronista, consegue recuperar não só os topônimos estropiados, como reconstituiu, com o máximo de fidelidade possível, todo o roteiro percorrido por Baro e sua tropa (**Figura 27**).

Nesse sentido, demonstra que no dia 24 de abril de 1647, Baro parte de sua fazenda na margem norte do rio Potengi, localizada no aldeamento de Jacaré-mirim, próximo a atual cidade de Natal. Dessa maneira, cruza a desembocadura do referido rio. Ainda no mesmo dia, cruza o Rio Pitimbú, em direção ao Rio Pirangí, no qual chega no dia 25 de abril. No dia 26, cruza os rios Mipibú e Trairí, em direção ao “caminho de Garstman”, localizado na margem sul do segundo. Durante os dias 27 de abril a 14 de maio percorre o “caminho de Garstman”, em direção ao oeste e depois para o norte, em direção a nascente do rio Trairí (atual cidade de Santa Cruz – RN).

Como “caminho de Garstman”, era conhecida uma trilha aberta por ordem do governador neerlandês do Rio Grande do Norte, Jorge Garstman, porque esta era a única rota viável para seguir em direção ao interior da capitania. Essa dificuldade se devia ao fato do Rio Potengi ser alimentado por vários tributários em ambas as margens, os quais apresentam maior volume no período em que Baro realizou sua viagem. No entanto, há 40 km para o sul, corre paralelamente a este rio, o Rio Trairí, que não apresenta afluentes de grande porte na sua margem meridional. Seguindo em direção ao norte, por esta margem do rio, chegava-se na atual Serra de Santana e, portanto, na fronteira do Planalto da Borborema e da Depressão Sertaneja. Este fato permitiu a abertura da referida trilha, a qual era o principal caminho tomado pelas tropas da Cia. das Índias Ocidentais, para entrar em contato com as populações indígenas do interior do Rio Grande: os Tarairiú (Teensman, 2000, pp. 86/87).

No dia 15 de maio, a pedidos do “rei Janduí”, Baro deixa a maior parte de sua tropa nas nascentes do rio Trairí e segue em direção ao norte, para curso superior do Potengi. Seguindo o curso superior deste rio, sobe a Serra de Macaguá ou Acauã, atual Serra de Santana. No dia 19 de maio, no flanco oriental da referida serra, encontra uma

aldeia Tupi abandonada, localizada próxima da nascente do Rio Acauã. No dia 22 de maio, desce a Serra de Macaguá/Santana seguindo o curso superior do Acauã. Nesse mesmo dia, chega à desembocadura do R. Picuí, onde se encontra com dois guerreiros tarairiú, que escoltam a comitiva até a Lagoa de Macaguá (atual Açude de Gargalheiras, no município de Acari). Entre os dias 23 de maio e 24 de junho, permanece no que ele denomina de acampamento de inverno do “rei Janduí”, nas margens da mencionada lagoa.

Nesse lugar, o principal dos Tarairiú esperava Baro e sua comitiva, juntamente com as mulheres, crianças e idosos da tribo, que estavam esperando o retorno dos homens, que se encontravam em campanhas de guerra, para dar início as atividades e comemorações que marcavam esse período do ano. Essas atividades consistiam na pesca da traíra (*Hoplias sp.*)– peixe que se reproduzia abundantemente nos períodos chuvosos – e, principalmente, como é possível perceber com a leitura do relato do cronista, em rituais de iniciação e passagem. Os principais rituais descritos foram: a iniciação de jovens, o casamento comunitário, um funeral endocanibal e a corrida de toras ou a “corrida da árvore” (Baro, 1979).

Mediante a ameaça de ataque de tropas Paiacú, grupo Tarairiú tradicionalmente rival dos Janduí, que auxiliavam a resistência luso-brasileira, Baro consegue convencer Janduí, para guiar sua tribo em direção à nascente do Rio Trairí, onde se encontrava o grosso de sua tropa. No entanto, é interessante notar a resistência de Janduí em seguir antes de completar todo o repertório ritualístico que deveria ser realizado naquela época do ano e naquela determinada região (Baro, 1979). Por esse motivo, no dia 25 de junho, chegam a nascente do Rio Acauã, onde Janduí determina uma nova parada. Baro descreve este lugar como o principal sítio ritualístico dos Janduí.

Durante os dias que permanecem acampados nessa região, Baro testemunha a execução de rituais de passagens, nos quais são furados os lábios e as orelhas, das crianças e as bochechas dos jovens, que então se tornavam adultos e prontos para o casamento. Outro ritual registrado durante esta estadia na nascente do Rio Acauã foi a realização de um ritual funerário endocanibal, no qual uma criança natimorta teve suas carnes devoradas pelo grupo e seus ossos calcinados em uma fogueira, para então serem pulverizados e misturados a uma bebida (cerveja fermentada de mel).

Somente no dia 7 de julho, Baro e sua comitiva iniciam a viagem de regresso ao litoral, aonde chegam no dia 14 de julho de 1647.

Como é possível perceber com o que foi descrito acima, o relato de Baro e a reconstituição de sua rota para o interior do Rio Grande (Teensman, 2000) foram os dados iniciais que permitiram a reconstituição do ciclo anual de subsistência dos Tarairiú. A descrição da área onde, atualmente estão localizados os municípios de Acari e Carnaúba dos Dantas, como acampamento de inverno e cenário de práticas ritualísticas, já indica um padrão de assentamento diferenciado e regido pelas estações do ano, para o território ocupado pelo referido grupo cultural.

A recorrente menção na documentação histórica do vale do Rio Açu, como acampamento principal dos Tarairiú e a área onde se concentravam a maior parte das tribos relacionadas, durante os períodos de estiagem, é outro fator que permite a reconstituição do domínio de uso territorial dessa população etnohistórica, que aqui se pretende. Além disso, a menção do deslocamento dos Tarairiú em direção ao litoral, nos períodos de longa estiagem e na safra anual do caju, demonstra a amplitude do território manejado por este grupo cultural.

Outro fato que merece ser mencionado é a descrição de que após o período chuvoso, as populações Tarairiú se dirigiam para as áreas serranas que bordejam a Depressão sertaneja, para se dedicar a cultivos de alguns produtos agrícolas, os quais iriam estar disponíveis para o consumo no auge do período de estiagem.

Nesse sentido, foi realizado um levantamento de fontes primárias e secundárias, buscando a identificação de elementos que viabilizassem a determinação de áreas de assentamento com funcionalidades específicas. Buscou-se também, relacionar estes dados espaciais com os períodos do ano em que ocorria o deslocamento para determinada região ou a realização de uma atividade específica. Dessa maneira, foi possível estabelecer um modelo simplificado do ciclo anual dos Tarairiú (**Figura 28**), o qual, por sua vez, permitiu a proposição de um domínio de uso territorial no estado do Rio Grande do Norte (**Figura 29**), a partir de um padrão de assentamento seminômade de grande amplitude territorial, verificado na documentação histórica e nas fontes secundárias pesquisadas.

Ciclo anual de movimentação dos Tarairiú (Reconstituição baseada em dados históricos)



Figura 28: Modelo de reconstituição do ciclo de deslocamento anual dos Tarairiú, reconstituído a partir de dados históricos. Elaborado pelo autor.

Chlorophyll *a* and *b* in *Scenedesmus* *fluviatilis*



Assessing potential for the presence of *Scenedescos*



Scenedescos are found in a wide range of aquatic environments, including lakes, rivers, streams, and ponds. They are most commonly found in shallow, slow-moving water bodies with abundant vegetation. Scenedescos are also found in some marine environments, but they are more common in freshwater systems. The presence of Scenedescos in a water body is often an indicator of a healthy, productive ecosystem.

Nesse sentido, podemos relacionar o apresentado no quadro acima, do seguinte modo:

- 1) **Acampamento principal:** Ribeira do Rio Açú. Ocupado no período do estio, por permanecer com água durante todo o período. Este período se estende, na região do Seridó potiguar, durante os meses de setembro a fevereiro. Neste período os grupos adotavam um padrão de assentamento que tendia a concentração das tribos aqui denominadas Tarairiú. No final da estação, a área era abandonada, devido ao intenso evento pluvial que tornava a região alagadiça e imprópria para o assentamento de populações humanas.
- 2) **Acampamentos litorâneos:** Durante os meses de janeiro e março, os grupos migravam em grande número, para o litoral do RN e do CE. Na maioria das vezes, entravam em conflito direto com as populações tupinambá litorâneas. Durante este período, os grupos aproveitavam os recursos marítimos. Padrão de assentamento: concentração grupal. Este dado histórico parece ser confirmado pelos sítios a céu aberto registrados nas regiões mencionadas, com tipologias similares aos sítios registrados na área arqueológica do Seridó e pela presença da cerâmica Papeba.
- 3) **Acampamentos de inverno:** um deles, registrado na documentação colonial é a região onde atualmente se encontra o Açude de Gargalheiras, no município de Acari – RN. Nos meses de abril a junho, o índice pluviométrico reavivava os riachos intermitentes da região e as lagoas naturais, como é o caso da Lagoa de Acauã ou Gargalheiras (Baro, 1979). Nessas lagoas, existe uma espécie de peixe que sobrevivia aos períodos de estio, enterrados na lama: a traíra. O início das chuvas marcava o início do seu ciclo de reprodução. Era a principal fonte de alimento dos Tarairiú, durante o período chuvoso. Por isso o seu apelido tupinambá: Tarairiú – comedor de traíra. Padrão de assentamento: dispersão grupal. Nesse período, segundo o registro de Baro, os grupos dedicavam-se aos rituais de passagens, como iniciação dos jovens e casamentos.
- 4) **Acampamentos de cultivo:** após o período das chuvas, nos meses de agosto e setembro, os grupos se dedicavam ao plantio de tubérculos e leguminosas nas

serras e chapadas da região, as quais ofereciam um solo fértil para o cultivo desses vegetais. As regiões serranas registradas com a presença dos Tarairiú apresentam configurações de planaltos. São elas: a Serra de Santana, no RN e a porção cearense da Chapada do Araripe. No entanto, é possível que durante este período, em todas as serras onde ocorressem chãs propícias para o cultivo, os grupos se dedicassem às atividades agrícolas. Essas roças eram visitadas, posteriormente, nos períodos de estio, quando estavam prontas para a colheita. Nas primeiras semanas de setembro, é possível que os grupos descessem das serras em direção a ribeira do Açú.

É evidente que muitas das atividades descritas no modelo aqui proposto fossem realizadas ao longo de todo ano, como é o caso da caça e da coleta. Por outro lado, podem ter ocorrido períodos em que atividades simultâneas eram realizadas, como o relato de Baro deixa perceber com a coincidência do período de pesca com o período de realização de práticas ritualísticas. Entretanto, as fontes pesquisadas não permitiram a construção de um modelo de ciclo anual mais refinado, o que só é possível através de uma observação etnográfica do grupo que se queira descrever. Porém, várias informações puderam ser obtidas para uma confrontação com os dados arqueológicos provenientes da área arqueológica do Seridó. Ou seja, foi possível delimitar o território de deslocamento grupal, que consiste no território manejado por determinada cultura, ao longo do ciclo anual: o domínio de uso territorial Tarairiú.

Além disso, foi possível inferir, a partir da amplitude territorial manejada pelo grupo, que o padrão de assentamento adotado refletia uma adaptação adequada para um ecossistema predominantemente semi-árido. Este, por sua vez, só teria um desenvolvimento viável se baseado numa longa relação entre cultura e meio-ambiente, a qual permitisse o reconhecimento de áreas e períodos propícios para a sobrevivência de agrupamentos humanos.

A relação espacial verificada, entre os sítios a céu aberto registrados no Rio Grande do Norte, a área arqueológica do Seridó e aquilo que aqui foi proposto como domínio de uso territorial Tarairiú (**Figura 29**), relaciona de forma sugestiva, contextos arqueológicos datados do início do Holoceno e contextos etnohistóricos. Este fato pode indicar uma longa duração histórica para as populações indígenas que viveram no semi-

árido potiguar até o século XVII: os Tarairiú. Esta correlação é uma das hipóteses que se pretende verificar no presente trabalho.

5. CAPÍTULO 4. INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS

5.1. SÍTIO ARQUEOLÓGICO FURNA DO UMBUZEIRO

5.1.1. PRIMEIRA CAMPANHA

O sítio Furna do Umbuzeiro consiste em um abrigo sob-rocha, localizado no sopé de um testemunho sedimentar xistoso (Formação Seridó), na margem esquerda do Riacho da Areia, Carnaúba dos Dantas – RN (**Figura 30**). Caracteriza-se pela presença de um pacote sedimentar profundo e dimensões de 14,40m de comprimento e 6,10m de profundidade. O abrigo apresenta uma área habitacional com aproximadamente 80m² e abertura voltada para o nordeste. No pacote sedimentar, foi registrada a presença de biopedoturbações (orifícios produzidos por *Euphractus sexcinctus s.p.* - tocas de tatu), as quais possibilitaram a visualização de níveis arqueológicos soterrados (Borges, 2008) (**Figura 31**).

Nesse contexto, foram percebidos, além de lentes de estruturas de combustão associadas a carvões, fragmentos de material lítico e cerâmico, dispersos no sedimento revolvido pelo animal. Na parte superior do abrigo (teto), existem mais dois abrigos com dimensões menores, nos quais também foram identificados alguns fragmentos cerâmicos, com características tecno-morfológicas similares aos fragmentos resgatados nas áreas escavadas.

Foram realizadas duas campanhas arqueológicas no sítio. A primeira em agosto de 2007 e a segunda em dezembro de 2008.

Durante a primeira campanha, o espaço interno do abrigo foi dividido em 80 quadrículas de 1m², orientadas por eixos alfa-numéricos (**Figura 32**). Desse quadriculamento, foi primeiramente selecionada a Trincheira H, a qual corta transversalmente a área central do abrigo. A sua seleção foi justificada pelo menor índice de biopedoturbação – tocas de tatu – apresentado nesse trecho do pacote sedimentar. Porém, sua escavação foi suspensa nas primeiras decapagens, devido ao risco de desmoronamento das áreas biopedoturbadas, provocado pelo tráfego de pessoas durante a abertura das quadrículas em escavação. Dessa forma, foi selecionada a Trincheira I, a qual concentrou a maior parte das atividades desta campanha (**Figura 33**).

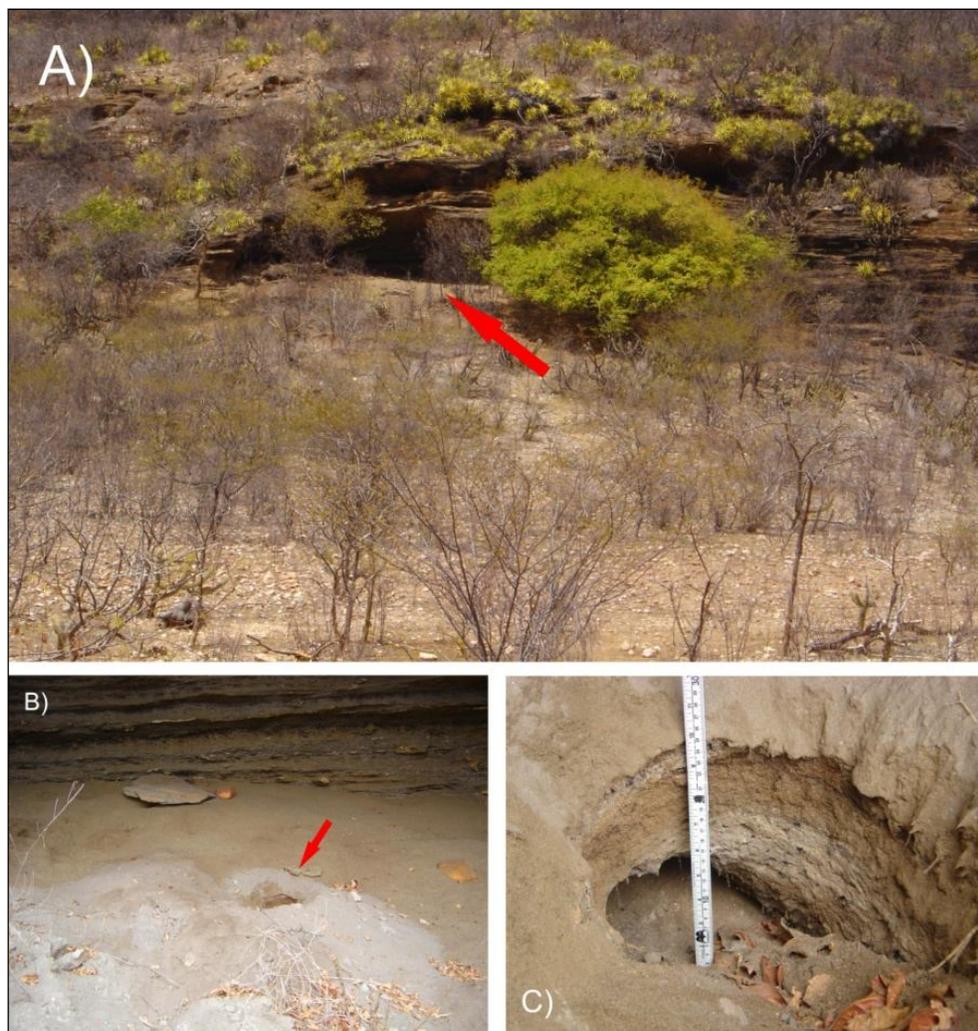


Figura 31: A) Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro: vista-geral do abrigo sob-rocha (seta em vermelho aponta para o abrigo); B) Vista-geral da área abrigada do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro (seta em vermelho aponta para área de biopedoturbação); C) Detalhe da biopedoturbação (toca de tatu - *Euphractus sexcinctus s.p.*). Carnaúba dos Dantas – RN.

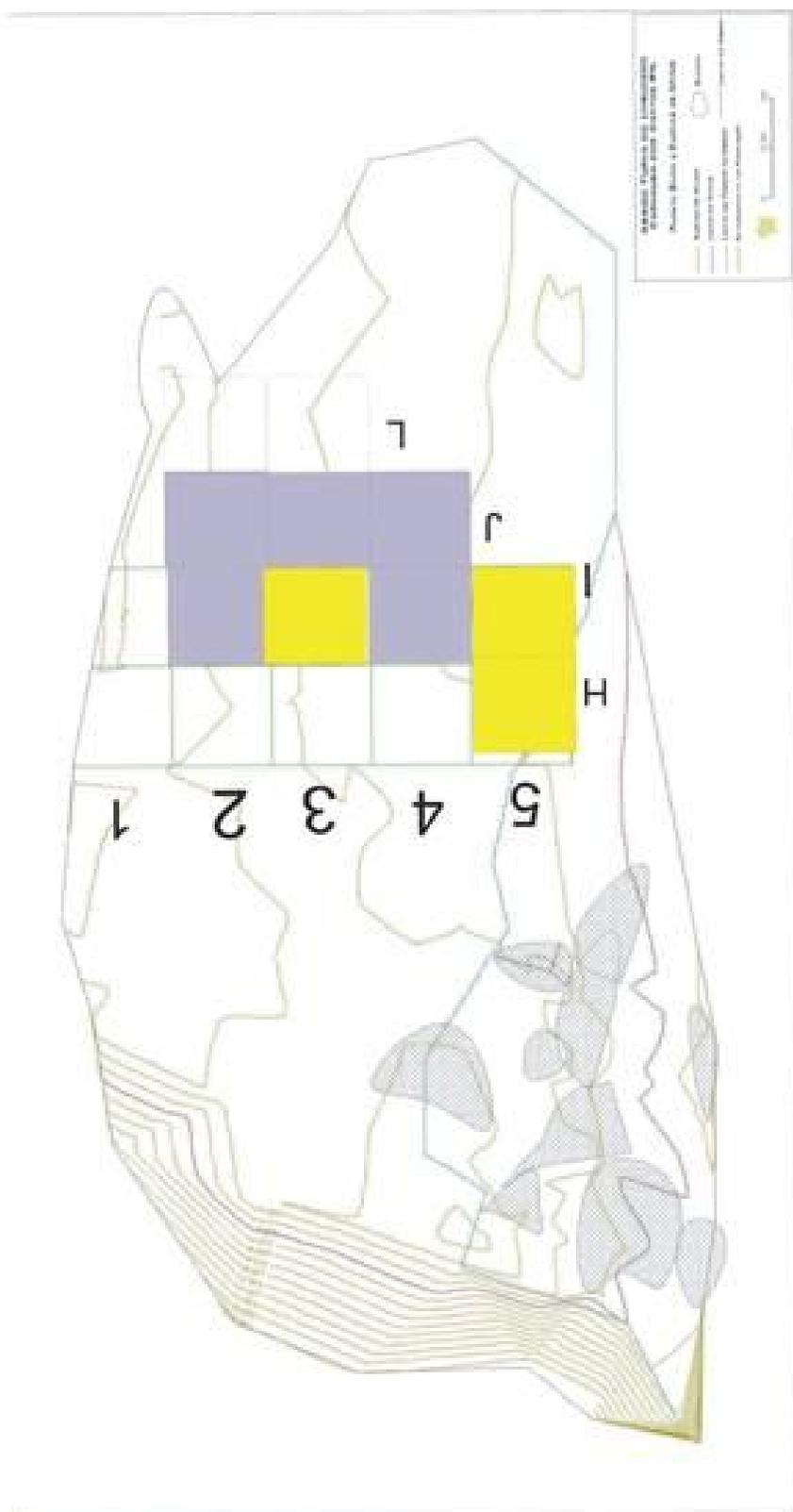


Figura 32: Planta-baixa representando as trincheiras escavadas, em amarelo na primeira campanha e em roxo na Segunda campanha, do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Camaúba dos Dantas - RN. Elaboração: Onésimo Jerônimo e Vivian K. De Sena.



Figura 33: Vista geral do interior do abrigo do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN.



Figura 34: Vista geral das trincheiras H e I antes das escavações no sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN.

Após a setorização do sítio, as duas trincheiras delimitadas foram escavadas em decapagens artificiais de 5 cm. Essas decapagens foram efetuadas nas quadrículas selecionadas, em setores específicos do abrigo, os quais pudessem fornecer informações sobre o processo sedimentar que originou as camadas arqueológicas identificadas. Os objetivos almejados com a intervenção arqueológica no sítio foram:

- Definição de sua potencialidade arqueológica, com a identificação da profundidade do pacote sedimentar que o compõe;
- Resgate de marcadores arqueológicos que permitiram a delimitação de uma cronologia objetiva para o sítio (carvão vegetal e material orgânico);
- Identificação dos componentes estratigráficos que formaram o pacote sedimentar;
- Resgate de marcadores arqueológicos que permitiram uma identificação cultural do componente estratigráfico identificado.

Os setores escavados foram: (1) o setor adjacente a parede rochosa, (2) o setor central do abrigo e (3) o setor fora da linha-de-chuva. Nesses setores foram selecionadas cinco (05) quadrículas, em ambas as trincheiras. Mas, apenas na Trincheira I, a escavação

atingiu uma profundidade de 90 cm (quadrícula I3), com a realização de 18 decapagens (Figura 34). Os vestígios evidenciados foram:

- Estruturas de combustão (fogões¹); formadas por uma seqüência dezessete (17) fogueiras de tipologia similar e superpostas, distribuídas entre três estruturas de combustão (fogões)²;

¹ Como “fogões” compreendem-se aqui, áreas bem delimitadas no interior de abrigos sob-rocha, nas quais foi confeccionada uma sucessão de fogueiras, ao longo de vários anos, ou até mesmo milênios. Estas estruturas caracterizam-se pela presença de delgadas lentes de cinzas e carvão, entremeados por lentes de deposição natural ou não. Esta escolha espacial pode ter sido condicionada por diversos fatores, tanto de origem tecnológica – áreas mais propícias para acender fogueiras – quanto de origem cultural.

² Relação das fogueiras escavadas (quadrícula I3)

- Fogueira 1: começa a aparecer na dec. 1 inicial. Configura-se na dec.1 final. Localizada no centro da quadrícula, tocando os perfis Leste e Sul. Parcialmente cortada pela toca de tatu.
- Fogueira 2: Localizada no perfil Norte, área central. Sob a fogueira 2, foi perturbada pelas tocas de tatu do centro da quadrícula e do perfil Oeste.
- Fogueira 3: Sobre a fogueira 2, localiza-se na “quina” dos perfis Norte e Oeste, mais configurada no perfil Norte. Sobre a fogueira 4.
- Fogueira 4: Localiza-se no perfil Oeste, sob a fogueira 3. Delimitada por blocos de quartzo. Parcialmente escavada, encontra-se conservada no perfil Oeste. Não havia sido denominada. Configura-se na dec. 2.
- Fogueira 5: Mancha de cinzas e carvão que toca a fogueira 6. Localiza-se no perfil Leste e Sul. Perturbada e disforme. Final da dec. 2.
- Fogueira 6: Localiza-se na “quina” dos perfis Norte e Leste. Também delimitada com quartzo. Começa a ser revelada, quando na base da fogueira 4. Declividade do depósito sedimentar: continua no final da Dec. 2 e início da Dec. 3.
- Fogueira 7: Localizada na área central da quadrícula, próxima ao perfil Sul. Ocupa uma grande porção do espaço ($\pm 1m^2$).
- Fogueira 8: Localizada no perfil Oeste, sob a fogueira 4. Apenas uma pequena porção foi escavada. Configura-se como uma mancha de cinzas associada a fragmentos de quartzo. Fogueiras 9 e 11 no desenho, parecem ser a fogueira 8.
- Fogueira 9: encontra-se voltada para o perfil Leste e toca a fogueira 7. Constitui-se em uma mancha de cinzas e carvão desorganizada. Foi denominada fogueira 10 no desenho.
- Mancha de cinzas relacionada com a fogueira 9, próxima ao perfil Leste. Com fragmento cerâmico associado.
- Começa a aparecer como mancha no final da dec. 6. Localiza-se próximo aos perfis Sul e Oeste e está associada a blocos de micaxisto. Foi nomeada fogueira 14.
- Ao lado da fogueira 11, localiza-se no perfil Sul. Apresenta uma mancha escura em volta da concentração de cinzas e carvão. Foi nomeada fogueira 13. Mancha de fogueira.
- Fogueira 10: Localiza-se no perfil Leste. Apenas uma pequena porção foi escavada. Mancha de cinzas e carvão. Foi nomeada fogueira 15. Continuação da Fogueira 9/10
- Fogueira 11: Localiza-se abaixo da fogueira 13, nos perfis Leste e Norte. Aproximadamente metade da estrutura foi escavada. Foi nomeada fogueira 18.
- Fogueira 12: Começa a aparecer com uma mancha de cinzas na dec. 8 inicial e configura-se no final da dec. Mancha circular de cinzas, com fragmentos de carvão e ossos calcinados. Localiza-se no perfil Sul e Oeste. Associado a coprólito. A base da estrutura foi atingida no final da dec. 8, com bloco de quartzo associado.
- Fogueira 13: mancha de cinzas com fragmentos de quartzo e fragmentos ósseos, localizada no perfil Norte e Oeste. A base foi atingida na dec. 10 inicial. Foi nomeada fogueira 19.
- Fogueira 14: mancha de cinzas revelada no início da dec. 10, com óxido de ferro associado. Configura-se na dec. 11. E sua base foi atingida na dec. 12. Decapagens 13 e 14 foram estéreis.
- Fogueira 15: No final da dec. 15, começam a aparecer as manchas das fogueiras 18 e 19. A 18, localiza-se no perfil Oeste e configura-se como uma mancha de cinzas associada a fragmentos de quartzito, no final da dec. 16. Sua base foi atingida na dec. 17.
- Fogueira 16: No final da dec. 15, começam a aparecer as manchas da fogueira 17. A fogueira 17 localiza-se nos perfis Norte e Leste e constitui em uma mancha de cinzas, delimitada com fragmentos de micaxisto. Configura-se como fogueira estruturada na dec. 18, apresentando fragmentos de carvão em pequenas dimensões (queima total), delimitada por quartzito e micaxisto.
- Fogueira 17: consolidação do perfil Leste da I3, quadrícula H3, dec. 3.

- Fragmentos ósseos animais, com marcas de queima; fragmentos ósseos humanos (≥ 5 cm de comprimento), associados aos restos faunísticos e às estruturas de combustão;
- Restos vegetais com ou sem indícios de queima;
- Fragmentos de matéria-prima vegetal, com indícios de trançado, além de fragmentos de cordas e cordéis torcidos;
- Fragmentos de material cerâmico simples, polido, brunido e pintado de vermelho;
- Fragmentos de material lítico, lascado e polido;
- Fragmento de óxido de ferro com marcas de polimento/abrasão;
- Coprólitos humanos e animais (**Anexo 2**).

Entretanto, cada quadrícula escavada se comportou de uma maneira diferente, tanto em relação à densidade de vestígios, quanto em relação aos fatores pedogenéticos que constituíram as camadas reveladas. Foram elas:

1. **Quadrícula H1:** localizada no setor adjacente à parede rochosa, caracterizou-se por apresentar, aflorando à superfície, um acúmulo de blocos caídos, organizados de forma que sugeria uma intencionalidade. A semelhança com estruturas funerárias escavadas no sítio arqueológico Pedra do Alexandre, sugeriu a possibilidade da existência de enterramentos nesse setor. No entanto, nas onze (11) decapagens realizadas, as quais atingiram uma profundidade de 55 cm, não foi registrado nenhum vestígio relacionado às práticas funerárias registradas no sítio Pedra do Alexandre. Caracterizou-se pela baixa densidade de vestígios arqueológicos, apresentando apenas uma lente de restos vegetais – melhor evidenciada na quadrícula I3 – no seu perfil norte, em ± 15 cm de profundidade. Entre 30cm e 40cm, decapagens 7 e 8, foram evidenciadas duas manchas de concentração de matéria orgânica, associadas a um (01) fragmento de quartzo endógeno, que não apresentou marcas de lascamento intencional. A baixa densidade de vestígios encontrada e a fragilidade dos perfis dessa quadrícula, a qual possuía um sedimento de granulometria muito fina, levou a suspensão das

atividades no setor, com a finalização da décima primeira decapagem (55cm). Outro fator que levou a interrupção da escavação foi a presença da parede rochosa em mais de 75% da quadrícula H1, o que reduzia bastante a área de escavação (**Figura 35**).

2. **Quadrícula H3:** localizada no setor central do abrigo, foram realizadas apenas duas decapagens, pelos motivos acima mencionados. No entanto, já na primeira decapagem foram evidenciadas duas manchas de cinza e carvão, que viriam a se configurar em fogueiras estruturadas, na decapagem seguinte (decapagem 2). Devido à necessidade de consolidação do Perfil Leste da quadrícula I3, após a paralisação das atividades na quadrícula, foi ainda realizada a decapagem 3, em apenas 30 cm da área total da quadrícula H3, adjacente a quadrícula I3 (**Figura 36**).
3. **Quadrícula H5:** localizada no setor fora da linha-de-chuva, foi realizada apenas duas decapagens (10cm). No entanto, logo ficou evidente a grande quantidade de blocos caídos, provenientes dos níveis superiores da encosta. Também foi identificado um fragmento de cerâmica, que pode estar associado ao material cerâmico encontrado num dos abrigos superiores. As atividades foram paralisadas e transferidas para a quadrícula adjacente, na Trincheira I, quadrícula I5 (**Figura 36**).
4. **Quadrícula I4:** foi escavada apenas como medida preventiva ao desmoronamento do Perfil Norte da quadrícula I3. Assim como na quadrícula H3, foram escavados apenas 30cm de área, adjacentes a quadrícula I3. As decapagens foram orientadas pelas camadas visíveis no Perfil Norte e consistiram em: (1) a retirada do sedimento arenoso friável que envolvia as fogueiras identificadas e (2) o desmonte das fogueiras identificadas.
5. **Quadrícula I5:** também localizada no setor fora de linha-de-chuva, caracterizou-se pela grande quantidade de blocos caídos e pela presença de restos vegetais, sem sinais de queima. Na sua área central, existia uma toca de tatu, que foi registrada em toda profundidade escavada. Foram realizadas ao todo sete (07) decapagens (35cm de profundidade), que revelaram alguns fragmentos de material cerâmico – possivelmente de um dos abrigos superiores – e fragmentos de material lítico

lascado. O sedimento escavado apresentou-se bastante concrecionado pela queda dos blocos (**Figura 37**).

6. **Quadrícula I3:** localizada na área central do abrigo, caracterizou-se pela grande concentração de estruturas de combustão, evidenciadas em apenas 1m². Foram ao todo, três (03) covas preenchidas com fogueiras sobrepostas e dezessete (17) fogueiras evidenciadas. Porém, como já mencionado, a área se encontrava biopedoturbada por duas (02) tocas de tatu – até ± 40 cm de profundidade: uma na área central da quadrícula, outra no Perfil Oeste. Apesar das decapagens terem sido definidas em 5 cm, em alguns momentos, devido a fina espessura das lentes de cinza e carvão, foi necessária a divisão das decapagens em decapagem inicial e final, correspondendo a 2,5cm, cada. Dessa maneira, foi possível identificar e segregar aqueles vestígios arqueológicos que pudessem ter sido percolados pela biopedoturbação. Porém, cada decapagem tornava evidente outro índice de perturbação das camadas arqueológicas: a contínua reocupação e reutilização da mesma área para a confecção de novas fogueiras. Mesmo assim, ainda foi possível identificar uma lente de restos vegetais, sem sinais de queima, que se estendia até o Perfil Norte da quadrícula H1 e dividia dois períodos de ocupação diferentes, entre 10cm e 15cm de profundidade (decapagem 02 - início). Outro vestígio vegetal identificado apresentou indícios de trançado e estava associado ao nível das fogueiras 5 e 6 (decapagem 02 – final e decapagem 3). Foi também evidenciado, em 30 cm de profundidade, um fragmento cerâmico associado à Fogueira 9. Foram identificados, coprólitos humanos e animais, restos vegetais com marcas de queima (sementes e outros) e fragmentos de material ósseo animal, que estavam representados sempre na base das estruturas de combustão escavadas. Em associação direta com esses vestígios, foi identificada uma pequena porção de material ósseo com características humanas, em estado bastante fragmentado. Essa relação espacial entre ossos humanos e restos alimentares foi um registro novo na área arqueológica do Seridó. Também foi identificada uma baixa densidade de fragmentos de material lítico, polido e lascado. Entre 65cm (decapagem 13) e 75cm (decapagem 15), foi evidenciada uma camada arenosa de coloração marrom amarelada, que não apresentou vestígios de atividades de combustão. Os raros vestígios arqueológicos registrados estavam indubitavelmente relacionados com áreas de percolação estratigráfica. Esse fato levantou a possibilidade do final do

pacote sedimentar. No entanto, após esse nível estéril, em 85cm de profundidade (decapagem 17), foram encontradas mais duas estruturas de fogueira, configurando um novo nível ocupacional sem biopedoturbação. Porém, a redução da área de escavação, com o escalonamento da quadrícula como medida de preservação dos perfis, impediu a continuação das decapagens a partir desse nível. Finalizando, vale ainda comentar que, uma grande quantidade de fragmentos de carvão foi coletada em quase todos os níveis dessa quadrícula, o que permitiu a definição de uma crono-estratigrafia objetiva para os primeiros níveis de ocupação do abrigo. Além disto, foram coletadas amostras de cinzas e sedimento dos níveis arqueológicos revelados, as quais permitiram a aplicação de análises mais refinadas, em cada estrutura de combustão identificada no sítio (**Figuras 38, 39a, 39b, 39c, 39d, 40a, 40b, 41a e 41b**).

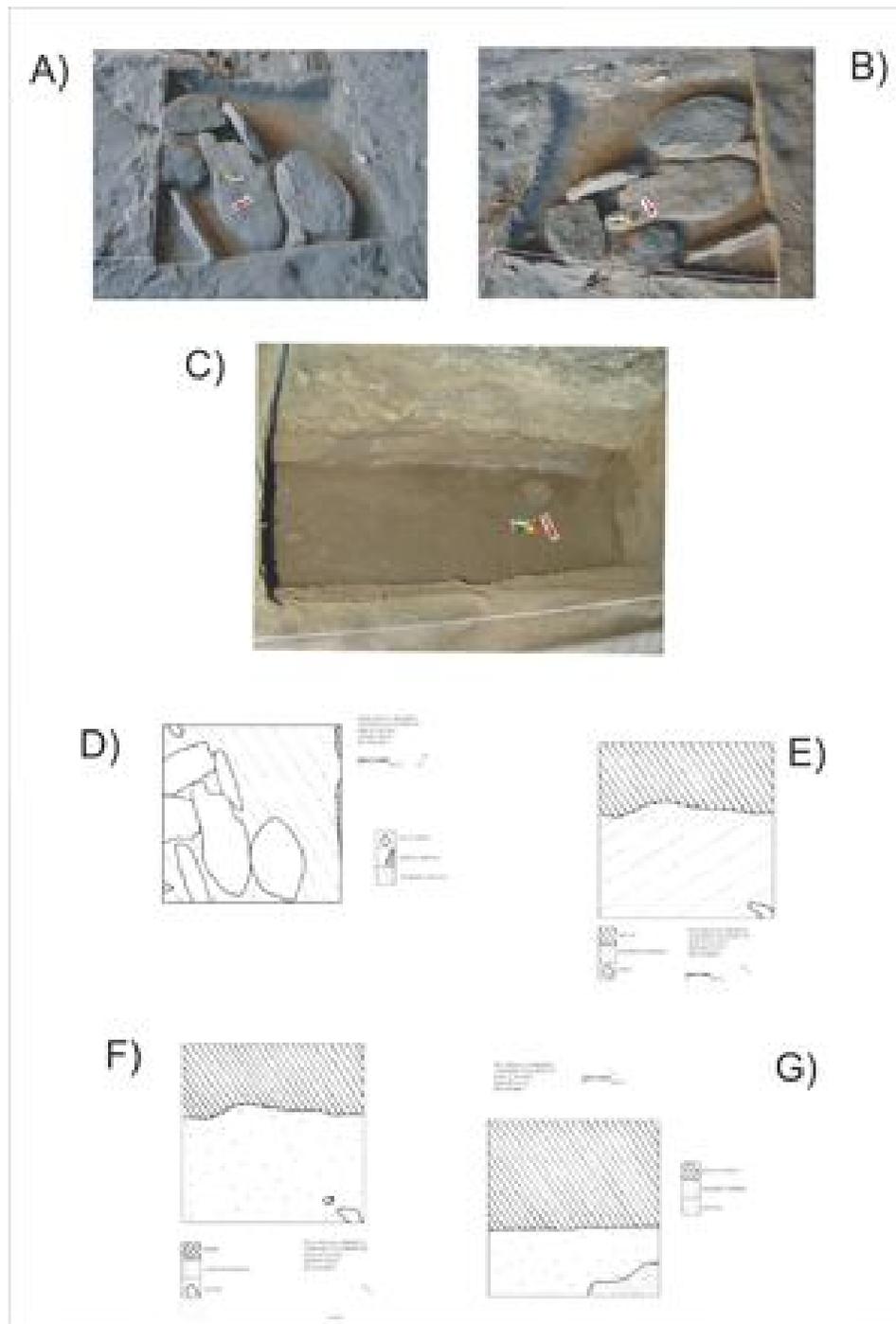


Figura 35: Quadricula H1, sítio arqueológico Fuma do Umbuzeiro. A) Decapagem 1; B) Decapagem 2; C) Decapagem 10; D) Planta-baixa da decapagem 6; E) Planta-baixa da decapagem 5; F) Planta-baixa da decapagem 6; G) Planta-baixa da decapagem 7; Carnaúba dos Dantas - RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos Fabio Mfra; desenhos: Rafael Medeiros.

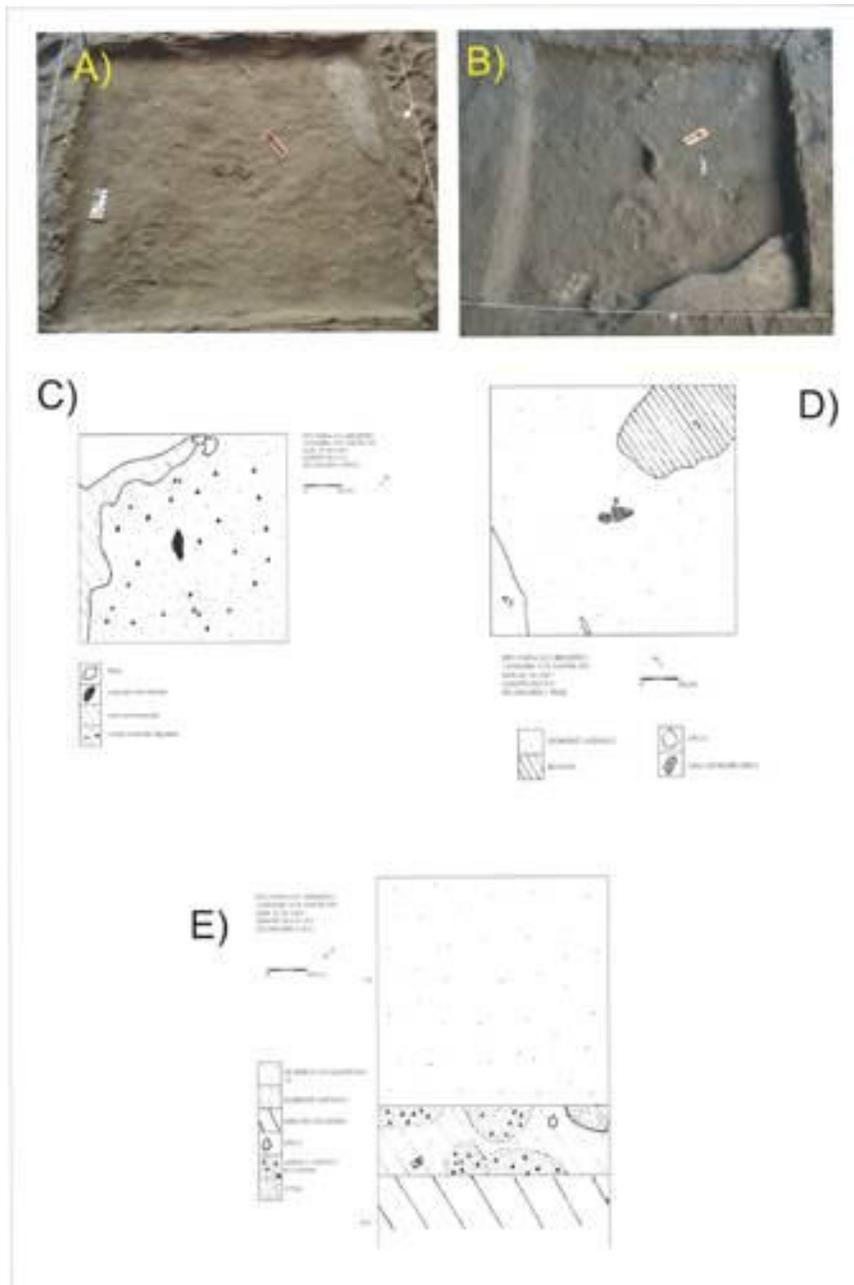


Figura 36: Quadricula H3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 1; B) Decapagem 2; C) Planta-baixa da decapagem 3; D) Planta-baixa da decapagem 2; E) Planta-baixa da decapagem 3, consolidação do perfil sul. Fonte: NEA/UFPE. Fotos Fabio Mafra; desenhos: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas - RN.

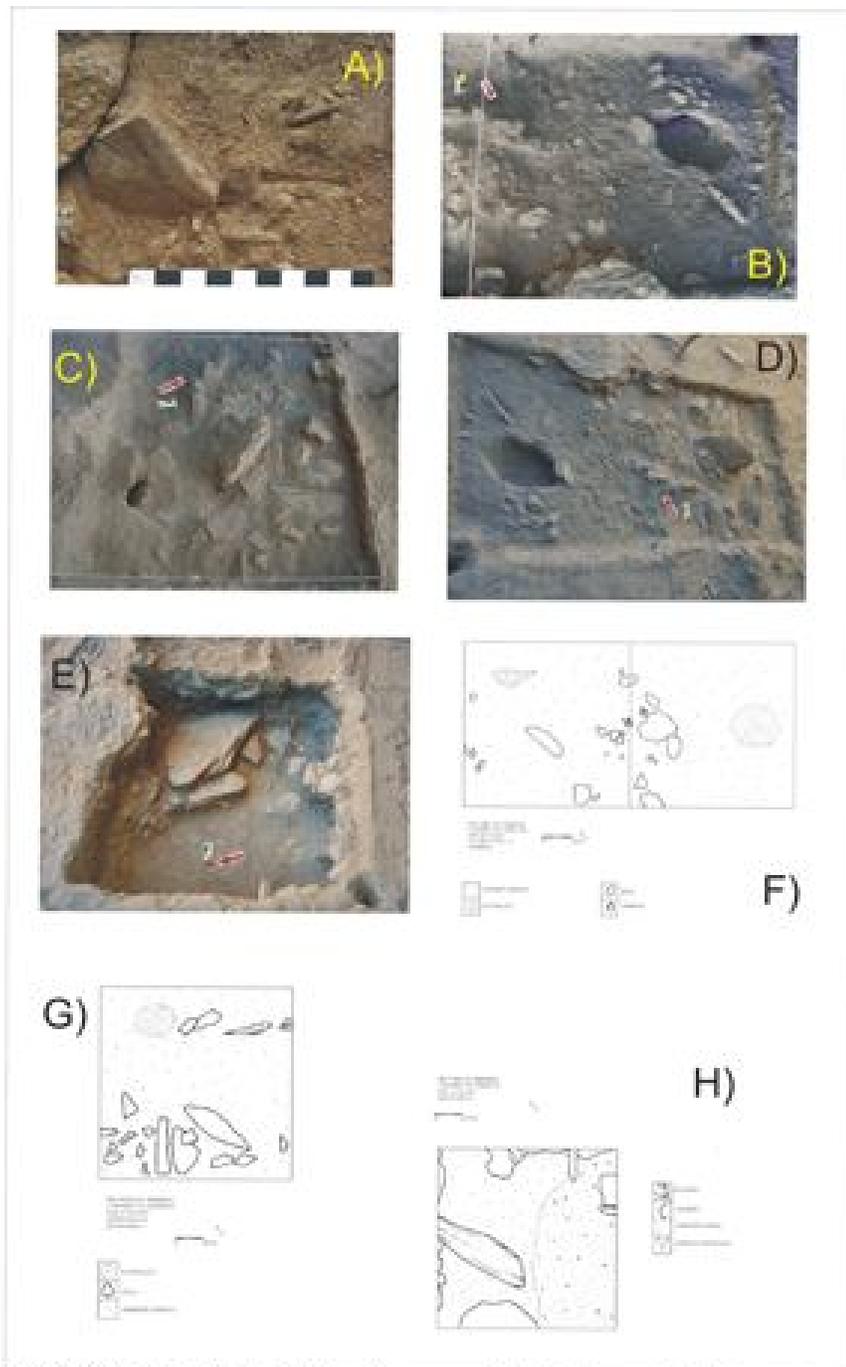


Figura 37: Quadrículas H5 e I5, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Detalhe: material cerâmico superficial, quadrícula I5; B) Quadrícula I5, decapagem 2; C) Quadrícula H5, decapagem 2; D) Vista geral das quadrículas H5 e I5, decapagem 2; E) Quadrícula I5, decapagem 8; F) Planta-baixa das quadrículas H5 e I5, superfície; G) Planta-baixa da quadrícula H5, decapagem 2; H) Planta-baixa da quadrícula I5, decapagem 4. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra, desenhos: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas - RN.

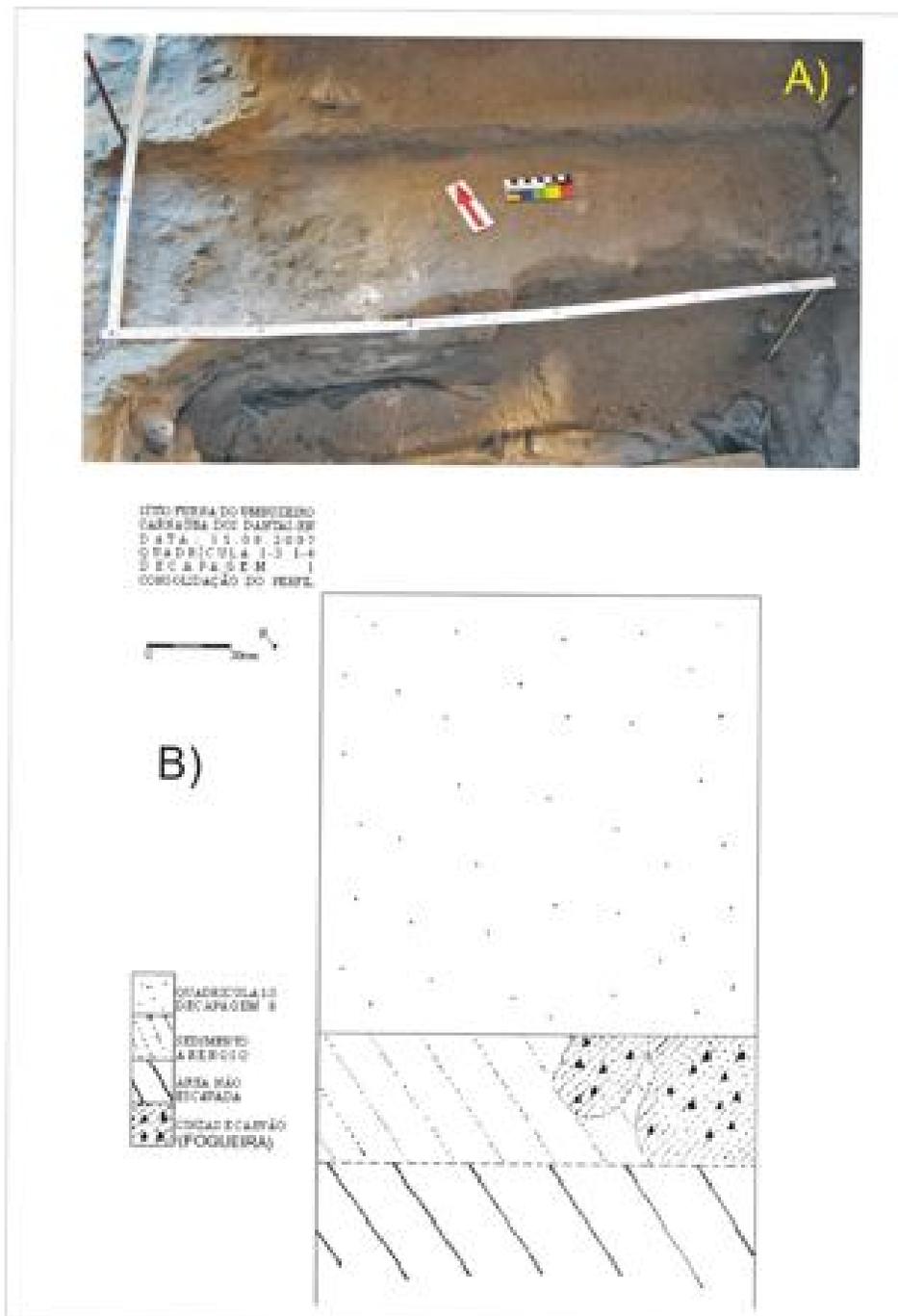


Figura 38: Quadrícula I4, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 1, consolidação do perfil norte; B) Planta-baixa da decapagem 1, consolidação do perfil norte. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mfra; desenho: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas - RN.

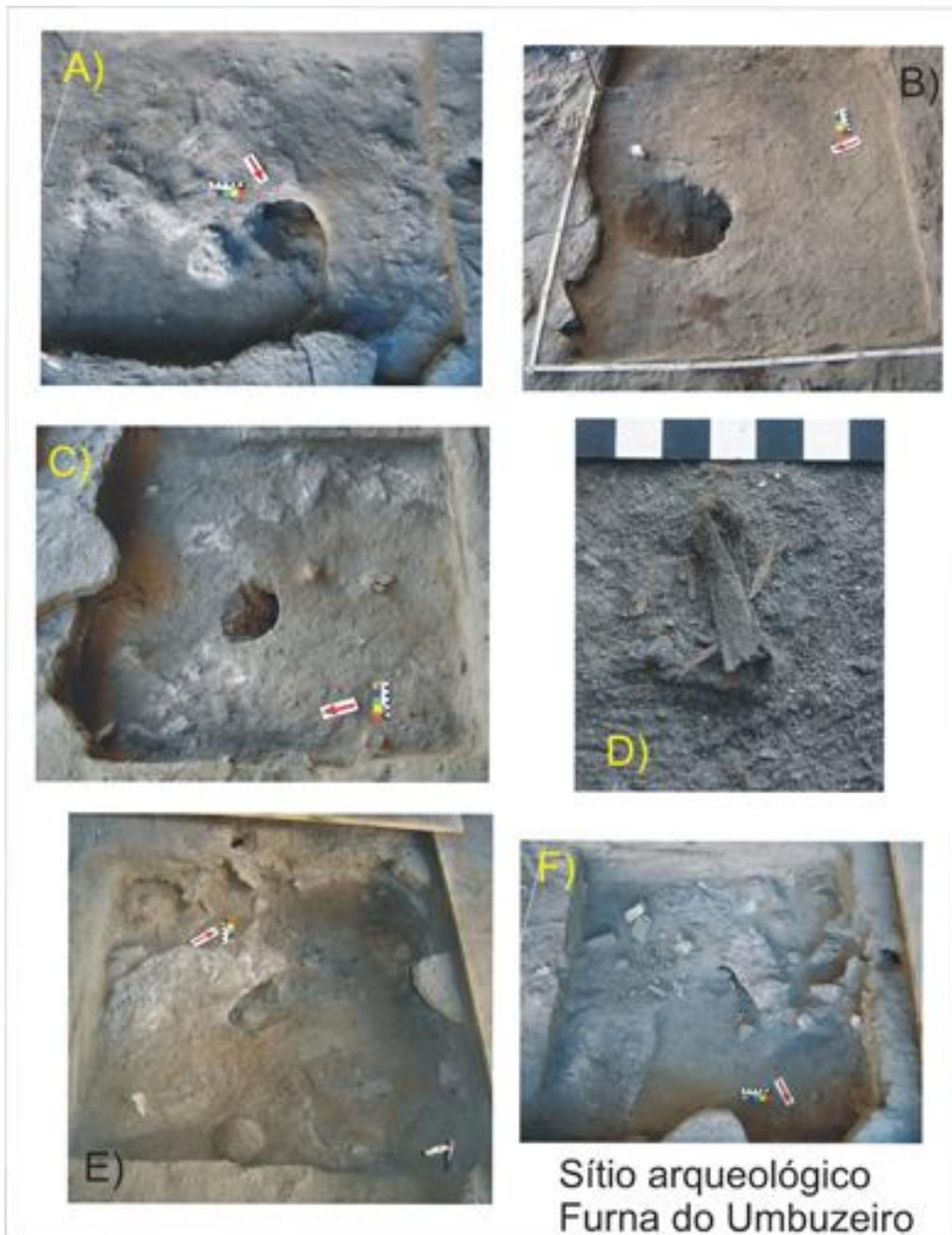


Figura 39a: Quadrícula I3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 1, fogueiras 1, 2 e 3; B) Decapagem 2; C) Decapagem 3, fragmento de cestaria; D) Detalhe: decapagem 3, fragmento de cestaria; E) Decapagem 4; F) Decapagem 5. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas - RN.

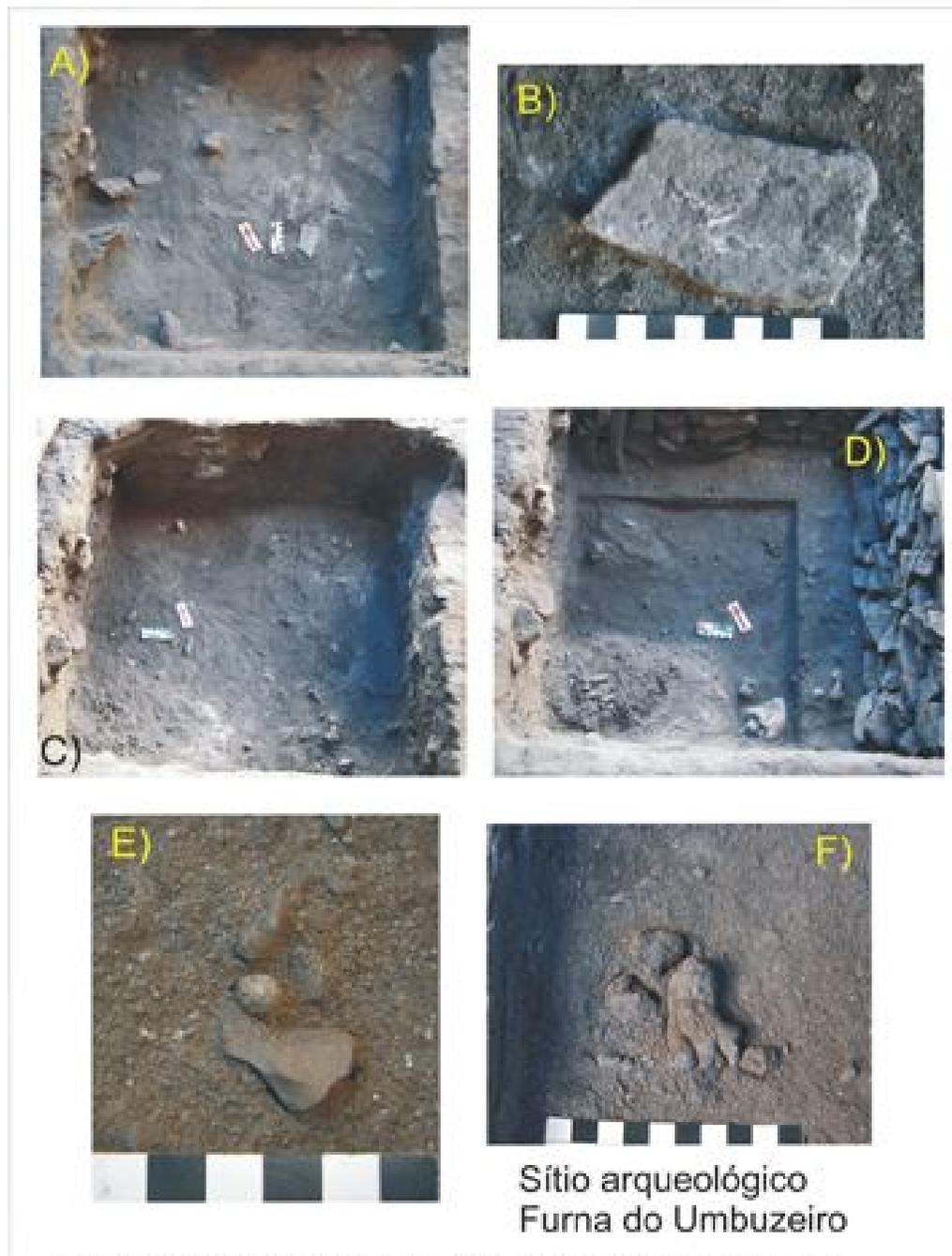


Figura 39b: Quadrícula 13, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 6, fragmento cerâmico; Detalhe: decapagem 3, fragmento cerâmico; C) Decapagem 7; Decapagem 8, fogueira e coprólito humano; Detalhe: decapagem 8, fragmento lítico e concentração de cinzas; F) Detalhe: decapagem 8, coprólito humano. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas - RN.

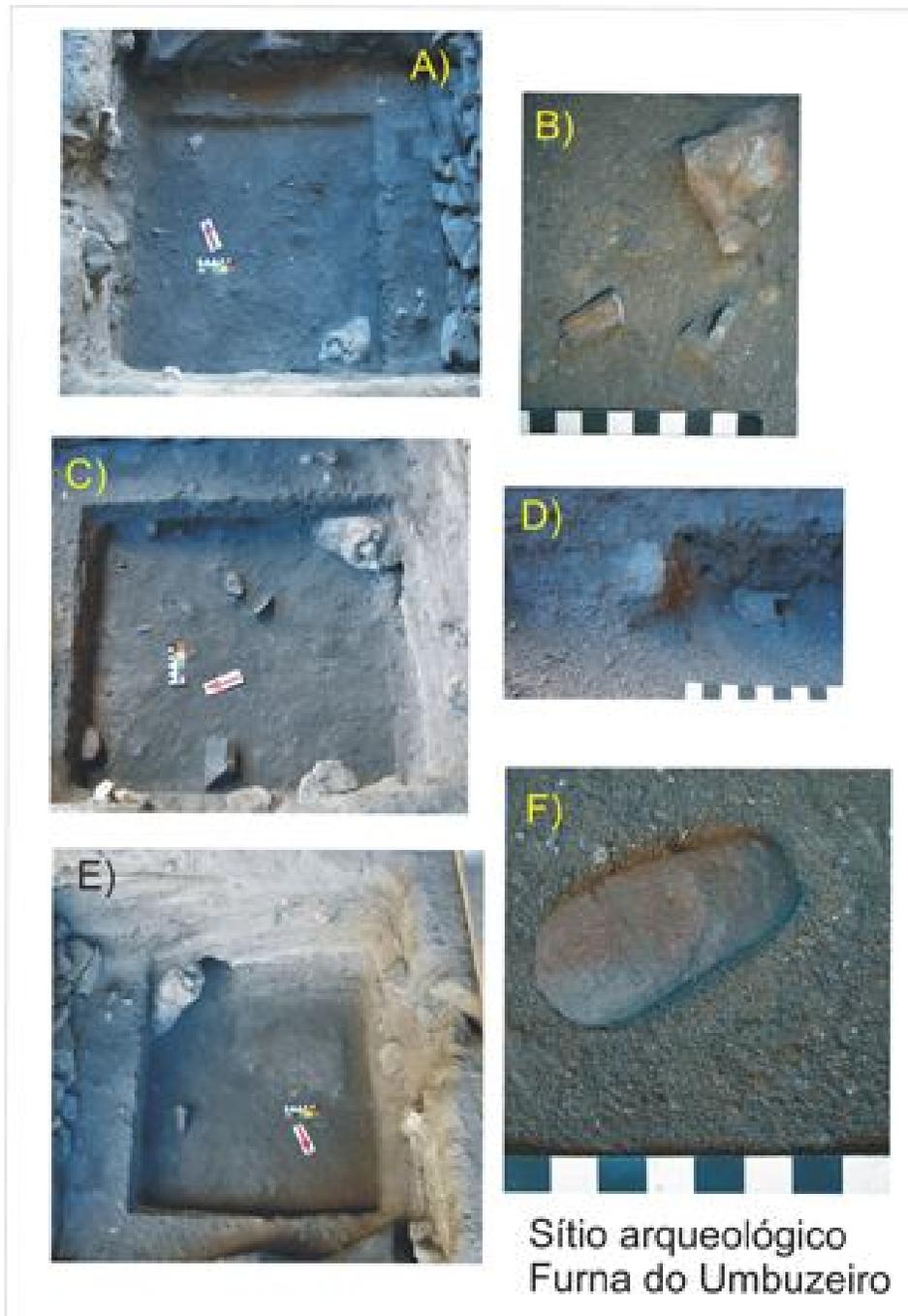


Figura 39c: Quadrícula I3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 9, coprólito humano e fragmentos ósseos; B) Detalhe: decapagem 9, fragmentos ósseos; C) Decapagem 10; D) Detalhe: decapagem 10, fragmento ósseo; E) Decapagem 11, óxido de ferro com marcas de uso; F) Detalhe: decapagem 11, óxido de ferro com marcas de uso. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. Camaúba dos Dantas - RN.

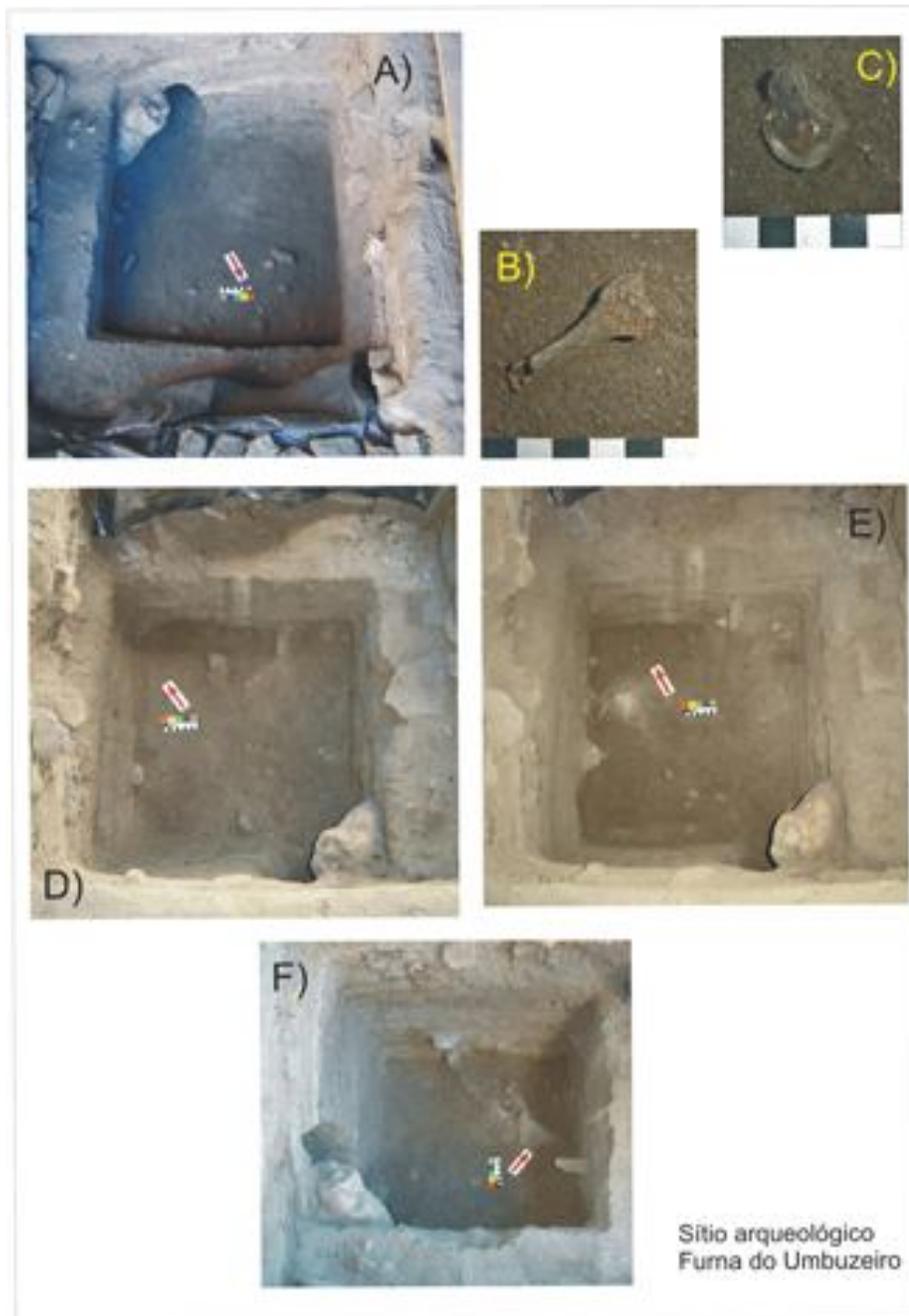


Figura 39d: Quadrícula I3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 12, base das estruturas de combustão; B) Detalhe: decapagem 12, fragmento ósseo; C) Detalhe: fragmento lítico; D) Decapagem 15; E) Decapagem 16, início do nível de ocupação mais profundo; F) Decapagem 18. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas - RN.

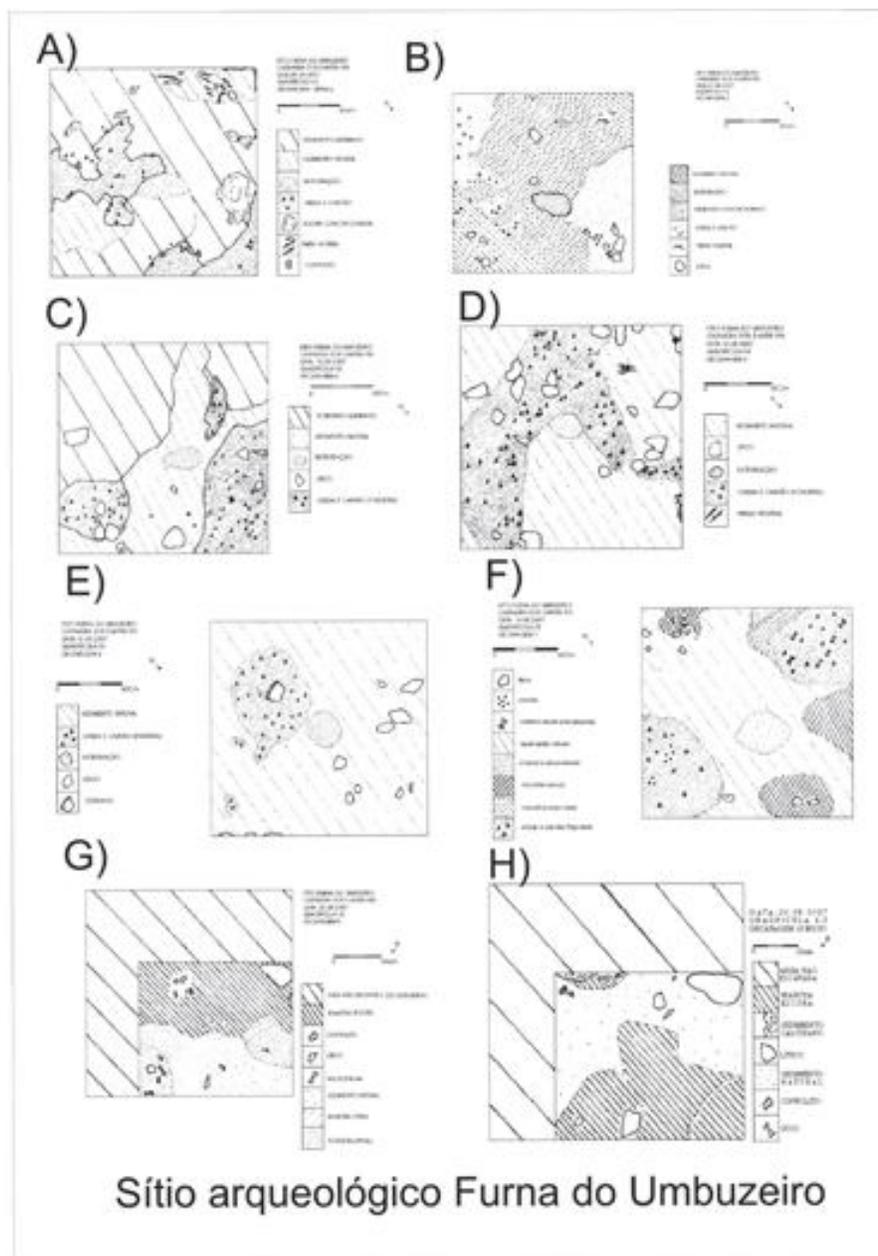
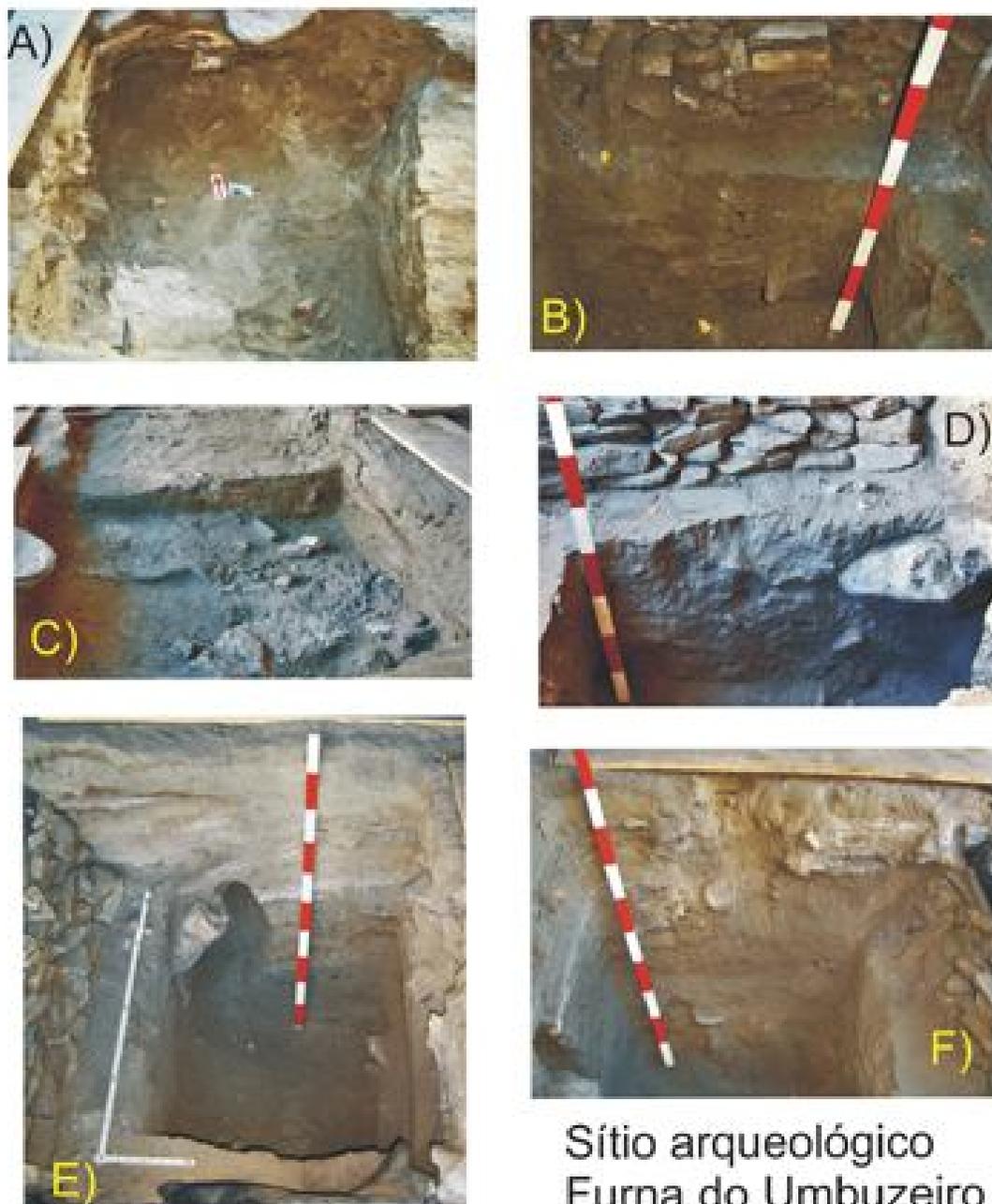


Figura 40a: Plantas-baixas das decapagens realizadas na quadrícula I3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Decapagem 1; B) Decapagem 2; C) Decapagem 4; D) Decapagem 5; E) Decapagem 6; F) Decapagem 7; G) Decapagem 9; H) Decapagem 10; Fonte: NEA/UFPE. Desenhos: Rafael Medeiros. Carnaúba dos Dantas - RN.



Sítio arqueológico
Furna do Umbuzeiro

Figura 41a: Perfis estratigráficos da quadricula I3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Perfil Norte, decapagem 7; B) Perfil Norte, decapagem 18; C) Perfil Leste, decapagem 7; D) Perfil Leste, decapagem 18; E) Perfil Sul, decapagem 18; F) Perfil Oeste, decapagem 18. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas - RN.

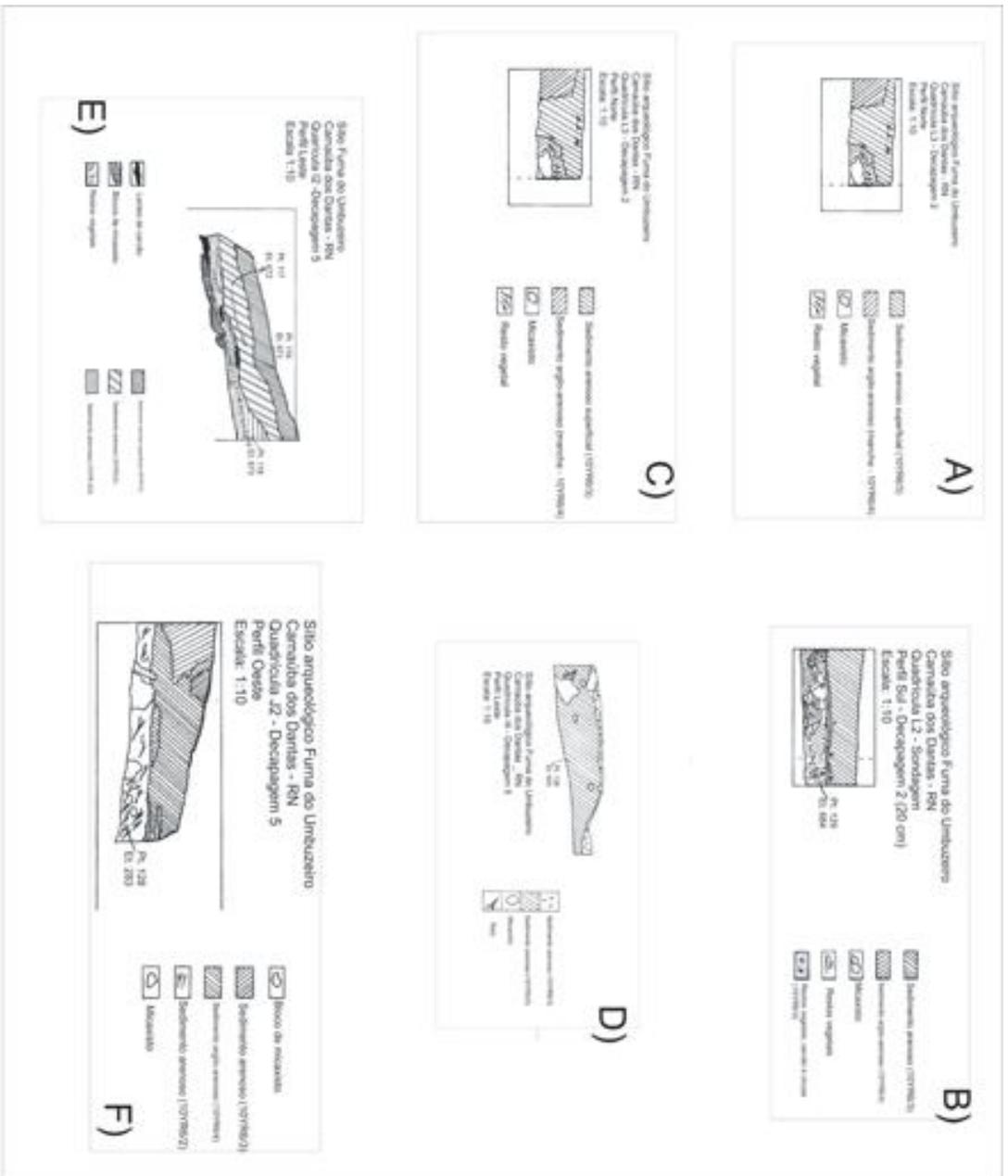


Figura 4.1b: Representações gráficas dos perfis estratigráficos da quadrícula 13, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, A) Perfil Norte; B) Perfil Sul; C) Perfil Leste; D) Perfil Oeste, Carnaúba dos Dantas - RN. Fonte: NEAUFPE.

A ausência de registros gráficos e de estruturas funerárias – pelo menos até o momento – faz do sítio Furna do Umbuzeiro um registro diferente, na área arqueológica do Seridó, onde as pesquisas foram direcionadas para a identificação e o estudo de sítios com registros rupestres. A presença de material cerâmico e polido, por sua vez, indica uma cronologia recente³, para os primeiros níveis ocupacionais revelados. Por outro lado, a associação de fragmentos ósseos humanos a estruturas de combustão e restos alimentares foi um problema que não pode ser verificado com a área escavada do sítio. Para isso, foi necessária a realização de uma escavação de superfície ampla, a qual era inviável, no tempo previsto para a primeira campanha arqueológica. Por isso, todas as quadrículas foram cobertas com lonas plásticas e, todo o sedimento peneirado, foi utilizado para preenchê-las. Preservando assim, os perfis estratigráficos e os níveis arqueológicos não escavados para a próxima campanha prevista.

5.1.2. SEGUNDA CAMPANHA

A segunda campanha teve como principal objetivo identificar níveis de ocupação preservados, para corroborar ou refutar o que foi verificado durante a primeira campanha. Dessa maneira, decidiu-se realizar as decapagens em superfície ampla, buscando com isso, uma melhor configuração das estruturas arqueológicas reveladas. Uma das principais estruturas que se buscava compreender era a lente de restos vegetais, identificada entre as quadrículas I3 e H1, a qual apresentou indícios de material arqueológico trançado.

Nesse sentido, foram realizadas decapagens de 5 cm que, no entanto, foram orientadas pelas estruturas e vestígios arqueológicos revelados. Logo, a decapagem inicial consistiu na revelação das estruturas arqueológicas e a decapagem final no seu desmonte. As quadrículas selecionadas para sofrerem a intervenção foram aquelas adjacentes a quadrícula I3: quadrícula I2, quadrícula I4, quadrícula J2, quadrícula J3 e quadrícula J4. Porém, durante a escavação da quadrícula J3, como veremos mais adiante, foi identificada uma estrutura de fibras vegetais que exigiu a abertura de uma pequena porção das quadrículas L2 e L3.

Ao todo, foram efetuadas cinco (05) decapagens, que atingiram uma profundidade de 25 cm de profundidade, numa área de 6m² de extensão. Esse

³ Como cronologias recentes compreendem-se aqui ocupações datadas a partir de \pm 6000 A. P.

procedimento permitiu identificar os dois últimos níveis de ocupação do abrigo, já visíveis nos perfis estratigráficos revelados na quadrícula I3 (**Figura 42a, 42b, 42c e 42d**).

Durante a limpeza do sedimento superficial das quadrículas selecionadas, como ocorrido na primeira campanha, manchas de cinza e carvão foram logo evidenciadas. Associadas a essas manchas foram identificadas também concentrações de restos vegetais. Nesse sedimento retirado, foi identificado um artefato polido, de matéria-prima não identificada (madeira ou osso), que apresentou a forma de uma vareta, com a ponta afiada. Na verdade, apenas a ponta desse artefato foi encontrada e nela foi possível visualizar sinais de afiamento. Entretanto, como o material foi encontrado em um contexto perturbado, não pode ser relacionado a nenhuma das estruturas ou níveis arqueológicos evidenciados.

Em 10 cm de profundidade, decapagem 2, nas quadrículas J3, J4 e I4, foi revelada uma fogueira de grandes dimensões, delimitada por blocos de quartzo e micaxisto, muito alterados pelo calor (**Figura 43a e 43b**). Abaixo dessa estrutura de combustão, principalmente na quadrícula J2, em 15 cm de profundidade (decapagem 3), começou a aparecer a lente de restos vegetais, que havia sido identificada na primeira campanha. No entanto, a mesma não apresentou nesse nível nenhum indício que pudesse comprovar ou refutar uma ação humana na sua gênese. Contudo, essa concentração de restos vegetais estava envolvida por um sedimento de coloração amarela, decorrente da decomposição desses vestígios (**Figura 44**).

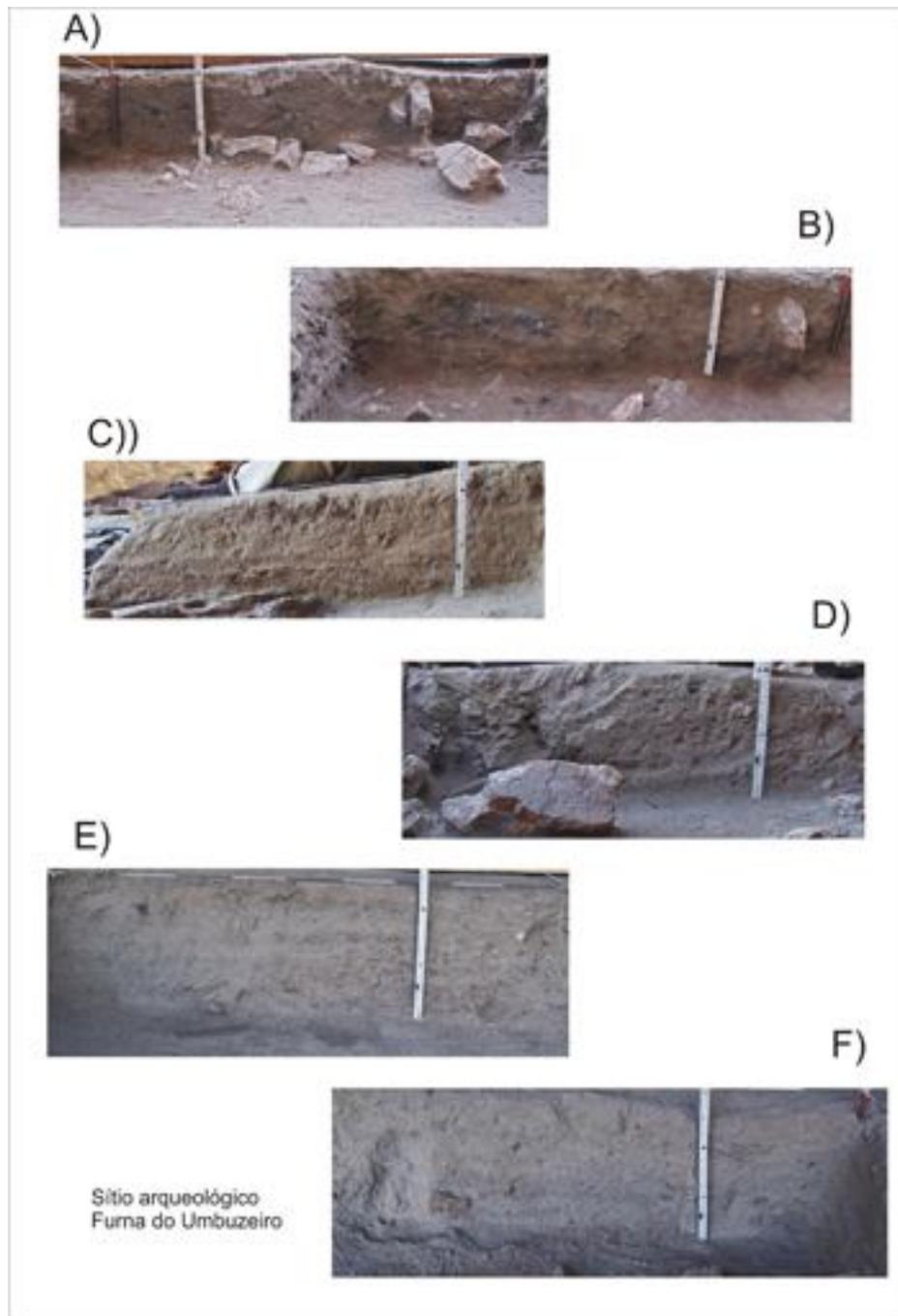


Figura 42a: Perfis estratigráficos da área escavada na segunda campanha do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro (Decapagem 5). A) Perfil Norte, quadrícula I4; B) Perfil Norte, quadrícula J4; C) Perfil Leste, quadrícula I2; D) Perfil Leste, quadrícula I4; E) Perfil Sul, quadrícula I2; F) Perfil Sul, quadrícula J2. Fonte: NEA/UFPE. Fotos Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas – RN.

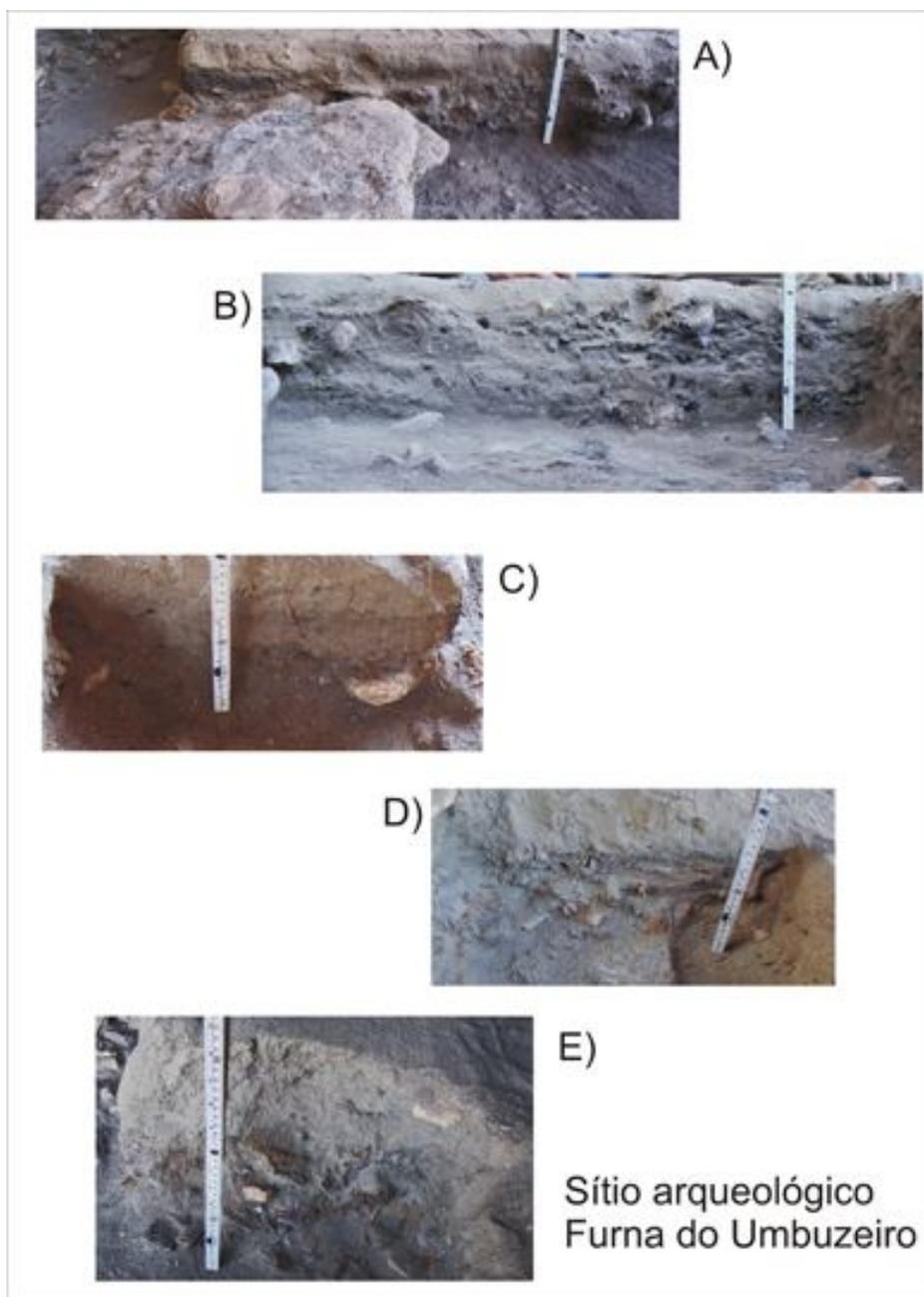


Figura 42b: Perfis estratigráficos da área escavada na segunda campanha do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro (Decapagem 5). A) Perfil Oeste, quadrícula J3; B) Perfil Oeste, quadrícula J4; C) Perfil Oeste, quadrículas L2/L3, quadrantes 4 e 1; D) Perfil Norte, quadrículas L2/L3, quadrantes 4 e 1; E) Perfil Sul, quadrículas L2/L3, quadrantes 4 e 1. Fonte: NEA/UFPE. Fotos Fabio Mafra. Carnaúba dos Dantas – RN.

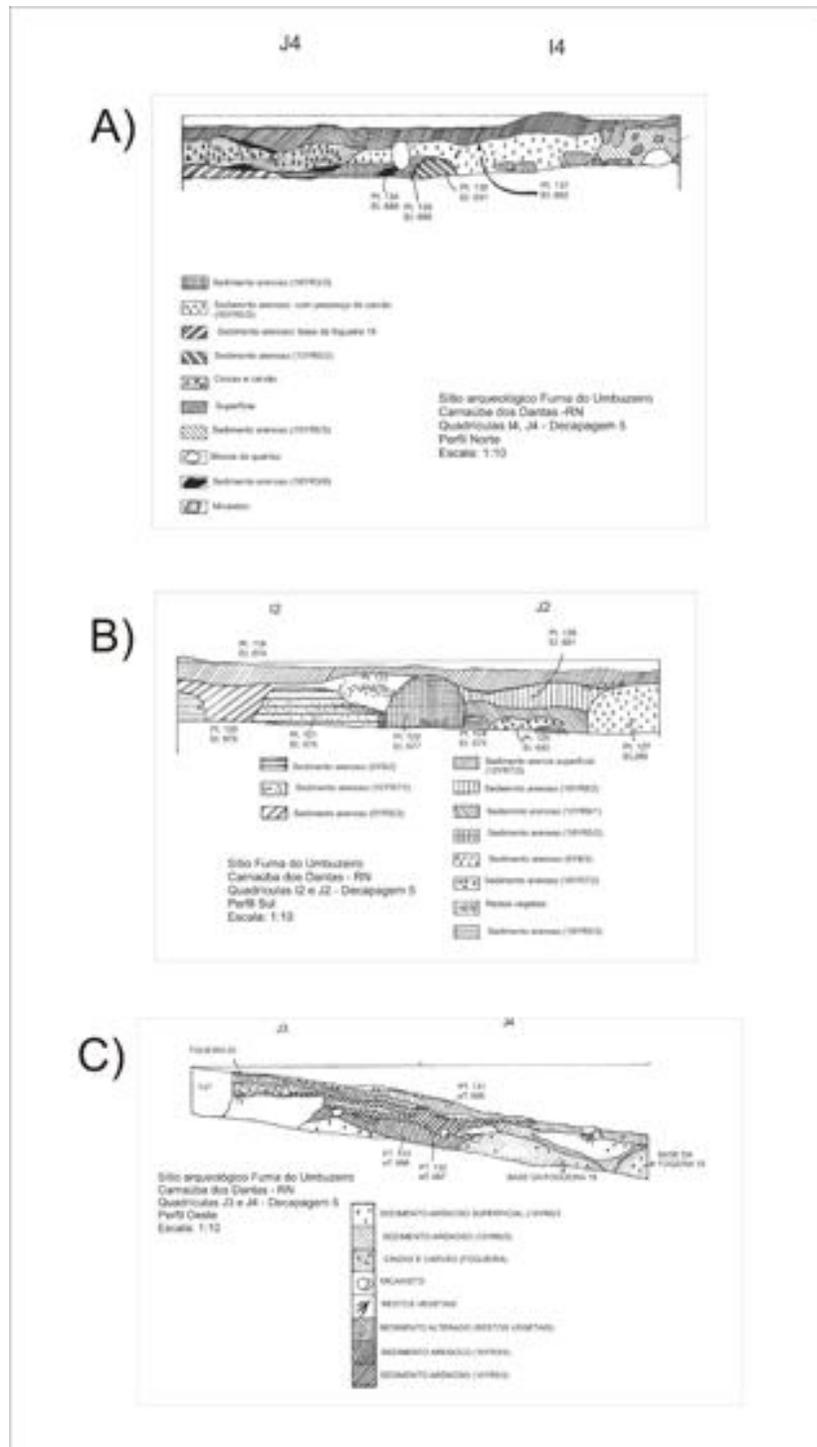


Figura 42c: Representação gráfica dos perfis estratigráficos revelados na segunda campanha, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Perfil Norte, quadrículas I4 e J4, decapagem 5; B) Perfil Sul, quadrículas J2 e J2, decapagem 5; C) Perfil Oeste, quadrículas J3 e J4, decapagem 5. Fonte: NEA/UFPE. Desenhos: Rafael Medeiros. Camaúba dos Dantas – RN.

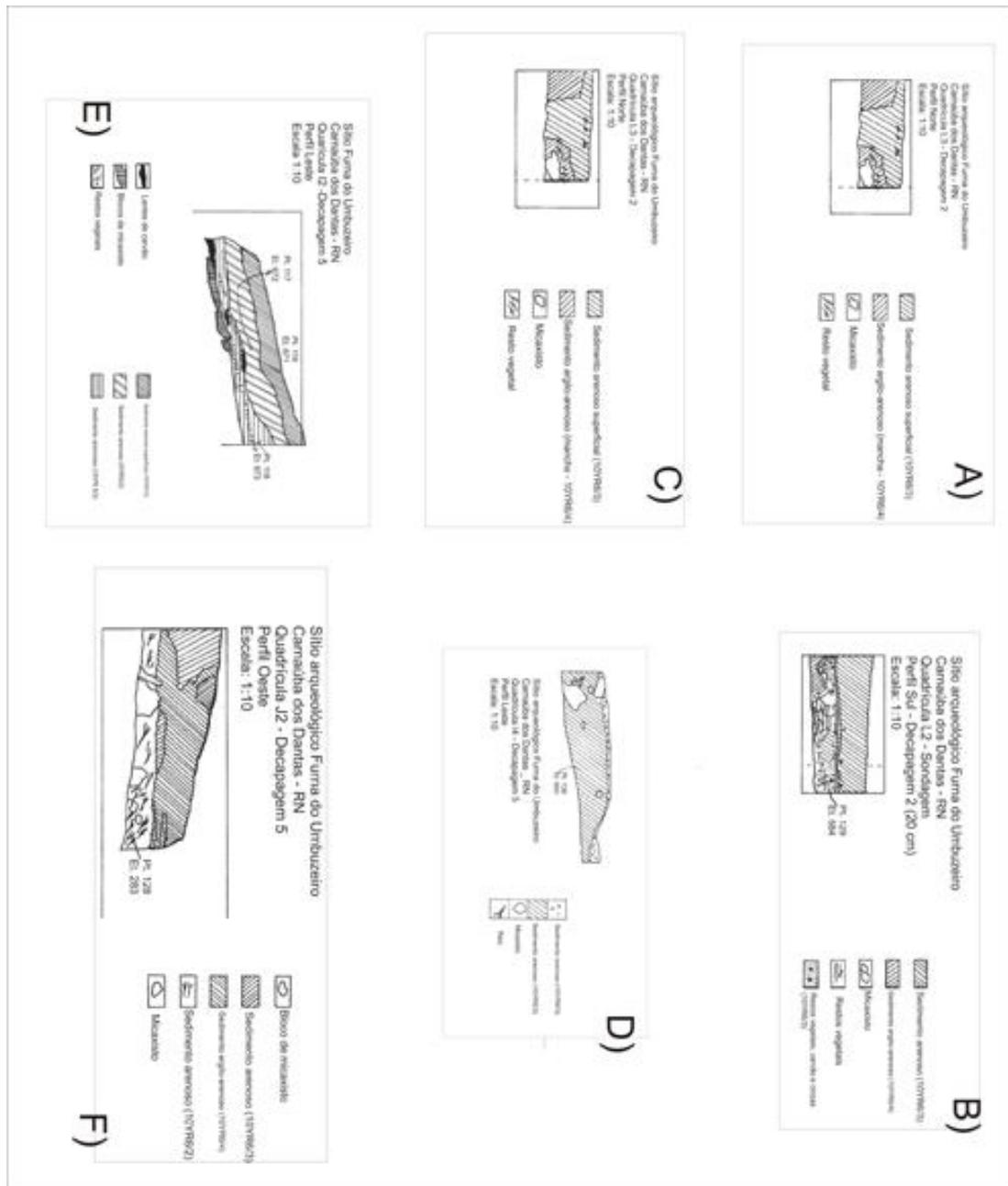


Figura 42d: Representação gráfica dos perfis estratigráficos revelados na segunda campanha, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Perfil Norte, quadrícula L3, decapagem 2; B) Perfil Sul, quadrícula L2, decapagem 2; C) Perfil Norte, quadrícula L3, decapagem 2; D) Perfil Leste, quadrícula I4, decapagem 5; E) Perfil Leste, quadrícula I4, decapagem 5; E) Perfil Leste, quadrícula I2, decapagem 5; F) Perfil Oeste, quadrícula J2, decapagem 5. Fonte: NEA/UFPE. Desenhos: Rafael Medeiros. Camaúba dos Dantas – RN.



Figura 43a: Vista geral das quadrículas I2, I4, J2, J3 e J4, após a abertura da decapagem 2 na segunda campanha, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra.

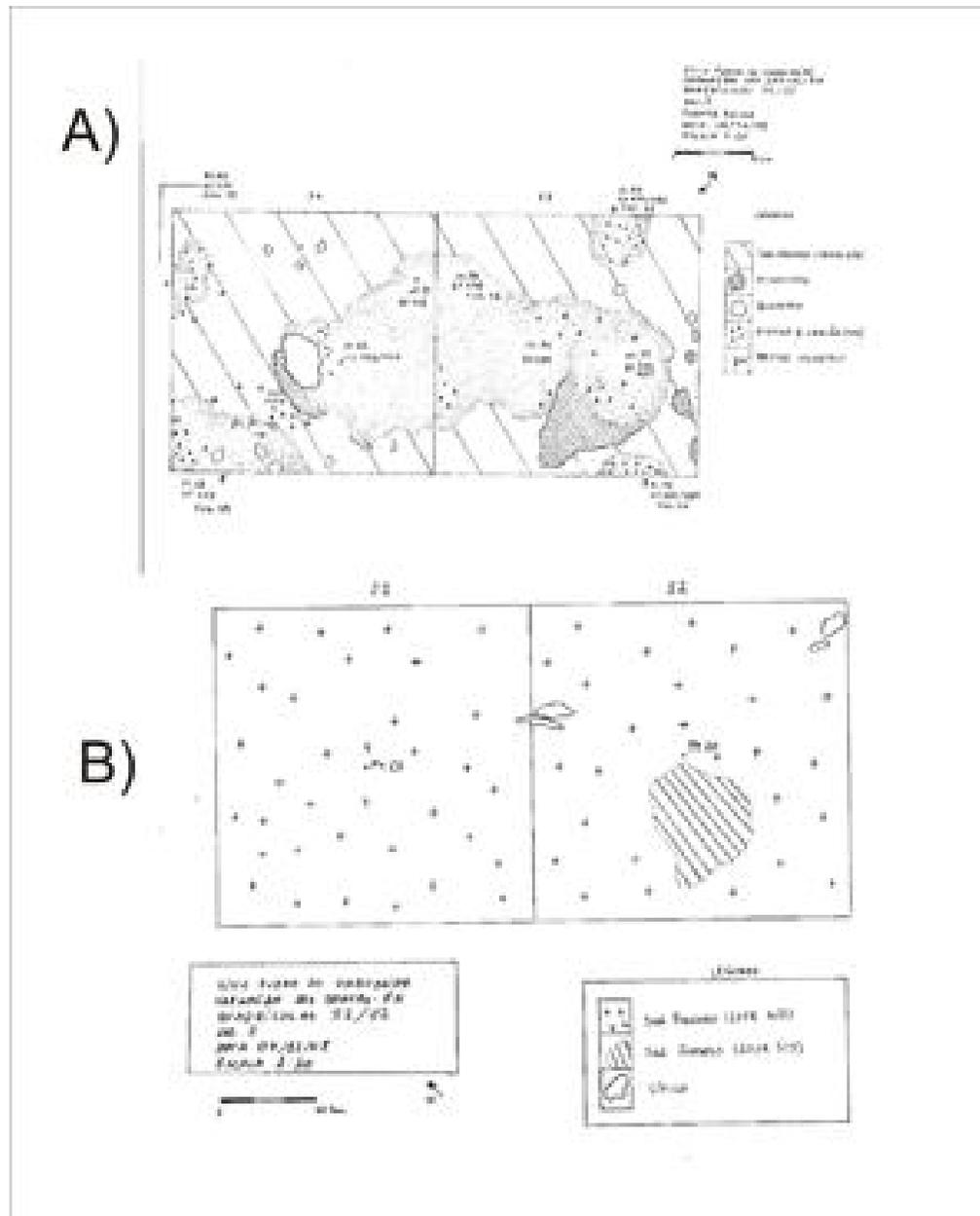


Figura 43b: Plantas-baixas da decapagem 2, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Quadrículas J3 e J4, fogueiras; B) Quadrículas I2 e J2. Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Rafael Medeiros.



Figura 44: Quadrículas I2 e J2, vista geral da decapagem 4, lente de restos vegetais. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra. Sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN.

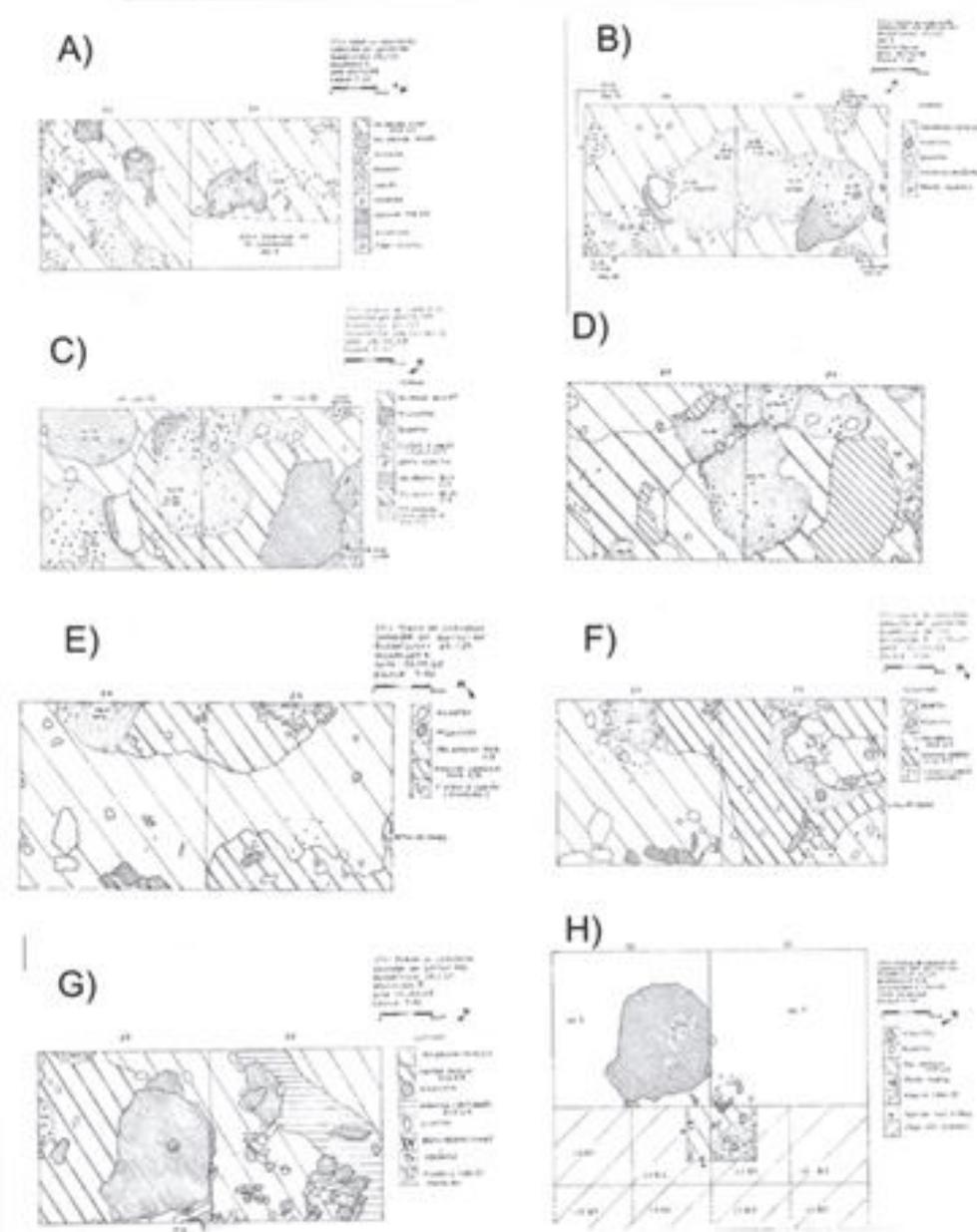
Como verificado na primeira campanha, uma grande densidade de fogueiras superpostas foi revelada (**Figura 41a**). A presença de apenas uma área de biopedoturbações, em relação ao perímetro todo selecionado para ser escavado na segunda campanha reduziu, consideravelmente, os índices de perturbação e percolação estratigráfica das estruturas identificadas. No entanto, não foram selecionadas amostras de carvão vegetal para a realização de datações radiocarbônicas, por esse motivo a cronologia das estruturas reveladas foi determinada pela crono-estratigrafia determinada na primeira campanha, com a escavação da quadrícula I3. As fogueiras escavadas nessa segunda campanha foram:

1. Fogueira 3: localizada na primeira campanha; quadrícula I4, decapagem 2;

2. Fogueira 4: localizada na primeira campanha; quadrícula J3, decapagem 3;
 3. Fogueira 5: localizada na primeira campanha; quadrícula I2, decapagem 4;
 4. Fogueira 6: localizada na primeira campanha; quadrícula I4, decapagem 3;
 5. Fogueira 18: quadrículas I4, J3, J4; decapagem 3; localizada abaixo da fogueira 4;
 6. Fogueira 19: quadrícula J4; decapagem 2;
 7. Fogueira 20: quadrícula J3; decapagem 3; caracteriza-se como uma concentração de carvão isolada, localizada sobre a fogueira 18;
 8. Fogueira 21: quadrícula J3; decapagem 3; caracteriza-se como uma concentração de carvão isolada, localizada sobre a fogueira 18;
 9. Fogueira 22: quadrícula I4; decapagem 3; esta estrutura corta a fogueira 18.
- (Figura 45).

Em 20 cm de profundidade (decapagem 4), na quadrícula J3, começou a ser evidenciado um fragmento de cordel (fibras vegetais torcidas), localizado entre um bloco caído de $\pm 1,5$ m de diâmetro e o perfil Oeste (Figura 46 e Figura 47). Este vestígio penetrava em direção ao perfil da quadrícula L3 e estava associado a uma grande quantidade de fibras vegetais, as quais, no entanto, não apresentavam sinais de manufatura humana (Figura 48). O grande bloco caído e alta densidade de fragmentos de quartzo, evidenciados entre 10 cm e 20 cm, em todas as quadrículas abertas, sugeriu um evento de queda de blocos do teto do abrigo, em período recente (Figura 49). Este evento teria então perturbado este último nível de ocupação do sítio.

É interessante notar que os fragmentos de cordel e fibras vegetais identificados estavam em contato direto com as lentes de cinza e carvão. Entretanto, não apresentaram nenhum sinal de queima. Este fato levou a considerar tais vestígios como uma possível estrutura de restos vegetais (cestarias e encordoamentos), a qual foi depositada sobre as estruturas de fogueira, após a extinção do fogo. Além disso, considerando o evento de queda de blocos, que se relaciona estratigraficamente com a lente de restos vegetais, é possível que este fato tenha contribuído para a sua conservação fragmentária (Figura 50).



Plantas-baixas das decapagens realizadas na Segunda Campanha, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. A) Quadrículas I4 e J4, decapagem 1; B) Quadrícula J3 e J4, decapagem 2; C) Quadrículas J3 e J4, decapagens 2 e 3; D) Quadrícula J3 e J4, decapagem 3; E) Quadrículas I4 e J4, decapagem 4; F) Quadrículas I4 e J4, decapagem 5; G) Quadrícula J2 e J3, decapagem 5; H) Sondagem: quadrícula L2 e L3, quadrantes 1 e 4, decapagem 2 (20 cm). Fonte: NEA/UFPE. Desenhos: Rafael Medeiros.



Figura 46: Detalhe de trançado de fibras vegetais (corda), quadrícula J3, decapagem 4, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra.



Figura 47: Detalhe de trançado de fibras vegetais (corda), quadrícula J3, decapagem 5, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra.



Figura 48: Detalhe da estrutura de fibras vegetais associada ao cordel, quadrícula L2 e L3, quadrantes 4 e 1, decapagem 2 (20 cm), sítio arqueológico Furna do Umbzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra.



Figura 49: Quadrículas J2 e J3, decapagem 4, restos vegetais e blocos caídos, sítio arqueológico Furna do Umbzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra.



Figura 50: Vista geral da área escavada na segunda campanha, quadrículas I2, I4, J2, J3, J4 e a sondagem nas quadrículas L2 e L3, decapagem 5. Sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra.

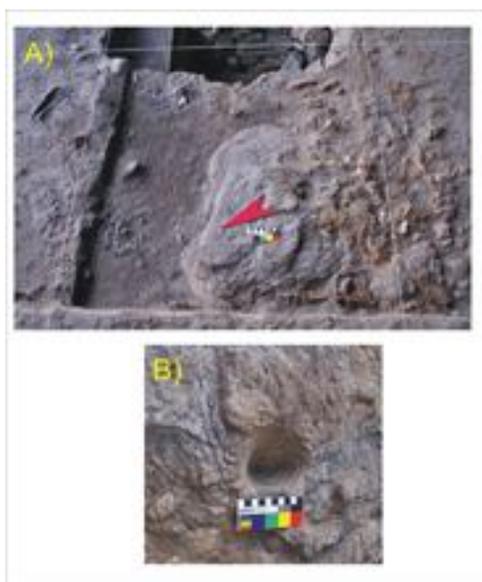


Figura 51: A) Vista geral do bloco caído, com massa preenchida de sementes; B) Detalhe da massa. Quadrícula J3, decapagem 3, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra.

Neste ponto, a escavação concentrou-se no aprofundamento das quadrículas I2 e J3, as quais foram divididas em quatro quadrantes de 50cm². Com isto, buscou-se evidenciar o bloco caído, além de verificar a existência de estruturas de fibras vegetais melhor conservadas abaixo do mesmo (**Figura 49, 50 e 51**). No entanto, não foi possível revelar e retirar todo o bloco nessa segunda campanha, dado as dimensões do mesmo.

Por outro lado, com esse procedimento foi possível evidenciar todo o fragmento de fibras vegetais manufaturado: no caso, um fragmento de corda de ± 15 cm de comprimento, por ± 2 cm de espessura. Esse fragmento de corda foi identificado na quadrícula I3, em 25cm de profundidade (decapagem 5), coberta por uma lente de fibras vegetais. Abaixo do fragmento de corda identificado, foi encontrada uma concentração de fibras vegetais, muito similar ao fragmento coletado e, possivelmente, relacionado ao mesmo. Isto forçou a abertura de uma pequena sondagem, no limite das quadrículas L2 e L3, perfil oeste, para que fosse possível a sua coleta (**Figuras 48 e 50**).

Nessa sondagem realizada, a concentração de fibras vegetais se encontrava abaixo da fogueira 20, que também penetrava no perfil Oeste. Começou a ser evidenciada logo em 15cm de profundidade. Apesar de se encontrar entre duas lentes de cinzas e carvão, ou seja, duas estruturas de fogueiras superpostas, os restos vegetais revelados não apresentaram nenhum sinal de queima, além de uma decomposição gradual que coloria o sedimento de um amarelo vivo. Por outro lado, a maior parte dos restos vegetais identificados consistia em fragmentos de diversas espécies encontradas no entorno do próprio sítio. Como exemplo pode-se citar: o pinhão-branco (*Jatropha mollissima*), a macambira (*Bromelia laciniosa*), o marmeleiro (*Croton sonderianus*), o umbuzeiro (*Spondia tuberosas*), entre outros. O registro dessas espécies pode sugerir um período mais seco, no qual ocorreu uma intensa deposição de fragmentos dessas espécies vegetais, provavelmente por ação eólica, que podem ter se misturado as estruturas de fibras vegetais, após o evento de queda de blocos.

Por outro lado, a presença de lajes de quartzito, material exógeno em relação ao sítio, diretamente associadas aos restos vegetais evidenciados, sugerem uma possível intencionalidade na deposição dessas rochas, nesse nível de ocupação bem configurado.

Resta ainda mencionar que, com a revelação do bloco caído e sua limpeza com pincéis, foi identificada uma moessa com ± 15 cm de diâmetro e 10 cm de profundidade, na face exposta do referido bloco. No interior dessa moessa foi coletada uma concentração de

sementes de uma espécie vegetal não identificada (**Figura 51**). A presença das mesmas no interior da moessa, a qual parece ter sido formada após o evento de queda de blocos, assim como a intencionalidade de sua localização não puderam ser identificadas no presente trabalho. Para isso seria necessária a identificação da espécie vegetal proveniente e indícios de manipulação das mesmas, para que fosse descartada a hipótese de uma deposição natural das sementes e uma formação eólica ou pluvial para a moessa.

Na base da fogueira 18, no interior de uma mancha húmica escura que caracterizava a base da maioria das estruturas de combustão evidenciadas no sítio, foi identificado um fragmento ósseo humano, com vestígios de alteração pelo calor. O fato de não haver nenhum agente de perturbação das camadas e níveis arqueológicos, transformou este fragmento ósseo no indício mais objetivo da relação espacial, identificada já na primeira campanha, entre fragmentos ósseos animais, humanos e outros vestígios arqueológicos – como fragmentos cerâmicos e líticos, coprólitos humanos, etc. – geralmente identificados na base de estruturas de combustão: fogueiras e fogões.

Finalmente, com a conclusão da decapagem 5 na quadrícula J2, foi identificada uma concentração de fragmentos de palha, organizadas ao ponto de sugerir um fragmento de cestaria bastante deteriorado e concrecionado em um fragmento de quartzo. Este vestígio foi identificado na base da lente de restos vegetais, que encobria quase toda a extensão escavada. Juntamente com os indícios acima descritos pode se então confirmar uma origem antrópica da referida lente, o que já havia sido sugerido na primeira campanha.

Os vestígios identificados nessa segunda campanha foram:

1. Estruturas de fogueira: caracterizadas como lentes de cinza e carvão superpostas e distribuídas nas quadrículas escavadas;
2. Manchas húmicas: isoladas e em associação com vestígios líticos e cerâmicos, ou localizadas na base das estruturas de combustão;
3. Fragmentos ósseos animais: nos mais diversos contextos deposicionais, inclusive na base das estruturas de combustão e com sinais de queima;
4. Restos vegetais de origem natural: vegetação do entorno direto ao abrigo;
5. Restos vegetais: com indícios de manipulação humana (fragmentos de cordel, fragmentos de corda e restos de cestaria);

6. Fragmentos cerâmicos: tanto associados a áreas de queda de blocos e, portanto oriundos dos abrigos superiores, como associados às estruturas de combustão (**Figura 52**);
7. Fragmentos líticos: encontrados na mesma situação deposicional dos fragmentos cerâmicos;
8. Fragmento ósseo humano: coletado na base da fogueira 18, sem indícios de perturbação ou percolação estratigráfica;
9. Coprólitos animais: diferentemente da primeira campanha, não foram identificados coprólitos de procedência humana.



Figura 52: Fragmento cerâmico associado a fragmentos de fibra vegetal torcida, quadricula J2, decapagem 5, sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Fonte: NEA/UFPE. Foto: Fabio Mafra.

Com os indícios coletados foi possível então confirmar a relação espacial verificada entre estruturas de combustão, fragmentos ósseos humanos e animais e fragmentos cerâmicos e líticos. Localizados tanto nos últimos níveis ocupacionais (25 cm), como nos níveis mais profundos até agora escavados (90 cm), este fator permitiu uma verificação mais objetiva das hipóteses propostas para a interpretação do sítio. Além disso, a comprovação da gênese humana na lente de restos vegetais evidenciada é outro fato que favoreceu essa verificação.

5.2. SÍTIO ARQUEOLÓGICO BAIXA DO UMBUZEIRO

5.2.1. PRIMEIRA CAMPANHA

Localizado no vale do Riacho da Areia, em um terraço fluvial na sua margem esquerda e distante ± 200 m do sítio Furna do Umbuzeiro, encontra-se o sítio Baixa do Umbuzeiro. Caracteriza-se como um sítio a céu aberto, composto por estruturas de concentrações circulares de quartzo piro-fraturados, associadas a poucos fragmentos de material cerâmico e um número maior de material lítico, lascado e polido. Esses vestígios foram encontrados no nível superficial e alguns fragmentos cerâmicos coletados se encontravam em associação direta com as estruturas de quartzo. A ocorrência de material arqueológico, juntamente com a regularidade da distribuição das estruturas, geralmente alocadas nas áreas livres de drenagem, apontou para a utilização da área por populações humanas (Martin, *et alli*, 2008). Além disso, é notável o fato da ausência de vegetação rasteira, na área de maior concentração das estruturas de quartzo (setor C), formando uma verdadeira clareira onde estas estavam dispostas (**Figura 53**).

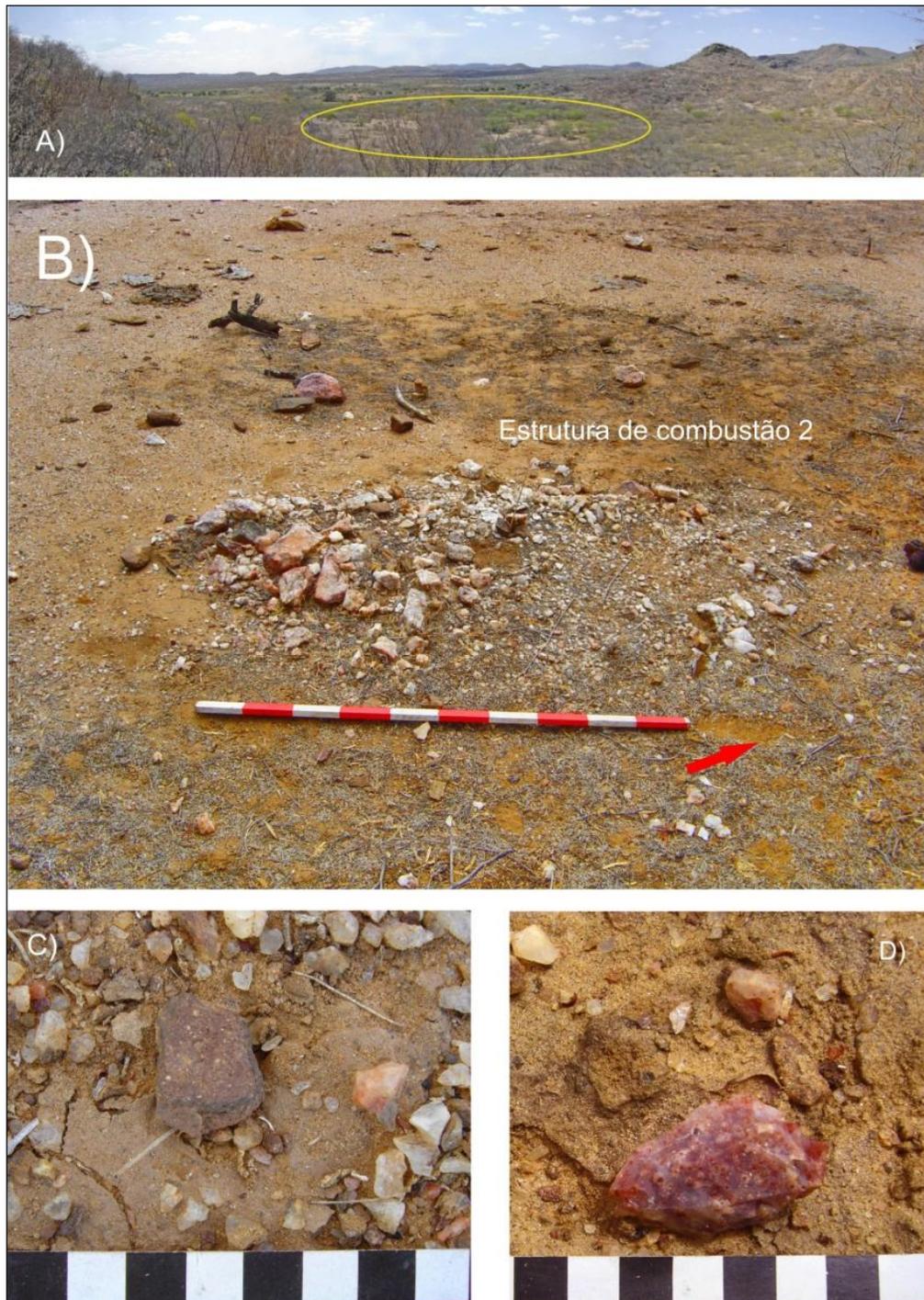


Figura 53: A) Vista-geral do Vale do Riacho da Areia, onde se vê delimitada em amarelo a área estimada do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro; B) Concentração de quartzos “piro-fraturados”, denominada Fogueira 2; C) Material Arqueológico: fragmento cerâmico associado a Fogueira 1; D) Material arqueológico: ponta lítico associada a áreas de ocorrência das estruturas de combustão. Sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra.

Durante varredura de superfície realizada – em ambas as margens do Riacho da Areia – percebeu-se a presença de estruturas de quartzo, similares às acima descritas, em diferentes graus de conservação. A área delimitada como o sítio arqueológico, apresentou uma concentração de seis (06) estruturas de quartzo em melhor estado de conservação. A disposição espacial das mesmas sugeriu uma organização intencional e tornou possível sua classificação como acampamento habitacional. Foi registrada a presença de vestígios arqueológicos em toda a área percorrida (**Anexo 3**). Esse material arqueológico foi todo geo-referenciado em paralelo ao levantamento topográfico do sítio (**Figura 54**).

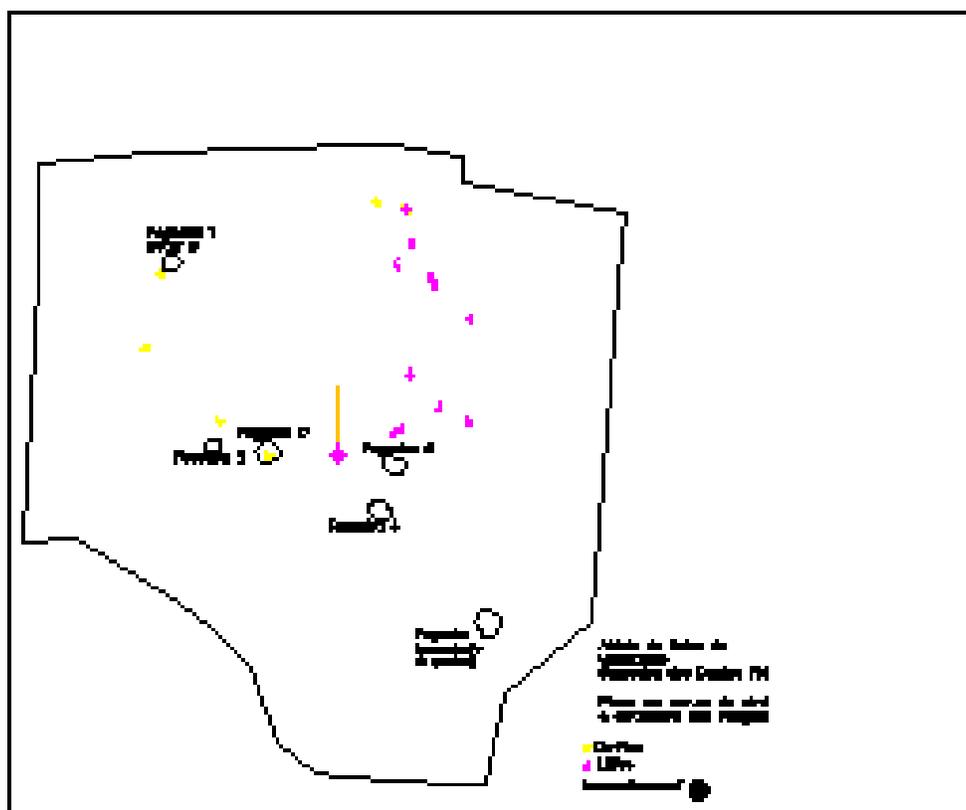


Figura 54: Representação em planta-baixa da distribuição das estruturas de combustão e vestígios arqueológicos. Sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnáuba dos Dantas – RN. Elaboração: Vivian K. de Sena.

Antes de iniciar a descrição das intervenções arqueológicas realizadas, vale a pena mencionar um dos sítios registrados, durante as campanhas de 2007 e 2008: o sítio

arqueológico do Galo. Localizado no limite do perímetro urbano do município de Carnaúba dos Dantas – RN, o sítio do Galo encontra-se próximo a vicinal que dá acesso ao Sítio do Brás e ao Riacho do Bojo, onde estão localizados vários sítios arqueológicos já registrados: sítio arqueológico Casa Santa, sítio arqueológico Fundões IX, sítio arqueológico Furna da Jararaca, entre outros (Martin, 2008).

O terreno onde está assentado pertence a uma fábrica de cerâmica, mas está localizado em um trecho em desuso do mesmo. A vegetação predominante é exógena e caracteriza-se pela presença massiva de algarobas (*Prosopis juliflora*), mas na área onde foram identificados os vestígios arqueológicos, a vegetação xerófito nativa ainda está representada.

Como já mencionado, consiste em um sítio lítico a céu aberto, no qual foi registrada uma considerável quantidade de fragmentos de material lítico lascado, associada a estruturas circulares de combustão, formadas por quartzos piro-fraturados, em avançado estado de deterioração. A área onde estão distribuídas as estruturas atinge uma extensão superior a 100m², sendo possível que se estenda para outras áreas não vistoriadas. O terreno onde está localizado, próximo ao Açude Municipal de Carnaúba dos Dantas, sofre ação direta da ação pluvial, o que provocou a desestruturação da maioria das fogueiras identificadas.

Foi possível ainda observar-se, duas estruturas de combustão em melhor estado de conservação. Nessas estruturas arqueológicas, foi verificada a presença de fragmentos cerâmicos e fragmentos de material lítico em matéria-prima exógena (silexitos). O material lítico identificado consistiu numa grande quantidade de restos de lascamento, distribuídos no perímetro diretamente relacionado àquele onde foi registrada a presença de estruturas de combustão. Foi também registrada a presença de uma lasca retocada e um rapador plano-convexo.

O material cerâmico apresentou tratamento de superfície simples e pintado de vermelho, com paredes com espessura que variam entre 0,5cm a 1,5cm e características tecnológicas que o relacionam com o material cerâmico de outros sítios registrados na área arqueológica do Seridó.

Essas porções do terreno, como nos sítios acima descritos, têm como característica principal, a ausência de qualquer tipo de vegetação, o que inclusive facilita a sua identificação como sítio arqueológico.

Vale ainda ressaltar que, em outra unidade de produção ceramista também localizada às margens do Açude Municipal, denominada Monte Alegre, foi identificado um conjunto de sete (07) artefatos líticos polidos, em um mineral esverdeado (amazonita). Esse material apresentou forma circular e um orifício central que sugere uma função de adorno (contas de colar) para o conjunto lítico, encontrado por um dos trabalhadores do local. Segundo o mesmo, no momento em que foram encontradas, as contas ainda estavam conectadas por um fio de fibra vegetal, que se desfez com o manuseio do artefato (**Figura 55**).



Figura 55: Artefatos líticos polidos (contas de colar) localizados próximo ao sítio do Galo. O material encontr-se sob posse do morador local. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra.

É possível que na área onde atualmente se encontra o Açude Municipal de Carnaúba dos Dantas – RN, existisse um grande assentamento no terraço fluvial da

margem esquerda do Riacho Carnaúba, destruído com a implantação da obra pública (Mutzenberg, 2007).

No entanto, duas questões precisavam ser respondidas, para a caracterização da Baixa do Umbuzeiro – e dos sítios acima descritos – como sítio arqueológico. A primeira diz respeito à localização geográfica do sítio: assentado em um terraço fluvial à frente do sítio Furna do Umbuzeiro, em cota altimétrica menor, os vestígios arqueológicos encontrados na área poderiam ser provenientes do abrigo rochoso.

Por outro lado, uma das características do solo que compõe o Vale do Riacho da Areia é a presença de afloramentos naturais de quartzo branco leitoso: do mesmo tipo que compõe as estruturas líticas, aqui denominadas de fogueiras.

Para responder a primeira questão, foi realizado o registro topográfico das estruturas e vestígios arqueológicos identificados, visando com isso identificar a relação espacial dos mesmos. Para responder a segunda questão, a sondagem realizada visou o resgate de elementos que permitissem a identificação de um agente antrópico para as referidas fogueiras de quartzo. Nesse sentido, foram realizados os seguintes procedimentos:

- Seleção de uma estrutura lítica de quartzo piro-fraturado: das seis estruturas que formam o conjunto delimitado como sítio, selecionou-se aquela que apresentou melhor estado de conservação;
- Desmonte da estrutura selecionada: em decapagens naturais, orientadas pelo tipo e granulometria das camadas identificadas (**Figura 56**).



Figura 56: Vista-geral da Sondagem Arqueológica realizada no sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro: fogueira 1. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra.

As áreas onde se encontravam as estruturas de combustão foram divididas em quatro Setores A, B, C e D, para o melhor controle de registro do material arqueológico coletado. No Setor C, foi escolhida a estrutura em melhor estado de conservação, denominada fogueira 1, para que fosse escavada no intuito de identificar elementos que indicassem uma origem antrópica para a mesma. Para isso, foi delimitado um (01) quadrante de 4m², dividido em quatro (04) quadrículas de 2m², que por sua vez se dividiam em segmentos de 1m². Esse procedimento procurou dividir a estrutura em duas porções, divididas entre as quadrículas Norte/Oeste e as quadrículas Leste/Sul. Desse modo, foi possível desmontar apenas 50% da estrutura, deixando em perfil, as camadas que a compunham (**Figura 57**).

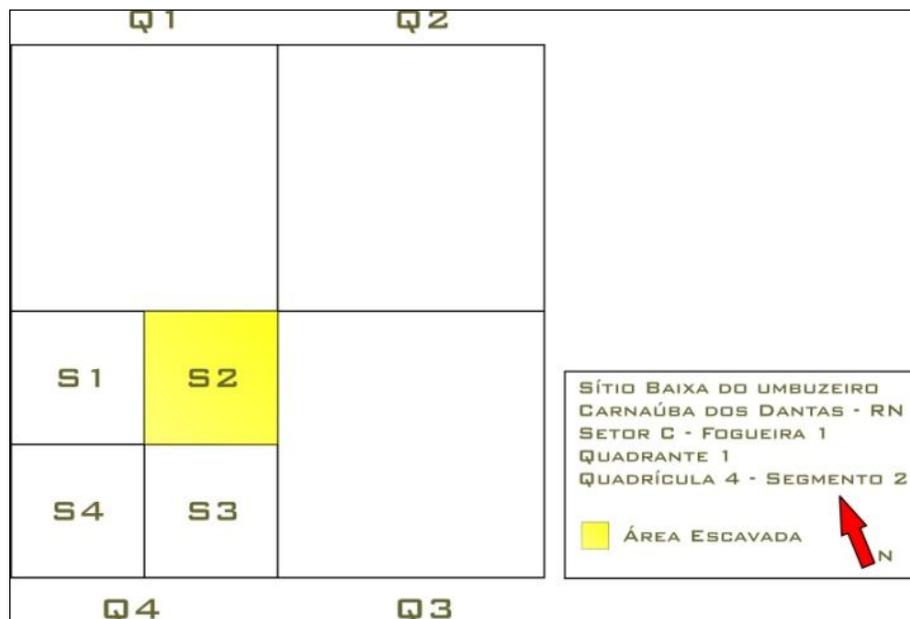


Figura 57: Representação esquemática da setorização do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro: Sondagem Arqueológica 1. Carnaúba dos Dantas - RN. Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Fabio Mafra e Vivian Sena.

Nessa primeira campanha, as decapagens foram orientadas por níveis naturais e revelaram cinco (05) camadas sedimentares de ± 5 cm cada. Essas camadas caracterizaram-se pela presença de sedimento em diferentes níveis de queima, que acompanhavam a forma circular da estrutura. Este fato permitiu verificar que o fogo ocorreu em um espaço reduzido e delimitado pela concentração de quartzos, o que não poderia acontecer através de uma queimada natural. Logo, foi possível propor a classificação tipológica de fogueira para as estruturas identificadas. Porém, não foi registrada a presença de fragmentos de carvão, nem de qualquer outro vestígio arqueológico, na área escavada (**Figura 58**).

Após a quinta decapagem realizada, verificou-se a continuidade da mancha sedimentar que compunha a estrutura, através de uma pequena sondagem realizada no interior da mancha (**Figura 59**). Isto demonstrou que a estrutura escavada apresentava uma profundidade bem maior do que o esperado. Dessa maneira, a escavação foi interrompida, para que tivesse continuidade na segunda campanha realizada.



Figura 58: Vista-geral da Camada 2, Segmento 2 da quadrícula 4, Sondagem 1 (Quadrante 1): sedimento alterado por calor, acompanhando a delimitação da concentração de quartzos “piro-fraturados”. Sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra.



Figura 59: Detalhe da sondagem, Sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra.

Durante o levantamento topográfico foram registrados a localização de vestígios arqueológicos e o seu posicionamento em relação à hipsometria da região, assim como a relação dos mesmos com os riachos característicos da área.

A grande extensão da área de ocorrência dos vestígios arqueológicos e a vegetação arbustiva foram os fatores que impossibilitaram a realização de uma topografia mais detalhada do sítio. Contudo, as áreas de ocorrência de material arqueológico foram registradas tanto com um Teodolito, como com um GPS.

5.2.2. SEGUNDA CAMPANHA

Uma das características do principal vestígio arqueológico do sítio Baixa do Umbuzeiro é a natureza do material lítico que compõe as estruturas de quartzo pirofraturados. Originado de grandes veios de quartzo, localizados nas serras que circundam o vale, a matéria-prima tem ocorrência endógena, na região. Dessa maneira, aquilo que foi aqui classificado como sítio arqueológico, pode ter uma origem natural.

Por esse motivo, foi escolhida a estrutura em melhor estado de conservação, denominada Fogueira 1, no Setor C, para que fosse escavada no intuito de identificar elementos que indicassem uma origem antrópica para a mesma (**Figura 60**). Para isso, foi delimitado um (01) Quadrante de 4m², dividido em quatro (04) quadrículas de 2m², que por sua vez se dividiam em Segmentos de 1m². Esse procedimento procurou dividir a estrutura em duas porções, distribuídas entre as quadrículas Norte/Oeste e as quadrículas Leste/Sul. Desse modo, foi possível desmontar apenas 50% da estrutura, deixando em perfil, as camadas que a compunham.



Figura 60: Vista geral do Setor C – Área das estruturas de fogueiras. A seta amarela aponta a localização da Fogueira 1, na margem esquerda do Riacho das Areias – sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra.

Nessa segunda campanha, a ampliação da área anteriormente escavada visava à coleta de amostras de sedimento da própria estrutura de combustão, para a definição de uma cronologia para a mesma. Nesse sentido, a estrutura foi escavada em decapagens artificiais de 20 cm, para que o perfil estratigráfico fosse revelado em sua totalidade, considerando a ausência de vestígios arqueológicos em profundidade, verificada na campanha anterior (**Figura 61**). No entanto, todo o sedimento escavado foi peneirado.



Figura 61: Fogueira 1, decapagem 1 – Vista geral – sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra.

Os resultados obtidos na primeira campanha permitiram definir esse procedimento como o mais apropriado para relevar a estrutura em perfil. Foram então realizadas quatro (04) decapagens, que atingiram a profundidade de 80 cm. As camadas caracterizaram-se pela presença de sedimento em diferentes níveis de queima, que acompanhavam a forma circular da estrutura, estreitando-se nos níveis mais profundos. Este fato permitiu verificar que o fogo ocorreu em um espaço reduzido e delimitado pela concentração de quartzos, o que não poderia acontecer através de uma queimada natural. Logo, foi possível confirmar a classificação tipológica de fogueira para as estruturas identificadas. Porém, novamente não foi registrada a presença de fragmentos de carvão, nem de qualquer outro vestígio arqueológico, na área escavada (**Figura 62**).

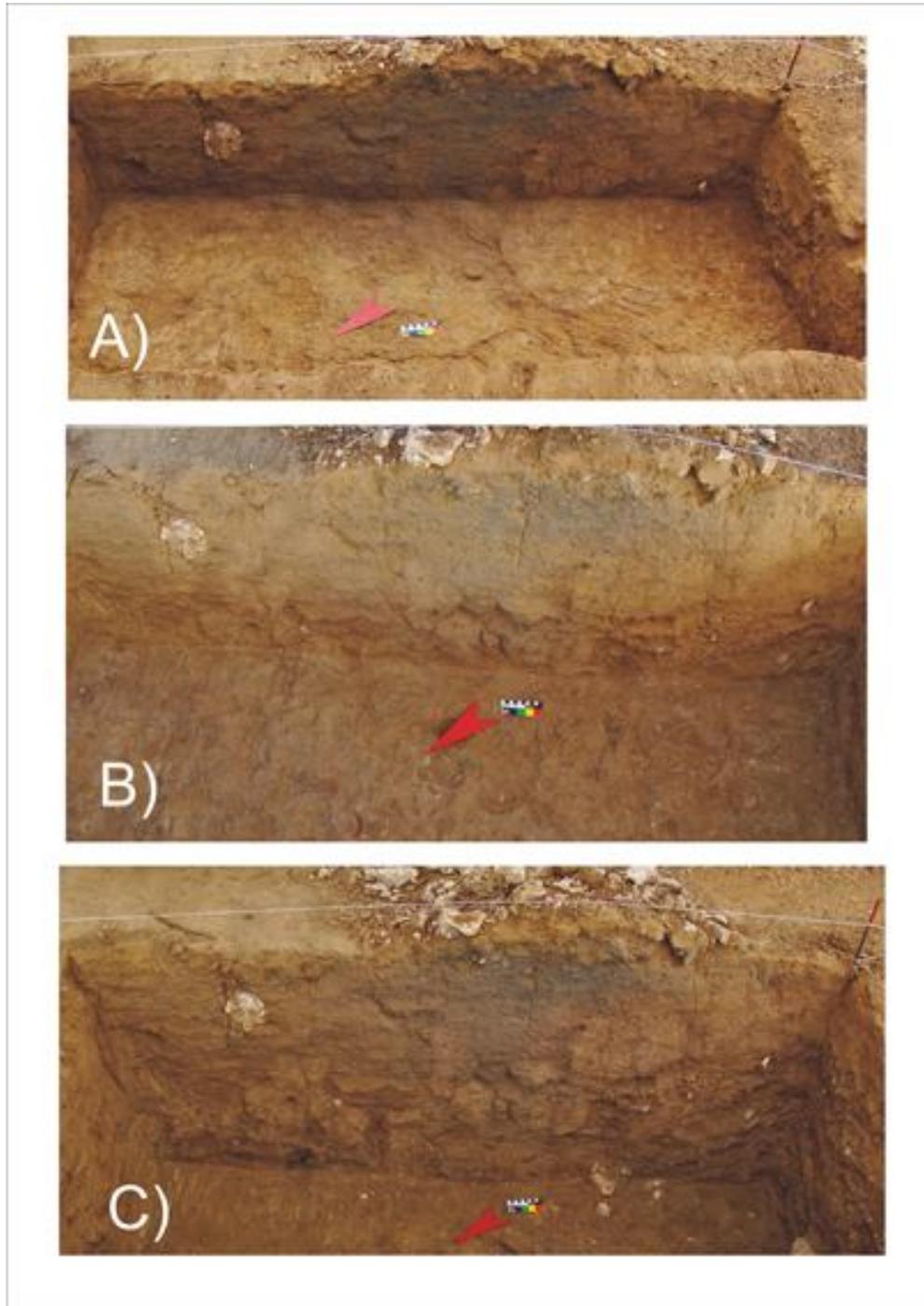


Figura 62: Fogueira 1, decapagem 2 (A), decapagem 3 (B), decapagem 4 (C) – Vista geral – sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra.

Ao atingir-se a base da estrutura de combustão (± 80 cm), foi possível perceber no perfil estratigráfico revelado que a mesma se encontrava disposta em uma cova,

preenchida pelo sedimento alterado pelo calor. Além disso, verificou-se uma intensa ação pluvial, o que resultou no lixiviamento dos fragmentos de carvão e na indefinição dos limites da estrutura, em direção ao perfil Leste, mais próximo da margem do riacho. No entanto, em direção ao perfil Oeste, foram identificadas duas camadas sedimentares naturais, as quais foram cortadas pela cova aberta e sofreram menos a ação hidráulica. A primeira, mais superficial, era formada por um sedimento argilo-arenoso, com granulometria fina. Enquanto a segunda, mais profunda, era formada por um sedimento com mesma textura, no qual foi verificada a presença de fragmentos de quartzo, de tamanhos reduzidos. Isto indicou que ocorreu dois momentos distintos de transporte sedimentar, ocasionado por variações no índice pluviométrico, em épocas passadas.

Por sua vez, a estrutura de combustão cortou as duas camadas de sedimentação natural, o que ficou bastante nítido no encontro dos perfis Leste e Sul. Entretanto, no perfil Oeste, não foi possível visualizar a delimitação da estrutura, provavelmente devido ao processo de lixiviação e a ação das águas pluviais. Provavelmente devido a esses processos intempéricos, não foi possível identificar fragmentos de carvão ou outros vestígios, além da mancha de sedimento alterado pelo calor, que permitissem configurar melhor a estrutura de combustão. Entretanto, as evidências reveladas permitem confirmar que a estrutura não foi formada pela ação de agentes naturais (geofato), mas sim, pela ação antrópica (artefato).

Visando ainda confirmar a intencionalidade das estruturas de quartzo, foi realizada a coleta de amostras do mineral, nos diversos estados em que foi encontrado no entorno do sítio. Assim, amostras foram coletadas de:

- Afloramento de quartzo localizado no sopé de uma serra, na margem direita do Riacho da Areia;
- Sedimento argiloso coletado no Setor B do sítio Baixa do Umbuzeiro, associado a estruturas de quartzo em avançado estado de degradação (área de drenagem de águas pluviais);
- Estruturas de quartzo sem sinais de piro-fratura, localizadas na estrada de acesso aos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, em áreas de intensa drenagem de águas pluviais.

Esse procedimento teve como objetivo a realização de análises físico-químicas que permitiriam a identificação de elementos traceis que indicassem as principais diferenças entre as diferentes estruturas de quartzo encontradas.

Quanto à questão cronológica, foi realizada a coleta de uma porção considerável da Fogueira 1, onde estavam representados tantos os fragmentos de quartzo, quanto as camadas de sedimento alteradas pelo calor (**Figura 63**). Esse “pacote estratigráfico” foi acondicionado de forma que se conservasse intacto e livre da luz, durante o traslado para o laboratório (lonas plásticas pretas). Esse procedimento permitiu a realização de testes como TL e LOE, o que resultou em uma datação calibrada para a estrutura em análise e o sítio em questão.



Figura 63: Coleta de sedimento para análises físico-químicas. Fogueira 1, decapagem 1 – Vista geral – sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Fabio Mafra.

6. CAPÍTULO 5. ANÁLISES LABORATORIAIS

6.1. AS DEFINIÇÕES CRONOLÓGICAS E ANÁLISES ESTRATIGRÁFICAS

6.1.1. O sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro

A presença de áreas com perturbação sedimentar de origem animal, nas áreas escavadas do sítio, levantou algumas dúvidas quanto à situação espacial de alguns vestígios coletados. O registro de fragmentos cerâmicos, em abrigos de menores dimensões, sobre o abrigo sob-rocha principal e nas quadrículas que se situavam fora da linha-de-chuva (área de queda de blocos) apontou para a possibilidade de percolação dos fragmentos coletados na escavação da quadrícula I3. Ou seja, é possível que as atividades do tatu tenham resultado no transporte do material cerâmico, para níveis arqueológicos mais profundos.

Este fato levanta algumas questões: pode-se afirmar que o material coletado na escavação da quadrícula I3, possui a mesma cronologia daqueles fragmentos coletados nas quadrículas fora da linha-de-chuva? Por sua vez, o material cerâmico coletado apresentou similaridades tecnológicas, que permitiram a definição de um perfil cerâmico para o sítio. Este fato pode apontar para uma relação cronológica para os vestígios cerâmicos coletados em ambos os sítios.

Quanto às estruturas de combustão (“fogões”) evidenciadas, a associação direta, entre fragmentos ósseos animais e humanos em um mesmo contexto arqueológico, levantaram outras questões pertinentes. Como foi possível observar durante a escavação realizada, o sítio é composto pelo menos por duas ocupações distintas, separadas por uma camada de sedimento estéril de 15 cm. Nos níveis superiores, a presença de material cerâmico sugere uma cronologia recente para a ocupação. A presença de ossos humanos em um contexto que indica funções alimentares também sugere uma cronologia mais próxima do período histórico.

As populações indígenas – Tarairiú ou *Otchkayaynoé* – que habitavam a região do Seridó potiguar, durante a expansão colonial para o sertão – a partir do século XVII –

possuíam como ritual funerário a ingestão de seus cadáveres. Os mortos eram assados em grandes fogueiras e após o consumo das carnes, os ossos e cabelos eram incinerados, pulverizados e misturados em uma beberagem (cerveja fermentada de mandioca, caju ou mel) (Baro, 1979; Barleus, 1980; Medeiros Filho, 1984; Pompeu Sobrinho, 1934; Fernandes, 2004.). Os vestígios identificados na quadrícula I3e J3 do sítio Furna do Umbuzeiro podem ser resultado de um ritual fúnebre desse tipo.

No entanto, a perturbação animal que atingiu o pacote sedimentar pode ter produzido uma percolação de vestígios mais antigos, para as camadas mais recentes. Como o sítio ainda não foi escavado em sua totalidade, não podemos afirmar que inexistem outros tipos de enterramento (primários ou secundários) nos níveis de ocupação mais profundos. Dessa forma, é possível que as camadas inferiores sejam resultados de ocupações funerárias e os fragmentos ósseos humanos sejam provenientes desse período de ocupação do sítio. Mesmo levando em consideração que os vestígios ósseos humanos foram coletados em fogueiras estruturadas, principalmente na segunda campanha, o que descartou a possibilidade de qualquer percolação por ação animal, é possível que o próprio processo de reocupação do abrigo tenha sido um fator de perturbação: agentes antrópicos.

Com o intuito de responder essas questões, foram selecionadas amostras de vestígios arqueológicos para a aplicação de métodos físico-químicos, que permitissem refinar a interpretação das estruturas identificadas.

Para a definição cronológica do pacote estratigráfico revelado foram selecionadas e enviadas para o Laboratório de Geocronologia do Instituto de Química Física “Rocasolano”, na Espanha, amostras de carvão vegetal das seguintes estruturas:

- 1. Etiqueta 63:** quadrícula I3, ponto topográfico 229, decapagem 1 (final). No final da decapagem 1 (5 cm), foram evidenciadas três manchas de cinzas e carvão: fogueira 01, fogueira 02 e fogueira 03. As fogueiras 02 e 03 continuavam em direção da quadrícula I4, no perfil norte da quadrícula I3 e foram escavadas durante a consolidação do perfil estratigráfico. A amostra em questão se encontrava na base da estrutura de fogueira localizada no perfil leste da quadrícula I3. Esta fogueira, fogueira 01, foi cortada pela toca de tatu e era visível no perfil da perturbação. Os fragmentos de carvão vegetal apresentaram grandes dimensões e encontravam-se concentrados em uma área definida, na

base da fogueira. Apesar de ter sido cortada pela toca de tatu, uma considerável porção da estrutura foi conservada. No perfil sul da quadrícula, começou a ser evidenciada uma lente de restos vegetais, a qual se estendia até o interior do abrigo, próxima de sua parede, na mesma profundidade. Foi registrada também a presença de duas covas, cova 1 e cova 2, preenchidas de sedimento mais escuro, que cortaram a fogueira 2. Presença de coprólito de origem animal. No caso da amostra Et.: 63 estão diretamente relacionadas às amostras nº 64 e nº 216, por se encontrarem no mesmo nível de ocupação (decapagem 1 final, 5cm de profundidade). A seleção da amostra de nº 63, e das amostras nº 64 e nº 216, que correspondem às primeiras estruturas arqueológicas evidenciadas no sítio, têm como objetivo estabelecer o nível de perturbação da área escavada. Levando-se em consideração a perturbação animal e a reocupação sucessiva da área habitável do sítio. A idade estimada foi 1316 ± 28 , calibrada entre 1290-1080 (95,4%).

2. **Etiqueta 64:** quadrícula I3, decapagem 1 (final), ponto topográfico 230. A amostra refere-se à fogueira 2, localizada no perfil norte, da quadrícula I3. No mesmo nível ocupacional, foram evidenciadas as fogueiras 1 e 3. A fogueira 3 foi cortada pela fogueira 2. O objetivo dessa datação é o mesmo da amostra anterior. Sua definição cronológica foi de 1775 ± 31 , calibração: 1710-1540 (95,4%).
3. **Etiqueta 146:** quadrícula I3, decapagem 5 (final), ponto topográfico 378. Em 25 cm de profundidade (decapagem 5 inicial), foi evidenciada a fogueira 9. Encontrava-se em contato com a fogueira 7, diferenciando-se dessa apenas pelas concentrações de carvão. Encontrava-se localizada no perfil sul da quadrícula I3. No mesmo nível (decapagem 5 inicial - ± 25 cm) foram evidenciadas as fogueiras 7 e 8. A fogueira 8, localizada no perfil oeste, apenas começou a ser revelada nesse nível. Enquanto a fogueira 7 parece ter perturbado uma porção da fogueira 9. Presença de fibras vegetais e material lítico lascado. Na decapagem 6 inicial, foi revelado um fragmento de cerâmica, depositado sobre uma mancha de cinzas associada à fogueira 9, evidenciada após o desmonte das fogueira 7 e 8. A amostra nº 146, em associação com a amostra nº 177, foi utilizada para datar indiretamente o fragmento cerâmico (**Figura 64**) identificado sobre a mancha de cinzas relacionada à fogueira 9

(lente de cinzas sem fragmentos de carvão). Sua idade foi de 2666 ± 30 A.P., com calibração: 2800-2700 (90,1%); 2640-2610 (4,1%); 2580-2540 (1,3%).

4. **Etiqueta 177:** quadrícula I3, decapagem 6 (final), ponto topográfico 387. Na decapagem 6 final, da quadrícula I3, foram evidenciadas as fogueiras 10 e 11. Nesse nível arqueológico foi registrada a presença de material lítico. A amostra refere-se à fogueira 10, que se localizava sob a mancha de cinzas associada a fogueira 9, na decapagem 6 (inicial). Nessa mancha de cinzas, foi identificado um fragmento de cerâmica, que não apresentou sinais de percolação entre as camadas arqueológicas. A amostra nº 177 foi utilizada para datar indiretamente o material cerâmico identificado. Sua seleção levou em consideração a posição estratigráfica da fogueira 10, em relação à mancha de cinzas associada à fogueira 9. Como já mencionado, nessa mancha de cinzas foi identificado um fragmento de cerâmica *in situ*, contudo, não foram identificados fragmentos de carvão vegetal na mancha, que permitissem uma datação direta do material cerâmico. Por esse motivo, a data obtida com a análise da amostra de nº 146, referente à fogueira 9, em associação com a data obtida com a amostra de nº 177, referente à fogueira 10 permitiram a datação indireta do fragmento cerâmico identificado. A idade estimada foi de 2804 ± 40 A.P., calibração: 2950-2760 (95,4%).
5. **Etiqueta 216:** quadrícula I3, decapagem 3 (inicial), ponto topográfico 231. A amostra coletada refere-se à fogueira 3, localizada no perfil sul da quadrícula I4. Esta foi evidenciada com a consolidação dos perfis, que escavou uma porção da quadrícula I4. A fogueira 3 foi cortada por uma porção da fogueira 2. Apesar de estar relacionada às estruturas da quadrícula I3, a fogueira 3 foi evidenciada em sua maior porção na quadrícula I4. O objetivo dessa datação é o mesmo das amostras de n. 63 e n. 64. O resultado foi: 1315 ± 28 A.P., calibração de 1290-1080 (95,4%).
6. **Etiqueta 244:** quadrícula I3, decapagem 8 (final), ponto topográfico 449. A amostra refere-se à fogueira 12, que foi evidenciada em três decapagens: decapagens 7, 8 e 9. Além de outras fogueiras que se encontravam assentadas nessa profundidade (35 cm a 40 cm), foi registrada a presença de material lítico lascado, na base da mesma. Em associação aos fragmentos de carvão vegetal coletados, foi registrada a presença de material ósseo, em sua maioria constituídos de fragmentos ósseos animais carbonizados. Foi também registrada

a presença de fragmentos ósseos humanos, de dimensões reduzidas (falanges, fragmentos de costelas, entre outros), em associação direta com os restos animais e os fragmentos de carvão. Presença de material lítico, associado aos restos ósseos. O sedimento que se encontrava no perímetro direto da fogueira 12, apresentou uma mancha de coloração escura e textura pegajosa. Fora dessa mancha foi identificada uma concentração de coprólitos humanos, localizados em uma cova de ± 10 cm de diâmetro e 15 cm de profundidade, também identificada nas decapagens 10, 11 e 12. Como se tratam das estruturas melhor conservadas nesse nível arqueológico (35 cm a 45 cm), a fogueira 12 apresentou a amostra de carvão vegetal mais confiável, para a definição cronológica das estruturas e materiais arqueológicos, evidenciados nessa quadrícula. A presença de restos humanos, como materiais ósseos e coprólitos, no contexto deposicional em que se encontravam, forneceram informações importantes para a identificação cultural do sítio Furna do Umbuzeiro. No entanto, para que essa classificação cultural fosse plausível, foi necessária a definição cronológica dos vestígios identificados. Por esse motivo, foi selecionada a amostra de nº 244, da qual se obteve a idade de 3630 ± 32 , calibrada entre 3980-3810 (82,4%) e 3800-3720 (13,0%).

7. **Etiqueta 259:** quadrícula I3, decapagem 9, ponto topográfico 446. No início da decapagem 9, atingiu-se a base da fogueira 11. Na base dessa estrutura, foram evidenciados fragmentos de material ósseo e de material lítico. O carvão vegetal foi coletado ainda no final da decapagem 8. A amostra refere-se à fogueira 11, localizada nos perfis norte e leste da quadrícula I3. Nesse nível arqueológico foi evidenciada outra estrutura de fogueira, a fogueira 12, localizada no perfil oeste da mesma quadrícula. Em associação aos fragmentos de carvão vegetal da fogueira 11, foi registrada a presença de restos ósseos e material lítico. Na amostra nº 259, coletada na base da fogueira 11, o carvão vegetal encontrava-se abaixo da camada de cinzas. Em associação aos fragmentos de carvão vegetal, foi registrada a presença de fragmentos de material ósseo e material lítico. Em conjunto com a data obtida com a amostra nº 177, espera-se definir o índice de perturbação das camadas mais profundas do nível de ocupação revelado. Como se tratam das últimas amostras de carvão vegetal, analisadas através do ^{14}C , as amostras de nº 259 e nº 244 permitiram definir a cronologia inicial do componente estratigráfico evidenciado no sítio

em análise, composto pelas estruturas de combustão, reveladas nas decapagens anteriores a camada estéril de 15 cm. Essa lente de sedimento, sem vestígios arqueológicos (decapagens 13, 14 e 15), divide o pacote sedimentar em dois níveis de ocupação bem definidos. O nível mais antigo, abaixo da camada estéril, não foi escavado nas campanhas arqueológicas realizadas, por não se relacionar aos objetivos definidos para presente tese. A idade definida para a amostra foi de 3170 ± 40 A.P., calibração: 3450-3210 (95,4%).



Figura 64: Amostra de material cerâmico de etiqueta 160. Fragmento cerâmico coletado na decapagem 6 (inicial), da quadrícula I3, associada à mancha de cinzas relacionada a Fogueira 9. A) Superfície externa; B) superfície interna. Fonte: NEA/UFPE. Fotos: Mônica Nogueira.

Os resultados das análises de Carbono 14, realizadas nas amostras de carvão vegetal selecionadas, permitiram a verificação das hipóteses anteriormente mencionadas.

Dessa maneira, foi possível identificar uma funcionalidade para as estruturas de combustão identificadas (“fogões”), definir a crono-estratigrafia das primeiras camadas ocupacionais do sítio Furna do Umbuzeiro e verificar o índice de perturbação do pacote sedimentar escavado.

6.1.2. O Sítio Arqueológico Baixa do Umbuzeiro

Um dos objetivos do presente trabalho é identificar uma possível relação espacial e cronológica entre os sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro. As características identificadas nos dois assentamentos apontam para um uso do espaço diferenciado daquele que foi registrado na área arqueológica do Seridó: ocupação de abrigos sob-rocha para fins ritualísticos (práticas gráficas e/ou funerárias) (Martin, 2008).

No caso do sítio Furna do Umbuzeiro, a ausência de grafismos rupestres e enterramentos estruturados – pelo menos nos primeiros níveis ocupacionais – indicaram outra funcionalidade para ocupação, que não se relaciona com o padrão de assentamento acima mencionado. No caso da Baixa do Umbuzeiro, até o momento não havia sido registrado na área arqueológica do Seridó, a presença de um sítio com tipologia que permitisse sua classificação como um acampamento pré-histórico (Martin, 2008): sítio-habitação.

Em outras palavras, este trabalho pretende caracterizar o conjunto arqueológico formado pelos sítios em análise, como uma área habitacional, que dependendo das cronologias definidas para ambos, pode estar relacionada ou com os grupos autores dos registros gráficos da Tradição Nordeste, Subtradição Seridó (Martin, 2008), ou com os grupos indígenas que habitavam a região até o final do século XVII (Medeiros Filho, 1984; Pires, 2001; Monteiro, 1994; Puntoni, 1998; Lopes, 1999; Pompa, 2002; Medeiros, 2002; Santos Júnior, 2008).

Entretanto, devido a algumas características topográficas do terreno onde se encontra o sítio Baixa do Umbuzeiro, mostra-se necessário a aplicação de testes que comprovem a origem antrópica das estruturas arqueológicas identificadas.

Considerando-se os vestígios arqueológicos coletados, como o sítio encontra-se em cota altimétrica menor, não se podia descartar a hipótese de que o material tivesse sido carregado do sítio Furna do Umbuzeiro.

Como já foi mencionada, a presença de afloramentos de quartzo leitoso, com feições similares àqueles encontrados nas estruturas arqueológicas, também levanta dúvidas sobre a gênese antrópica das mesmas.

Visando coletar elementos materiais que permitissem a identificação da área como sítio arqueológico, foi realizada uma sondagem em uma das estruturas de concentração de quartzo “piro-fraturados”: fogueira 1. Apesar da comprovação de uma combustão controlada, a qual produziu alterações no terreno que só poderiam ser resultantes de uma fogueira, nenhum vestígio arqueológico foi coletado no sedimento escavado. Este fato exigiu que novos elementos fossem levantados para confirmar a interpretação proposta.

Visando ainda confirmar a intencionalidade das estruturas de quartzo, foi realizada a coleta de amostras do mineral, nos diversos estados em que foi encontrado no entorno do sítio. Assim, amostras foram coletadas de:

- Afloramento de quartzo localizado no sopé de uma serra, na margem direita do Riacho da Areia;
- Estruturas de quartzo sem sinais de piro-fratura, localizadas na estrada de acesso aos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, em áreas de escoamento das águas pluviais (**Figura 65**).
- Estrutura de quartzo com sinal de piro-fratura, Fogueira 1;
- Fragmento de quartzo rolado, com sinais de piro-fratura, coletado próximo ao afloramento de quartzo.



Figura 65: Concentração de quartzo (Concentração 1) formada pelo escoamento de águas pluviais, localizada na vicinal de acesso aos sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN.

Porém, para que seja possível configurar os dois assentamentos em análise como unidades de um novo sistema de assentamento na área arqueológica do Seridó – um sítio-habituação – mostrou-se necessária a verificação cronológica das estruturas identificadas no sítio Baixa do Umbuzeiro. Para isso, foi selecionada uma amostra de sedimentos (nº 152), para a realização de datações por TL e por LOE.

Dessa forma, foi realizada na segunda campanha, a coleta de uma porção considerável da Fogueira 1, onde estavam representados tantos os fragmentos de quartzo como as camadas de sedimento alteradas pelo calor. Esse “pacote estratigráfico” foi acondicionado em plásticos pretos, para que se conserve inteiro e livre da luz durante o traslado para o laboratório. Esse procedimento permitiu a realização de testes como TL e LOE, o que resultou em uma datação calibrada para a estrutura em análise e o sítio em questão.

Com o envio das amostras para o Departamento de Física Nuclear (DEN/UFPE), os testes foram realizados em dois momentos distintos. Ficou responsável para sua efetivação a equipe deste laboratório, composta por: Sérgio T. Santana, Pedro L. GuzzoNo e Henry L. Sullasi, coordenados pela Prof^ª. Helen J. Khoury. No primeiro momento, foi realizada a datação por luminescência opticamente estimulada por infravermelho (LOE). Para a determinação da dose de radiação acumulada, foram

extraídos sedimentos queimados de cinco pontos distintos da fogueira (**Figura 66**), evitando-se qualquer exposição à luz (Santana *et alli*, 2009).

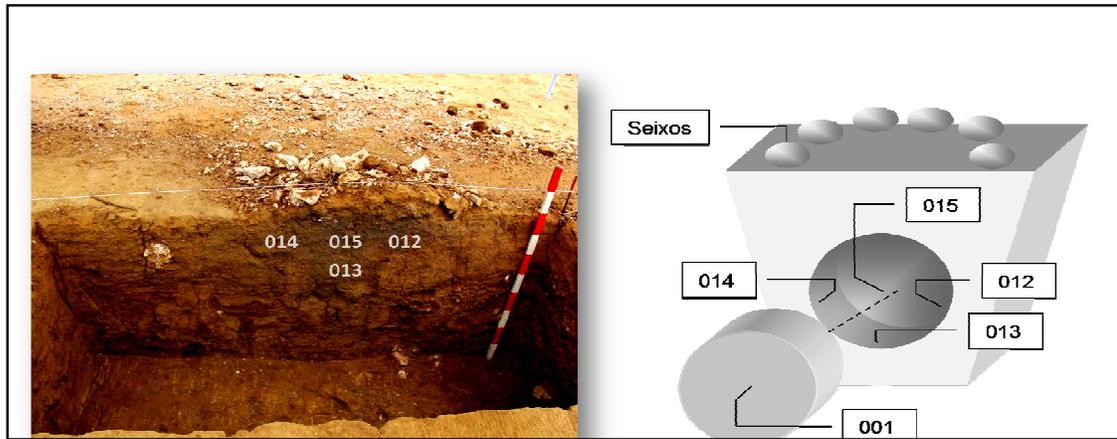


Figura 66: Localização das amostras de sedimento, coletadas em laboratório, da fogueira 1 do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Foto: Fabio Mafra Borges. Fonte: DEN/UFPE.

Para o cálculo da idade das amostras foi necessária a determinação da taxa de dose anual, através do método de doses regenerativas. Esta taxa de dose anual é proveniente dos teores de Th-232, U-238 e K-40 identificado no sedimento analisado e decorrente da radiação cósmica. De acordo com a seguinte fórmula:

$$\text{IDADE} = \frac{\text{Dose (Gy)}}{\text{Taxa de dose (Gy/ano)}} \text{ (ano)}$$

Os sedimentos passaram por um tratamento químico à base de HF e, após secagem, foram selecionadas as partículas de granulometria entre 75 e 150 µm. A taxa de dose anual foi conseguida a partir dos teores de U, Th e K contidos nos sedimentos da fogueira e medidos por espectrometria gama em um detector de gerânio hiperpuro (GeHP). Para o cálculo da taxa de dose anual, foi considerada apenas a contribuição das partículas beta e gama, sendo também considerada a contribuição do radônio (Rn-222 e Rn-220), somado com a taxa de radiação cósmica da região (Santana *et alli*, no prelo).

As medidas LOE-IV foram realizadas utilizando uma leitora construída no laboratório equipada com 21 LEDs IV (850 nm) para estimulação dos sedimentos contendo feldspatos e uma fotomultiplicadora Hamamatsu acoplada a um filtro BG-39 de 2 mm de espessura para a detecção do sinal luminescente. Foram realizadas três leituras por cada ponto (Santana *et alli*, no prelo).

Após um aquecimento à 200°C/10 minutos, a amostra foi novamente aquecida a uma temperatura de 400°C por 1 hora e depois irradiada em fonte de Co-60 com doses entre 1 e 50 Gy. A curva de resposta com a dose e a área abaixo da curva até que a intensidade atinja 50% do máximo foi integrada. A partir do gráfico da integral LOE-IV pela dose pode-se determinar a dose natural (**Figura 67**).

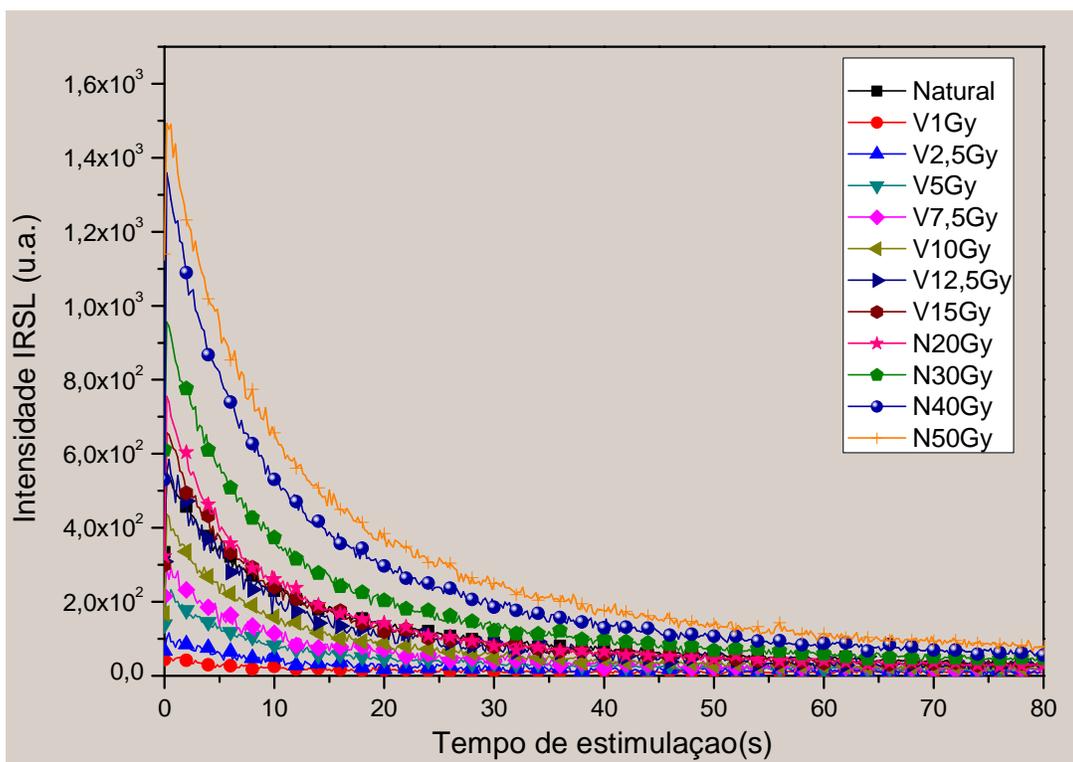


Figura 67: Gráfico de representação das curvas de decaimento da LOE-IV, nas amostras de sedimento coletadas na fogueira 1, do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: DEN/UFPE.

Quatro das cinco partes de sedimento, analisadas através do método estatístico ANOVA (**Figura 68**), apresentaram uma dose natural similar, com 95% de confiança, cujo valor médio foi de $(12,68 \pm 1,73)$ Gy (Santana *et alli*, no prelo).

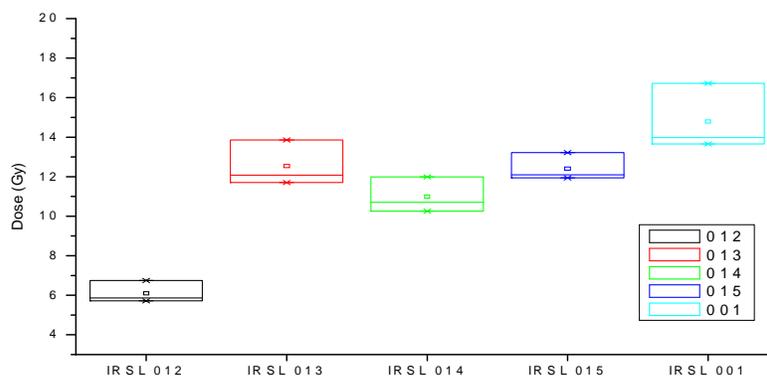


Figura 68: Gráfico de representação da variação das taxas de decaimento da LOE-IV nas amostras de sedimento da fogueira 1 (ANOVA), sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN.

Para o cálculo da taxa de dose anual, foi considerada apenas a contribuição das partículas beta e gama, sendo também considerando a contribuição do radônio (Ra-222 e Ra-220). Desconsiderando os resultados da amostra 012, a dose média foi determinada em: $12,68 \pm 1,73$ Gy. O cálculo da taxa de dose anual (beta+gama+rc+Rn) para a região foi de: $2,334 \pm 0,39$ mGy/ano. Logo, a idade da fogueira obtida neste primeiro momento de análise foi de: 5434 ± 1173 anos (Santana *et alli*, no prelo).

Os resultados obtidos com a aplicação do método de termoluminescência (TL) nas amostras forneceram uma idade similar para a estrutura de combustão. Esta idade foi de: 5.344 ± 1105 anos (Santana *et alli*, no prelo).

Como é possível observar, os resultados provenientes da aplicação dos dois métodos de datação, demonstraram-se coerentes e com margens de erro com variação de mesma amplitude. Isto caracterizou uma coerência para a cronologia definida para a estrutura de combustão analisada: a fogueira 1. No entanto, as diferenças verificadas entre os resultados radiocarbônicos, para a ocupação do abrigo sob-rocha e estes resultados, que permitiram a definição de uma cronologia para o sítio a céu aberto, levaram a reconsideração das idades obtidas no segundo. A grande margem de erro verificada em ambos os métodos foram determinantes para esta tomada de decisão. Dessa maneira, foram repetidos os testes de TL, em novas amostras da mesma estrutura de combustão.

A TL permite datar sedimentos localizados abaixo de estruturas fogueiras, porque no momento em que a mesma é acesa, estes também são queimados fazendo com que a luminescência, contida nos cristais (quartzo e feldspato) presentes neste tipo de material, seja apagada (Azevedo, *et alli*, no prelo). Quando estes cristais são aquecidos,

em laboratório, emitem uma intensidade de luz que é proporcional à dose acumulada (DAC), ao longo dos anos, decorrente da radiação ambiental.

Relacionando esta DAC com a taxa de dose anual do local onde a amostra foi encontrada, pode-se determinar a idade da fogueira. Neste segundo momento, foram coletadas outras cinco amostras de sedimentos de diferentes partes da fogueira de modo a se reduzir a incerteza na determinação da idade, considerando-se a possibilidade de uma queima não uniforme. A DAC foi obtida através do método de doses regenerativas e a taxa de dose anual foi estimada a partir dos teores de U, Th e K presentes nas amostras e determinados por espectrometria gama com detector de germânio hiperpuro (GeHP) (Azevedo, *et alli*, no prelo).

A partir dos teores destes radionuclídeos obteve-se o valor da taxa de dose anual de $3,32 \pm 0,59$ mGy/ano. Por outro lado, o valor médio da dose acumulada DAC, obtido a partir das medidas das cinco amostras foi de $12,5 \pm 1,5$ Gy, forneceu uma idade para a fogueira 1 de aproximadamente 3761 ± 811 anos (Azevedo, *et alli*, no prelo).

Este resultado, apesar da pequena redução da margem de erro estimada, apresentou uma relação cronológica com os resultados radiocarbônicos, provenientes do abrigo Furna do Umbuzeiro. A correlação entre estas duas datas permitiu a definição de uma relação espaço-temporal entre os dois sítios, de maneira mais objetiva. Como será visto no Capítulo 6, esta relação espaço-temporal foi uma das variáveis determinantes para a identificação de um padrão de assentamento habitacional, na área arqueológica do Seridó.

6.2. DEFINIÇÃO DO PERFIL TECNOLÓGICO DO MATERIAL CERÂMICO.

6.2.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia aplicada na análise do material cerâmico procurou reconstituir as etapas de produção da cerâmica observando as variáveis desde a aquisição da matéria-prima até a produção do artefato. Para isso, procurou-se caracterizar os elementos técnicos, morfológicos e funcionais visando estabelecer um **perfil cerâmico** (Alves,

1991) para sítios estudados. Esta análise foi realizada no NEA/UFPE, com a colaboração da Mônica A. A. Nogueira e Vivian K. de Sena, que participaram da primeira campanha realizada nos sítios.

Como perfil cerâmico entende-se a análise dos elementos técnicos que compõe as várias etapas da confecção do artefato cerâmico. O estudo do perfil cerâmico está atrelado ao universo de artefatos de um único sítio arqueológico (Alves, 1991). A partir do estabelecimento do perfil cerâmico de vários sítios relacionados entre si, pode-se obter um perfil técnico cerâmico para os grupos que ocuparam os diversos sítios. O perfil técnico cerâmico constitui em uma estrutura caracterizada por elementos técnicos, morfológicos e funcionais, organizados segundo certas regras de hierarquia (Oliveira, 2003).

No estabelecimento do perfil cerâmico de um sítio são considerados como elementos técnicos: (1) as matérias-primas, (2) os instrumentos utilizados na manufatura do vasilhame, (3) as técnicas de manufatura dos mesmos, (4) a queima e (5) todas as demais técnicas de produção do artefato. Os elementos morfológicos são constituídos pela forma e pelo tamanho. Os elementos funcionais são agrupados segundo a finalidade de utilização de cada vasilhame. Já os elementos decorativos, estão associados às técnicas de tratamento de superfície empregadas em cada objeto, bem como a qualidade dos pigmentos, a combinação das cores, entre outros elementos decorrentes do seu acabamento (Oliveira, 2003).

Os procedimentos analíticos utilizados na análise dos sítios para o estudo da cerâmica seguiu, em termos gerais, a metodologia aplicada na análise de outros sítios na região Nordeste (Alves, 1991; Luna, 1991, 2000; Nascimento, 1991; Castro, 1999; Oliveira, 2000). O universo de análise do material cerâmico de cada sítio foi agrupado de forma que possibilitasse a reconstituição de um maior número possível de objetos. Dessa forma, os fragmentos foram inseridos em quatro classes analíticas de acordo com as informações obtidas em cada um:

1. Classe residual: conjunto de fragmentos no qual não foi possível identificar nem técnica de tratamento de superfície nem morfologia (Alves, 1991).
2. Classe diferida: conjunto de fragmentos nos quais não foi possível identificar a morfologia, no entanto, foram obtidas informações sobre as técnicas de tratamento de superfície desses fragmentos (Alves, 1991).

3. Classe de fragmentos: Conjunto de fragmentos no qual foi possível observar além da pasta e o tratamento de superfície, informações acerca da morfologia do vasilhame (borda, bojo, bojo-base ou base) (Alves, 1991).
4. Classe dos objetos: Conjunto de fragmentos que permitiram a reconstituição hipotética do vasilhame (Alves, 1991).

Neste estudo, consideraram-se como analisáveis apenas os fragmentos que foram classificados nas classes de fragmentos ou objetos. A classe residual e a diferida foram apenas quantificadas, já que as informações obtidas através desses conjuntos de fragmentos eram mínimas.

6.2.2 ATRIBUTOS ANALISADOS

TIPO DE PASTA

Procurou-se na análise realizada nos sítios, observar a relação entre a argila e o antiplástico, neste caso areia. Não buscamos identificar a origem ou o tipo de antiplástico, se este foi natural ou adicionado propositalmente no momento da manufatura¹. Para La Salvia e Brochado (1989) a identificação da pasta “é um elemento importante na definição do modo de produção, utilização e acabamento superficial” (pp.12).

TÉCNICA DE MANUFATURA

As técnicas de manufaturas são aquelas empregadas para a construção das vasilhas cerâmicas. Há basicamente quatro técnicas de manufatura de um objeto cerâmico: o modelado, o acordelado (ou roletado), o moldado e o torneado (La Salvia e Brochado, 1989).

¹ Segundo La Salvia e Brochado (1989), a identificação da intencionalidade ou não do adcionamento do antiplástico se torna complicado, pois, os depósitos de argila são os mais variados possíveis, o que por vezes pode confundir o que já existe na própria argila com o que foi adicionado durante a preparação. Para ambos “a determinação de antiplástico existentes ou adicionados só será possível quando as amostras de argila forem comparadas com as já queimadas, de um mesmo sítio, contemporâneo e em uma mesma posição estratigráfica” (pp. 12).

TIPO DE QUEIMA

A identificação da queima dos objetos cerâmicos constitui uma variável com um alto grau de ambigüidade. Os elementos utilizados em uma observação direta para a identificação do tipo de queima não são suficientemente seguros, já que um mesmo traço pode ter sido originado por diversos procedimentos distintos (Oliveira, 2000).

Para este estudo considerou-se a convenção estabelecida para o efeito ou marca da queima e esta foi classificada entre dois grupos: queima completa e queima incompleta (Oliveira, 2000).

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE

Técnica de acabamento das superfícies das vasilhas cerâmicas, relacionada à construção do recipiente, “com a fixação de cordéis, o fechamento de interstícios e solidificação de paredes” (La Salvia e Brochado 1989: pp. 25) podem apresentar finalidade decorativa ou simplesmente utilitária. Nesta classe também foram incluídos os tratamentos de superfícies não relacionados à construção do vasilhame, como por exemplo: banhos, engobos, polimento, brunimento, pintura, entre outros.

FORMAS

Para a identificação das formas das vasilhas utilizou-se como parâmetro as classificações das formas estabelecidas por Oliveira (2000), na qual foi “considerada a estrutura geral das vasilhas, independente do tipo de borda, da base ou do tipo de lábio” (p.149). Foram assim, definidas as seguintes formas:

Forma 1 – Tigela de forma elipsóide horizontal: vasilhame simétrico, aberto, de contorno simples, altura menor que a metade do diâmetro da boca (p.149).

Forma 2 – Tigela de forma cônica: vasilhame simétrico, fechado, de contorno simples, altura menor que a metade do diâmetro da boca (p.150).

Forma 3 – Tigela forma oval 1: “vasilhame simétrico, raso, contorno simples, altura menor ou igual à metade do diâmetro da boca” (p.150).

Forma 4 – Tigela forma oval 2: “vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{3}{4}$ da peça, boca constricta, mais profunda que a forma 3” (p.151).

Forma 5 – Recipiente de forma oval completa: “vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que o diâmetro da boca e $\frac{3}{4}$ da peça, forma oval” (p.151)².

Forma 6 – Recipiente de forma oval invertida e boca constricta: “vasilhame simétrico, contorno simples, altura maior do que a metade do diâmetro da boca e maior $\frac{3}{4}$ da peça, mais profunda que a forma 3” (p.152).

Forma 7 – Recipiente de forma elipsóide horizontal: “vasilhame simétrico, contorno simples, altura menor do que o diâmetro máximo do bojo” (p.153).

Tamanho

O tamanho dos vasilhames foi calculado através do programa Auto-Cad a partir do volume do vasilhame. Os mesmo foram agrupados segundo os tamanhos estabelecidos por Oliveira (2000:153):

Tamanho Pequeno – volume de $0,150 < 1 \text{ l}$

Tamanho Médio – volume de $1 \text{ l} < 4 \text{ l}$

Tamanho Grande – volume de $4 \text{ l} < 16 \text{ l}$

Tamanho Extra Grande – volume de $16 \text{ l} < 50 \text{ l}$

6.2.3. RESULTADOS DA ANÁLISE

No sítio Furna do Umbuzeiro foi evidenciado um total de 54 fragmentos cerâmicos, dos quais foram analisados 40. Já no sítio Baixa do Umbuzeiro foram coletados 29 fragmentos cerâmicos, dos quais todo o universo foi analisado.

² Para melhor compreensão do modelo de classificação das formas cerâmicas adotados neste trabalho, consultar OLIVEIRA, 2003, pp. 92-96.

No sítio Furna do Umbuzeiro o material cerâmico encontrava-se disposto tanto em superfície quanto em profundidade, apresentando-se tanto em contextos perturbados como em contextos estratigráficos preservados.

No sítio Baixa do Umbuzeiro os vestígios cerâmicos evidenciados, encontravam-se em superfície próximos as estruturas de combustão e, em alguns casos, dispostos sobre as mesmas. Como foi o caso do material registrado na etiqueta de nº 156, localizado sobre a fogueira 2. No entanto, existe a possibilidade de que este material tenha sofrido um processo de carreamento pluvial, decorrente das cotas mais altas, onde está localizada a Furna do Umbuzeiro.

TIPOS DE PASTA (SEPARAÇÃO DAS PASTAS)

Na análise da composição das pastas do universo amostral da cerâmica do sítio Furna do Umbuzeiro foram observados dois (2) tipos de pasta: areia fina e grossa. Ambos os tipos foram classificados a partir da concentração de grãos dispostos na argila (%), associada à granulometria (tamanho dos grãos) dos mesmos. As mesmas foram classificadas como:

Pasta 1: caracteriza-se pela presença de pequenos grãos de areia de quartzo e feldspato (< 3mm) e em pouca quantidade, apresentando uma textura fina, variando em relação à argila de 30% a 50%;

Pasta 2: diferencia-se da Pasta 1 pela quantidade e tamanho dos grãos de areia, também compostos por quartzo e feldspato (entre 3mm e 3cm), apresentando uma textura grossa, demonstrando uma baixa seletividade nas fontes de matéria-prima. Em relação à argila, o antiplástico varia entre 50% e 75% (**Figura 69**).

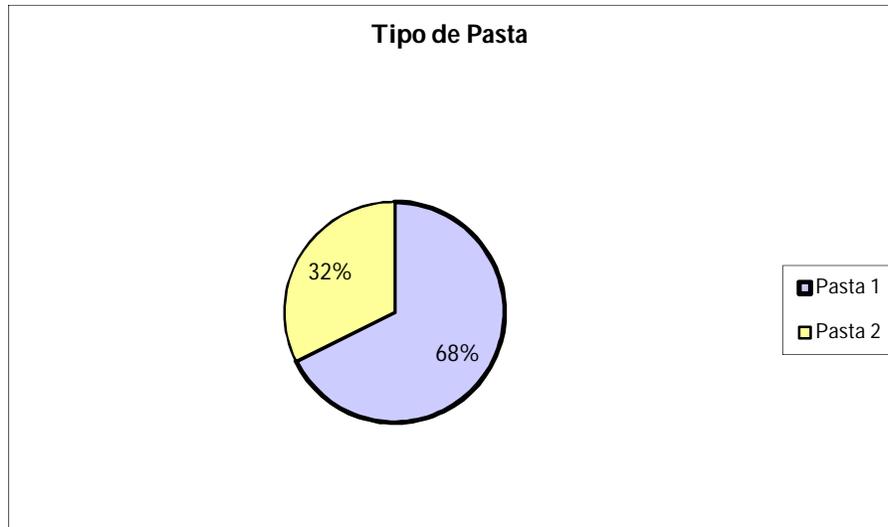


Figura 69: Gráfico de representação da relação de frequência (em %) da distribuição dos tipos de pasta no material cerâmico do sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

Quanto à análise da composição das pastas do universo amostral da cerâmica do sítio Baixa do Umbuzeiro foram observadas 3 tipos de pastas: fina, média e grossa. Os tipos de pasta foram classificados de acordo com os atributos observados no conjunto material do sítio Furna do Umbuzeiro. Todavia, um terceiro tipo de pasta pôde também ser observado nesse sítio. Trata-se da pasta classificada como média e definida pela característica de não-seletividade dos grãos (variação granulométrica) associada à sua concentração na argila (%). Assim, as pastas foram classificadas como:

Pasta 1: apresentando uma textura fina, caracteriza-se pela presença de grãos de quartzo e feldspato menores que 3mm, e em pequena quantidade em relação à argila, variando entre 30% a 50%;

Pasta 2: caracteriza-se pela presença de grãos de areia composta por quartzos e feldspatos, com dimensões variando entre menores de 3mm e maiores de 3 cm, não sendo observado uma distribuição homogênea do antiplástico em relação a argila.

Pasta 3: caracteriza-se por uma textura grossa e pela presença de grãos de areia (quartzo e feldspato) de tamanhos grandes (> 3cm) e sua distribuição em relação à argila variando entre 50% e 75% (**Figura 70**).

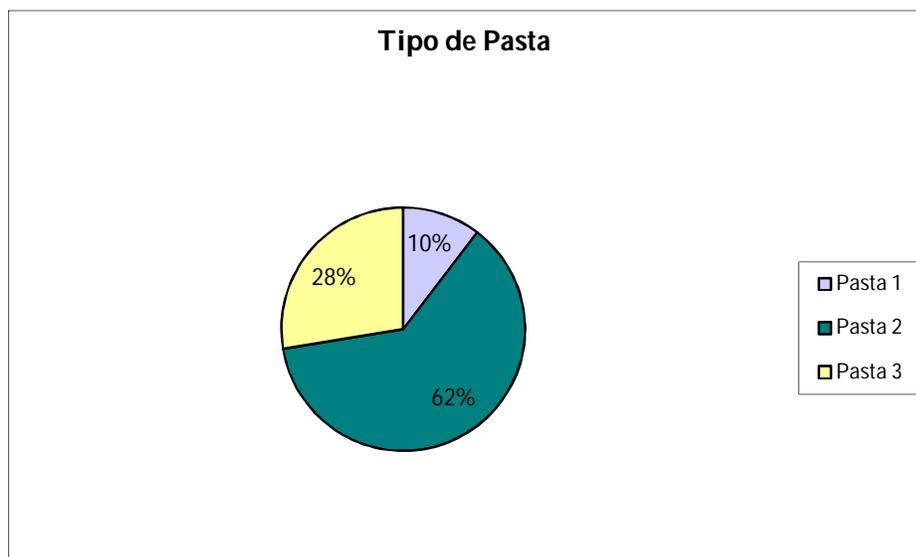


Figura 70: Gráfico de representação da relação de frequência (em %) da distribuição dos tipos de pasta no material cerâmico do sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE (SEPARAÇÃO DO TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE)

Na análise realizada nos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, identificaram-se os seguintes tipos de tratamento de superfície (tanto interno quanto externamente):

Tabela 04: Tabela da classificação dos Tipos dos Tratamentos de Superfície.

Tipo	Tratamento de Superfície
T1	Alisado
T2	Polido
T3	Pintado
T4	Brunido
T5	Brunido e Pintado
T6	Polido e Pintado

Tipo 1 - Alisado

Estaria relacionado ao que La Salvia e Brochado (1989) classificaram como acabamento simples. Sendo a “eliminação da rugosidade das paredes através do aplanamento deixando a superfície lisa” (p. 41).

Tipo 2 - Polido

Técnica que complementa o alisamento do objeto, tornando a superfície do mesmo “lustrosa” (Chymz, 1966).

Tipo 3 - Pintado

“Tipo de decoração executada antes ou depois da queima, com pigmentos naturais ou vegetais, diretamente sobre a superfície ou sobre o engobo ou banho previamente preparado” (Chymz, 1966: 17).

Tipo 4 - Brunido

Trata-se de uma técnica que consiste na aplicação de resinas vegetais, depois da queima, quando então o vasilhame é submetido a outra queima até o endurecimento das resinas aplicadas. Tal técnica é empregada com o objetivo de impermeabilizar as paredes dos recipientes cerâmicos (Chymz, 1966).

Quanto à técnica de tratamento de superfície externa, no sítio Furna do Umbuzeiro, observou-se a ocorrência em maior percentual do alisado (66%), seguido do polido (19%) (Figura 71).

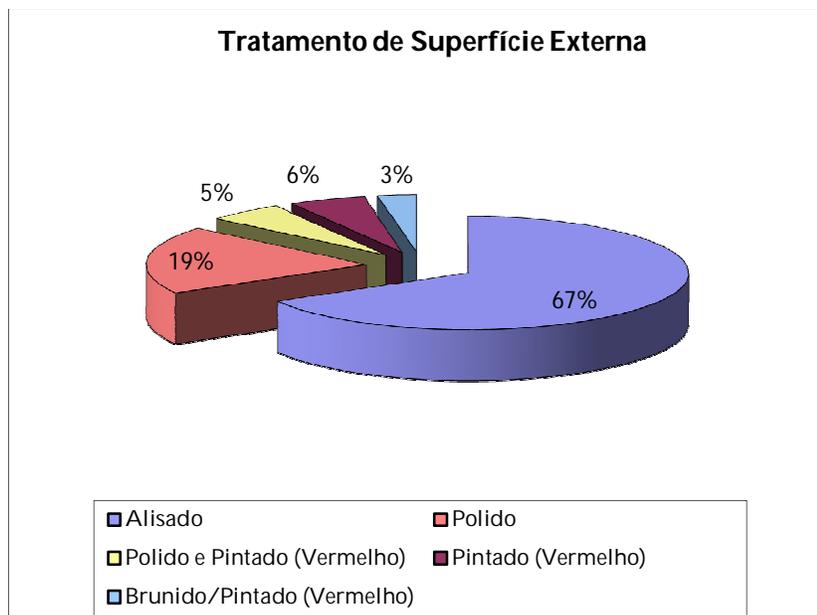


Figura 71: Gráfico de representação da relação em % dos Tratamentos de Superfície Externa (TE) observadas no Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

Quanto ao tratamento de superfície interno foram observadas as seguintes técnicas (Figura 72):

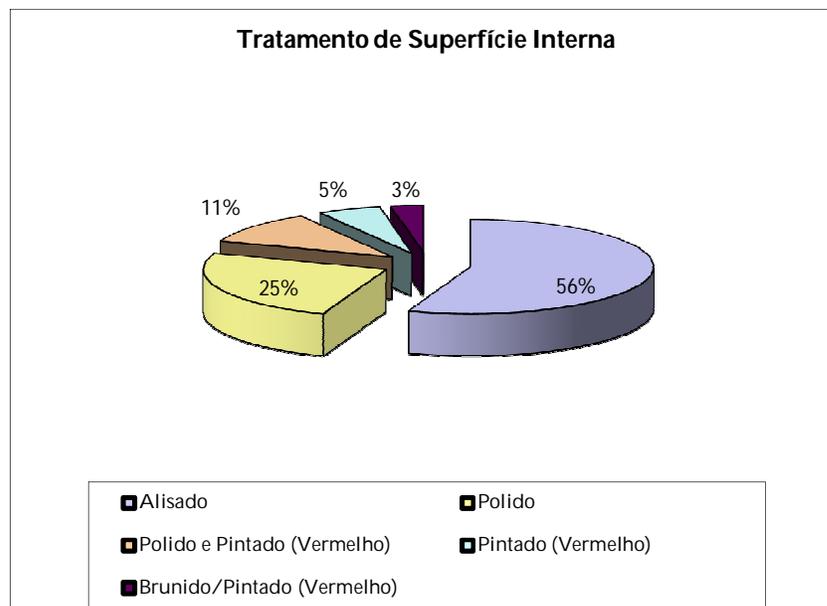


Figura 72: Gráfico de representação da relação em % dos Tratamentos de Superfície Interna (TI) observadas no Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

Já no sítio Baixa do Umbuzeiro foram observadas as seguintes técnicas de tratamento de superfície externa (**Figura 73**):

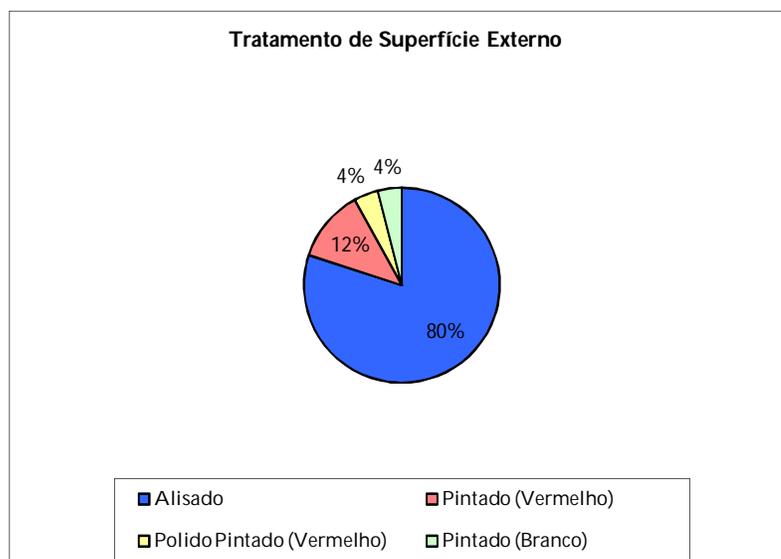


Figura 73: Gráfico de representação da relação em % dos Tratamentos de Superfície Externa (TE) observadas no Sítio Arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

Quanto à técnica de tratamento de superfície interna, foi observada a ocorrência (em %) das seguintes técnicas (**Figura 74**):

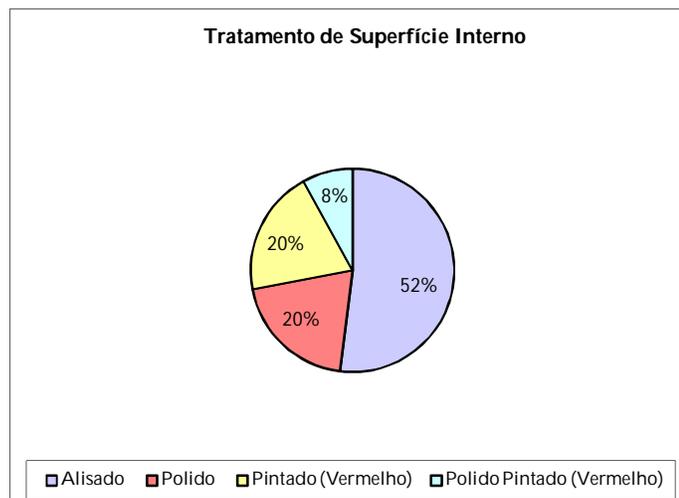


Figura 74: Relação em % dos Tratamentos de Superfície Interna (TI) observadas no Sítio Arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

No sítio Furna do Umbuzeiro, pode-se observar que as técnicas de tratamento ‘Alisado’ encontrava-se sempre associada, em sua maioria, a fragmentos classificados na tanto na **Pasta 1**, quanto na **Pasta 2**. O tratamento ‘polido’ foi em grande parte identificado em fragmentos da **Pasta 1**, havendo apenas uma ocorrência desse tratamento na **Pasta 2**.

Tabela 05: Relação entre Técnica de Tratamento de Superfície e Tipo de Pasta, Sítio Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

Tratamento de Superfície	Tipo de Pasta	Quantidade de Fragmentos	%
Alisado	1	15	63
Polido	1	6	25
Pintado (Vermelho)	1	1	4
Polido e Pintado	1	2	8

Tabela 06: Relação entre Técnica de Tratamento de Superfície e Tipo de Pasta, Sítio Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

Tratamento de Superfície	Tipo de Pasta	Quantidade de Fragmentos	%
Alisado	2	9	76
Polido	2	1	8
Pintado (Vermelho)	2	1	8
Brunido e Pintado	2	1	8

Já no Sítio Baixa do Umbuzeiro pode ser observada a ocorrência da relação entre a **Pasta 2** e a técnica de tratamento alisado, bem como a mesma com o tratamento de superfície pintado. Já na **Pasta 1**, todos os fragmentos analisados foram identificados como tendo tratamento de superfície ‘pintado’. Na **Pasta 3** observa-se a relação entre a mesma e o tratamento ‘polido’.

Tabela 07: Relação entre Técnica de Tratamento de Superfície e Tipo de Pasta, Sítio Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

Tratamento de Superfície	Tipo de Pasta	Quantidade de Fragmentos	%
Pintado	1	3	100

Tabela 08: Relação entre Técnica de Tratamento de Superfície e Tipo de Pasta, Sítio Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

Tratamento de Superfície	Tipo de Pasta	Quantidade de Fragmentos	%
Alisado	2	9	49
Polido	2	1	6
Pintado (Vermelho)	2	5	28
Pintado (Branco)	2	1	6
Polido e Pintado (Vermelho)	2	2	11

Tabela 09: Relação entre Técnica de Tratamento de Superfície e Tipo de Pasta, Sítio Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

Tratamento de Superfície	Tipo de Pasta	Quantidade de Fragmentos	%
Alisado	3	3	38
Polido	3	4	49
Pintado (Vermelho)	3	1	13

TIPOS DE BORDA E LÁBIOS

Quanto aos tipos de borda e lábios identificados nos sítios estudados, todos apresentam bordas do tipo direto. Quanto aos tipos de lábio, foi observado apenas um lábio do tipo plano, enquanto os demais apresentaram lábios do tipo arredondado.

TÉCNICA DE MANUFATURA

Todos os fragmentos analisados apresentavam técnica de manufatura roletado, que consiste na técnica de sobreposição de roletes ou cordéis de argila. A frequência de fraturas nos roletes pôde ser observada através das marcas em positivo e negativo dos fragmentos cerâmicos.

QUEIMA

Na cerâmica analisada dos sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro predomina a queima incompleta. A predominância deste tipo de queima indica um não controle da temperatura no momento de cocção das peças, fazendo com que os objetos variassem entre bem queimada e mal queimada.

Em ambos os casos, pode-se perceber também, que não há uma relação específica entre o tratamento de superfície, nem mesmo o tamanho do artefato cerâmico e a queima do mesmo (**Figura 75 e 76**).

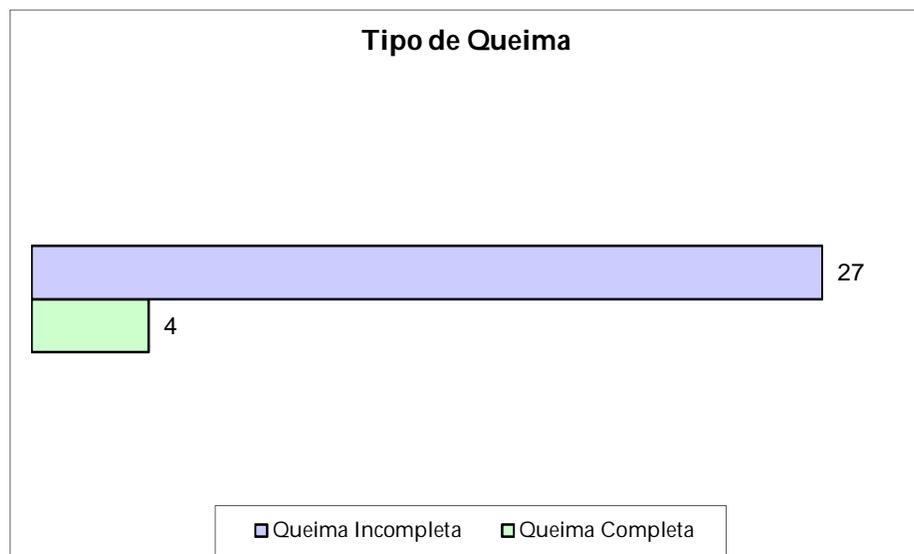


Figura 75: Relação do Tipo de Queima identificada no Sítio Arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

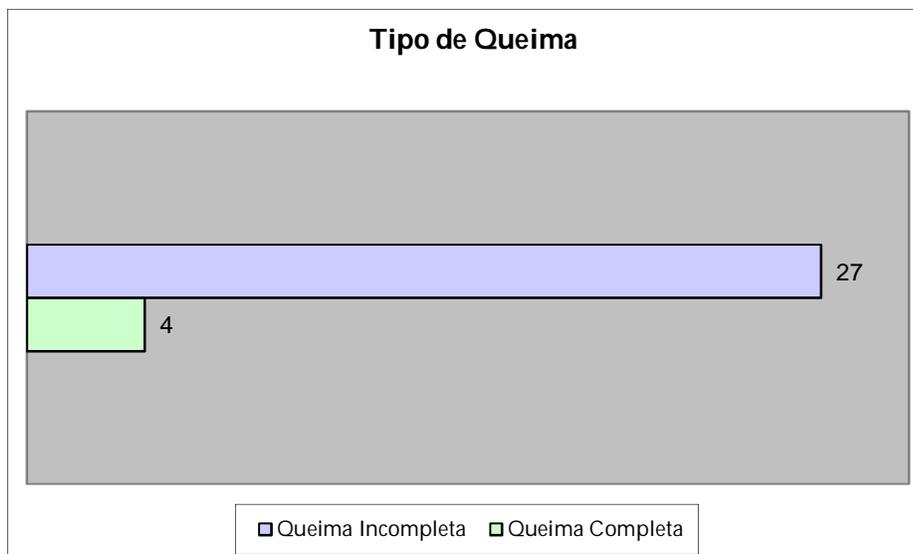


Gráfico 76: Relação do Tipo de Queima identificada no Sítio Arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas, RN.

FORMAS DAS VASILHAS

Através da análise foi possível reconstituir a forma de cinco (05) vasilhas do Sítio Furna do Umbuzeiro e apenas uma (01) do Sítio Baixa do Umbuzeiro. Em todos os casos as formas obtidas foram referentes à Forma 1, ou seja, tigelas elipsóides horizontais. O diâmetro das bocas das vasilhas varia entre 30 cm e 46 cm.



Figura 77: Representação da forma reconstituída do Sítio Furna do Umbuzeiro (FU. 15): elipsóide horizontal.



Figura 78: Representação da forma reconstituída do Sítio Furna do Umbuzeiro (FU. 11.2): elipsóide horizontal.



Figura 79: Representação da forma reconstituída do Sítio Furna do Umbuzeiro (FU. 22 e 28): elipsóide horizontal.



Figura 80: Representação da forma reconstituída do Sítio Furna do Umbuzeiro (FU. 96): elipsóide horizontal.



Figura 81: Representação da forma reconstituída do Sítio Furna do Umbuzeiro (FU. 11.1): elipsóide horizontal.



Figura 82: Representação da forma reconstituída do Sítio Baixa do Umbuzeiro (BU. 155.12): elipsóide horizontal.

TAMANHO

Quanto aos tamanhos, pôde-se observar na amostra referente ao sítio Furna do Umbuzeiro que as vasilhas classificadas como grande (entre 4 e 16 litros) predominam, enquanto apenas uma apresenta tamanho extra grande (entre 16 e 50 litros).

Observou-se também que estas vasilhas classificadas como grande e extra grande eram produzidas unicamente com a pasta 2, apresentando tratamento de superfície alisado, polido, pintado e brunido. Considerando as técnicas de polimento e brunimento como técnicas impermeabilizantes das vasilhas, pode-se indicar que tais objetos eram utilizados para armazenamento de alimentos e líquidos. Quanto aos objetos no qual somente a técnica de alisamento foi empregada, estes por sua vez, podem estar relacionados a usos cotidianos, como a preparação de alimentos.

Já o sítio Baixa do Umbuzeiro, só foi possível a reconstituição de apenas uma vasilha que foi classificada como grande, já que apresentou volume de aproximadamente 7,3 litros. Este objeto foi produzido com a pasta 3 e apresentou como tratamento de superfície o polido. Tais características sugerem que o mesmo teria função semelhante aquelas vasilhas identificadas no sítio Furna do Umbuzeiro: o armazenamento de alimentos e líquidos.

Tabela 10: Tabela de representação dos tamanhos estimados para as vasilhas reconstituídas nos sítios Baixa do Umbuzeiro e Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN.

Sítio Arqueológico	Etiqueta	Tamanho	Denominação
Baixa do Umbuzeiro	155.12	7,3 l	Grande
Furna do Umbuzeiro	11.1	15,9 dm ³	Grande
Furna do Umbuzeiro	11.2	11,3 dm ³	Grande
Furna do Umbuzeiro	15.1	5,1 dm ³	Grande
Furna do Umbuzeiro	22 e 28	11,5 dm ³	Grande
Furna do Umbuzeiro	96	17,9 dm ³	Extra grande

6.3. A RELAÇÃO ESPACIAL

Para identificar uma área de assentamento habitacional formada pelos sítios arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro, com a delimitação de possíveis setores destinados a atividades específicas, mostrou-se necessária a realização de uma análise quantitativa, que vislumbrasse a distribuição espacial dos vestígios líticos e cerâmicos, entre ambos os sítios em questão.

Dada a inviabilidade de realização de uma análise tecno-morfológica nos vestígios líticos identificados, mostrou-se impossível a realização de uma análise mais refinada desta distribuição espacial. Tal procedimento permitiria definir uma relação entre artefatos, restos de produção tecnológica, estruturas arqueológicas e, como consequência, a definição de áreas de atividades específicas, que permitissem uma determinação mais precisa para o padrão de assentamento habitacional registrado.

Dessa forma, optou-se pela análise quantitativa da distribuição do registro espacial dos dois vestígios mencionados, sem considerar a quantidade de fragmentos ou as características tecno-morfológicas presentes em cada etiqueta. É lógico que se tem consciência dos limites de uma análise espacial deste tipo, a qual se mostra grosseira e sem considerar elementos de associação pertinente para a definição aqui almejada. No entanto, mesmo considerado os limites impostos por tal procedimento, foi possível a verificação de padrão de distribuição vestigial, que permitiu, com estes resultados preliminares, a delimitação de um esboço que poderá ser confirmado com a continuação das pesquisas em ambos os sítios. A potencialidade arqueológica verificada, nas duas campanhas arqueológicas realizadas, por si só, já justifica a construção deste esboço inicial, que poderá servir de guia interpretativo para as intervenções futuras.

De imediato, foi verificado que o universo de registro dos vestígios líticos e cerâmicos, para os dois sítios, foi bastante reduzido. Mesmo se considerando a possibilidade da presença de vários fragmentos, aqui agrupados como uma unidade analítica – o que não foi uma constante verificada nas duas campanhas realizadas – a baixa densidade de ambos os vestígios foi uma característica verificada nas duas ocupações, desde as primeiras intervenções realizadas.

Quanto ao sítio Furna do Umbuzeiro, o número registrado de vestígios líticos foi de vinte e quatro (24) unidades. No entanto, neste caso, deve-se salientar que boa parte (90%) do que foi coletado como material lítico, durante as duas campanhas, não consistem em artefatos ou restos de debitage. Como uma característica do sítio em abrigo, apenas um artefato lítico foi registrado, o qual consiste em um machado polido, confeccionado em suporte natural, tendo como característica antrópica o afiamento de um gume. Os outros registros consistem apenas em umas poucas lascas de reavivamento de gumes, associadas a estruturas de combustão. No sítio em questão, foi observada uma nítida sobreposição dos registros de material cerâmico, em relação aos vestígios líticos. A quantidade deste vestígio foi de trinta e uma (31) unidades analíticas (**Figura 83**).

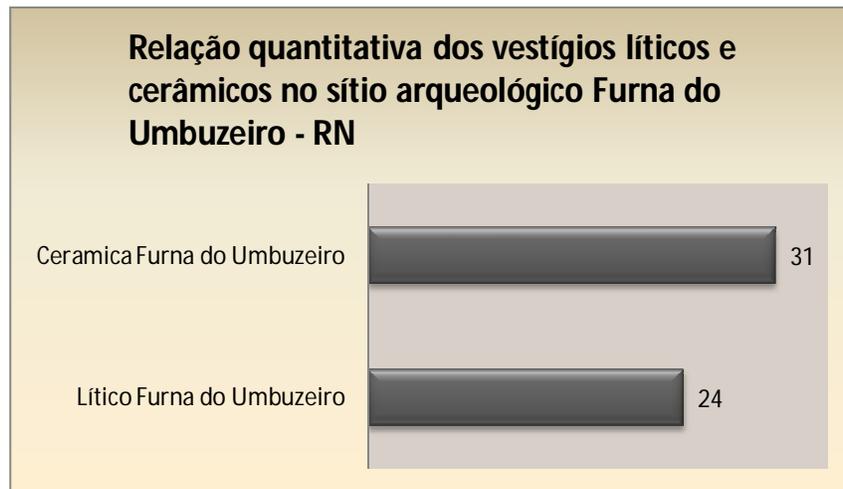


Figura 83: Gráfico de representação da relação quantitativa dos vestígios líticos e cerâmicos no sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro – RN.

No sítio Baixa do Umbuzeiro a relação se mostrou inversamente proporcional. Para o material lítico registrado e aqui considerado, a quantidade de registro foi de dezoito (18) unidades analíticas. No entanto, vale salientar que foi observado, ainda em campo, um maior registro de artefatos líticos, em relação ao sítio em abrigo. Ficou evidente que a ocupação a céu aberto havia sido utilizada para a confecção e o uso de artefatos líticos (**Figura 84**).

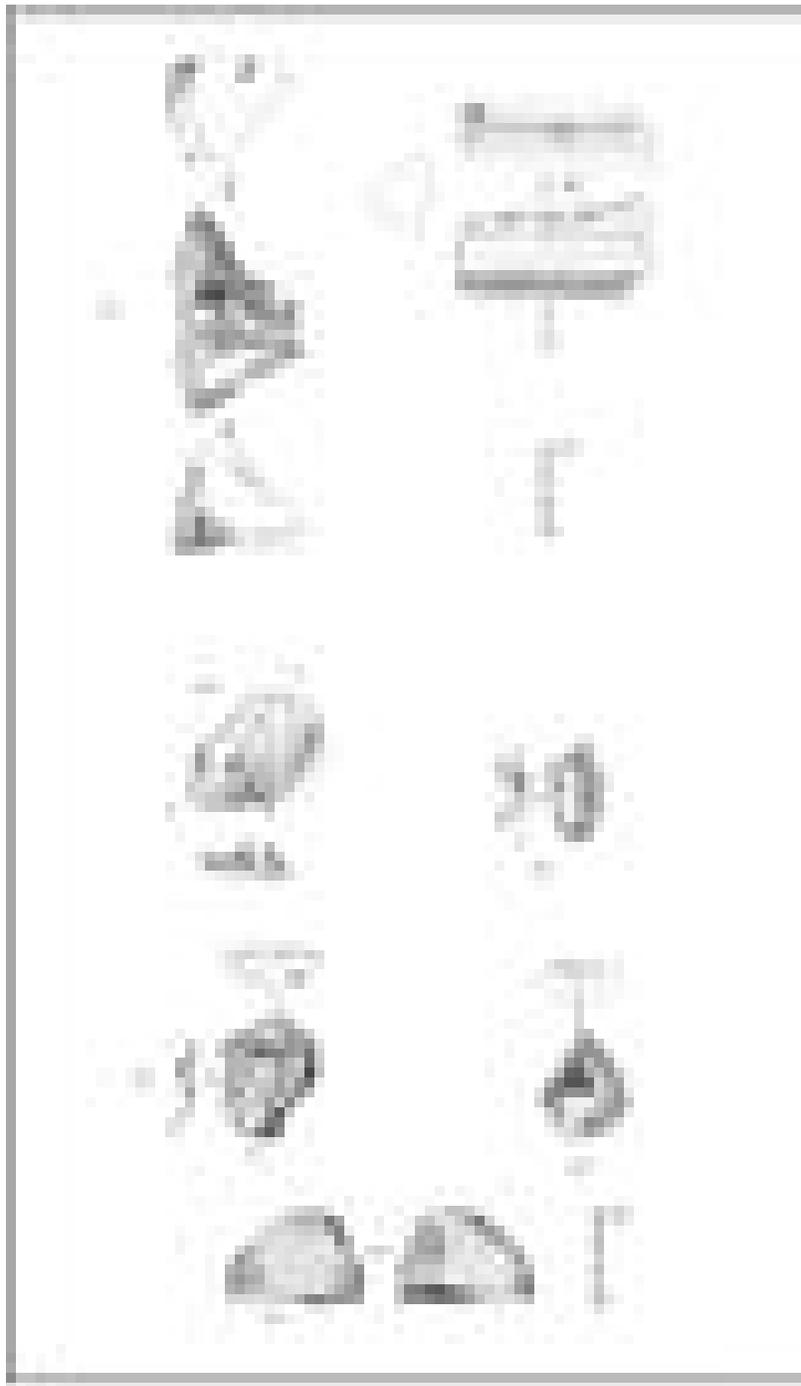


Figura 84: Representação gráfica de artefatos líticos identificados no sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Marcellus Almeida.

A proporção entre os registros líticos e cerâmicos, observada no assentamento a céu aberto, encontra-se representada no gráfico abaixo (**Figura 85**). Durante a varredura de superfície realizada nas duas campanhas arqueológicas, ficou claro que a maior concentração de fragmentos cerâmicos foi registrada nas áreas fora da linha de chuva do abrigo e nas áreas de maior declividade, que davam acesso ao mesmo. No entanto, a única forma cerâmica reconstituída da Baixa do Umbuzeiro, foi encontrada em associação direta com a fogueira 2 (não escavada). Este fato, não permite afirmar que os vestígios cerâmicos identificados no sítio a céu aberto são provenientes de um processo de carreamento de vestígios das cotas mais altas da encosta, para as cotas mais baixas do terraço fluvial.

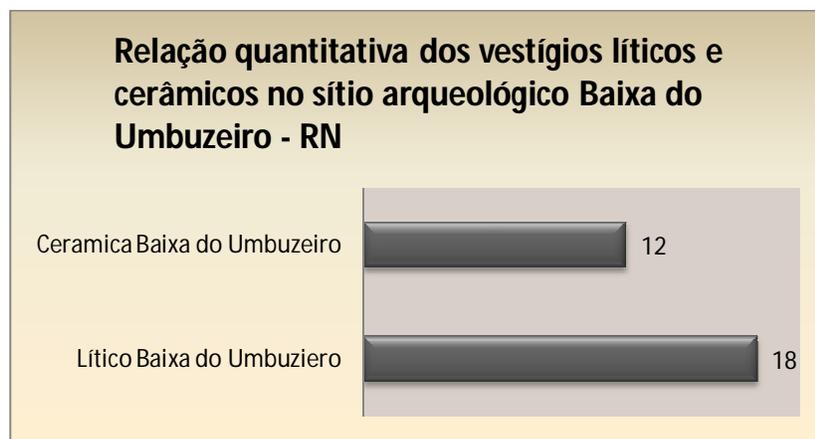


Figura 85: Gráfico de representação da Relação quantitativa dos vestígios líticos e cerâmicos no sítio arqueológico Baixa do Umbuzeiro – RN.

Nesse sentido, podemos apenas afirmar que existe uma distribuição diferenciada dos dois vestígios em questão, nos dois assentamentos analisados. Se desconsiderarmos os números demonstrados na **Figura 86**, os quais, como afirmado acima, são enviesados pela coleta de fragmentos líticos utilizados na delimitação das às estruturas de combustão, registrados em grande número, essa característica dos assentamentos pode ser visualizada nos gráficos abaixo (**Figura 87**).

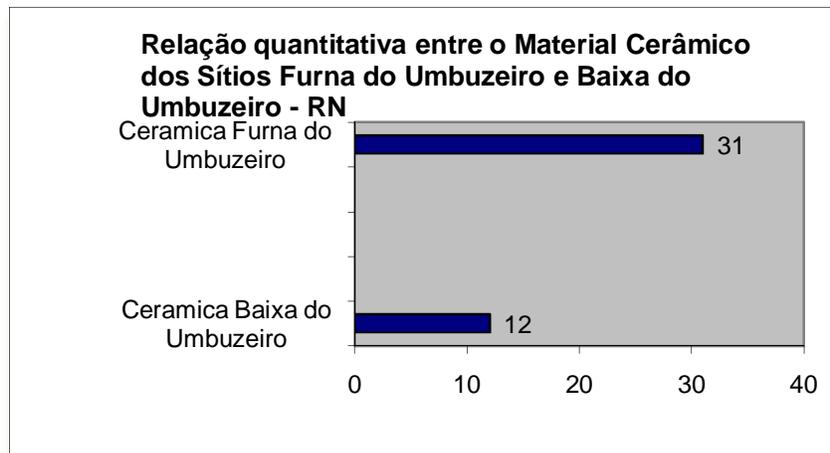


Figura 86: Gráfico de representação da Relação quantitativa entre o Material Cerâmico dos Sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro – RN.

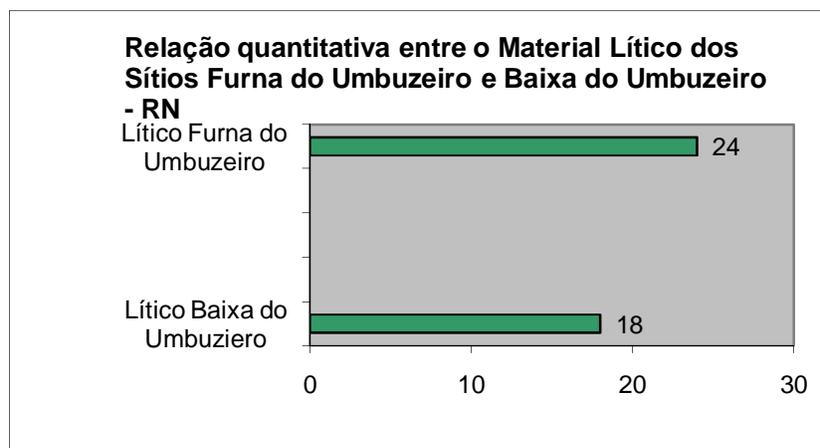


Figura 87: Relação quantitativa entre o Material Lítico dos Sítios Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro – RN.

Como será visto no capítulo seguinte, esta distribuição espacial diferenciada foi determinante na delimitação de um sítio do tipo habitacional, na área arqueológica do Seridó.

6.4. O MATERIAL ÓSSEO HUMANO.

Como já mencionado inúmeras vezes, durante o desmonte das estruturas de combustão (fogões), evidenciadas no sítio Furna do Umbuzeiro, foram identificados fragmentos ósseos humanos, em direta associação com restos ósseos faunísticos, entre outros vestígios, que se encontravam depositados na base das estruturas de fogueiras.

A presença de uma toca de tatu (perturbação sedimentar), na quadrícula escavada durante a primeira campanha, a quadrícula I3, além da sobreposição das estruturas de fogueiras que caracterizam os fogões revelados na mesma, apontou para a possibilidade de percolação estratigráfica para estes vestígios ósseos, de gênese animal ou antrópica. Por outro lado, os resultados que vêm sendo demonstrados até o momento, permitiram identificar um padrão deposicional para o pacote sedimentar escavado, que não sugere um alto índice de perturbação dos vestígios e estruturas arqueológicas.

Dessa maneira, partindo do pressuposto de que a situação estratigráfica dos vestígios ósseos humanos apresentam uma deposição relativamente preservada, como foi verificado na quadrícula J3, decapagem 5, na segunda campanha, a análise foi dividida em três procedimentos:

1. Separação dos fragmentos ósseos humanos, acondicionados nos mesmos sacos plásticos contendo fragmentos ósseos faunísticos;
2. Identificação anatômica dos fragmentos analisados, quando sua preservação permitia;
3. Identificação de vestígios de queima ou ação indireta do calor, a partir dos processos tafonômicos identificados.

As análises foram levadas a cabo no NEA/UFPE, por Flávio A. A. Moraes e Danúbia Moraes, sob a orientação da Prof^a. Olívia A. de Carvalho. Foram consultados para descrição e identificação dos fragmentos ósseos: Matshes *et alli*, 2005; White *et alli*, 2005; Katzenberg *et alli*, 2008. O universo analisado consistiu em onze (11) fragmentos ósseos humanos, identificados nas mais diversas decapagens. Este fato demonstra que a relação estratigráfica verificada, está presente em todo o pacote sedimentar escavado.

Nesse sentido, é possível que os dados obtidos permitam a reconstrução de uma prática funerária de longa duração temporal: o endocanibalismo.

Nesse sentido, foram identificados na primeira campanha:

1. Etiqueta 14: Limpeza do sedimento revolvido pelo tatu, no nível superficial. Foi identificado como uma diáfase de metacarpo que, pela coloração esbranquiçada de sua superfície, apresentou indícios de ressecamento. Este fato sugere que o fragmento ósseo foi exposto ao sol, durante um bom período de tempo. Por não apresentar as epífises preservadas, o fragmento não permitiu identificar a sua posição anatômica. Por esse motivo, foi excluído do universo de análise;
2. Etiqueta 58: Na decapagem 5, da quadrícula I5, foi identificado este fragmento ósseo. Consiste como o único fragmento que não foi coletado na quadrícula I3 e por isso, não se apresentou associado a nenhuma estrutura de combustão. Possibilidades de perturbação antrópica;
3. Etiqueta 200: decapagem 7, da quadrícula I3. Fragmentos de crânio com vestígios de queima direta. Devido ao grau de fragmentação e processos tafonômicos não foi possível identificar a região do crânio a qual as peças identificadas pertenciam.
4. Etiqueta 277: decapagem 13, quadrícula I3. Fragmento de diáfase de rádio, com indícios de queima. Não foi possível identificar a posição anatômica do fragmento, devido a suas dimensões e a porção preservada do mesmo (**Figura 88**).
5. Etiqueta 285: Decapagem 14, quadrícula I3. Fragmentos de costelas queimados. Algumas manchas mais claras foram percebidas na superfície óssea, indicando uma ação fúngica, que pode ter origem pós-deposicional e ser proveniente da maneira como o fragmento foi acondicionado.

Durante a segunda campanha, foi identificado apenas um (01) fragmento ósseo humano. Consiste na amostra:

1. Etiqueta 524: Decapagem 5, quadrícula J3. Consiste em um pisiforme direito (osso da mão). Apresentou coloração enegrecida, que indica ação direta de calor intenso (**Figura 88**).

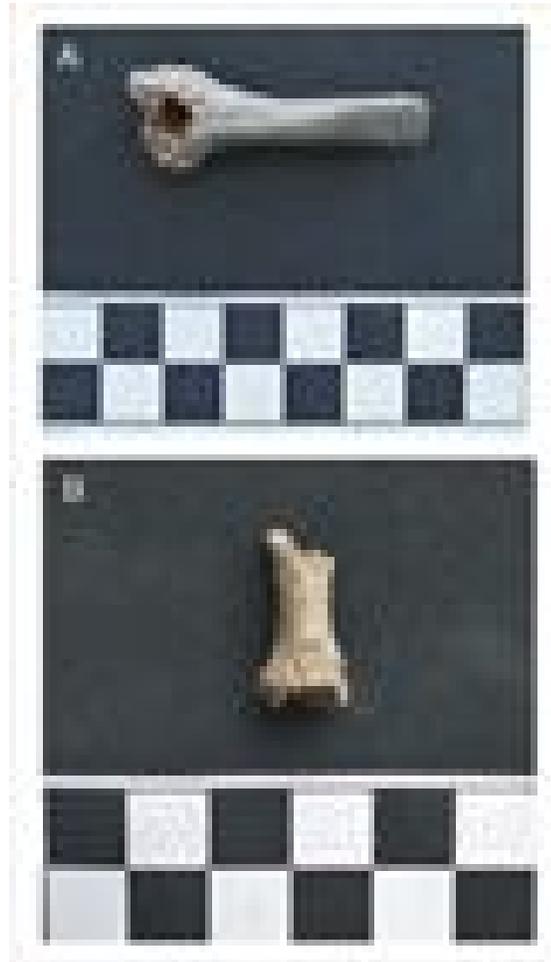


Figura 88: Exemplos de fragmentos ósseos humanos. A) Etiqueta 277; B) Etiqueta 524. Sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fotos: Mônica Nogueira.

Outros fragmentos ósseos humanos foram identificados. No entanto, não foi possível identificar anatomicamente tais peças, devido ao grau de fragmentação e a região óssea disponível. Ou seja, temos apenas pequenos fragmentos de diáfases. Foram eles: etiqueta nº: 319 (Dec. 17 final – I3); etiqueta nº: 184 (Dec. 6 final – I3 – peneira); etiqueta nº: 294 (Dec. 16 – I3); etiqueta nº: 260 (Dec. 10 – I3 – Pt. 451); etiqueta nº: 298 (Limpeza do perfil oeste e sul – I3).

Tabela 11: Distribuição dos vestígios ósseos humanos, entre as quadrículas e as decapagens realizadas no sítio Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN.

Profundidade em cm - Decapagens	Quadrículas
0	13
15	15
30	13
35	13
50	13
65	13
70	13
80	13
80	13
90	13
15	j3

Por outro lado, todos os ossos analisados apresentaram indícios de mineralização, além de nítidos sinais de queima. O universo analisado caracterizou-se pelo número reduzido de peças identificadas e pela pequena dimensão dos fragmentos identificados: menor ou igual a 5cm.

Considerando-se os dados etnográficos levantados para a área arqueológica do Seridó, foi constatado que os grupos indígenas que habitaram a região até o século XVII, tinham como prática funerária comum, o endocanibalismo. Os vestígios ósseos humanos e sua relação espacial com as estruturas de combustão evidenciadas sugerem a identificação arqueológica deste ritual fúnebre, em um sítio localizado no município de Carnaúba dos Dantas, RN: O sítio Furna do Umbuzeiro.

6.5. O MATERIAL VEGETAL ANTRÓPICO.

De acordo com Ribeiro (1987), o trançado indígena do Brasil pode ser caracterizado por dois macroestilos, em função da matéria-prima utilizada na sua

elaboração: palha e tala (ou talo). Contudo, o material mais apropriado e mais disponível provém das palmeiras (Neale, 1987).

Ainda de acordo com Ribeiro (1987), os grupos indígenas do Brasil tiveram adaptações ecológicas e culturais distintas que se refletem no estilo do seu acervo cesteiro. O estudo da arte do trançado é importante para estudar o modo de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, satisfação de necessidades de expressão estética e afirmação da identidade pessoal e étnica.

Utilizando-se da classificação sugerida por Ribeiro (1987), foram consideradas somente aquelas classes e categorias que puderam ser identificadas durante a análise do material vegetal do sítio. Contudo, tal classificação abarca um universo maior de possibilidades e de classificações.

A tabela citada abaixo corresponde à estrutura básica do trançado, ou seja, elementos básicos que se identificados sugerem a classificação do artefato (Ribeiro, 1987).

Tabela 12: Estrutura básica do trançado de classificação do artefato.

CLASSE	CATEGORIA
Entretrançado	<ul style="list-style-type: none"> • Entretrançado ou cruzado com 2 elementos; • Entretrançado com 3 ou mais elementos; • Entretrançado ou enlaçado.
Trançado	<ul style="list-style-type: none"> • Entretorcido ou torcido.

Grande número de objetos pode ser trançado em folhas frescas, mas os trabalhos mais delicados são feitos de talos (extraído do pecíolo da folha nova de palmeira). Entre os objetos, contam-se os seguintes: esteiras, cestos, redes de dormir de uso temporário, abanos de fogo, espremedores de mandioca (tipiti, peneiras e apás), armadilhas de peixe, aros trançados para diademas plumárias, chapéus, etc. Segundo O'Neal, o material

cesteiro mais apropriado e mais disponível para as tribos da América do Sul provém de várias palmeiras.

Outras fibras que podem ser utilizadas na cestaria são os cipós e raízes aéreas que pendem de árvores, fibras de folhas e entrecasca de árvore. No entanto, predominam como matérias-primas:

1. Palha: limbo das folhas da palmeira, extraído do “olho”. Essa parte da folha fornece folíolos ou flabelos (forma de leque) para o trançado, bem como “seda” com que se fiam cordéis;
2. Tala: parte córnea do pecíolo da folha. Possui textura mais rígida que a palha. Apresenta uma parte lisa (externa) e rugosa (interna) que, no caso dos trançados pintados depois de prontos, entranha a tinta.

Quanto às técnicas de confecção, duas mais gerais podem ser destacadas, para análise e classificação de vestígios arqueológicos:

1. Entretrançar: compreende as técnicas de entrecruzar (trançado em que o elemento móvel intercepta o passivo), entrelaçar (trançado com 2 elementos, onde o elemento móvel enlaça o elemento passivo). Destina-se a formar tranças a partir de 3 ou mais fios cruzados obliquamente;
2. TRANÇADO: par de talos flexíveis lançados sobre si mesmos.
3. Elemento móvel: TRAMA.
4. Elemento passivo: URDIDURA. Este elemento é tensionado pelo tear na tecelagem.

Quanto às partes anatômicas vegetais utilizadas, podemos identificar:

1. Folíolos: tiras partidas longitudinalmente do broto da palmeira ou folha aberta.
2. Olho: folha antes de abrir.
3. Lâmina: parte da folha geralmente de cor verde, nas palmeiras ele pode ser inteira, flabelada (leque) ou pintada.
4. Pecíolo: parte da folha entre a lâmina e a bainha (parte basal da folha, alargada, que envolve parcialmente ou totalmente o ramo ou caule).

As análises realizadas nos restos vegetais do sítio Furna Umbuzeiro foram realizadas no NEA/UFPE. Participaram da equipe responsável: as mestrandas Mônica A. A. Nogueira e Lívia Blandina, sob orientação do arqueólogo Manoel G. Souto Maior de Lima. Os procedimentos realizados consistiram em:

1. Segregação dos restos vegetais com indícios antrópicos, daqueles de procedência natural;
2. Identificação da classe de trançado utilizada;
3. Identificação da categoria técnica de confecção dos artefatos vegetais;
4. Identificação das matérias primas utilizadas;
5. Descrição das amostras;
6. Definição de suas dimensões.

Nesse sentido foram identificados os fragmentos de restos vegetais abaixo descritos:

1. Etiqueta 87: classe definida: possível entretrançado. Categoria: enlaçado. Matéria-prima: possivelmente palha. Dimensões não definidas (**Figura 89**);
2. Etiqueta 319: classe identificada; trançado. Categoria: enlaçado imbricado. Matéria-prima não identificada. Descrição: A trama semi-rígida se imbrica ao envolver o elemento da urdidura. Dimensões: não definidas;
3. Etiqueta 560: classe identificada – Trançado – Categoria: torcido. Matéria-prima: palha. Descrição: foi utilizado um par de fios torcidos um sobre o outro. A torção é executada em movimento unificado onde depois de certo ponto o trabalho apresenta a forma de trança. Dimensões: 1.4cm de largura, por 20cm de comprimento;
4. Etiqueta 570: classe não identificada, categoria: torcido. Matéria-prima: palha. Dimensões não definidas;
5. Etiqueta 600: classe, traçado. Categoria: torcido. Matéria-prima: palha. Descrição: apenas uma pequena parte do material pôde ser identificada. Dimensões: 1,1cm de largura, por 8,8cm de comprimento;

6. Etiqueta 603: Classe: trançado. Categoria: torcido. Matéria-prima: possivelmente fibras de folha. Descrição: fibra vegetal diferente das demais. Dimensões: largura não definida, 20cm de comprimento.
7. Etiqueta 610: Classe: trançado. Categoria: entretorcido ou torcido. Matéria-prima: talo. Descrição: par de talos flexíveis ou fios lançados sobre si mesmos. Dimensões: 0,8cm de largura, por 9,9cm de comprimento. Na técnica entretorcido se empregam duas talas para a trama, que trabalham aos pares, com elementos de urdidura mais rígidos.
8. Etiqueta 611: classe: trançado. Categoria: torcido. Matéria-prima: palha. Descrição: existe uma grande quantidade de restos vegetais que não puderam ser identificados quanto a sua classe e categoria. Aparentemente as fibras não foram trabalhadas para a cestaria (**Figura 90**).



Figura 89: Representação gráfica do possível fragmento de cestaria coletado na quadrícula I3, decapagem 3 (et. 87), sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro. Carnaúba dos Dantas – RN. Fonte: NEA/UFPE. Elaboração: Marcellus Almeida.



Figura 90: Exemplos de fragmentos de restos vegetais trançados. A) Etiqueta 560; B) Etiqueta 560, detalhe; C) Etiqueta 611; D) Etiqueta 611, detalhe; E) Etiqueta 87; F) Etiqueta 570; G) Etiqueta 610. Sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, Carnaúba dos Dantas – RN. Fotos: Mônica Nogueira.

Como é possível observar, apesar da baixa densidade de restos vegetais com nítidas marcas antrópicas, foi possível identificar nas duas campanhas realizadas, uma lente de restos vegetais alterada pelo calor, de ± 15 cm de espessura, que se distribuía na

maioria das quadrículas escavadas: J2, J3, I2, I3, I4, L3 e L4. Nesta lente de restos vegetais foram identificados vários fragmentos de matéria-prima vegetal torcida e entretorcida. Este fato permitiu caracterizar um elemento de definição cultural, que em conjunto com os outros elementos aqui analisados, foi determinante para tornar aceitáveis as hipóteses aqui propostas.

7. CAPÍTULO 6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

7.1. DEFINIÇÃO CRONOLÓGICA E ESTRATIGRÁFICA

7.1.1. SÍTIO ARQUEOLÓGICO FURNA DO UMBUZEIRO

A possibilidade de perturbação dos níveis arqueológicos evidenciados no sítio Furna do Umbuzeiro levou a necessidade de definição da crono-estratigrafia do pacote sedimentar escavado. As amostras selecionadas foram coletadas na sondagem de 90 cm de profundidade, aberta na quadrícula I3. Esta, como foi visto em segmento anterior, caracterizou-se pela maior concentração de vestígios e estruturas arqueológicas, juntamente com as quadrículas adjacentes, escavadas na segunda campanha. Tal fato demonstrou que a área de ocupação preferencial consistia na porção central do abrigo, com uma baixa densidade de vestígios nos setores próximos da parede do abrigo e fora da linha de chuva.

Outro fator relevante, que pode contribuir na caracterização da periodicidade de ocupação e no padrão de assentamento identificados no registro arqueológico do abrigo, foi também observado após a realização das duas campanhas arqueológicas. A primeira foi realizada no mês de agosto, num período em que a incidência solar atingia a porção habitável do abrigo, durante a maior parte do dia. A segunda campanha foi realizada entre os meses de novembro e dezembro, que caracterizam o início do período chuvoso, na região. Durante, esta campanha, a incidência solar não se projetava sobre a porção habitável do abrigo, em nenhum momento do dia. Este fator pode ser um índice que venha a fortalecer a proposição de que a área arqueológica do Seridó, pelo menos durante o período cronológico definido – ± 1300 A. P. a ± 3700 A.P. – foi utilizada pelas populações pré-históricas, como um acampamento de inverno; compondo um domínio de uso territorial que, como foi demonstrado, relaciona-se com as áreas de povoamento Tarairiú, descritas na documentação do século XVII (Laet, 1637; Marc Grave, 1638; Herckman, 1644; Baro, 1647; Barleus, 1647; Piso, 1658). Isto pode indicar um processo de adaptação dos grupos humanos já estabelecidos na região, às mudanças climáticas, que vinham ocorrendo desde o Holoceno Médio (Mutzenberg, 2007).

No entanto, a comprovação dessas observações estava vinculada a determinação do índice de perturbação, dos níveis arqueológicos escavados. Nesse sentido, foram utilizadas duas técnicas de verificação, para essa determinação: (1) a realização de uma escavação em superfície ampla, acontecida na segunda campanha, acompanhando os níveis estratigráficos revelados nos perfis da quadricula I3; (2) a determinação radiocarbônica da crono-estratigrafia do sítio.

Com a realização da segunda campanha, foi observado que nas áreas onde não foram registradas biopedoturbações (tocas de tatu), os vestígios arqueológicos e estruturas apresentavam o mesmo tipo de relação espacial constatada. Como na quadricula I3, foram registrados na base das estruturas de combustão, fragmentos de material lítico e cerâmico, em baixa densidade; um fragmento ósseo humano (Et.: 524), associado a restos ósseos animais; e uma lente de restos vegetais de ± 15 cm de espessura, identificada entre as decapagens 3 e 6, nas quadriculas I2, I4, J2, J3, J4, L3 e L4, o que comprovou a presença de artefatos confeccionados com esta matéria-prima. Ou seja, o padrão de deposição identificado durante a primeira campanha, apesar da presença de uma toca de tatu, não alterou de maneira definitiva a deposição dos níveis arqueológicos escavados.

A definição crono-estratigráfica do sítio, visível na **Tabela 01** reapresentada no segmento anterior, também permitiu definir um padrão cronológico para as estruturas datadas, que aponta para um baixo índice de perturbação. As amostras de carvão, coletadas em fogueiras estruturadas, foram datadas pelo método do ^{14}C e possibilitaram esta verificação. As amostras de número 63 (fogueira 1), 64 (fogueira 2) e 216 (fogueira 3), consistem nas primeiras fogueiras evidenciadas, no final da decapagem 1 (5cm de profundidade). Encontravam-se sobrepostas umas às outras, no perfil norte da quadricula I3, com a fogueira 3 se estendendo nos terrenos da quadricula I4. Foram selecionadas para análise devido a esta característica espacial, que poderia indicar o índice de perturbação horizontal dos vestígios arqueológicos, decorrente das reocupações do abrigo. Como demonstrado pelas datas obtidas – fogueira 1: 1316 ± 28 ; fogueira 2: 1775 ± 31 ; fogueira 3: 1315 ± 28 – a fogueira 2 foi cortada primeiramente pela fogueira 3 e, posteriormente, pela fogueira 1. Por outro lado, é possível perceber que o índice de perturbação do nível de ocupação mais antigo foi reduzido, já que ainda era possível perceber os limites das estruturas de combustão definidas. Nesse sentido, foi possível estabelecer um parâmetro cronológico, com um intervalo de aproximadamente 500 anos

de diferença, para as estruturas e vestígios arqueológicos evidenciados nas decapagens realizadas.

Logo, foi possível afirmar que as cronologias obtidas e utilizadas para datar os vestígios encontrados nas estruturas de combustão analisadas, correspondiam com um processo de deposição, de certa forma, preservado.

Com a amostra de nº 146, foi possível datar a fogueira 9, evidenciada no início da decapagem 5 (25cm de profundidade) e com idade de 2666 ± 30 A.P. Isto determinou uma cronologia para dois artefatos registrados no sítio: (1) a lente de restos vegetais, com a presença de artefatos torcidos e trançados; (2) um fragmento cerâmico coletado na base da fogueira 9 (et.: 160). A datação relativa dos mesmos foi obtida com a correlação da idade determinada com a amostra de nº 177. Esta amostra datou a fogueira 10, evidenciada no final da decapagem 6 (30cm de profundidade), com uma idade de 2804 ± 44 A.P. Dessa forma, a cronologia definida para o material cerâmico e os vestígios trançados pode ser definida entre essas duas datas; logo, em torno de ± 2700 A.P.

A amostra de nº 244 permitiu datar a fogueira 12, evidenciada em três decapagens (de 35cm a 45cm de profundidade): decapagens 7, 8 e 9. A datação desta estrutura de combustão possibilitou estimar a idade dos fragmentos ósseos humanos e animais, registrados em estruturas de combustão, nessa mesma profundidade. Além de alguns fragmentos de material lítico, distribuídos no entorno das estruturas. Outro vestígio que pode ter sua idade estimada, o qual foi evidenciado no nível inicial da fogueira 12, foi uma cova de 10cm de profundidade, preenchida com coprólitos humanos. Caracterizado pela presença das estruturas melhores conservadas, até então evidenciadas no sítio, este nível arqueológico pode ter apresentado as datas mais antigas e confiáveis da escavação. A idade estabelecida foi: 3630 ± 32 A.P.

A amostra de nº 259, por sua vez, apresentou uma idade mais recente que a anterior e datou a fogueira 11, evidenciada na decapagem 9. A idade obtida foi de 3170 ± 32 A.P., para carvões coletados na sua base. Isto indica que a fogueira 11 consistia numa estrutura de grandes dimensões e profundidade, a qual cortou as estruturas mais antigas, horizontalmente associadas. Nesse sentido, por sua vez, demonstra que o intervalo de 500 anos para as estruturas de combustão permaneceu inalterado nesta cronologia e profundidade. Contudo, tal fato não significa que o sítio só tenha sido ocupado de 500 em 500 anos. Para que isto seja categoricamente afirmado, mostra-se necessária a realização

de análises radiocarbônicas, em todas as estruturas de combustão evidenciadas, o que, por enquanto, não é viável economicamente.

Quanto ao índice de perturbação faunística identificado no sítio, ficou verificado que as tocas de tatu estavam concentradas em alguns pontos fixos. Na porção leste do abrigo, foi registrada a área de maior concentração de biopedoturbação, provavelmente outras tentativas de escavações realizadas pelo tatu, que se viram frustradas pela grande quantidade de blocos caídos nessa porção do abrigo. No entanto, isto só poderá ser confirmado com a continuidade das escavações.

Este fato coloca em cheque as conclusões obtidas com estudos estratigráficos realizados com tatus em cativeiro. Neste contexto, foi comprovado que a movimentação de um tatu, em um sítio construído pelos pesquisadores, foi de tal forma intensa, que retirou de seu contexto de deposição primário, a maioria dos vestígios e estruturas arqueológicas construídos para a experiência (Araújo, A. G. M.; Marcelino J. C., 2003). Entretanto, não se pode esquecer, que o cativeiro pode produzir desvios comportamentais, como o *stress* de cativeiro, em grande parte dos mamíferos estudados (Pizzutto *et alli*, 2004; Campos *et alli*, 2005; Venturieri & Le Pendu, Y., 2006). Dessa forma, como foi observado no sítio Furna do Umbuzeiro, o tatu só sentiu-se motivado a construir outra toca, após a destruição da primeira, quando da realização da primeira campanha. Logo, mediante os dados obtidos, não se pode concordar com as conclusões do trabalho supracitado, que aponta para um grande índice perturbação dos níveis arqueológicos, após atividades de animais, como os tatus.

Dessa forma, com o demonstrado acima, pode ser afirmado que os níveis arqueológicos do sítio Furna do Umbuzeiro apresentam um grau de preservação considerável e permitiu estabelecer uma coluna crono-estratigráfica coerente, como visível na **Tabela 01** (pp. 10).

7.1.2. SÍTIO ARQUEOLÓGICO BAIXA DO UMBUZEIRO

Os resultados obtidos com a análise dos sedimentos coletados na fogueira 1, do sítio Baixa do Umbuzeiro, através dos métodos de datação da TL e LOE, a primeira vista

podem não parecer coerentes. A aplicação destes métodos foi possível porque os sedimentos localizados logo abaixo de fogueiras acesas são alterados pela ação direta do calor, o que apaga a luminescência do quartzo e do feldspato, presentes na amostra mineralógica. Como apresentado no segmento acima, os resultados obtidos nas primeiras análises realizadas foram coerentes, apresentando uma cronologia anterior àquela estabelecida para o primeiro componente cultural do sítio Furna do Umbuzeiro. As idades definidas, através da média de anos contados em quatro amostras diferentes da fogueira 1, foram: (1) através do LOE, 5434 ± 1173 anos; (2) através da TL, 5344 ± 1105 anos. Estes dados, oriundos de dois métodos de datação distintos, apresentaram resultados concordantes. No entanto, a distância cronológica dos resultados radiocarbônicos levou a reconsiderar esses resultados. Nesse sentido, novamente foi aplicado o método da TL, em novas amostras da fogueira 1. Dessa vez, os resultados obtidos foram: 3761 ± 811 anos.

Por outro lado, considerando as margens de erro registradas, para os dois métodos e nos dois momentos de análise, podemos estabelecer uma média cronológica para a ocupação a céu aberto, anterior há 4000 A.P., o que relaciona a ocupação com as últimas datas obtidas no sítio em abrigo, a Furna do Umbuzeiro – 3630 ± 32 A.P. Dessa maneira, relaciona-se com o nível arqueológico onde foram registrados, fragmentos ósseos humanos e animais, além de uma cova preenchida com coprólitos humanos. Este fato, como será visto mais adiante, foi de crucial importância para a continuidade das pesquisas e confirmação das questões aqui levantadas.

Quanto a gênese da estrutura escavada, a fogueira 1, como ficou evidenciado no perfil sul da sondagem realizada na segunda campanha, foi possível determinar que mesma possuía uma origem antrópica. Apesar do alto índice de lixiviação do solo, decorrente da ação das águas pluviais, geralmente torrenciais nos períodos chuvosos, ainda foi possível perceber, através da textura e da coloração dos sedimentos, duas camadas geológicas cortadas por uma cova semicircular de ± 1 m de diâmetro, por ± 80 cm de profundidade (**Figura 62**). No interior desta cova, o sedimento apresentava uma coloração mais escura e uma textura que sugeria ter sofrido a ação de um calor intenso. Além disso, foi possível perceber durante as decapagens realizadas, a existências de minúsculos fragmentos de carvão, dissolvidos pelas chuvas.

Logo, mediante o intervalo cronológico obtido com as análises sedimentares realizadas, duas interpretações podem ser sugeridas, para a relação espaço-temporal

estabelecida entre os sítios. Devido à intensa e curta ação pluvial, a área caracteriza-se por um tipo de deposição negativa, ou seja, pela perda de sedimentos neogênicos. Dessa forma, é possível que os níveis de ocupações mais recentes, tenham sido carreados para o leito do Riacho das Areias, restando apenas os níveis com cronologias próximas ao quarto milênio.

Outra explicação plausível, para essa diferença cronológica registrada pode ser decorrente das mudanças climáticas ocorridas durante o Holoceno, na região (Mutzenberg, 2007). Os períodos mais próximos do quarto milênio, ainda se caracterizavam por um clima mais úmido, com cobertura vegetal mais densa, por uma maior disponibilidade de recursos hídricos e, conseqüentemente, de recursos faunísticos. Assim, as duas áreas, o abrigo e o terraço fluvial, eram ocupados concomitantemente. Com o aumento da temperatura e a redução dos recursos hídricos e da cobertura vegetal, a ocupação do terraço fluvial pode ter sido substituída por um assentamento mais prolongado no abrigo sob-rocha.

Entretanto, a escolha entre uma ou outra interpretação ainda não é possível com os dados obtidos até o presente momento. Para isto, será preciso escavar e datar outras estruturas de combustão, que foram registradas em todo o vale do Riacho das Areias. Somente dessa forma, será possível configurar mais objetivamente o padrão de assentamento registrado nos dois sítios estudados.

7.2. O MATERIAL CERÂMICO: PERFIL TECNOLÓGICO

Após a análise do material cerâmico dos sítios em questão, mediante as similaridades técnicas e formais, o conjunto foi considerado como pertencente ao mesmo horizonte cultural. Entretanto, durante a análise, foram considerados conjuntos distintos, na busca de relações perceptíveis entre os perfis definidos. No sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro foi registrado um total de cinquenta e quatro (54) fragmentos cerâmicos, dos quais quarenta (40) foram analisados. No sítio Baixa do Umbuzeiro, o total registrado foi de 29 fragmentos, dos quais todo o universo foi analisado.

Quanto ao tipo de pasta, na Furna do Umbuzeiro, foram registrados dois tipos: a pasta 1 (68%) e a pasta 2 (32%). As diferenças entre essas pastas se deram mais pela textura dos fragmentos, que por diferenças qualitativas em relação ao antiplástico: quartzo e feldspato. Já na Baixa do Umbuzeiro, foram identificados três tipos de pastas: a pasta 1 (10%), a pasta 2 (62%) e a pasta 3 (28%). As diferenças entre essas pastas apresentaram o mesmo padrão que o verificado no conjunto analisado no sítio Furna do Umbuzeiro: diferenças na textura, com a presença de fragmentos de quartzo nas mais variadas granulometrias. Esta diferença entre os tipos de pastas observadas pode estar relacionada mais à funcionalidade e as dimensões dos objetos cerâmicos, que ao horizonte cultural definido.

As técnicas de tratamento de superfície foram divididas em duas variáveis: (1) o tratamento de superfície externa e (2) o tratamento de superfície interna. Para o primeiro, no sítio Furna do Umbuzeiro, foram identificadas as seguintes técnicas: alisado (67%), polido (19%), pintado de vermelho (6%), polido e pintado de vermelho (5%), brunido e pintado de vermelho (3%). Como técnicas de tratamento das superfícies internas foram identificadas: alisado (56%), polido (25%), polido e pintado de vermelho (11%), pintado de vermelho (5%), brunido e pintado de vermelho (3%).

Na Baixa do Umbuzeiro, como tratamentos de superfície externa foram registrados: alisado (80%), pintado de vermelho (12%), polido e pintado de vermelho (4%), pintado de branco (4%). Como tratamento de superfície interno: alisado (52%), polido (20%), pintado de vermelho (20%), polido e pintado de vermelho (8%).

Estas diferenças técnicas verificadas nos dois conjuntos analisados podem estar relacionadas a diferenças funcionais do vasilhame em questão. As relações entre pastas e tratamentos de superfície observadas indicam que essa é uma explicação plausível para o universo cerâmico analisado.

Quanto aos tipos de bordas e lábios identificados, todas as bordas foram classificadas no tipo direto. Quanto aos lábios, apenas um foi classificado como plano, enquanto o restante da amostra, arredondado. A técnica de manufatura identificada foi o acordelado. O tipo de queima foi incompleta, com poucos fragmentos apresentando

queima completa. No entanto, o universo analisado apresenta-se, em sua maioria, bem sinterizado.

A única forma identificada nas vasilhas reconstituídas – cinco (05) da Furna do Umbuzeiro e um (01) da Baixa do Umbuzeiro – foi a definida como forma 1, ou elipsóide horizontal, com variação no diâmetro de 30cm a 46 cm, Os tamanhos identificados foram: grande (entre 4 l e 16 l) e extra grande (entre 16 l e 50 l). Considerando tamanho e técnicas de tratamento de superfície interno, pode-se inferir que o vasilhame estudado era utilizado para armazenamento de sólidos e líquidos (polimento e brunimento) e usos culinários (alisamento).

Estas características tecnológicas apresentadas inserem o universo analisado no horizonte cultural da cerâmica Pedra do Caboclo (Brochado, 1984), subtradição Papeba (Martin, 2008). As formas reconstituídas, por sua vez, inserem no conjunto delimitado como representante da referida cultura (**Figura 91**).

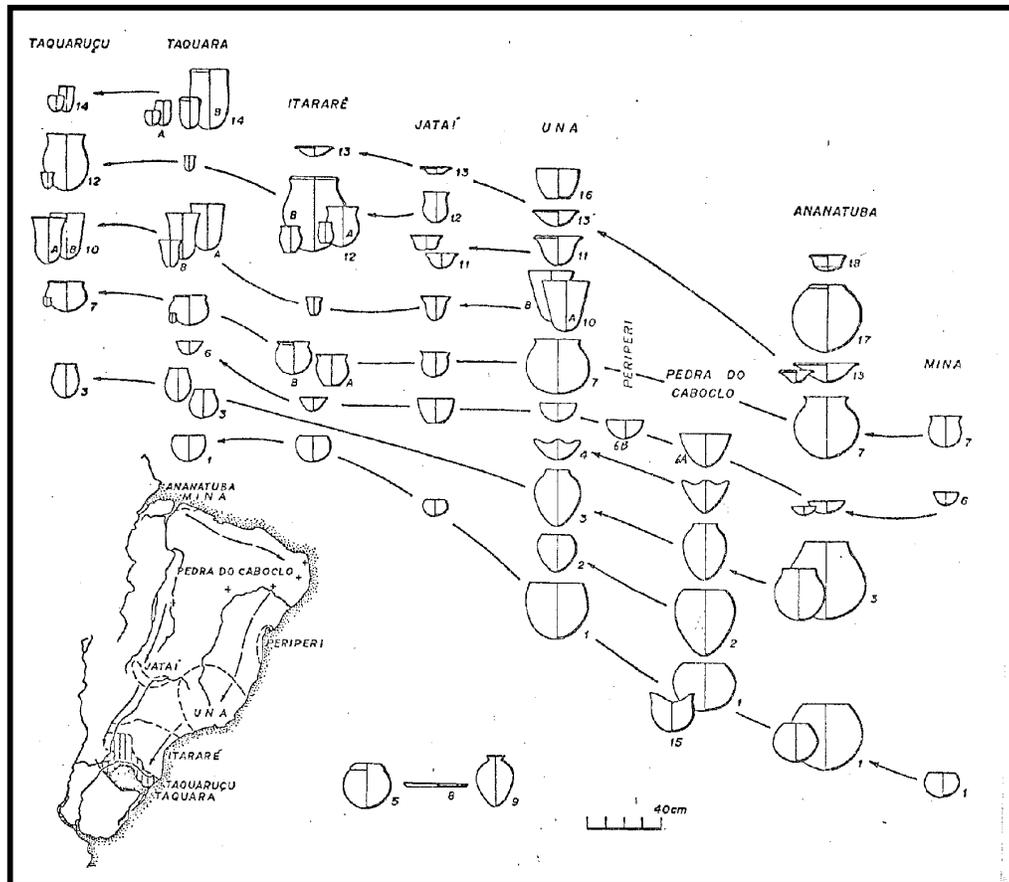


Figura 91: Carta de representação das formas do vasilhame da Tradição Pedra do Caboclo: distribuição dos estilos (Brochado, 1984).

Dessa maneira, não se pode afirmar que o conjunto cerâmico analisado possa ser relacionado com a Tradição Aratu (**Figura 92**). As características tecno-morfológicas aqui descritas, não permitem tal correlação.

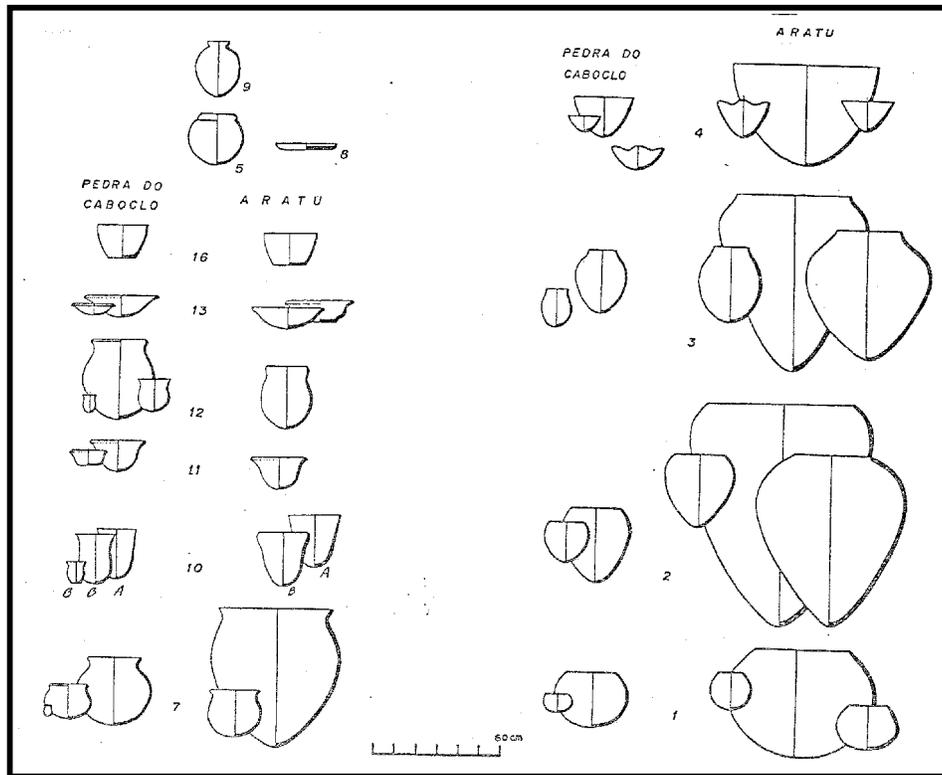


Figura 92: Comparação dos conjuntos de vasilhas da subtradição Aratu e da Tradição Pedra do Caboclo (Brochado, 1984).

O material cerâmico registrado no sítio Baixa do Umbuzeiro apresentou as mesmas características técnicas e formais que o universo analisado no sítio Furna do Umbuzeiro. Por isso, *a posteriori*, foram considerados como pertencentes a apenas um horizonte cultural.

Quanto à cronologia estabelecida para o conjunto cerâmico em análise, foi obtida através da datação de estruturas de fogueiras escavadas no sítio Furna do Umbuzeiro, entre as quais foi registrado um fragmento cerâmico sem indícios de percolação estratigráfica: fogueira 9, Et. 160. A idade de ± 2700 A.P. proporcionou um recuo no registro da presença da tecnologia cerâmica na área arqueológica do Seridó de quase mil anos (Martin, 2008). Este fato, em associação aos dados obtidos em outras áreas arqueológicas, tem apontado para uma interiorização do surgimento das cerâmicas regionais na América do Sul e para datas mais antigas do que postulou Brochado (1984).

No que diz respeito à relação espacial identificada entre os conjuntos cerâmicos dos dois sítios, ficou clara uma maior concentração nas áreas fora da linha de chuva da Furna do Umbuzeiro, onde foram escavadas as quadrículas H5 e I5. Este setor do abrigo se caracterizou por uma intensa queda de blocos, com dimensões que variavam de > 50 cm a < 10 cm de diâmetro. Por este motivo, é possível que a origem da maioria dos fragmentos cerâmicos coletados na escavação do sítio, seja proveniente dos abrigos menores, localizados logo acima do abrigo principal. Logo, a maioria do universo cerâmico analisado foi formada por fragmentos cerâmicos descontextualizados.

No entanto, foram encontrados alguns fragmentos em contextos deposicionais mais preservados. Entre estes, pode ser destacado o de nº 160, coletado na base da fogueira 9, na decapagem 5, há 25cm de profundidade. Este fragmento permitiu estabelecer uma cronologia de ± 2700 A.P., para a tecnologia cerâmica na área arqueológica do Seridó e a data mais recuada para os vestígios cerâmicos nos sítios aqui analisados.

Quanto ao material cerâmico registrado no sítio Baixa do Umbuzeiro, caracterizou-se pela baixa densidade, em relação ao material lítico coletado. Além da menor quantidade, o mesmo encontrava-se concentrado, em sua maioria, nas áreas de declive, próximas da pequena elevação que dá acesso ao abrigo. Considerando-se a intensa drenagem do curto período chuvoso que caracteriza a região e a presença dos fragmentos cerâmicos coletados nas áreas fora de linha de chuva (queda de blocos), sugere-se que o material cerâmico registrado no sítio Baixa do Umbuzeiro pode ter sua origem nas cotas mais altas do terreno. Dessa forma, estaria mais relacionado com as ocupações do abrigo do que as ocupações do sítio a céu aberto. Contudo, a única forma cerâmica reconstituída do sítio (Et. BU-155) foi identificada em associação direta com a fogueira 2, não escavada.

Nesse sentido, não podemos ser categóricos em não relacionar o material cerâmico ao sítio a céu aberto. A presença destes vestígios, em outros sítios com tipologia similar, que vêm sendo registrado na área arqueológica do Seridó (Martin *et alli*, 2008), tem apontado para uma relação entre a tecnologia cerâmica e este tipo de assentamento.

7.3. O MATERIAL LÍTICO

Quanto à relação espacial deste vestígio na Furna do Umbuzeiro, foi registrada uma baixa densidade de vestígios líticos, caracterizado por alguns raros fragmentos com marcas antrópicas, que consistiam em: (1) lasca de debitage, (2) matéria-prima exógena sem marcas de lascamento antrópica, (3) matéria-prima endógena, entretanto, (4) não foi registrado nenhum artefato lítico. A grande maioria dos vestígios líticos coletados caracterizava-se como fragmentos sem marcas de debitage, endógenos ou exógenos, utilizados na delimitação das estruturas de combustão.

Por outro lado, o sítio Baixa do Umbuzeiro apresentou uma maior densidade de vestígios líticos, principalmente em comparação com o material cerâmico. Foram registradas tanto lascas de debitage, como artefatos líticos, distribuídos em todo o perímetro percorrido, o qual ultrapassava os limites definidos para o sítio. Nesse sentido, pode ser afirmado que existia uma hierarquia quantitativa em relação aos vestígios líticos e cerâmicos, entre os dois sítios, que pode indicar funções específicas para cada área ocupada: o terraço fluvial e o abrigo sob-rocha. Isto vem fortalecer a hipótese de identificação de um sítio habitacional na área arqueológica do Seridó.

Logo, a relação espacial identificada entre os sítios, definida pela distribuição espacial dos vestígios líticos e cerâmicos, permitiu identificar: (1) uma maior concentração de vestígios cerâmicos no sítio em abrigo sob-rocha; (2) uma maior concentração de vestígios líticos no sítio a céu aberto. Nesse sentido, podem ser definidas duas áreas de ocupação com funções distintas, que podem caracterizar um padrão de assentamento habitacional.

A relação cronológica estabelecida também corrobora a hipótese de duas áreas integradas em um sistema de assentamento habitacional. Contudo, a ausência de datas posteriores a ± 3500 A.P., no sítio a céu aberto, pode indicar um abandono das áreas abertas, em detrimento de ocupações no interior de abrigos. Por sua vez, a ausência de cronologias estabelecidas para outras estruturas identificadas no sítio e para o material cerâmico nele identificado, ainda não permite nenhuma afirmação mais conclusiva quanto a esta interpretação.

O próximo vestígio, descrito no segmento seguinte, por outro lado, poderá tornar ainda mais complexo o padrão de assentamento aqui esboçado.

7.4. O MATERIAL ÓSSEO HUMANO

O material ósseo humano identificado no sítio Furna do Umbuzeiro, consistia em sua totalidade de fragmentos menores ou iguais a 5cm, geralmente com nítidas marcas de alteração pelo calor. Estes fragmentos não foram coletados em estruturas que permitissem a identificação de covas funerárias. Mas, foram evidenciados em associação direta com restos ósseos faunísticos, no interior ou na base de algumas das estruturas de combustão reveladas. Ao todo, foram identificados apenas onze (11) fragmentos ósseos humanos, em toda a área escavada. As formas anatômicas reconhecidas foram: (1) fragmentos de costela; (2) fragmento de diáfase do rádio; (3) diáfase de metacarpo; (4) fragmentos de crânio; (5) cinco fragmentos ósseos não identificados.

As principais características do universo analisado eram (1) a fragmentação, (2) sinais de alteração pelo calor e (3) dimensões reduzidas – < 5cm. Além disso, foram encontrados em várias decapagens realizadas, a partir dos 15cm de profundidade: decapagem 3, decapagem 6, decapagem 7, decapagem 10, decapagem 13, decapagem 14, decapagem 16 e decapagem 17. Apenas um fragmento ósseo (Et. 14) foi encontrado no nível superficial, o qual, diferente do universo analisado, não apresentou sinais de queima, mas sinais de exposição ao sol. Este fragmento se encontrava no terreno revolvido pelo tatu e pode ser proveniente de níveis bem mais profundos do sítio. Por isso, foi desconsiderado no universo de análise.

Quanto a cronologia que pode ser estimada para estes vestígios, através da coluna crono-estratigráfica definida, pode-se afirmar que foram registrados a partir dos 15cm de profundidade, em camadas abaixo das primeiras datas obtidas: 1315 ± 28 A.P.; 1316 ± 28 A.P.; 1775 ± 31 A.P. Nesse sentido, é possível estabelecer uma data posterior há 1800 A.P., para a presença de fragmentos humanos em estruturas de combustão. Quanto ao marco final do registro desta evidência, pode-se apenas ser afirmado que os mesmos possuem uma cronologia que ultrapassa o limite de 4000 A.P., definido para a

área escavada. A presença de material ósseo humano, em níveis não datados no presente trabalho, aponta para uma cronologia mais antiga ou para possíveis percolações estratigráficas. Mais uma vez, esta situação só poderá ser esclarecida com a continuidade das escavações no sítio em questão.

Entretanto, o fragmento ósseo humano mais relevante para algumas das proposições aqui verificadas, consiste em um pisiforme direito, com claras evidências de queima. Como já mencionado anteriormente, durante as análises realizadas, não foi descartada a possibilidade de perturbações e percolações estratigráficas para explicar a situação em que foram registrados os restos humanos. Devido ao fato da presença de uma toca de tatu na área escavada e da evidência da intensa reocupação do abrigo, esta não era uma possibilidade remota. Contudo, durante a segunda campanha, na decapagem 5, aos 25cm de profundidade da quadrícula J3, área escavada sem perturbação sedimentar por atividade animal, foi identificado o fragmento ósseo em questão. Quanto ao índice de perturbação antrópica, o mesmo também foi reduzido, porque o fragmento foi evidenciado na base de uma estrutura de combustão, bem estruturada: fogueira 18. Logo, foi possível definir uma deposição primária para este vestígio humano, que se encontrava em associação com restos faunísticos e vegetais.

A idade de 2666 ± 30 A.P. foi obtida na concentração de carvões associada à fogueira 9. Isto definiu uma data para os vestígios arqueológicos encontrados nesta profundidade. Além disso, este vestígio permitiu verificar que os outros fragmentos ósseos humanos, coletados em contextos parecidos, não são o resultado de uma percolação estratigráfica, já que na quadrícula J3, não foi registrado índices de perturbação sedimentar, que comprometesse a relação espacial identificada, entre os vestígios ósseos humanos e as estruturas de combustão.

Esta data e esta situação estratigráfica permitem relacionar os vestígios identificados a uma prática funerária, historicamente registrada na região, e associada a um grupo étnico bem definido cronológica e culturalmente, que adotava esse ritual fúnebre: os Tarairiú.

7.5. OS RESTOS VEGETAIS

Quanto aos restos vegetais evidenciados no sítio arqueológico Furna do Umbuzeiro, pode-se afirmar que os mesmos apresentaram evidências de manipulação antrópica, o que sugere a existência de uma grande estrutura construída no abrigo, com matéria-prima vegetal. Contudo, avançado estado de deterioração em que foi encontrada, não permitiu qualquer identificação objetiva da mesma. Apenas pode ser verificado, uma lente de $\pm 15\text{cm}$ de restos vegetais, evidenciada entre as decapagens 3 e 6, onde foram encontrados fragmentos de cordéis e vestígios de cestaria.

Esta lente de restos vegetais encontrava-se entre duas lentes de cinza e carvão, que constituíam fogueiras realizadas antes e após a sua formação. Foram identificados fragmentos vegetais de origem natural, em grande quantidade, o que pode ter contribuído para a conservação dos fragmentos de origem antrópica identificados. No entanto, o calor das estruturas de combustão mencionadas pode ter contribuído para o avançado estado de deterioração da estrutura de restos vegetais. A mancha de restos vegetais estava distribuída nas quadrículas: I2, I4, J2, J3, J4, L3 e L4. No entanto, a maior concentração do vestígio se encontrava nas quadrículas J3 e J4.

Foram identificados seis (06) fragmentos de material trançado, concentrados principalmente nos níveis representados pelas decapagens 3 e 4: etiquetas nº 319, nº 560, nº 600, nº 603, nº 610 e nº 611. As técnicas de trançado identificadas foram: (1) o torcido, (2) o entretorcido ou torcido, (3) e o enlaçado imbricado. Não foi possível identificar a matéria-prima com que estes artefatos foram confeccionados, mas é provável que tenham sido utilizadas palmáceas ou bromeliáceas, que eram abundantes na região – até períodos recentes – e estavam configuradas no registro de restos vegetais de origem natural. Por outro lado, foi possível identificar as partes constituintes das plantas que foram utilizadas. Em todo o universo analisado, foram elas: (1) a palha, (2) o talo (3) a tala, (4) o caule, (5) caule de palmeira, (6) a fibra de folha e (7) a entrecasca de caule. No entanto, os artefatos em material vegetal foram confeccionados, em sua maioria, em talos e fibras, sendo apenas um em palha.

Este vestígio consiste em um fragmento de palha enlaçado imbricado, o qual foi identificado na decapagem 3 da quadrícula i3, durante primeira campanha realizada no sítio. Tal vestígio, associado a identificação de uma lente de restos vegetais que se estendia desde o perfil sul e oeste da quadrícula I3, até o perfil norte e oeste da quadrícula

I5, fortaleceram a escolha de realização de decapagens naturais e em superfície ampla, durante a segunda campanha, com o objetivo de identificar estruturas de restos vegetais preservadas. Isto, foi confirmado a partir de decapagem 3 (15cm), demonstrando uma regularidade estratigráfica para o vestígio em questão.

Novamente, como poucas estruturas das decapagens 3 ou 4 apresentaram condições para fornecer datações confiáveis, a idade desses vestígios teve de ser estimada a partir das datas obtidas com a datação de fogueiras evidenciadas nas decapagens 1 e 5. Nesse sentido, o intervalo obtido para outros vestígios, verticalmente datados, de 1800 A.P. a 2000 A.P., pode aqui também ser considerado.

Esta cronologia, assim como as outras obtidas nos diversos vestígios analisados e datados, permite inserir o componente arqueológico escavado num intervalo cronológico coerente, que permite a relação aqui proposta, entre cultura material e contexto etnohistórico. Em outras palavras, considerando as fragilidades das datas obtidas mediante técnicas de datação lingüísticas e os poucos dados antropométricos que até o momento se tem a mão, a seqüência cronológica definida para o sítio Furna do Umbuzeiro, permite uma relação objetiva com os grupos etnohistóricos descritos na região, no século XVII. Juntem-se a isto, os dados provenientes da cultura material e a relação espacial identificada entre os vestígios ósseos e humanos, esta proposição começa a adquirir certa plausibilidade. Ou seja, configura-se melhor a relação sugerida entre a cultura material da área arqueológica do Seridó e a cultura material e o padrão de assentamento dos Tarairiú.

8. CAPÍTULO 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes das conclusões finais, faz-se necessário lembrar as questões aqui destacadas e as hipóteses sugeridas como respostas para as mesmas. Foram elas:

1. Os sítios analisados consistem em unidades de um padrão de assentamento habitacional, já que não se enquadram no padrão de assentamento ritualístico, definido para a área arqueológica do Seridó?
2. Existe uma relação espaço-temporal entre os sítios analisados? Ou seja, são assentamentos pertencentes ao mesmo horizonte cultural?
3. Os sítios podem ser considerados uma área habitacional dos grupos autores dos grafismos rupestres?
4. O perfil tecnológico identificado permite relacionar os sítios aos grupos etnohistóricos, descritos pela documentação do século XVII: os Tarairiú?

Como hipóteses explicativas para estas questões, foram propostas:

1. Os sítios consistem em um padrão de assentamento habitacional;
2. Existe uma relação espaço-temporal entre as duas ocupações;
3. Existe uma relação tecnológica entre os vestígios cerâmicos coletados em ambos os sítios;
4. Os sítios podem ser relacionados aos Tarairiú, que habitaram a região, desde épocas remotas – ± 7000 A.P. – até o século XVII;
5. Devido à profundidade cronológica estabelecida lingüisticamente para esta língua isolada, o Tarairiú, os grupos falantes podem ter uma relação de descendência com os grupos autores dos grafismos rupestres;
6. O sítio Furna do Umbuzeiro foi utilizado tanto para fins habitacionais como para a realização de possíveis rituais endocanibais, o que mais uma vez o relaciona aos Tarairiú.

Quanto à relação espaço-temporal entre as duas ocupações, através das cronologias estabelecidas para ambas, foi comprovada a hipótese que afirmava esta relação. As cronologias de 3630 ± 32 A.P. – Furna do Umbuzeiro – e 3760 ± 811 A.P. – Baixa do Umbuzeiro – relacionam os últimos níveis datados do sítio em abrigo sob rocha com a estrutura de combustão escavada no terraço fluvial. Além disso, a distribuição diferenciada dos vestígios líticos e cerâmicos, entre os dois sítios, aponta para funcionalidades distintas entre os dois assentamentos: (1) o sítio a céu aberto, um acampamento temporário utilizado para a confecção de artefatos líticos e (2) o sítio em abrigo, preparação de alimentos e, possivelmente, práticas funerárias endocanibais.

A Baixa do Umbuzeiro, caracterizada como um acampamento temporário a céu aberto pode ser identificada como uma área habitacional, já que apresenta todas as variáveis estabelecidas para sua definição na área arqueológica do Seridó: (1) a presença de estruturas de combustão circulares e cobertas por uma lente de quartzos pirofraturados (fogueiras ou fornos subterrâneos); (2) distribuição espacial regular e com características intencionais; (3) material lítico variado e material cerâmico simples associado às estruturas de combustão e ao perímetro delimitado como sítio arqueológico

Já o sítio Furna do Umbuzeiro apresentou: (1) estruturas de combustão formadas por fogueiras superpostas (fogões), que indicam a reutilização do mesmo espaço do abrigo, ao longo dos milênios; (2) presença de material cerâmico simples, relacionado a Tradição Pedra do Caboclo, subtradição Papeba; (3) material lítico, lascado e polido, em baixa densidade; (4) presença de restos vegetais (trançados), de procedência antrópica; (5) ausência de enterramentos (6) presença de fragmentos ósseos humanos, associados aos restos alimentares (faunísticos) e às estruturas de combustão.

Além de confirmar a hipótese de um assentamento do tipo habitacional, para ambos os sítios, estes dados permitem relacionar a cultura material evidenciada aos grupos etnohistóricos do Seridó potiguar: os Tarairiú. Esta interpretação é reforçada pela presença de fragmentos ósseos humanos, em contextos não funerários, que podem ser identificados como vestígios de um ritual endocanibal. Esta característica cultural é um diferencial que permite identificar os Tarairiú, em relação às outras populações que habitavam o semi-árido nordestino. Por este motivo, estabelece-se aqui a plausibilidade da relação de identidade para a cultura material em questão.

No entanto, a relação cronológica possível entre os dois sítios, só permite uma confrontação com períodos posteriores a ± 3700 A.P. Isto, como já mencionado antes, pode se dada por duas razões: (1) a perda de sedimentos recentes, no sítio a céu aberto, devido à intensa e curta ação pluvial nos terrenos da região, dessa maneira, apenas foram registrados os níveis com esta cronologia foram registrados e, mesmo assim, encontram-se em processo de degradação eminente; (2) em processo de adaptação às mudanças climáticas ocorridas desde o Holoceno Médio, os grupos que ocuparam os sítios foram gradualmente abandonando o terraço fluvial, em favor de ocupações mais prolongadas no abrigo.

No entanto, a segunda explicação não apresenta consistência porque o sítio apresenta pequenas dimensões para a ocupação de um grupo humano. Por outro lado, as mudanças climáticas podem ter forçado os agrupamentos a reduzir seu tamanho. Outro fator que ainda não permite escolher a segunda interpretação é que apenas uma estrutura de combustão foi datada. Durante as varreduras do terreno realizadas no vale do Riacho das Areias, foram identificadas quase uma centena de estruturas com características morfológicas similares às aquelas registradas na Baixa do Umbuzeiro. Logo, os dados que se apresentam são ainda muito poucos para escolher qualquer uma das explicações possíveis.

Quanto à relação tecno-morfológica dos vestígios cerâmicos, pode ser identificado no universo analisado, as mesmas características técnicas e formais. Essas características relacionam o material cerâmico de ambos os sítios a Tradição Pedra do Caboclo, subtradição Papeba, com um recuo cronológico na área arqueológica do Seridó, para ± 3700 A.P. A possibilidade de carreamento do material cerâmico do sítio em abrigo, para as cotas mais baixas do terraço fluvial, ainda não foi um fator descartado. No entanto, ainda não foi possível negar uma relação espacial entre os vestígios cerâmicos e o assentamento a céu aberto. Mediante os dados até o momento obtido (Martin *et alli*, 2008) é possível que esta relação com a tecnologia cerâmica seja comprovada em outros sítios registrados na região.

Nesse sentido, pode ser dito que ambos os sítios compõem um componente cultural, definido com melhor clareza no sítio em abrigo. Este último se caracterizou pela presença de reocupações sazonais e sucessivas que duraram mais de dois milênios. Outro fator também observado é que esta sazonalidade pode ter obedecido ao regime

pluviométrico, que começou a se configurar na região, a partir do Holoceno Médio (Mutzenberg, 2007). Logo, a relação espaço-temporal estabelecida permitiu definir um padrão de assentamento habitacional sazonal, que pode estar relacionado a um horizonte cultural comum, o qual pode ter sido registrado em momentos históricos, no século XVII.

Por sua vez, isto relaciona o sítio Furna do Umbuzeiro às últimas ocupações do sítio Pedra do Alexandre, que se caracterizaram pelo abandono das práticas funerárias de inumação. Quanto à relação com os autores dos registros rupestres, nada ainda pode ser afirmado em relação à Tradição Nordeste, subtradição Seridó. No entanto, as similaridades percebidas entre a Furna do Umbuzeiro e o sítio Casa de Pedra, podem indicar que o componente arqueológico aqui definido estaria relacionado à prática de grafismos gravados e pintados, mais relacionados ao horizonte cultural denominado Agreste (Martin, 2008). Nesse sentido, teria sido identificada uma área habitacional do grupo autor de uma das tradições rupestres registradas na área arqueológica do Seridó. Porém, esta ainda é uma resposta em aberto, que precisa de muitos mais dados arqueológicos para ser respondida. Mesmo mediante o longo desenvolvimento histórico e cultural, aqui sugerido para a região: a identificação da tradição arqueológica Tarairiú.

Outro fator que possibilita delimitar esta, como uma interpretação possível, são os elementos cerâmicos e a indústria lítica de tecnologia rudimentar, identificados em ambos os sítios, os quais relacionam as ocupações a períodos do Holoceno mais recente. De acordo com as datas obtidas, posteriores a 4000 A.P., esta determinação cronológica permite, por sua vez, uma relação mais direta com as populações etnohistóricas aqui descritas. Independente das margens de erros, que os métodos de datação lingüística possam apresentar, a data determinada para os sítios pode muito bem ser inserida na idade estimada de ± 7000 A.P. (Urban, 1998) para a língua isolada, denominada Tarairiú. No entanto, apesar da sobrevivência da língua e dos grupos falantes até o século XVII, não podemos esquecer que existe uma diferença cronológica entre as datas estabelecidas para os sítios e a datação lingüística. Além do mais, deve ser sempre levado em consideração, que as datações lingüísticas são realizadas através de métodos estatísticos, que apresentam resultados nem sempre confiáveis.

Considerando ainda o perfil tecnológico definido, não só para as ocupações em análise, mas para boa parte da cultura material da área arqueológica do Seridó, podem ser citadas as seguintes variáveis: (1) presença de tecnologia cerâmica simples – Tradição

Pedra do Caboclo, subtradição Papeba; (2) indústria lítica com tecnologia rudimentar, possivelmente relacionada aos períodos finais da Tradição Potiguar (Silva-Méendes, 2008); (3) presença de restos vegetais trançados; (4) presença de fragmentos ósseos humanos em contextos não tipicamente funerários; estes dois últimos, mais relacionados a assentamentos em abrigo sob-rocha. Tais características, quando somadas aos outros resultados obtidos, tornam cada vez mais viável a hipótese de identificação de uma cultura arqueológica Tarairiú, na área arqueológica do Seridó.

A constatação de uma preservação estratigráfica nos níveis escavados, apesar da presença de perturbações biológicas, permitiu verificar uma deposição primária para os fragmentos ósseos humanos identificados. Este fato aponta para a confirmação do registro de uma prática funerária endocanibal na área arqueológica do Seridó. Nesse sentido, a associação comprovada entre restos faunísticos e humanos, no interior de estruturas de combustão, permitiu identificar uma possível função crematória para as estruturas de combustão evidenciadas no sítio Furna do Umbuzeiro. Isto, por sua vez, reforça a hipótese aqui proposta, a identificação de uma tradição arqueológica Tarairiú.

No entanto, o presente trabalho reconhece seus limites, já que se caracteriza como um estudo de caso com objetivos ousados. Mas as proposições aqui dispostas só terão a profundidade necessária para a sua comprovação, com a construção e o estabelecimento de uma linha de pesquisa com estes objetivos bem definidos. Neste sentido, a presente tese só terá o grau de confiabilidade requerido para sua comprovação, com a realização de novas pesquisas, nessa perspectiva aqui lançada, as quais são as pretensões profissionais do autor do trabalho.

Nesse momento, atinge-se um ponto crucial na análise e na interpretação arqueológica: o problema das fontes arqueológicas. Com se sabe, o registro arqueológico é sempre vestigial e lacunar. Além disso, existe ainda a possibilidade de uma mesma cultura material ser compartilhada por grupos histórica e culturalmente distintos. Logo, a cultura material, utilizada para a definição de um perfil tecnológico que se propõe a construção de uma identidade cultural, apresenta alguns limites heurísticos que, como foi aqui demonstrado, podem ser mais bem esclarecidos, com o uso de abordagens interdisciplinares. Dessa forma, mesmo com as recorrências arqueológicas e etnohistóricas apresentadas, a definição de uma tradição Tarairiú é uma possibilidade interpretativa para verificação futura.

Nesse sentido, como corroborar as observações aqui apresentadas? Somente com mais dez (10) anos de pesquisas sistemáticas, em todas as áreas apontadas na presente tese, será possível delimitar algumas respostas verificáveis. Em outras palavras, o que se inicia aqui, pretende-se como um trabalho de vida, onde a delimitação de fronteiras culturais, a partir dos dados arqueológicos, será o norte das pesquisas.

Outro fator, que destoa da maioria dos sítios habitacionais identificados e foi registrado nos sítios em análise, diz respeito a sua localização topográfica. Em detrimento da escolha de pontos geográficos que permitam uma maior visibilidade do entorno, ambos os sítios foram assentados no interior de um vale fechado. Isto pode ser relacionado com as características geológicas do próprio vale do Riacho das Areias, que apresenta um nicho protegido, com boa visibilidade das áreas abertas que constituem a bacia hidrográfica do Riacho Carnaúba (Mutzenberg, 2007).

Porém, isto pode indicar uma característica cultural, descrita para os Tarairiú, na documentação histórica: uma grande e temida ferocidade. Este fato aponta para uma segurança na garantia dos recursos hídricos, alimentares e tecnológicos. Cabe ainda considerar, que há 2000 A.P. as culturas ceramistas, oriundas da Amazônia, já se encontravam estabelecidas em boa parte do território do Nordeste brasileiro. Isto não tornava a região livre da ameaça de ataques estrangeiros. Esta falta de temor quanta a garantia da posse territorial é atestada na documentação histórica (Baro, 1979), que deixa clara a relutância de Janduí em abandonar a área em que se encontrava, antes da conclusão dos rituais e festividades previstos; mesmo mediante a ameaça de ataque de tropas portuguesas, auxiliadas pelos Paiacú, seus inimigos tradicionais.

Mais uma vez, características culturais Tarairiú, podem ser percebidas nos dois sítios analisados. No entanto, os limites de um estudo de caso, não permitem ser categórico em tais afirmações. Logo, o presente trabalho, antes de responder as questões aqui apresentadas, trouxe novas questões, que impulsionam a continuação das pesquisas.

São elas:

1. A distribuição espacial dos vestígios cerâmicos é primária ou o efeito do carreamento de vestígios pela ação pluviométrica?
2. Por que a estrutura escavada na Baixa do Umbuzeiro se relaciona apenas com os níveis mais antigos, datados no sítio Furna do Umbuzeiro?

3. Os dois sítios foram ocupados concomitantemente em períodos mais recentes ou a desertificação empurrou os grupos humanos do terraço fluvial, para ocupações mais prolongadas no abrigo?
4. Existe uma relação entre este perfil tecnológico definido com algumas das tradições gráficas identificadas na área arqueológica do Seridó?
5. É possível afirmar que foi registrado o endocanibalismo, como prática funerária, no sítio Furna do Umbuzeiro?
6. Finalmente, os sítios e o perfil tecnológico definido podem ser de maneira categórica, relacionados aos Tarairiú?

Como é possível perceber e aqui reconhecido, os dados arqueológicos são ainda insuficientes, para responder questões tão amplas, como as acima arroladas. Como palavras finais e, sem medo de ser tornar repetitivo, para que estas questões sejam respondidas, mostra-se necessária a continuação de pesquisas com esta perspectiva. Somente desta maneira, será possível definir este enclave pré-histórico e proto-histórico para a área arqueológica do Seridó.

9. BIBLIOGRAFIA

ABREU, João Capistrano. *Capítulos Da História Colonial & Caminhos Antigos E O Povoamento Do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

AB'SÁBER, Aziz. *Os Domínios De Natureza No Brasil: Potencialidades Paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALVIM, Marília C. de M.; SOUZA, Sheila M^a F. M. de. *Relações Biológicas Entre Populações Indígenas Atuais E Pré-históricas Do Brasil*. In: **Clio – Série arqueológica**, v. 1, n. 6, pp. 69-79. Recife: Editora Universitária UFPE, 1990.

ALVIM, Marília C. de M.; UCHÔA, Dorath P.; SILVA, Francisco S. M. da. *Osteobiografia Da População Pré-histórica Do Abrigo Pedra Do Alexandre, Carnaúba Dos Dantas, RN*. In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 1, n. 11, pp. 17-42. Recife: Editora Universitária UFPE, 1995/1996.

ANGELUCCI, D. *A Partir Da Terra: A Contribuição Da Geoarqueologia*. In: MATEUS, J.; MORENO-GARCÍA, M. (Eds.). *Paleoecologia Humana E Arqueociências: Um Programa Multidisciplinar Para A Arqueologia Sob A Tutela Da Cultura*. In: **Trabalhos de Arqueologia**, n. 29, pp. 35-103. Lisboa: Ministério da Cultura (MIC), 2003.

ASSIS, Valéria S. *Da Espacialidade Tupinambá*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1996.

AZEVEDO, R. L.; SANTANA, S. T.; KHOURY, H. J.; SULLASI, H. L.; BORGES, F. M. ÁVILA, G. M.; PESSIS, A.M. *Datação Por Termoluminescência Da Fogueira Pré-histórica Do Sítio Arqueológico Baixa Do Umbuzeiro – RN*. (no prelo).

BARLEUS, Gaspar. *História Dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos No Brasil*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980.

BERTRAND, Daniel. *Os Grupos Caçadores-coletores Do Rio Grande Do Norte*. In: **Mneme – Revista de Humanidades**, v.9, n.23, pp. 45-59. Caicó: CERES/UFRN, 2007. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme23/222.pdf>

BILLMAN, B. R.; LAMBERT, P. M.; LEONARD, B. L. *Cannibalism, Warfare And Drought In The Mesa Verde Region In The Twelfth Century A.D.* In: **American Antiquity**, v. 65(1), 145-178. New York: Society of American Archaeology, 2000.

BINFORD, Lewis. *Smudge Pits And Hide Smoking: The Use Of Analogy In Archaeological Reasoning*. In: **American Antiquity**, v. 32, n. 1, pp. 33-51. 19667. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/278774>

BORGES, Fabio Mafra. *Endocanibalismo Na Área Arqueológica Do Seridó*. In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 1, n. 23, pp. 18-35. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.

_____. *Marim Dos Caeté: Caracterização Histórico-Arqueológica Do Sítio Do Campo, Paulista – PE (Séculos XVII E XVIII)*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2005.

BROCHADO, José Proenza. *An Ecological Model Of The Spread Of Pottery And Agriculture Into Eastern South America*. Tese de Doutorado. Urbana: University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984.

_____. *What Did The Tupinambá Cook In Their Vessels? A Contribution To Ethnographic Analogy*. In: **Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)**, v. 6. SAB, 1991.

BUTZER, Karl W. *Arqueologia – Uma Ecologia Del Hombre: Método Y Teoría Para Um Enfoque Contextual*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, S.A., 1989.

CÂMARA CASCUDO, Luis da. *Ensaio De Etnografia Brasileira: Pesquisas Na Cultura Popular No Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.

_____. *História Do Rio Grande Do Norte*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

CLARK, Grahame. *A Identidade Do Homem: Uma Exploração Arqueológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

COELHO, Duarte Pereira. *Cartas De Duarte Coelho A El-Rei*. Recife: Editora Universitária UFPE, 1967.

CPRM. *Carta Geológica. Folha Jaguaribe – SE.SB.24-Z*. Escala: 1:500.000. 2000.

CPRM. *Projeto De Cadastro De Fontes De Abastecimento Por Água Subterrânea Do Rio Grande Do Norte: Diagnóstico Do Município De Acari*. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005a.

CPRM. *Projeto De Cadastramento De Fontes De Abastecimento Por Água Subterrânea Do Rio Grande: Diagnóstico Do Município De Carnaúba Dos Dantas*. Recife: CPRM/PRODEEM, 2002b.

CUNHA, M. C. da (org.). *História Dos Índios Do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T (orgs.). *Geomorfologia do Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DANTAS, José de Azevedo. *Indícios De Uma Civilização Antiquíssima: Manuscrito Existente No Instituto Histórico E Geográfico Paraibano*. In: **Biblioteca Paraibana, n. XI**. João Pessoa: Editora União, 1994.

DeCamp, Elise. *Julian Steward*. 2010. Disponível em: http://www.indiana.edu/~wanthro/theory_pages/Steward.htm

DIAMOND, Jared M. *Talk Of Cannibalism*. In: **Nature**, v. 407, p. 25-26. www.nature.com: Macmillian Magazines, 2000.

FERNANDES, Florestan. *A Função Social Da Guerra Na Sociedade Tupinambá*. São Paulo: Editora Pioneira, 1970.

FERNANDES, João A. *Selvagens Bebedeiras: Álcool, Embriaguez E Contatos Culturais No Brasil Colonial*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2004.

- FONTES, Mauro A. F. *A Cerâmica Pré-histórica Da Área Arqueológica Do Seridó/RN*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2003.
- GORDON, Childe. *Evolução Cultural Do Homem*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- IDEMA. *Perfil Do Município De Carnaúba Dos Dantas*. Governo do Estado do Rio Grande do Norte. 1999.
- IDEMA. *Perfil Do Estado Do Rio Grande Do Norte*. Governo do Estado do Rio Grande do Norte. 2002.
- KATZENBERG, M. A.; SAUNDERS, S. R. *Biological Anthropology Of The Human Skeleton*. Nova Jersey: Wiley-Liss Press, 2008.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- LAROCHE, Armand F. G. *Ensaio De Classificações Tipológicas Sobre Pontas De Arremessos E Outros Objetos Líticos Da Tradição Potiguar Do Rio Grande do Norte*. **Coleção Mossoroense, Série B, nº 412**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1983.
- LAROCHE, Armand F. G. *O Sítio Arqueológico Pedra do Caboclo: Relato Duma Pesquisa Na Zona Agreste De Pernambuco*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1970.
- LATHRAP, Donald W. *O Alto Amazonas*. Editorial Verbo. Lisboa: 1975.
- LERY, Jean de. *Viagem À Terra Do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1961.
- LINDOSO, Dirceu. *Na Aldeia De Ia-ti-lhá: Etnografia Dos Índios Tapuias Do Nordeste*. In: ALMEIDA, L. S. de; SILVA, C. B. M. da; SILVA, A. H. L. da; VIEIRA, J. L. G.; SILVA, M^a E. F. da (org.). *Resistência, Memória, Etnografia – Índios Do Nordeste: Temas E Problemas, v. 8, pp. 25-50*. Macéio: EDUFAL, 2007.
- LOPES, Fátima Martins. *Missões Religiosas: Índios, Colonos E Missionários Na Colonização Do Rio Grande Do Norte*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1999.
- LOWIE, Robert. *The Tapuia*. In: **Handbook of South American Indians, v. 1**. New York: 1963.
- LYMAN, R. L.; O'BRIEN, M. J. *The Direst Historical Approach, Analogical Reasoning, And Theory In Americanist Archaeology*. In: **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 8, n. 04, pp. 303-342. 2001. Disponível em: <https://springerlink3.metapress.com/content/h82644kt1v25j756/resource-secured/?target=fulltext.pdf&sid=3nsegiugzw1jdv55qpc11ji&sh=www.springerlink.com>.
- MACEDO, H. A. M. de. *Patrimônio Arqueológico Em Carnaúba Dos Dantas: Pesquisas Realizadas entre 1924 E 2005*. In: **Coleção Mossoroense – Série “C”, v. 1564**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2009.
- _____. *Histórias Indígenas No Sertão Do Seridó (Séculos XVI-XX)*. In: BUENO, Almir de C. (org.). *Revisitando A História Do Rio Grande Do Norte*, pp. 13-52. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009.

MARLAR, R. A.; LEONARD, B. L.; BILLMAN, B. R.; LAMBERT, P. M.; MARLAR, J. E. *Biochemical Evidence Of Cannibalism At A Prehistoric Puebloan Site In Southwest Colorado*. In: **Nature**, v. 407, p. 74-78. www.nature.com: Macmillian Magazines, 2000.

MARTIN, Gabriela. *A Coleção Arqueológica Do Museu De Mossoró – RN*. In: **Clio – Revista do Mestrado de História**, n. 3, pp. 73-87. Editora Universitária UFPE, 1980.

_____. *Arte Rupestre E Registro Arqueológico No Nordeste Do Brasil*. In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 1, n. 9, pp. 45-56. Recife: Editora Universitária UFPE, 1993.

_____. *Arte Rupestre No Seridó (RN): O Sítio Mirador Do Boqueirão De Parelhas*. In: **Clio: Revista do Curso de Mestrado em História**, n. 7, pp. 81-95 – **Série Arqueológica**, n. 2. Recife: Editora Universitária UFPE, 1985.

_____. *Casa Santa: Um Abrigo Com Pinturas Rupestres Do Estilo Seridó, No Rio Grande Do Norte*. In: **Clio: Revista do Curso de Mestrado em História**, n. 5, pp. 57-78. Recife: Editora Universitária UFPE, 1982.

_____. *Fronteiras Estilísticas E Culturais Na Arte Rupestre Da Área Arqueológica do Seridó (PB, RN)*. In: **Clio – Série Arqueológica**, v.1, n. 16, pp. 11-32. Recife: Editora Universitária UFPE, 2003.

_____. *Novos Dados Sobre As Pintura Rupestres Do Seridó, No Rio Grande Do Norte*. In: **Clio – Série Arqueológica – Anais do Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro**, v. 1, n. 4, pp. 141-146. Recife: Editora Universitária UFPE, 1991.

_____. *O Cemitério Pré-histórico “Pedra Do Alexandre” Em Carnaúba Dos Dantas, RN (Brasil)*. In: **Clio – Série arqueológica**, v. 1, n. 11, pp.43-57. Recife: Editora Universitária UFPE, 1995/1996.

_____. *Os Rituais Funerários Na Pré-história Do Nordeste*. In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 1, n. 10, pp. 29-46. Recife: Editora Universitária UFPE, 1994.

_____. *Os Sítios Rupestres No Seridó, No Rio Grande Do Norte (Brasil) No Contexto Do Povoamento Da América Do Sul*. In: **FUNDHAMENTOS**, v. 1, n. 1, pp. 339-346. **Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas**. São Raimundo Nonato: FMHA, 1996.

_____. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

_____. *Quando Os Índios Não Eram Índios: Reflexão Sobre As Origens Do Homem Pré-histórico No Brasil*. In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 1, n. 15, pp. 13-27. Recife: Editora Universitária UFPE, 2002.

MARTIN, Gabriela; BORGES, Fabio M.; LIMA, Manoel G. S. M. *Prospecção De Sítios Arqueológicos No Sertão Do Seridó - Carnaúba Dos Dantas (RN): Sítio Furna Dos Caboclos*. In: **IV Congresso de Iniciação Científica - CONIC, 1996, Recife. Anais - IV Congresso de Iniciação Científica**, p. 454-454. Recife : Editora Universitária UFPE, 1996.

MARTIN, Gabriela; BORGES, Fabio Mafra; SENA, Vivian Karla de; SALDANHA, Rafael S. Medeiros; ALMEIDA, Marcellus; NOGUEIRA, Mônica A. Araújo; BARBOSA, Caio C. Araújo. *Levantamento Arqueológico Na Área Arqueológica Do Seridó – Rio Grande do Norte – Brasil: Nota Prévia*. In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 2, n. 23. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.

MARTIN, Gabriela; OLIVEIRA, Cláudia; COSTA, Adrienne; MUTZENBERG, Demétrio; SENA, Vivian; MENDONÇA, Lucileide; BORGES, Lucila; PESSOA, ____; RIOS, Carlos; VAUS, Marcela. *Escavação Arqueológica Do Sítio Casa Santa, Carnaúba Dos Dantas, RN*. In: **Clio – Série Arqueológica**, v.2, n. 21, pp. 299-332. Recife: Editora Universitária UFPE, 2006.

MATSHES, E.; BURDBRIDGE, B.; SHER, B.; MOHAMED, A.; JUURLINK, B. *Human Osteology And Skeletal Radiology: An Atlas And A Guide*. Nova York: CRC Press, 2005.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Índios Do Açú E Seridó*. Brasília: Editora do Senado, 1984.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. *Povos Indígenas Do Sertão Nordestino No Período Colonial: Descobrimientos, Alianças, Resistências E Encobrimento*. In: **FUMDHAMENTOS**, v. 1, n. 2, pp. 09-52. São Raimundo Nonato: FMHA/Centro Cultural Sérgio Motta, 2002.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada: Guerra E Açúcar No Nordeste, 1630/1654*. Rio de Janeiro: Editora Forense – Universitária da USP, 1975.

_____. *Rubro Veio: Imaginário Da Restauração Pernambucana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

MILLER, Tom. *Arqueologia No Rio Grande Do Norte: Balanço E Perspectivas*. Natal: 2009. Disponível em: www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT06/6.9.pdf

MORAES, Flávio A. de Aguiar. *As Pedras Que Falam: Uma Análise Intrasítio Dos Artefatos Líticos Do Sítio Lajedo*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2008.

MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. *História Das Últimas Lutas No Brasil Entre Holandeses e Portugueses & Relação Da Viagem Ao País Dos Tapuias*. São Paulo: Editora Itatiaia, 1979.

MUTZENBERG, D.; TAVARES, B. CORRÊA, A. C. *A Influência Dos Controles Estruturais Sobre A Morfogênese E A Sedimentação Neógena Na Bacia Do Rio Carnaúba (RN) E A Sua Aplicação Aos Estudos Arqueológicos Do Seridó*. In: **Clio – Série Arqueológica**, v. 2, n. 19, pp. 112-125. Recife: Editora UFPE, 2005.

MUTZENBERG, Demétrio da S. *Gênese e Ocupação Pré-histórica Do Sítio Arqueológico Pedra Do Alexandre: Uma Abordagem A Partir Da Caracterização Paleoambiental Do Vale Do Rio Carnaúba – RN*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2007.

NÁSSER, Nassaro J. S. *Nova Contribuição À Arqueologia Do Rio Grande Do Norte*. In: **Publicações Avulsas do Museu Goeldi. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do quinto ano 1969 – 1970**. n. 26. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1974.

NEVES, Walter A. *O Modelo Dos Dois Componentes Biológicos Principais: Sua Inserção Nos Eventos Expansionistas Do Final Do Pleistoceno E Suas Implicações Para A Origem Do Homo Sapiens*. In: **O Carste**, v. 14, n. 1, pp. 42-49. Belo Horizonte: Grupo Bambuí, 2002.

NICHOLS, Johanna. *Linguistic Society In America: Linguistic Diversity And The First Settlement Of The New World*. In: **Language**, v. 66, n. 3. 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/414609>

NOELLI, Francisco S. *Sem Tekohá Não Há Tekó (Em Busca De Um Modelo Etnoarqueológico Da Aldeia E Da Subsistência Guarani E Sua Aplicação A Uma Área De Domínio No Delta Do Rio Jacuí – RS)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1993.

_____. *Settlement Patterns And Environmental Changes In Human Occupation On The Left Bank Of The Paraná River (Paraná State, Brazil)*. In: **Antiquity**. 1998 (a).

_____. *The Tupi: Explaining Origin And Expansions In Terms Of Archaeology And Of Historical Linguistics*. In: **Special Section: Issues in Brazilian Archaeology. Antiquity**. 1998 (b).

PARENTI, F.; GUERIN, C.; MENGOLI, D.; FAURE, M.; NATALI, L.; FERRARI, S. VALENÇA, L. *Sondagens Na Lagoa Do Quari, São Raimundo Nonato, Piauí: Campanha de 2002*. In: **FUNDHAMENTOS**, v. 1, n. 3, pp. 129-145. São Raimundo Nonato: FMHA/Centro Cultural Sérgio Motta, 2002.

PESSIS, Anne-Marie. *Identidade E Classificação Dos Registros Gráficos Pré-históricos Do Nordeste Brasileiro*. In: **Clio – Série Arqueológica**, v.1, n. 8, pp. 35-68. Recife: Editora Universitária UFPE, 1992.

PINTO, Estevão. *Os Índigenas Do Nordeste*. São Paulo: Nacional, 1935/1938.

PIRES, M^a Idalina da Cruz. *A Guerra Dos Bárbaros: Resistência E Conflitos No Nordeste Colonial*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2002.

POMPA, Cristina. *Religião Como Tradução: Missionários, Tupi e Tapuia No Brasil Colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

POMPEU SOBRINHO, Thomas. *Os Crânios Da Gruta Do Canastra*. In: **Revista do Instituto do Ceará**, t. LVI, pp. 153-193. 1942. Disponível em: http://www.ceara.pro.br/Instituto-site/Rev-apresentacao/RevPorAno/1942/1942-Os_cranios_da_gruta_do_Canastra.pdf

_____. *Os Tapuias Do Nordeste E A Monografia De Elias Herckman*. In: **Revista do Instituto do Ceará**, t. XLVIII, pp. 07-28. Fortaleza: 1934. Disponível em: <http://www.ceara.pro.br/Instituto-site/Rev-apresentacao/RevPorAno/1934/1934-Tapuias.pdf>

PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. *Resultados Preliminares Do Primeiro Ano 1965-1966*. In: **Publicações Avulsas**, n. 6. Belém: 1967.

PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. *Resultados Preliminares Do Segundo Ano: 1966-1967*. In: **Publicações Avulsas**, n. 10. Belém: 1969.

PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. *Resultados Preliminares Do Terceiro Ano: 1967-1968*. In: **Publicações Avulsas**, n. . Belém: 1971.

PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. *Resultados Preliminares Do Quarto Ano: 1968-1969*. In: **Publicações Avulsas**, n. . Belém: 1973.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

_____. *O Brasil Antes Dos Brasileiros: A Pré-história Do Nosso País*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PUNTONI, Pedro. *A Guerra Dos Bárbaros: Povos Indígenas E A Colonização Do Sertão Nordeste Do Brasil, 1650-1720*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1998.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1994.

REINHARD, Karl J. *A Coprological View of Ancestral Pueblo Cannibalism*. In: **American Scientist**, v. **94**. 2006. Disponível em:

http://www.americanscientist.org/my_amsci/restricted.aspx?act=pdf&id=3722736488052

RIBEIRO, Marily S. *Arqueologia Das Práticas Funerárias: Uma Abordagem Historiográfica*. São Paulo: Alameda, 2007.

ROBHRAN-GONZÁLEZ, Érica M; MORALES, Walter F.; NASCIMENTO, Luiz V do. *Programa De Prospecção E Resgate Do Patrimônio Arqueológico Linha De Distribuição 138 KV Assú/Guamaré – Relatório Final*. Natal: Documento: Antropologia e Arqueologia S/C LTDA./COSERN/Portaria Iphan n. 162, 2003.

ROBHRAN-GONZÁLEZ, Érica M; MORALES, Walter F.; NASCIMENTO, Luiz V do. *Programa De Prospecção E Resgate Do Patrimônio Arqueológico Linha De Distribuição 69 KV Governador Dix-Sept Rosado/Riacho Da Forquilha – Relatório Final*. Natal: Documento: Antropologia e Arqueologia S/C LTDA./UFRN/Museu Câmara Cascudo/COSERN, 2004.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika M. **Regional pottery-making groups in southern Brazil**. In: **Antiquity**, v. **72**, n. **277**, pp. **616-624**. 1998. Disponível em: antiquity.ac.uk/ant/072/Ant0720616.htm

RODRIGUES, Ayron Dall' Igna. *Línguas Brasileiras: Para O Conhecimento Das Línguas Indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ROOSEVELT, Anna C. *Arqueologia Amazônica*. In: CUNHA, M^a C. da (org.). *História Dos Índios Do Brasil*, pp. 53-86. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SALVADOR, Frei Vicente de. *História Do Brasil: 1500 – 1627*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1965.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi Na Geografia Nacional*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1987.

SANDERS, W. T.; MARINO, J. *Pré-história Do Novo Mundo: Arqueologia Do Índio Americano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

SANTANA, Sérgio T., BORGES, Fabio M., KHOURY, Helen J., SULLASI, Henry L., ÁVILA, Gabriela M., PESSIS, Anne-Marie, GUZZO, Pedro L. *Datação Por LOE-IV De Solo De Fogueira Da Região Do Seridó*. (no prelo).

SANTORO, Calogero M.; STANDEN, Vivien G.; ARRIAZA, Bernardo T.. ¿PATRÓN FUNERARIO ARCAICO O ALTERACIÓN POSTDEPOSICIONAL?: EL ENTERRATORIO DE PATAPATANE EN LOS ANDES CENTRO SUR. **Chungará (Arica)**, Arica, v. 33, n. 1, enero 2001 . Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-73562001000100007&lng=es&nrm=iso

SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. *Os Índios Tapuias Do Rio Grande Do Norte: Antepassados Esquecidos*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2008.

SCATAMACCHIA, M^a Cristina Mineiro. *A Tradição Policrômica No Leste Da América Do Sul Evidenciada Pela Ocupação Guarani e Tupinambá: Fontes Arqueológicas e Etno-históricas*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1990.

_____. *Tentativa De Caracterização Da Tradição Tupiguarani*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1981.

SCHNAPP, Alain. *Arqueologia*. In: LE GOFF, J. & NORA, P. *História – Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A. Terceira edição, pp. 1-20, 1988.

SERVICE, Elman R. *Os Caçadores*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

SILVA, Daniela Cisneiros. *Práticas Funerárias Na Pré-história Do Nordeste Do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2003.

SILVA (b), Sérgio F. S. M. da. *Arqueologia E Etnografia Das Práticas Funerárias: Informações Sobre O Tratamento Do Corpo Em Contextos Rituais E De Morte*. In: **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, n. 11, pp. 111-160. Maceió: UFSE/Petrobrás/Chesf, 2008.

SILVA, W. L.; LEGRAND, J. M.; XAVIER, R. P. *Composição E Evolução Dos Flúidos No Depósito Aurífero São Francisco, Faixa Seridó, Província Borborema, Nordeste Do Brasil*. In: **Revista Brasileira de Geociências**, 30 (4), pp. 579-588. 2000. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rbg/issue/archive?issuesPage=1#issues>

SILVA-MÉNDES, Gérson L. da S. *Arqueologia Dos Grupos Caçadores-coletores Do Semi-árido Potiguar: Dados Tecnológicos Do Baixo Assú-Piranhas (RN)*. In: **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, n. 11, pp. 175-218. Maceió: UFSE/Petrobrás/Chesf, 2008.

SOUZA NETO, Luis Dutra de; BERTRAND, Daniel; SABINO, Ana Amélia de B. *Análise Da Coleção Lítica Do Sítio Arqueológico Serrote Dos Caboclos, Município De Pedro Avelino, RN*. In: **Mnemes-Revista de Humanidades**, v. 7, n. 16, pp. 251-275. Caicó: CERES/UFRN, 2005.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo Do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2001.

SPENCER, Walner B. *Pré-história Do Rio Grande Do Norte: Em Busca Dos Grandes Caçadores*. In: **Cadernos Arqueológicos**, v. 1, n.1. Natal: CCHLA/UFRN, 1996.

STADEN, Hans. *Duas Viagens Ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.

STEWART, Julian H. *The Direct Historical Approach To Archaeology*. In: **American Antiquity**, v. VII, n. 04, pp. 337-343. 1942. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/275399>.

TEENSMAN, B. N. *O Diário De Rodolfo Baro (1647) Como Monumento Aos Índios Tarairiú Do Rio Grande Do Norte*. In: ALMEIDA, Luiz S. de; Galindo, M; ELIAS Juliana L. **Índio do Nordeste: Temas e Problemas – II**, pp. 81-99. Maceió: EDUFAL, 2000.

TORRES, Ana Catarina. *Estudos Dos Pigmentos Do Sítio Pré-histórico Pedra Do Alexandre – Carnaúba dos Dantas – RN*. In: **Clio – Série arqueológica**, v. 1, n. 11, pp.59-70. Recife: Editora Universitária UFPE, 1995/1996.

TRIGGER, Bruce G. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

TURNER, Christy G. II; TURNER, Jacqueline A. *Man Corn: Cannibalism And Violence In The Prehistoric American Southwest*. University of Utah Press, Salt Lake City: 1999.

URBAN, Greg. *A História Da Cultura Brasileira Segundo As Línguas Nativas*. In: CUNHA, M^a C. da (org.). *História Dos Índios Do Brasil*, pp. 87-102. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

VASCONCELOS SOBRINHO, J. *As Regiões Naturais Do Nordeste, O Meio E A Civilização*. Recife: Conselho do Desenvolvimento de Pernambuco, 1970.

VIANA, V.; PEDROZA, I.; NASCIMENTO, C. *As Indústrias Líticas Dos Caçadores-coletores Da Região Do Inhamuns – Ceará: Arqueologia E Ambiente*. In: **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, n. 11, pp. 161-174. Maceió: UFSE/Petrobrás/Chesf, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté: Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ANPOCS, 1986.

WILLEY, Gordon Randolph, LEVENTHAL, Richard M., KOLATA, Alan L. *Civilization in the ancient Americas: essays in honor of Gordon R. Willey*. Michigan: University of New Mexico Press, 1983.

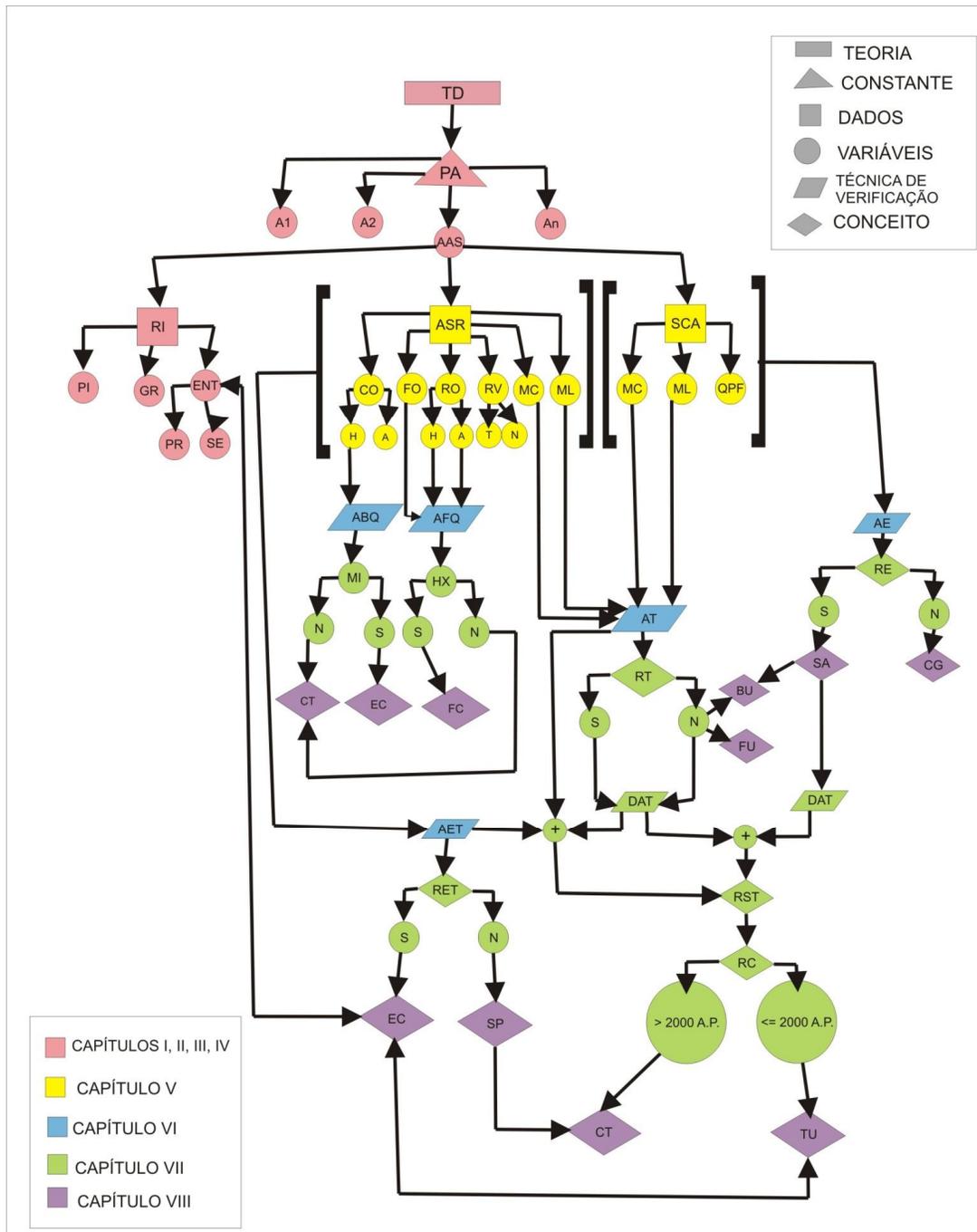
WHITE, T. D.; FOLKENS, P. A. *The Human Bone Manual*. Londres: Elsevier Academic Press, 2005.

WHITE, Nancy. *Archaic/Preceramic (6000-2000 B.C.): Emergency Of Sedentism, Early Ceramics*. 2005.
Disponível em: http://www.indiana.edu/~arch/saa/matrix/saa/saa_mod03.html

ANEXOS

ANEXO I. FLUXOGRAMA DO ALGORÍTMO E DESCRIÇÃO DAS LEGENDAS

Nesse sentido, o tema trabalhado na tese, foi sistematizado em um fluxograma, no qual estão representados: o conhecimento ordinário (teorias, modelos teóricos e antecedentes), as constantes teóricas, os dados de análise, as técnicas de verificação selecionadas, os conceitos e as variáveis, hierarquicamente organizados. Este procedimento visa minimizar os vícios de interpretação dos dados arqueológicos, através da explicitação das possibilidades de interpretação inerentes a cada etapa da pesquisa em andamento. A imagem abaixo demonstra seu resultado:



Onde:

TD = **Território de domínio**: Modelo teórico¹ – área territorial que é manejada por uma determinada cultura. Geralmente implica em vários ecossistemas, que são ocupados de acordo com o fornecimento de recursos de subsistência, ao longo do ciclo anual. Nesse sentido, caracteriza-se como uma categoria de saída, na qual se estabelece um sistema de assentamentos, que são determinados por fatores ambientais e culturais. Partindo desta perspectiva teórica serão analisados os sítios em questão. Será desenvolvido no Capítulo I.

PA = **Padrão de assentamento**: Modelo teórico² – na verdade este conceito está subordinado ao conceito de território de domínio. Logo, no interior de cada unidade geográfica ocupada por uma determinada cultura, existem áreas menores, que são ocupadas para funções determinadas. Arqueologicamente, cada área ocupada deixaria um tipo de registro, determinado pela função do assentamento. Logo, a relação entre o espaço geográfico, a tipologia das estruturas, os tipos de vestígios arqueológicos e a funcionalidade inferida, determinariam o padrão de assentamento do grupo em análise. Em outras palavras, o conjunto dos padrões de assentamento identificados, em uma dada cultura, constitui o território de domínio grupal. Na análise em questão, será utilizado como uma constante do território de domínio. Desenvolvimento no Capítulo I.

A1 = **Área de assentamento desconhecida 1**: Variável – Partindo do princípio de que o território de domínio se caracteriza por um conjunto de ecossistemas culturalmente manejados, suas variáveis representam espaços geográficos utilizados pela cultura em análise. Segundo a documentação histórica, essa área pode ser localizada na região de Açu, no RN. No entanto, ainda não pode ser utilizada como uma variável arqueológica, porque a área ainda não foi pesquisada. Será desenvolvido nos Capítulos I, II e IV.

A2 = **Área de assentamento desconhecida 2**: Variável – Nesse caso, existe o registro de sítios lito-cerâmicos, nas áreas dunares do litoral do RN, que apresentam uma cerâmica simples, denominada Papeba³. No entanto ainda não foi feita uma correlação entre o material cerâmico registrado nessa área e o que se encontra em análise na presente tese. Por isso, esta foi considerada uma variável indeterminada. Será desenvolvido nos Capítulos I, II e III.

An = Variável – todas as possíveis áreas ocupadas pela cultura em questão. Existe o registro de sítios com estruturas de combustão com tipologias similares às aquelas registradas no Sítio da Baixa do Umbuzeiro, no litoral dos estados de CE e PI. Será desenvolvido nos Capítulos I, II e III.

AAS = Variável e conhecimento prévio – **Área Arqueológica do Seridó**: área com mais de vinte anos de pesquisa arqueológica voltada para análise de tradições gráficas, mas que

¹<http://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/jumpstart.jhtml?recid=0bc05f7a67b1790ef409bfd03ef7308dbae59d44d4e3026112268fb058848f31045285ba7162caad&fmt=C> Noelli, F. S. The Tupi: explaining origin and expansions in terms of archaeology and of historical linguistics. *Antiquity* v. 72 no. 277 (September 1998) p. 648-63

² WILLEY, Gordon Randolph, LEVENTHAL, Richard M., KOLATA, Alan L. *Civilization in the ancient Americas: essays in honor of Gordon R. Willey*. Michigan: University of New Mexico Press, 1983

³ MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.

segundo a documentação histórica, também foi ocupada por grupos indígenas, registrados com Tarairiú⁴. Até o momento não haviam sido catalogados sítios que pudessem ser relacionados com essa cultura. Será desenvolvido nos Capítulos I, II, III e IV.

RI = Padrão de assentamento ritualístico: Conceito - na Área Arqueológica do Seridó, caracteriza-se pela ocupação de abrigos para a realização de atividades gráficas (pinturas e gravuras) e atividades funerárias. Foram registrados diversos sítios arqueológicos que podem ser enquadrados nesse tipo de assentamento. Apesar de serem considerados na análise das hipóteses propostas, não constituem uma variável determinante para o problema que se pretende resolver. Será desenvolvido no Capítulo III, como conhecimento ordinário.

Suas variáveis são:

PI = Pintura rupestre = Variável – Tradição Nordeste e Tradição Agreste

GR = Gravura rupestre = Variável – Tradição Itacoatiara

ENT = Enterramentos: essa variável relaciona-se com uma das hipóteses sugeridas na tese, pelo tipo de relação espacial dos vestígios identificados no sítio Furna do Umbuzeiro. No entanto, só se tornará uma variável relevante, se for confirmada uma das hipóteses sugeridas. Por esse motivo, serão consideradas três variáveis relacionadas, aquelas que caracterizam a tipologia funerária registrada no Seridó e o novo tipo, que se pretende registrar com a análise em questão. Serão desenvolvidos nos Capítulos III e IV, como conhecimento ordinário.

PR = Enterramentos primários: Variável – nos quais os indivíduos inumados se encontram em articulação anatômica. Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas – RN⁵.

SE = Enterramentos secundários: Variável – nos quais o esqueleto encontra-se desarticulado, caracterizando um segundo sepultamento do indivíduo. Sítio Pedra do Alexandre e Mirador do Boqueirão de Parelhas, RN⁶.

EC = Endocanibalismo: Conceito – tipo de ritual funerário registrado apenas na documentação histórica. Os tipos de vestígios arqueológicos identificados na Furna do Umbuzeiro e a sua relação espacial permitiram levantar a hipótese do registro arqueológico dessa prática no sítio. Caso seja confirmada, essa será um conceito determinante para as hipóteses sugeridas. Será melhor desenvolvido nos Capítulos IV, VII e VIII.

ASR = Padrão de assentamento em abrigos sob-rocha: Dado – variável do padrão de assentamento do Seridó, abrigo sob-rocha com presença de níveis ocupacionais identificados onde não foram registradas atividades gráficas. Esse tipo de assentamento não havia sido catalogado na região. Será desenvolvido nos Capítulos V, VI, VII. Suas variáveis são:

⁴ POMPEU SOBRINHO, Thomaz. *Os Tapuias do Nordeste e a Monografia de Elias Herckman. Revista do Instituto do Ceará*, ano 48, n° 48, pp.: 7-28. Fortaleza: 1934 ; MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açu e Seridó**. Brasília: Editora do Senado, 1984; BARLEUS, Gaspar. *História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito anos do Brasil*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980; BARO, R. & MOREAU P. *História das Últimas Lutas no Brasil Entre Holandeses e Portugueses e Relação da viagem ao País dos Tapuias*. São Paulo: Editora Livraria Itatiaia, 1979.

⁵ Martin, *op. cit.*

⁶ Martin, *op. cit.*

FO = **Estruturas de combustão (fogueiras)**: Variável – estruturas arqueológicas escavadas no sítio Furna do Umbuzeiro. Constitui-se de uma seqüência de fogueiras superpostas, localizadas em grandes estruturas de combustão (“fogões”), registradas em número de quatro (04), onde foram identificados os vestígios:

RV = **Restos vegetais**: Variável – divide-se em dois tipos:

T = **Trançado**: Variável – restos de cestaria e cordéis

N = **Restos vegetais naturais**: Variável – sem sinais de tecnologia do trançado, geralmente constituído da vegetação nativa atual e concentrações de fibras vegetais.

ML = Variável – **Material lítico**

MC = Variável – **Material cerâmico**: o seu registro no sítio permitiu inferir uma cronologia mais recente para os níveis de ocupação registrados. Apresenta-se simples, com tratamento de superfícies pintado de vermelho, branco e polido.

RO = **Restos ósseos**: Variável – que por sua vez se divide em dois tipos:

A = Variável – **Restos ósseos faunísticos**

H = Variável – **Restos ósseos humanos**

AFQ = Técnica de verificação – **Análises físico-químicas**: Difractometria de Raios-X e Espectrometria de Fluorescência-X. Serão analisadas amostras de cinzas das fogueiras da Furna do Umbuzeiro, assim como amostras do material cerâmico de ambos os sítios e uma possível fonte de matéria-prima local. Desenvolvimento nos Capítulos VI e VII.

HX = **Hidroxiapatita** = Variável – proteína presente no esqueleto de todos os vertebrados. Nesse caso, a sua identificação nas cinzas das fogueiras escavadas na Furna do Umbuzeiro, não permitirá a confirmação da hipótese proposta: Endocanibalismo. Entretanto, por outro, lado permitirá inferir uma função peculiar para as estruturas arqueológicas em questão: cremação de ossos. Será desenvolvido no Capítulo VII.

CR = **Estruturas de fogueira com função crematória**: Conceito - caso seja confirmada a presença de hidroxiapatita, será possível inferir essa função para as estruturas registradas. Isto permitirá a sua relação com a prática funerária endocanibal. Capítulos VII e VIII.

CO = **Coprólitos**: Variável – fezes ressecadas ou mesmo fossilizadas. Foram registrados coprólitos animais e humanos no sítio Furna do Umbuzeiro, mas apenas os coprólitos humanos serão considerados. Será desenvolvido nos Capítulos V, VI e VII.

ABQ = Técnica de verificação – **Análise bioquímica**: *immunological detection assay method* – ELISA⁷ – Será utilizada na análise dos coprólitos humanos, no intuito de identificar traços de mioglobina humana. Será desenvolvido no Capítulo VI e VII.

MI = **Mioglobina**: Variável – proteína presente nos músculos cardíacos e esqueléticos, identificável em coprólitos de indivíduos que possuam uma dieta rica em proteína animal. No entanto, cada espécie apresenta uma estrutura molecular exclusiva, que permite sua identificação bioquímica. Por isso, serão consideradas duas variáveis:

A = Variável – **Mioglobina animal** – Trará informações sobre a dieta do grupo humano que ocupou o abrigo e permitirá a definição de uma função cotidiana para o assentamento.

⁷ MARLAR, R. A.; LEONARD, B. L.; BILLMAN, B. R.; LAMBERT, P. M.; MARLAR, J. E. *Biochemical Evidence of Cannibalism at a Prehistoric Puebloan Site in Southwest Colorado*. In: *Nature*, v. 407, p. 74-78. www.nature.com: Macmillian Magazines, 2000.

H = Variável – **Mioglobina humana**: se for detectada a sua presença no coprólito identificado como humano, será possível confirmar de maneira objetiva a hipótese de endocanibalismo. Capítulos VI, VII, VIII.

AET = **Análise estratigráfica**: Técnica de verificação – a presença de tocas de tatu, que perturbaram os níveis arqueológicos, levantou a hipótese de percolação estratigráfica, para os vestígios coletados. Nesse caso, essa técnica arqueológica permite a reconstrução laboratorial da relação espacial, vertical e horizontal dos vestígios. Apresenta-se como um condicionante para a confirmação da hipótese proposta. Capítulo VII.

RET = **Relação estratigráfica**: Conceito – resultado da análise estratigráfica. No caso, será utilizada como uma variável lógica. Capítulo VII.

FC = Conceito – **Assentamento com função cotidiana (habitação)**: caso não seja verificada a presença de mioglobina humana nos coprólitos analisados e a relação estratigráfica entre os vestígios não permita confirmar a hipótese de endocanibalismo, os sítios serão classificados como assentamentos com função cotidiana (habitacional). Capítulos VII e VIII.

SP = Conceito – **Sítio arqueológico perturbado**: caso não seja verificada uma relação estratigráfica objetiva entre os vestígios arqueológicos em análise, será identificado no sítio um alto índice de perturbação das camadas arqueológicas, produzidas por atividades de animais, como o tatu (biopedoturbação). Capítulos VII e VIII.

SCA = Conceito – **Padrão de assentamento de acampamentos à céu aberto**: até o momento, os sítios à céu aberto, no Seridó, eram registrados ou como oficinas líticas ou como achados isolados. O sítio da Baixa do Umbuzeiro, localizado a 200 m da Furna do Umbuzeiro, caracteriza-se por:

MC = Variável – **Material cerâmico**: baixa densidade de fragmentos cerâmicos simples e/ou pintados de vermelho

ML = Variável – **Material lítico**: grande quantidade de lascas de sílex, distribuídas em um perímetro delimitado por:

QPF = Variável – **Estruturas de combustão formadas por concentração de quartzo piro-fraturados**: foram registradas mais de seis dessas estruturas, em diversos estados de conservação. Após a intervenção arqueológica realizada, na estrutura denominada Fogueira 1, foi possível identificar elementos que sugeriram a ação antrópica na sua formação. A associação com o material lítico e cerâmico levantou a hipótese de um novo padrão de assentamento para a Área Arqueológica do Seridó. No entanto, ainda não há uma cronologia definida. Somente após a datação por Termoluminescência, será possível relacionar o assentamento com os grupos historicamente registrados e com o sítio Furna do Umbuzeiro. Será desenvolvido no capítulo V, VI e VII.

AE = Técnica de verificação – **Análise espacial**: verificação da relação espacial dos vestígios e estruturas, no sítio à céu aberto, através da reconstituição em AUTOCAD do espaço delimitado. Capítulo VII.

RE = Conceito – **Relação espacial**: a confirmação da intencionalidade humana, na relação espacial registrada nos vestígios da Baixa do Umbuzeiro, permitirá sua identificação como:

SA = Conceito – **Sítio arqueológico**: agentes antrópicos

CG = Conceito – **Contexto geológico**: agentes naturais

Nesse caso, o conceito será utilizado como uma variável lógica, que permitirá verificar as possibilidades acima descritas.

AT = **Análise tecnológica** - Técnica de verificação – Reconstituição dos padrões tecnológicos do material cerâmico e material lítico, de ambos os sítios. Capítulo VII.

RT= **Relação tecnológica**: Conceito – a proximidade dos sítios em análise e as similaridades tecnológicas e formais dos vestígios identificados sugeriram a possibilidade da ocupação da área por um mesmo grupo cultural. No entanto, para que esse conceito relacional seja válido, mostra-se necessário que os sítios sejam, ou contemporâneos, ou façam parte de um período de ocupação culturalmente estável. Por isso, é imperativo determinar a cronologia dos sítios. Utilizada como uma variável lógica será possível relacionar, ou não, os sítios em análise. Capítulos VII e VIII.

FU: Conceito – **Furna do Umbuzeiro**: Caso não seja verificada uma relação tecnológica entre os sítios, cada um será classificado como pertencente a uma cultura diferente. Resta saber qual a relação cronológica existe entre os sítios para compreender sua relação espacial.

BU: Conceito – **Baixa do Umbuzeiro**: Caso não seja verificada uma relação tecnológica entre os sítios, cada um será classificado como pertencente a uma cultura diferente. Resta saber qual a relação cronológica existe entre os sítios para compreender sua relação espacial.

DAT = **Datação** – Técnica de verificação – Serão realizadas em amostras de carvão do Sítio Furna do Umbuzeiro e em amostras de quartzo e sedimento do Sítio da Baixa do Umbuzeiro. Os métodos utilizados serão: C¹⁴, para amostras de carvão vegetal, Termoluminescência (TL), para amostras de quartzo e do material cerâmico dos sítios e Luminescência Oticamente Estimulada (LOE), para as amostras de sedimento coletados da Fogueira 1, da Baixa do Umbuzeiro. Capítulo VII.

RST = **Relação espaço-temporal**: Conceito – dependendo das cronologias obtidas, será possível definir elementos para o estabelecimento de uma:

RC = **Relação cronológica**: Conceito – esse conceito será utilizado como uma variável lógica que permitirá determinar duas possibilidades cronológicas. Capítulo VII.

> 2000 A.P. = Variável - caso as cronologias obtidas sejam superiores a 2000 A.P., iguais ou diferentes entre os sítios, será definido:

CT = Conceito – **Assentamento com função cotidiana**: mesmo que todas as hipóteses confirmadas sejam as negativas, a pesquisa produzirá um dado novo, que contribuirá para a delimitação do conceito de ENCLAVE ARQUEOLÓGICO: a delimitação de um sítio arqueológico pré-histórico com função habitacional, até então não registrado na Área Arqueológica do Seridó. Capítulo VIII.

<=2000 A.P. = Variável – caso as cronologias sejam iguais ou inferiores a 2000 A.P.:

TU = Conceito – **Tarairiú** – grupo indígena, historicamente registrado na Área Arqueológica do Seridó: os Tarairiú, que se dividiam em várias tribos (Janduí, Canindé, Icó, Sucuru, entre outros). As principais características culturais desses grupos eram: o nomadismo (Baixa do Umbuzeiro) e a prática de rituais funerários endocanibais (Furna

do Umbuzeiro). Isto é claro, segundo a documentação histórica. A confirmação das hipóteses propostas será o primeiro registro arqueológico da referida cultura. Capítulo VIII.

S = “**sim**” – Variável positiva, geralmente relacionada com os resultados obtidos com variáveis lógicas.

N = “**não**” – Variável negativa, geralmente relacionada com os resultados obtidos com variáveis lógicas.

+ = “**mais**”- conectivo que articula os resultados das técnicas de verificação aplicadas, em cada etapa do processo de análise.

ANEXO II. RELAÇÃO DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO COLETADOS NO SÍTIO FUNNA DO UMBUZEIRO.

ETIQUETA	SÍTIO	Município - Estado	MATERIAL	NÍVEL	QUADRÍCULA	PONTO TOPOGRÁFICO	COORDENADAS	DATA	OBSERVAÇÃO
1	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície			0771533 / 9270978	6/8/2007	Próximo ao Riacho
2	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Superfície				6/8/2007	Limpeza (Peneira)
3	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		12		6/8/2007	Próximo ao umbuzeiro (Lítico Polido)
4	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície				6/8/2007	Próximo ao umbuzeiro (Lítico Polido)
5	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Superfície				6/8/2007	Peneira
6	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície				6/8/2007	Peneira
7	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Oxido de Ferro	Superfície				6/8/2007	Peneira
8	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície				6/8/2007	Peneira
9	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície	I 5			6/8/2007	Superfície
10	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície	I 5			6/8/2007	Superfície
11	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície	H 5	23		6/8/2007	Limpeza
12	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície	I 5			6/8/2007	Limpeza
13	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.1	H 3			6/8/2007	Limpeza
14	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Superfície				6/8/2007	Limpeza
15	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		45		7/8/2007	Linha A
16	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.2	H 3			7/8/2007	Peneira
17	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.1	H 5			7/8/2007	Peneira
18	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.1	H 5			7/8/2007	Peneira
19	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.2	H 3			7/8/2007	Interior da Fogueira
20	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.3	H 3	39		7/8/2007	Início da Decapagem
21	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.3	H 3	40		7/8/2007	Início da Decapagem
22	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície	H 1	77		7/8/2007	Limpeza
23	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Madeira	Superfície	H 1			7/8/2007	Limpeza
24	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Limpeza	I 5			8/8/2007	Peneira
25	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Limpeza	I 5			8/8/2007	Peneira

26	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície	N 4	103	8/8/2007	
27	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Limpeza	I 3		8/8/2007	Peneira
28	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Limpeza	I 3		8/8/2007	
29	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Limpeza	I 3		8/8/2007	Peneira
30	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Limpeza	I 5		8/8/2007	Peneira
31	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Limpeza	I 5		8/8/2007	
32	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Limpeza	I 5		8/8/2007	
33	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Limpeza	I 5		8/8/2007	
34	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.1	I 3	110	8/8/2007	Nível Ocupacional 1 (Fogueira)
35	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.3	I 3	135	8/8/2007	Associado ao Coprólito (Fogueira 1)
36	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.1	I 3	135	8/8/2007	Fogueira 1
37	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.1	I 5		8/8/2007	
38	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.1	I 3	134	8/8/2007	
39	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.1	I 3	151	8/8/2007	
40	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.1	I 3	149	8/8/2007	Sedimento Queimado
41	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.1	I 3	151	8/8/2007	
42	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Rocha Calcinada	Dec.1	I 3	148	8/8/2007	
43	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície			7/8/2007	Encontrado no caminho do Sítio Furna do Umbuzeiro
44	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície			out/99	Machado (encontrado em prospecção anterior)
45	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.1	I 3	165	9/8/2007	
46	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.1	I 3	165	9/8/2007	Associado a cerâmica da etq. 45
47	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.1	I 3	165	9/8/2007	
48	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.2	I 5		9/8/2007	
49	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.2	I 5		9/8/2007	Peneira
50	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.2	I 5		9/8/2007	Peneira
51	Nula	Carnaúba dos Dantas - RN					9/8/2007	
52	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.2	I 5		9/8/2007	Peneira
53		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.2	I 5		9/8/2007	Peneira
54		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.2	I 5		9/8/2007	Peneira

55		Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.3	I5	222	9/8/2007	
56		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.6	H1		9/8/2007	
57		Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.6	H1		9/8/2007	
58		Carnaúba dos Dantas - RN	Oso	Dec.3	I5		9/8/2007	
59		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.2	I3		9/8/2007	Peneira
60		Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.3	I5		9/8/2007	
61		Carnaúba dos Dantas - RN	Coprolito	Dec.1	I3	224	9/8/2007	Fogueira 1
62		Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.1	I3	224	9/8/2007	Fogueira 1
63		Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.1	I3	229	9/8/2007	Fogueira 1
64		Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.1	I3	230	9/8/2007	Fogueira 2
65		Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.1	I3	231	9/8/2007	Fogueira 3
66		Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.1	I3	231	9/8/2007	Fogueira 3
67		Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.1	I3	231	9/8/2007	Fogueira 3
68	Nula	Carnaúba dos Dantas - RN					9/8/2007	
69	Nula	Carnaúba dos Dantas - RN					9/8/2007	
70		Carnaúba dos Dantas - RN	Seixo de Micaxisto	Dec.1	I3	232	9/8/2007	
71		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.3	I5		9/8/2007	Peneira
72		Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.3	I5		9/8/2007	
73		Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.3	I5		9/8/2007	
74		Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.3	I3		9/8/2007	
75		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície		255	9/8/2007	Acesso a Furna do Umbuzeiro
76		Carnaúba dos Dantas - RN	Oso	Dec.7	H1		9/8/2007	
77		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.7	H1		9/8/2007	
78		Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Dec.7	H1		9/8/2007	Peneira
79		Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.7	H1		9/8/2007	Peneira
80		Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.4	I5		9/8/2007	Peneira
81		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.4	I5		9/8/2007	Peneira
82		Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.4	I5		9/8/2007	Peneira
83		Carnaúba dos Dantas - RN	Fibras Vegetais	Dec.2	I3	269	9/8/2007	

84	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície			9271022/0771310	10/8/2007	Acesso a Furna do Umbuzeiro
85	Carnaúba dos Dantas - RN	Carapaça de tatu					10/8/2007	Limpeza do perfil
86	Carnaúba dos Dantas - RN	Cabaça					10/8/2007	Limpeza do perfil
87	Carnaúba dos Dantas - RN	Traçado	Dec.3	I3	269		10/8/2007	Cova 3
88	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprolito	Dec.5	I5			10/8/2007	
89	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.9	H1			10/8/2007	
90	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.8	H1			10/8/2007	
91	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Dec.10	H1			10/8/2007	Peneira
92	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.10	H1			10/8/2007	Peneira
93	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.6	I5			10/8/2007	Peneira
94	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.10	H1			10/8/2007	
95	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.10	H1	270		10/8/2007	
96	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		282		10/8/2007	Carreado (Acesso a Furna)
97	Carnaúba dos Dantas - RN	Cabaça	Dec.3	I3			10/8/2007	Peneira
98	Carnaúba dos Dantas - RN	Osso	Dec.3	I3			10/8/2007	Peneira
99	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.3	I3	270		10/8/2007	Fogueira 4
100	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.3	I3			10/8/2007	
101	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.7	I5			10/8/2007	Peneira
102	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.7	I5			10/8/2007	Peneira
103	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.4	I3			10/8/2007	
104	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.4	I3	290		10/8/2007	Fogueira 5
105	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.4	I3			10/8/2007	Estrutura da fogueira 5
106	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.4	I3	291		10/8/2007	Fogueira 6
107	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.4	I3	292		10/8/2007	Cova entre fogueiras 5 e 6
108	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.4	I3	293		10/8/2007	Fogueira 4
109	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.4	I3	299		10/8/2007	Fogueira 4
110	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.4	I3			10/8/2007	Estrutura da fogueira 4
111	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.4	I3			11/8/2007	Peneira
112	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibras Vegetais	Dec.4	I3			11/8/2007	Peneira

113	Carnaúba dos Dantas - RN	Cabaça	Dec.4	I3		11/8/2007	Peneira
114	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.4	I3		11/8/2007	Peneira
115	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		312	11/8/2007	Próximo do Umbuzeiro
116	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		311	11/8/2007	Próximo do Umbuzeiro
117	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibras Vegetais	Dec.4	I3	309	11/8/2007	
118	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.4	I3	308	12/8/2007	Fogueira 7
119	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.4	I3	308	12/8/2007	Fogueira 7
120	Carnaúba dos Dantas - RN	Osso	Dec.4	I3	310	12/8/2007	Fogueira 8
121	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.4	I3	310	12/8/2007	Fogueira 8
122	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.4	I3	310	12/8/2007	Fogueira 8
123	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 2	H1	322	12/8/2007	Perfil leste
124	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibras Vegetais	Camada 2	H1	322	12/8/2007	Perfil leste
125	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 1	H1	321	12/8/2007	Perfil leste
126	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 4	H1	324	12/8/2007	Perfil leste
127	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 3	H1	316	12/8/2007	Perfil norte
128	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 4	H1	329	12/8/2007	Perfil oeste
129	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Cova	H1	325	12/8/2007	Perfil leste
130	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 3	H1	328	12/8/2007	Perfil oeste
131	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 3	H1	323	12/8/2007	Perfil leste
132	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 2	H1	327	12/8/2007	Perfil oeste
133	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 1	H1	326	12/8/2007	Perfil oeste
134	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 2	H1	315	12/8/2007	Perfil norte
135	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 1	H1	314	12/8/2007	Perfil norte
136	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 5	H1	318	12/8/2007	Perfil norte
137	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Camada 4	H1	317	12/8/2007	Perfil norte
138	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Cova 2	H1	320	12/8/2007	Perfil norte
139	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Cova	H1	330	12/8/2007	Perfil oeste
140	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Cova 1	H1	319	12/8/2007	Perfil norte
141	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.5	I3		12/8/2007	Fogueira 9

142		Carnaúba dos Dantas - RN	Cabaça	Dec.5	I3		12/8/2007	Fogueira 9	
143		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície			12/8/2007	Acesso ao abrigo	
144		Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.5	I3		12/8/2007		
145		Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.5	I3		12/8/2007		
146		Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.5	I3	378	13/8/2007	Fogueira 9	
147		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície			9270890/0771339	13/8/2007	Acesso a Furna do Umbuzeiro
148		Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.5	I3	378	13/8/2007	Fogueira 9	
149		Carnaúba dos Dantas - RN	Fibras Vegetais	Dec.5	I3	376	13/8/2007		
150		Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.5	I3	377	13/8/2007	Fogueira 11	
151		Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.5	I3	377	13/8/2007	Fogueira 11	
152		Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.5	I3	379	13/8/2007	Cova entre fogueira 7 e 9	
153		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.5	I3	379	13/8/2007	Cova entre fogueira 7 e 9	
154	Baixa do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície			9270890/0771339	13/8/2007	Concentração de quartzo
155	Baixa do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície			9270991/0771383	13/8/2007	Próxima as fogueiras 4 e 5
156	Baixa do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície			9270968/0771139 9	13/8/2007	Próxima a fogueira 1
157	Baixa do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície			9270978/0771365	13/8/2007	Concentração de quartzo
158	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.6	I3		13/8/2007	Peneira	
159		Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.6	I3		13/8/2007	Peneira	
160		Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.6	I3	381	13/8/2007		
161		Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.6	I3		13/8/2007		
162		Carnaúba dos Dantas - RN	Fibras Vegetais	Dec.6	I3		13/8/2007		
163		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.6	I3		13/8/2007		
164		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.6	I3		13/8/2007		
165		Carnaúba dos Dantas - RN	Madeira	Dec.6	I3		13/8/2007		
166		Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.6	I3		13/8/2007		
167		Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.6	I3		13/8/2007		
168	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.6	I3		13/8/2007		
169	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.6	I3	388	14/8/2007	Fogueira 12	
170	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Artropode	Dec.6	I3	391	14/8/2007	Fogueira 12	

171	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.6	13	388	14/8/2007	Fogueira 12
172	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.6	13		14/8/2007	Fogueira 10
173	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas e Carvão	Dec.6	13	390	14/8/2007	Fogueira 14
174	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.6	13	389	14/8/2007	Fogueira 13
175	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.6	13	389	14/8/2007	Fogueira 13
176	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.6	13	387	14/8/2007	Fogueira 10
177	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.6	13	387	14/8/2007	Fogueira 10
178	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.6	13		14/8/2007	Próximo da área da fogueira 13
179	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.6	13		14/8/2007	
180	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.6	13		14/8/2007	
181	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carapaça de tatu	Dec.6	13		14/8/2007	
182	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.6	13		14/8/2007	Peneira
183	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.6	13		14/8/2007	Peneira
184	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Ossos	Dec.6	13		14/8/2007	Peneira
185	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.6	13		14/8/2007	Peneira
186	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carapaça de tatu	Dec.6	13		14/8/2007	Peneira
187	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Calcário (calcinado)	Dec.6	13	390	14/8/2007	Fogueira 14 (perfil)
188	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Calcário (calcinado)	Dec.6	13	389	14/8/2007	Fogueira 13
189	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento 1	Dec.6	13	389	14/8/2007	Fogueira 13
190	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.6	13	389	14/8/2007	Desmonte da Fogueira 13
191	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento 3	Dec.6	13	389	14/8/2007	Fogueira 13
192	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento 2	Dec.6	13	389	14/8/2007	Fogueira 13
193	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.6	13	393	14/8/2007	Fogueira 15
194	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.6	13	393	14/8/2007	Fogueira 15
195	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Calcário (calcinado)	Dec.6	13		14/8/2007	Fogueira 13
196	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.6	13		14/8/2007	Peneira
197	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.6	13		14/8/2007	Peneira
198	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.6	13		14/8/2007	Peneira

199	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.6	I3	14/8/2007	Peneira
200	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Osso	Dec.7	I3	14/8/2007	Peneira
201	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.7	I3	14/8/2007	Peneira
202	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.7	I3	14/8/2007	Peneira
203	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.7	I3	14/8/2007	Peneira
204	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Dec.7	I3	14/8/2007	Peneira
205	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.7	I3	14/8/2007	Fogueira 16
206	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Superfície	I4	15/8/2007	consolidacao do perfil sentido sul (I3) e norte(I4)
207	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.3	H3	15/8/2007	consolidacao do perfil sentido Leste (I3) e Oeste(H3), fogueira 6
208	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.3	H3	15/8/2007	consolidacao do perfil sentido Leste (I3) e Oeste(H3), peneira
209	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Dec.3	H3	15/8/2007	consolidacao do perfil sentido Leste (I3) e Oeste(H3), peneira
210	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.3	H3	15/8/2007	consolidacao do perfil sentido Leste (I3) e Oeste(H3), peneira
211	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.1	I4	15/8/2007	Fogueira 3
212	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.1	I4	15/8/2007	Fogueira 2
213	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.2	I4	15/8/2007	Fogueira 3
214	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.1	I4	15/8/2007	Fogueira 3
215	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Dec.1	I4	15/8/2007	Dec.2 da Fogueira 3
216	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.3	I3	15/8/2007	Fogueira 3
217	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.3	I4	15/8/2007	Fogueira 3
218	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.1	I4	15/8/2007	Fogueira 2
219	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.2	I4	15/8/2007	cova escura, fogueira 2
220	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.2	I4	15/8/2007	Fogueira 2
221	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.2	I4	15/8/2007	Fogueira 2
222	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.2	I3	15/8/2007	Fogueira 2
223	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.2	I4	15/8/2007	Fogueira 2
224	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.2	I4	15/8/2007	Fogueira 2
225	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.2	I4	15/8/2007	

226	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.8	13	434	16/8/2007	Mancha escura (próximo ao perfil Oeste)	
227	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.8	13	435	16/8/2007	Próximo do perfil sul, final da fogueira 10	
228	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.8	13	435	16/8/2007	Final da fogueira 10	
229	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.8	13		16/8/2007	Final da fogueira 10	
230	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.8	13		16/8/2007	Final da fogueira 10	
231	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna		13		16/8/2007	Limpeza de perfil (peneira)	
232	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície			9270848/0771307	16/8/2007	Encontrado em frente a furna
233	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.8	13		16/8/2007		
234	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.8	13		16/8/2007		
235	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Ossos	Dec.8	13		16/8/2007		
236	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.8	13		16/8/2007	Peneira	
237	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.8	13		16/8/2007	Peneira	
238	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.8	13		16/8/2007	Peneira	
239	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Dec.8	13		16/8/2007	Peneira	
240	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.8	13		16/8/2007	Fogueira 15	
241	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Dec.8	13		16/8/2007	Fogueira 15	
242	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.8	13		16/8/2007	Base da fogueira 15	
243	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Dec.8	13		16/8/2007	Mancha marron escura na fogueira 15	
244	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.8	13		16/8/2007	Fogueira 15	
245	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Não Identificado	Dec.8	13		16/8/2007	Fogueira 15	
246	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.8	13		16/8/2007	Fogueira 15	
247	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.8	13		16/8/2007	Fogueira 15	
248	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.8	13		16/8/2007	Peneira	
249	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.8	13		16/8/2007	Peneira, fogueira 15	
250	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Dec.8	13	438	16/8/2007		
251	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.8	13	439	16/8/2007	Associado a fogueira 15	
252	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.9	13		20/8/2007	Limpeza	
253	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Dec.9	13		20/8/2007	Limpeza	
254	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Ossos	Dec.9	13	446	20/8/2007		

255	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprolito	Dec.9	I3	447	20/8/2007	
256	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.9	I3	447	20/8/2007	
257	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.9	I3		20/8/2007	Peneira
258	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Oso	Dec.10	I3		20/8/2007	Peneira
259	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.9	I3	446	20/8/2007	
260	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Oso	Dec.10	I3	451	20/8/2007	
261	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprolito	Dec.10	I3	452	20/8/2007	
262	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.10	I3		20/8/2007	
263	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.10	I3		20/8/2007	
264	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carapaça de tatu	Dec.10	I3		20/8/2007	
265	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carapaça de tatu	Dec.11	I3		20/8/2007	
266	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.11	I3		20/8/2007	
267	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Óxido de Ferro	Dec.11	I3	454	20/8/2007	Marcas de uso
268	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.11	I3		20/8/2007	Peneira
269	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.11	I3		20/8/2007	
270	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Dec.11	I3		20/8/2007	
271	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.12	I3	456	20/8/2007	
272	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Oso	Dec.12	I3	456	20/8/2007	
273	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.12	I3		20/8/2007	Peneira
274	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.12	I3		21/8/2007	Peneira
275	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.12	I3		21/8/2007	Peneira
276	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.12	I3		21/8/2007	
277	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Oso	Dec.13	I3		21/8/2007	Oso não identificado (buraco do tatu)
278	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Dec.13	I3		21/8/2007	Buraco do tatu
279	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Oso	Dec.13	I3		21/8/2007	Buraco do tatu
280	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.13	I3		21/8/2007	Peneira
281	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Oso	Dec.13	I3		21/8/2007	Peneira
282	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.13	I3		21/8/2007	Peneira
283	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.14	I3		21/8/2007	

284	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.14	13			21/8/2007	
285	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Osso	Dec.14	13			21/8/2007	
286	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica			404	0771315/9270814	21/8/2007	Encontrado no abrigo sobre a furna
287	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.14	13			21/8/2007	Peneira
288	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna		13			21/8/2007	Limpeza de perfil oeste e sul
289	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico		13			21/8/2007	Limpeza de perfil oeste e sul
290	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico		13			21/8/2007	Limpeza de perfil oeste e sul
291	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.14	13			21/8/2007	
292	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.15	13			21/8/2007	Peneira
293	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.16	13			21/8/2007	Peneira
294	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Osso	Dec.16	13			21/8/2007	Peneira
295	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.16	13			21/8/2007	Peneira, buraco do tatu
296	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.16	13			21/8/2007	Peneira
297	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Dec.16	13			21/8/2007	Peneira
298	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.16	13			21/8/2007	Peneira
299	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.16	13			21/8/2007	Peneira (limpeza do buraco do tatu)
300	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.16	13			21/8/2007	Peneira (limpeza do buraco do tatu)
301	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		421	0771313/9270834	21/8/2007	Encontrado no acesso a Furna
302	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície		422	0771305/9270882	21/8/2007	Encontrado no acesso a Furna
303	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.16	13			21/8/2007	Peneira
304	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.16	13			21/8/2007	
305	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinza	Dec.16	13	458		21/8/2007	
306	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.16	13	458		21/8/2007	
307	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinza	Dec.16	13	459		21/8/2007	
308	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Dec.16	13	459		21/8/2007	
309	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.16	13			21/8/2007	
310	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Dec.16	13			21/8/2007	
311	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.17	13			22/8/2007	Peneira
312	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.17	13			22/8/2007	Peneira

313	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.17	I3		22/8/2007	Limpeza do perfil sul
314	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.17	I3		22/8/2007	Limpeza do perfil sul
315	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.17	I3		22/8/2007	Limpeza do perfil leste
316	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Dec.17	I3		22/8/2007	Limpeza do perfil leste
317	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.17	I3		22/8/2007	Limpeza do perfil norte
318	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.17	I3		22/8/2007	Peneira
319	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Osso	Dec.17	I3		22/8/2007	Peneira
320	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dec.17	I3		22/8/2007	
321	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinza	Dec.17	I3	469	22/8/2007	
322	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	471	23/8/2007	Camada 1, perfil sul
323	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	472	23/8/2007	Camada 2, perfil sul
324	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	473	23/8/2007	Camada 3, perfil sul
325	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	474	23/8/2007	Camada 4, perfil sul
326	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	475	23/8/2007	Camada 5, perfil sul
327	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	476	23/8/2007	Camada 6, perfil sul
328	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	477	23/8/2007	Camada 7, perfil sul
329	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	478	23/8/2007	Camada 8, perfil sul
330	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	479	23/8/2007	Camada 9, perfil sul
331	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	480	23/8/2007	Camada 10, perfil sul
332	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	481	23/8/2007	Camada 11, perfil sul
333	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	482	23/8/2007	Camada 12, perfil sul
334	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	483	23/8/2007	Camada 13, perfil sul
335	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	484	23/8/2007	Camada 14, perfil sul
336	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	485	23/8/2007	Camada 15, perfil sul
337	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	486	23/8/2007	Camada 16, perfil sul
338	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	487	23/8/2007	Camada 17, perfil sul
339	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	488	23/8/2007	Camada 18, perfil sul
340	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	489	23/8/2007	Camada 19, perfil sul
341	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	490	23/8/2007	Camada 20, perfil sul
342	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	491	23/8/2007	Camada 21, perfil sul

343	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	492	23/8/2007	Camada 22, perfil sul
344	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	493	23/8/2007	Camada 23, perfil sul
345	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	501	23/8/2007	Camada 1, perfil oeste
346	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	494	23/8/2007	Camada 2, perfil oeste
347	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	502	23/8/2007	Camada 3, perfil oeste
348	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	503	23/8/2007	Camada 3, perfil oeste
349	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	495	23/8/2007	Camada 5, perfil oeste
350	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	504	23/8/2007	Camada 6, perfil oeste
351	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	496	23/8/2007	Camada 7, perfil oeste
352	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	497	23/8/2007	Camada 8, perfil oeste
353	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	498	23/8/2007	Camada 9, perfil oeste
354	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	499	23/8/2007	Camada 10, perfil oeste
355	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	500	23/8/2007	Camada 11, perfil oeste
356	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	506	23/8/2007	Camada 1, perfil norte
357	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	505	23/8/2007	Camada 2, perfil norte
358	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	509	23/8/2007	Camada 3, perfil norte
359	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	507	23/8/2007	Camada 4, perfil norte
360	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	508	23/8/2007	Camada 5, perfil norte
361	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	510	23/8/2007	Camada 6, perfil norte
362	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	511	23/8/2007	Camada 7, perfil norte
363	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	513	23/8/2007	Camada 1, perfil leste
364	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	514	23/8/2007	Camada 2, perfil leste
365	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	515	23/8/2007	Camada 3, perfil leste
366	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	516	23/8/2007	Camada 4, perfil leste
367	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	517	23/8/2007	Camada 5, perfil leste
368	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	518	23/8/2007	Camada 6, perfil leste
369	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	512	23/8/2007	Camada 7, perfil leste
370	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície	I3	519	23/8/2007	Próximo ao umbuzeiro
371	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Micaxisto		I3		23/8/2007	Amostra da rocha do abrigo
372	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	521	23/8/2007	Camada 9, perfil norte

373	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	522	23/8/2007	Camada 11, perfil norte
374	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	523	23/8/2007	Camada 10, perfil norte
375	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	524	23/8/2007	Camada 12, perfil norte
376	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	520	23/8/2007	Camada 8, perfil norte
377	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	525	23/8/2007	Camada 13, perfil norte
378	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	526	23/8/2007	Camada 14, perfil norte
379	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	527	23/8/2007	Camada 15, perfil norte
380	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	528	23/8/2007	Camada 8, perfil leste
381	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	529	23/8/2007	Camada 9, perfil leste
382	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	530	23/8/2007	Camada 10, perfil leste
383	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	531	23/8/2007	Camada 11, perfil leste
384	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	533	23/8/2007	Camada 12, perfil leste
385	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	532	23/8/2007	Camada 15, perfil leste
386	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	534	23/8/2007	Camada 13, perfil leste
387	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	536	23/8/2007	Camada 14, perfil leste
388	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	535	23/8/2007	Camada 16, perfil leste
389	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento		I3	537	23/8/2007	Camada 17, perfil leste
390	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna		I3		1/12/2008	Limpeza do perfil norte - segunda campanha
391	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna		I3		1/12/2008	Limpeza do perfil Oeste - segunda campanha
392	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica		H4		2/12/2008	Biopedoturbação (limpeza) - segunda campanha
393	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna		I4		2/12/2008	Biopedoturbação (limpeza) - segunda campanha
394	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Superfície	I4		2/12/2008	Limpeza de superfície - segunda campanha
395	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície	J2		2/12/2008	Limpeza de perfil - segunda campanha
396	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Superfície	J4		2/12/2008	Limpeza de superfície - segunda campanha
397	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Superfície	J4		2/12/2008	Limpeza de superfície - segunda campanha
398	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Superfície	I4		2/12/2008	Limpeza de superfície - segunda campanha
399	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		11	2/12/2008	Segunda campanha

400	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície		12	2/12/2008	Segunda campanha
401	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 1	I4		2/12/2008	Segunda campanha
402	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Adorno polido	Decapagem 1	I4		2/12/2008	Material não identificado - Segunda campanha
403	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Fio de cabelo	Decapagem 1	J2		3/12/2008	Segunda campanha
404	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Decapagem 1	I4		3/12/2008	Segunda campanha
405	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 1	I4		3/12/2008	Segunda campanha
406	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 1	I4		3/12/2008	Segunda campanha
407	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 1	J4		3/12/2008	Segunda campanha - Palha
408	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 1	J4		3/12/2008	Segunda campanha
409	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 1	J3		3/12/2008	Peneira - Segunda campanha
410	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Decapagem 1	J3		3/12/2008	Peneira - Segunda campanha
411	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 1	J3		3/12/2008	Peneira - Segunda campanha
412	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 1	J2		3/12/2008	Peneira - Segunda campanha
413	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Decapagem 1	J2		3/12/2008	Peneira - Segunda campanha
414	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Decapagem 1	J2		3/12/2008	Peneira - Segunda campanha
415	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Decapagem 1	J3		3/12/2008	Segunda campanha
416	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Não Identificado	Decapagem 1	I2		3/12/2008	Segunda campanha
417	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 1	I2		3/12/2008	Segunda campanha
418	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 1	I2		3/12/2008	Sgunda Campanha
419	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 1	I2		3/12/2008	Peneira - Segunda campanha
420	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 1	J3		3/12/2008	Peneira - Segunda campanha
421	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 2	I2		4/12/2008	Segunda campanha
422	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Decapagem 2	I2		4/12/2008	Segunda campanha
423	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Decapagem 2	J2		4/12/2008	Segunda campanha
424	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	J2		4/12/2008	Segunda campanha
425	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Decapagem 3	I2		4/12/2008	Peneira - Segunda campanha
426	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	I2		4/12/2008	Peneira - Segunda campanha
427	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 3	I2		4/12/2008	Segunda campanha
428	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Decapagem 3	J2		4/12/2008	Peneira - Segunda campanha

429	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	J2	4/12/2008	Peneira - Segunda campanha
430	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprólito	Decapagem 3	J2	4/12/2008	Peneira - Segunda campanha
431	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	I2	4/12/2008	Segunda campanha
432	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	I2	4/12/2008	Segunda campanha
433	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 2	J3	4/12/2008	Segunda campanha
434	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 2	J3	4/12/2008	Segunda campanha
435	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 3	J2	4/12/2008	Segunda campanha
436	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	J2	4/12/2008	Segunda campanha
437	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cabelo	Decapagem 3	I2	5/12/2008	Peneira - Segunda campanha
438	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	I2	5/12/2008	Peneira - Segunda campanha
439	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 2	J3	5/12/2008	Peneira - Segunda campanha
440	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 2	J3	5/12/2008	Peneira - Segunda campanha
441	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 1	I4	5/12/2008	Limpeza - Segunda campanha
442	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	J2	5/12/2008	Peneira - Segunda campanha
443	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		5/12/2008	Segunda campanha
444	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		5/12/2008	Segunda campanha
445	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		5/12/2008	Segunda campanha
446	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		5/12/2008	Segunda campanha
447	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície		5/12/2008	Segunda campanha
448	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		5/12/2008	Segunda campanha
449	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	J2	5/12/2008	Segunda campanha
450	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Semente	Decapagem 3	J2	5/12/2008	Peneira - Segunda campanha
451	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	J2	5/12/2008	Segunda campanha
452	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 3	J2	5/12/2008	Segunda campanha
453	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	J2	5/12/2008	Segunda campanha
454	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cabelo	Decapagem 3	I2	5/12/2008	Segunda campanha
455	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	I2	5/12/2008	Segunda campanha
456	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna		I3	5/12/2008	Limpeza do perfil Sul e Oeste - Segunda Campanha

457	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais		I3		5/12/2008	Limpeza de perfil Sul e Oeste - Segunda campanha
458	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície	I2		5/12/2008	Segunda campanha
459	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Decapagem 3	I2		5/12/2008	Segunda campanha
460	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Decapagem 3	I2	32	5/12/2008	Segunda campanha
461	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	I2	33	5/12/2008	Segunda campanha
462	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprolito	Decapagem 3	J2	34	5/12/2008	Segunda campanha
463	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Dapagem 2	I4		8/12/2008	Peneira- Segunda campanha
464	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 2	I4		8/12/2008	Peneira - Segunda campanha
465	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3 - Início	J3		8/12/2008	Peneira- Segunda campanha
466	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 2 - Início	J4		8/12/2008	Peneira - Segunda campanha
467	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 2 - Início	I4		8/12/2008	Segunda campanha
468	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2 - Final	I4	46	8/12/2008	Fogueira 3 - Segunda campanha
469	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 2 - Final	I4	46	8/12/2008	Fogueira 3 - Segunda campanha
470	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2 - Final	I4	47	8/12/2008	Mancha de cinzas associada a fogueira Segunda campanha
471	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Decapagem 2 - FINAL	I4	47	8/12/2008	Cinzas associada a fogueira 3 - Segunda campanha
472	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 2 - início	I4		8/12/2008	Segunda campanha
473	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2 - Final	J4	48	8/12/2008	Fogueira 19 - Segunda campanha
474	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2 - Final	J4	49	8/12/2008	Fogueira 19 - Segunda campanha
475	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2 - Final	J4	50	8/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
476	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2 - Final	J4	51	8/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
477	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 2 - Final	J4	51	8/12/2008	Segunda campanha
478	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2 - Final	J3	52	8/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
479	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas Concrecionadas	Decapagem 2 - Final	J3	53	8/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
480	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 2 - Final	J3	54	8/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha

481	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2 - Final	J3	55	8/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
482	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 2 - Final	J3	55	8/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
483	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2 - Final	J3	56	8/12/2008	Fogueira 20 - Segunda campanha
484	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 2 - Final	J3	56	8/12/2008	Fogueira 20 - Segunda campanha
485	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2 - Final	J3	57	8/12/2008	Fogueira 21 - Segunda campanha
486	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 2 - Final	J3	57	8/12/2008	Fogueira 21 - Segunda campanha
487	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	I4		8/12/2008	Peneira - Segunda campanha
488	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	I4		8/12/2008	Peneira - Segunda campanha
489	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Decapagem 3	I4	59	9/12/2008	Associada a fogueira 3 - Segunda campanha
490	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento/Cinzas	Decapagem 3	I4	60	9/12/2008	Fogueira 2 - Segunda campanha
491	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento/Cinzas	Decapagem 3	I4	61	9/12/2008	Fogueira 2 - Segunda campanha
492	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 3	I4	62	9/12/2008	Fogueira 10 - Segunda campanha
493	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento (cova)	Decapagem 3	I4	63	9/12/2008	Fogueira 3 - Segunda campanha
494	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas Concrecionadas com carvão	Decapagem 2	J4	64	9/12/2008	Fogueira 1 - Segunda campanha
495	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento Concrecionado	Decapagem 3	J3	65	9/12/2008	fogueira 18 - Segunda campanha
496	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Quartzo pirofraturado	Decapagem 3	J3	66	9/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
497	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2	J4		9/12/2008	Fogueira 19 - Segunda campanha
498	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 2	J4		9/12/2008	Segunda campanha
499	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 2	J4		9/12/2008	Peneira - Segunda campanha
500	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	J3		9/12/2008	Peneira - Segunda campanha
501	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	J3		9/12/2008	Peneira - Segunda campanha
502	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 2	J4	72	9/12/2008	Fogueira 19 - Segunda campanha
503	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Decapagem 2	J4	71	9/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha

504	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 2	J4	70	9/12/2008	Fogueira 18 (calcinado) Segunda campanha
505	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 2	J4	73	9/12/2008	Mancha que cortou a fogueira 22 (I4) Segunda campanha
506	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 3	J3	67	9/12/2008	Concentração (fogueira não-identificada) - Segunda campanha
507	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 3	J3	68	9/12/2008	Fogueira 18 (sedimento com restos vegetais) - Segunda campanha
508	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	J3	69	9/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
509	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 2	J4		9/12/2008	Peneira - Segunda campanha
510	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		75	9/12/2008	Setor A - Área de declive - Segunda campanha
511	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície		75	9/12/2008	Setor A - Área de declive - Segunda campanha
512	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 3	I4	77	10/12/2008	Fogueira 22 - Segunda campanha
513	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 3	I4	77	10/12/2008	Fogueira 22 - Segunda campanha
514	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas e Carvão concrecionado	Decapagem 3	J4	79	10/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
515	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Quartzo	Decapagem 3	J4	81	10/12/2008	Fogueira 19 - Segunda campanha
516	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 3	J4	81	10/12/2008	Fogueira 19 - Segunda campanha
517	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento friável	Decapagem 3	J4	81	10/12/2008	Fogueira 19 (fundo) - Segunda campanha
518	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna		I3		10/12/2008	Limpeza do perfil norte (peneira) - Segunda campanha
519	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	J4		10/12/2008	Fogueira 19 - Segunda campanha
520	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Coprolito	Decapagem 3	J4		10/12/2008	Fogueira 19 - Segunda campanha
521	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 3	J4	80	10/12/2008	Fogueira 22 - Segunda campanha
522	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento com cinzas	Decapagem 3	J4	80	10/12/2008	Fogueira 22 - Segunda campanha
523	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	J4		10/12/2008	Peneira - Segunda campanha
524	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Osso	Decapagem 3	J4		10/12/2008	Osso humano? (Peneira) - Segunda campanha
525	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 3	J4		10/12/2008	Peneira - Segunda campanha

526	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Não Identificado	Decapagem 3	J4		10/12/2008	Peneira - Segunda campanha
527	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	J3		10/12/2008	Peneira - Segunda campanha
528	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Decapagem 3	J3		10/12/2008	Peneira - Segunda campanha
529	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície		84	10/12/2008	Entrada do abrigo - Segunda campanha
530	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Decapagem 3	J3	83	10/12/2008	Fogueira 18 (estrutura) - Segunda campanha
531	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Superfície		24M 077 1380 / 927 0772	10/12/2008	Estrutura de Quartzo no topo da Serra - Segunda campanha
532	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	I2		11/12/2008	Segunda campanha
533	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4	I2		11/12/2008	Segunda campanha
534	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	I2		11/12/2008	Segunda campanha
535	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4	I2		11/12/2008	Segunda campanha
536	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 3	J3	86	11/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
537	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 3	J3	86	11/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
538	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 3	J3	87	11/12/2008	Fogueira 4 - Segunda campanha
539	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 3	J3	87	11/12/2008	Fogueira 4 - Segunda campanha
540	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	J3		11/12/2008	Fogueira 4 - Segunda campanha
541	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	J3		11/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
542	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Blocos de Quartzo	Decapagem 3	J3		11/12/2008	Estrutura da fogueira 4 - Segunda campanha
543	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	J3		11/12/2008	Peneira - Segunda campanha
544	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4	J3		11/12/2008	Peneira - Segunda campanha
545	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Bloco de Quartzo	Decapagem 3	J4		11/12/2008	Fogueira 4 (estrutura)- Segunda campanha
546	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4	I2		11/12/2008	Peneira - Segunda campanha
547	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	I2		11/12/2008	Peneira - Segunda campanha
548	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 4	J3	88	11/12/2008	Fogueira 4 - Segunda campanha
549	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	J3		11/12/2008	Fogueira 4 - Segunda campanha
550	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 4	J3	88	11/12/2008	Fogueira 4 - Segunda campanha
551	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4	J3		11/12/2008	Segunda campanha

552	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	J3		11/12/2008	Segunda campanha
553	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Pele de cobra	Decapagem 4	J3		11/12/2008	Fogueira 4 (dentro) - Segunda campanha
554	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cabelo	Decapagem 4	I2		11/12/2008	Peneira - Segunda campanha
555	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibra vegetal	Decapagem 4	J2		11/12/2008	Segunda campanha
556	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Decapagem 4	J3	90	11/12/2008	Interior da fogueira 4 - Segunda campanha
557	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 4	J3		11/12/2008	Segunda campanha
558	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4	J3		11/12/2008	Segunda campanha
559	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	J3		11/12/2008	Segunda campanha
560	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cordel	Decapagem 4	J3	89	11/12/2008	Associado a restos vegetais - Segunda campanha
561	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sementes	Decapagem 3 - Final	J3	92	12/12/2008	Quadrante 2 - Interior da mossa (bloco caído) - Segunda campanha
562	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3 Final	J3	92	12/12/2008	Quadrante 2 - Interior da mossa (bloco caído) - Segunda campanha
563	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 3 Final	J3	92	12/12/2008	Quadrante 2 - Interior da mossa (bloco caído) - Segunda campanha
564	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5	J3		12/12/2008	Quadrante 1 - Segunda campanha
565	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 5	J3		12/12/2008	Quadrante 1 - Segunda campanha
566	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5	J3		12/12/2008	Quadrante 1 (peneira) - Segunda campanha
567	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Segunda campanha
568	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Segunda campanha
569	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lasca de Quartzo	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Segunda campanha
570	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3 - Final	J3		12/12/2008	Quadrante 2 - Segunda campanha
571	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4 - Final	J2		12/12/2008	Quadrante 3 e 4 - Segunda campanha
572	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Segunda campanha
573	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 1	L2		12/12/2008	Quadrante 4 (peneira) - Segunda campanha
574	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 4	I2	93	12/12/2008	Fogueira 5 - Segunda campanha

575	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 4	I2	93	12/12/2008	Fogueira 5 - Segunda campanha
576	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas concrecionada s	Decapagem 4	I2	93	12/12/2008	Fogueira 5 - Segunda campanha
577	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4	I2		12/12/2008	Dentro da fogueira 5 - Segunda campanha
578	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Segunda campanha
579	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4 - Final	J2		12/12/2008	Quadrante 3 e 4 (peneira) - Segunda campanha
580	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Peneira - Segunda campanha
581	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Peneira - Segunda campanha
582	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibra vegetal	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Peneira - Segunda campanha
583	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão furado	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Peneira - Segunda campanha
584	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Peneira - Segunda campanha
585	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 1	L2		12/12/2008	Quadrante 4 (sondagem) - Segunda campanha
586	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 1	L2		12/12/2008	Quadrante 4 (sondagem) - Segunda campanha
587	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	I2		12/12/2008	Ao lado da fogueira 5 - Segunda campanha
588	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 4	I2		12/12/2008	Base da fogueira 5 - Segunda campanha
589	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Decapagem 4	I2		12/12/2008	Fogueira 5 - Segunda campanha
590	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 1	L2		12/12/2008	Quadrante 4 (peneira) - Segunda campanha
591	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento com carvão	Decapagem 5	I2	94	12/12/2008	Base da fogueira 5 - Segunda campanha
592	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Mancha de restos vegetais - Segunda campanha
593	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Peneira - Segunda campanha
594	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5	J2		12/12/2008	Peneira - Segunda campanha
595	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Inseto	Decapagem 5	I2		12/12/2008	Peneira - Segunda campanha
596	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 2	L2		12/12/2008	Quadrante 4 (sondagem) - Segunda campanha
597	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cordel	Decapagem 5	J2		14/12/2008	Peneira - Segunda campanha
598	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibra vegetal	Decapagem 2	L2	95	14/12/2008	Quadrante 4 - Agregada ao bloco de micaxisto - Segunda campanha

599	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5	J2		14/12/2008	Segunda campanha
600	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibras Vegetais	Decapagem 2	J2/L2	95	14/12/2008	Quadrante 4 - Segunda campanha
601	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 5	J2		14/12/2008	Peneira - Segunda campanha
602	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 5	J2		14/12/2008	Peneira - Segunda campanha
603	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibra vegetal	Decapagem 5	J2		14/12/2008	Peneira - Segunda campanha
604	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5	J2		14/12/2008	Peneira - Segunda campanha
605	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibra vegetal	Decapagem 3	L2/L3		14/12/2008	Quadrante 4/1 - Segunda campanha
606	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	L2/L3		14/12/2008	Quadrante 4/1 - Segunda campanha
607	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3	L2/L3		14/12/2008	Quadrante 4/1 (peneira) - Segunda campanha
608	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	L2/L3		14/12/2008	Quadrante 4/1 (peneira) - Segunda campanha
609	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibra vegetal	Decapagem 4 - Final	J2		14/12/2008	Associadas ao Cordel (etiqueta 610) - Segunda campanha
610	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cordel	Decapagem 4 - Final	J2		15/12/2008	Associado as fibras vegetais (etiqueta 609) - Segunda campanha
611	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cordel	Decapagem 4 - Final	J3		15/12/2008	Sob concentração de restos vegetais (etiqueta 600) - Segunda campanha
612	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 2	L2		14/12/2008	Quadrante 4 - Segunda campanha
613	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 4 - Final	J3	101	14/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
614	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 4 - Final	J3	101	14/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
615	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 3	J3		14/12/2008	Segunda campanha
616	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Quartzo	Decapagem 3	J3		14/12/2008	Fibras vegetais agregadas - Segunda campanha
617	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Decapagem 4 - Final	J2	109	15/12/2008	Segunda campanha
618	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cestaria	Decapagem 4 - Final	J2		14/12/2008	Agregadas ao bloco de micaxisto - Segunda campanha
619	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4 - Final	J2		14/12/2008	Agregadas ao bloco de quartzo - Segunda campanha
620	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4 - Final	J3		14/12/2008	Segunda campanha
621	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos	Decapagem 4 -	J3		14/12/2008	Segunda campanha

			Vegetais	Final				
622	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão + sedimento	Decapagem 4 - Final	J3	102	14/12/2008	Fogueira 4 - Segunda campanha
623	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5 - Final	J2		14/12/2008	Peneira - Segunda campanha Entrada do abrigo - Segunda campanha
624	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície Decapagem 3 - Final	J3	103	14/12/2008	Peneira - Segunda campanha
625	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 4 - Final	J3		14/12/2008	Peneira - Segunda campanha
626	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Osso	Decapagem 4 - Final	J3		14/12/2008	Peneira - Segunda campanha
627	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4 - Final	J3		14/12/2008	Peneira - Segunda campanha
628	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4 - Final	J3		14/12/2008	Peneira - Segunda campanha
629	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Osso	Decapagem 4 - Final	I4	107	15/12/2008	Segunda campanha Fogueira 19 - Segunda campanha
630	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 4	J4	108	15/12/2008	Fogueira 19 - Segunda campanha
631	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 4	J4	108	15/12/2008	Fogueira 18 (base) - Segunda campanha
632	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 3	J4	110	15/12/2008	Fogueira 18 (base) - Segunda campanha
633	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 3	J4	110	15/12/2008	Fogueira 6 - Segunda campanha
634	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão Sedimento com cinzas	Decapagem 3	I4	111	15/12/2008	Fogueira 6 - Segunda campanha Limpeza para foto - Segunda campanha
635	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 4	I4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
636	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 2 (10 cm)	L2		15/12/2008	Segunda campanha
637	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	J4		15/12/2008	Segunda campanha
638	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 4	I4		15/12/2008	Segunda campanha
639	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5 - Final	I2	113	15/12/2008	Segunda campanha
640	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	I4		15/12/2008	Segunda campanha
641	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5	J2		15/12/2008	Segunda campanha
642	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	J4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
643	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4	I4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
644	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4	I4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha

645	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 4	J4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
646	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 4	J4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
647	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 4	J4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
648	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Carvão	Decapagem 3	J4	112	15/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
649	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento	Decapagem 3	J4	112	15/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
650	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cinzas	Decapagem 3	J4	112	15/12/2008	Fogueira 18 - Segunda campanha
651	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Decapagem 4	I4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
652	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Lítico	Decapagem 4	J4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
653	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 4	I4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
654	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 4	J4		15/12/2008	Segunda campanha
655	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Bloco de micaxisto	Decapagem 5	J2		15/12/2008	Restos vegetais associados - Segunda campanha
656	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Mufumbo (trepadeira)			0771355 / 9270862	15/12/2008	Amostra vegetal (bioma caatinga) entorno Furna do Umbuzeiro - Segunda campanha
657	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Macambira (bromeliácia)			0771355 / 9270862	15/12/2008	Amostra vegetal (bioma caatinga) entorno Furna do Umbuzeiro - Segunda campanha
658	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 5 (< 2,5 cm)	J4		15/12/2008	Segunda campanha
659	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Decapagem 5 (< 2,5 cm)	J4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
660	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 5 (< 2,5 cm)	J4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
661	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 5 (< 2,5 cm)	I4		15/12/2008	Peneira - Segunda campanha
662	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Decapagem 5 (< 2,5 cm)	J4		15/12/2008	Base da fogueira 19 - Segunda campanha
663	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 5 (< 2,5 cm)	J4		15/12/2008	Base da fogueira 19 - Segunda campanha
664	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Restos Vegetais	Decapagem 5 (< 2,5 cm)	I4		15/12/2008	Segunda campanha
665	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 5 (inicial)	J3		15/12/2008	Segunda campanha
666	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Limpeza (Decapagem 5)	J3		16/12/2008	Segunda campanha
667	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Malacológico	Limpeza (Decapagem 5)	J3		16/12/2008	Segunda campanha

668	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	Decapagem 3 (limpeza)	L2/L3		16/12/2008	Quadrante 4/1 (peneira) - Segunda campanha
669	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Fibra vegetal	Decapagem 5	I2		16/12/2008	Segunda campanha
670	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Cerâmica	Superfície	M4	115	16/12/2008	Segunda campanha
671	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		I2	116	16/12/2008	Perfil Leste -Segunda campanha
672	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		I2	117	16/12/2008	Perfil Leste -Segunda campanha
673	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso com restos vegetais		I2	118	16/12/2008	Perfil Leste -Segunda campanha
674	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso superficial		I2	119	16/12/2008	Perfil Sul (10YR7/2) - Segunda campanha
675	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		I2	120	16/12/2008	Perfil Sul (10YR7/1) - Segunda campanha
676	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		I2	121	16/12/2008	Perfil Sul (5YR6/2) - Segunda campanha
677	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		I2	122	16/12/2008	Perfil Sul (10YR6/2) - Segunda campanha
678	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		I2	123	16/12/2008	Perfil Sul (10YR7/1) - Segunda campanha
679	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		J2	124	16/12/2008	Perfil Sul (10YR6/1) - Segunda campanha
680	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		J2	125	16/12/2008	Perfil Sul (10YR7/2) - Segunda campanha
681	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		J2	126	16/12/2008	Perfil Sul (10YR8/2) - Segunda campanha
682	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		J2	127	16/12/2008	Perfil Sul (5Y6/3) - Segunda campanha
683	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		J2	128	16/12/2008	Perfil Oeste (10YR6/2) - Segunda campanha
684	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso com restos vegetais		L2	129	16/12/2008	Quadrante 4 - Perfil Sul (10YR5/2) - Segunda campanha
685	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento argilo-arenoso		L3	130	16/12/2008	Quadrante 1 -Perfil Oeste (10YR6/4) - Segunda campanha
686	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		J3	131	16/12/2008	Perfil Oeste (10YR6/3) - Segunda campanha
687	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		J3	132	16/12/2008	Perfil Oeste (10YR7/3) -Segunda campanha
688	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		J3	133	16/12/2008	Perfil Oeste (10YR3/4) -Segunda campanha
689	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso		J4	134	16/12/2008	Perfil Norte (10YR3/6) - Segunda campanha

690	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso	J4	135	16/12/2008	Perfil Norte (10YR3/3) - Segunda campanha
691	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso	I4	136	16/12/2008	Perfil Norte (10YR5/3) - Segunda campanha
692	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso	I4	137	16/12/2008	Perfil Norte (10YR5/2) - Segunda campanha
693	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Sedimento arenoso	I4	138	16/12/2008	Perfil Leste (10YR5/3) - Segunda campanha
694	Furna do Umbuzeiro	Carnaúba dos Dantas - RN	Microfauna	I3		16/12/2008	Desmoronamento do Perfil Leste - Segunda campanha

ANEXO III. RELAÇÃO DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO COLETADOS NO SÍTIO FURNA DO UMBUZEIRO.

ETIQUETA	SÍTIO	Município /Estado	MATERIAL	SETOR	NÍVEL	DECAPAGEM	QUADRÍCULA	PONTO TOPOGRÁFICO	COORDENADAS	DATA	OBS
1	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície			30		15/8/2007	
2	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície			31		15/8/2007	
3	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície			32		15/8/2007	
4	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície			34		15/8/2007	
5	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície			36		15/8/2007	
6	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície			37		15/8/2007	
7	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9270996/0771362	15/8/2007	
8	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9271018/0771337	15/8/2007	
9	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9271014/0771332	15/8/2007	
10	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9271006/0771334	15/8/2007	
11	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9271004/0771333	15/8/2007	
12	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9271008/0771329	15/8/2007	
13	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9270996/0771327	15/8/2007	
14	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9270998/0771328	15/8/2007	
15	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9270992/0771281	15/8/2007	
16	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9270996/0771275	15/8/2007	
17	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9270940/0771268	15/8/2007	
18	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9270942/0771278	15/8/2007	
19	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9270932/0771267	15/8/2007	
20	Baixa do Umbuzeiro		Lítico		Superfície				9270920/0771277	15/8/2007	

21	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9270918/0771277	15/8/2007	
22	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9270904/0771302	15/8/2007	
23	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9270906/0771300	15/8/2007	
24	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9270912/0771340	15/8/2007	
25	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9270918/0771363	15/8/2007	
26	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9270886/0771334	15/8/2007	
27	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9270832/0771319	15/8/2007	
28	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9270936/0771482	17/8/2007	Margem direita do riacho da cobra
29	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9270938/0771498	17/8/2007	Margem direita do riacho da cobra
30	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9270934/0771527	17/8/2007	Margem direita do riacho da cobra
31	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	163	17/8/2007	
32	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	164	17/8/2007	
33	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	169	17/8/2007	
34	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	170	17/8/2007	
35	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9271164/0771268	17/8/2007	
36	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	400 9270950/0771200	20/8/2007	
37	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	393 9270912/0771412	20/8/2007	
38	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	396 9270886/0771422	20/8/2007	
39	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	424 9270982/0771275	22/8/2007	
40	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	433 9271008/0771123	22/8/2007	
41	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	430 9271010/0771129	22/8/2007	
42	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	432 9271000/0771116	22/8/2007	
43	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	431 9271006/0771118	22/8/2007	
44	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	429 9271000/0771125	22/8/2007	
45	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	443 9271024/0771136	24/8/2007	
46	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	445 9271042/0771155	24/8/2007	
47	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	444 9271026/0771154	24/8/2007	
48	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	438 9271044/0771130	24/8/2007	
49	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	439 9271030/0771182	24/8/2007	
50	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	440 9271026/0771120	24/8/2007	

51	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	9271002/0771212	24/8/2007	
52	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	449 9271010/0771213	24/8/2007	
53	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	448 9271024/0771201	24/8/2007	
54	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	454 9271030/0771128	24/8/2007	
55	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	442 9271020/0771135	24/8/2007	
56	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	447 9271036/0771202	24/8/2007	
57	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	446 9271034/0771145	24/8/2007	
58	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	441 9271018/0771108	24/8/2007	
59	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	374 9270938/0771542	25/8/2007	Amostra do Afloramento de quartzo
60	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	460 9272134/0769450	25/8/2007	Blocos de Quartzo coletados no acesso ao sítio Baixa do Umbuzeiro
61	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	374 9270938/0771542	25/8/2007	Bloco de quartzo pirofraturado com marcas de polimento
62	Baixa do Umbuzeiro	Lítico	Superfície	459 9272126/0769465	25/8/2007	Blocos de quartzo coletados no acesso ao sítio Baixa do Umbuzeiro

94	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE	22	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
95	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	C	SUPERFÍCIE	23	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
96	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	C	SUPERFÍCIE	24	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
97	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	C	SUPERFÍCIE	25	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
98	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE	26	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
99	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE	27	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
100	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE	28	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
101	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE	29	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
102	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE	30	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
103	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE	31	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
104	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	C	SUPERFÍCIE	32	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
105	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE	33	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
106	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	C	SUPERFÍCIE	34	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
107	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	35	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
108	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	B	SUPERFÍCIE	35	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA

109	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	B	SUPERFÍCIE	36	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
110	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	B	SUPERFÍCIE	37	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
111	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	B	SUPERFÍCIE	38	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
112	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	B	SUPERFÍCIE	39	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
113	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	40	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
114	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	41	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
115	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	42	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
116	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	B	SUPERFÍCIE	43	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
117	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	B	SUPERFÍCIE	44	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
118	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	B	SUPERFÍCIE	45	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
119	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	B	SUPERFÍCIE	46	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
120	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	C	SUPERFÍCIE	49	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA - MACHADO POLIDO	
121	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE	50	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
122	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	bolo de argila	C	SUPERFÍCIE	50	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
123	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	C	SUPERFÍCIE	51	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
124	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	bolo de argila	C	SUPERFÍCIE	52	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
125	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	C	SUPERFÍCIE	53	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
126	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	C	SUPERFÍCIE	54	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
127	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	55	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
128	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	56	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
129	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	57	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
130	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	58	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
131	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	59	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
132	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	60	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA	
133	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	B	SUPERFÍCIE	24M	0771413/9270958	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
134	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	C	SUPERFÍCIE	24M	0771300/9270988	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA

135	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE	24M	0771300/9270988	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
136	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE	24M	0771361/9271058	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
137	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico		SUPERFÍCIE	24M	0771313/9270980	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
138	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico		SUPERFÍCIE	24M	0771328/9271028	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
139	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico		SUPERFÍCIE	24M	0771313/9271044	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
140	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico		SUPERFÍCIE	24M	0771311/9271052	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
141	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica		SUPERFÍCIE	24M	0771318/9271046	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
142	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica		SUPERFÍCIE	24M	0771331/9271020	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
143	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico		SUPERFÍCIE	24M	0771304/9270978	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
144	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico		SUPERFÍCIE	24M	0771303/9270980	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
145	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica		SUPERFÍCIE	24M	0771313/9271044	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
146	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico		SUPERFÍCIE	24M	0771306/9270978	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
147	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica		SUPERFÍCIE	24M	0771330/9270990	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
148	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico		SUPERFÍCIE	24M	0771435/9271034	1/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
149	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico		SUPERFÍCIE	24M	0771206/9271582	3/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA - Próximo ao Sítio Lajedo
150	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	cerâmica	C	SUPERFÍCIE		73	3/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA
151	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	sedimento	C	Decapagem 4			4/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA - cascalheira (amostra de sedimento)
152	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	sedimento	C				4/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA - Fogueira 1 / Perfil Leste
153	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	sedimento	C				4/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA - Sedimento não alterado - Perfil Oeste
154	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	sedimento	C		24M	0771438/9270974	4/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA - Vale do Riacho das Areias
155	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	sedimento			24M	0771505/9270902	4/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA - Sopé de serra do Vale do Riacho das Areias
156	Baixa do Umbuzeiro	Canaúba dos Dantas - RN	lítico	B	SUPERFÍCIE		80	4/12/2008	SEGUNDA CAMPANHA